

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ELIZABETH AVELINO RABELO

**A morte de si por escrito: análise fenomenológica de cartas e bilhetes deixados por  
pessoas que se mataram**

São Paulo

2019

ELIZABETH AVELINO RABELO

**A morte de si por escrito: análise fenomenológica de cartas e bilhetes deixados por  
pessoas que se mataram  
(Versão corrigida)**

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como requisito parcial para o título de doutor em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Júlia Kovács  
Programa de Pós-Graduação: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.  
Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Humano e Saúde.

São Paulo

2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE  
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,  
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
Dados fornecidos pelo (a) autor (a)

Rabelo, Elizabeth Avelino

A morte de si por escrito: análise fenomenológica de cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram / Elizabeth Avelino Rabelo; orientadora Maria Júlia Kovács. -- São Paulo, 2019.

219 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Suicídio. 2. Cartas e Bilhetes de Suicídio. 3. Fenomenologia. 4. Inquérito Policial. I. Kovács, Maria Júlia, orient. II. Título.

Nome: Rabelo, Elizabeth Avelino

Título: A morte de si por escrito: análise fenomenológica de cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Psicologia

Aprovado em: 11/10/2019

Banca Examinadora

Profª Drª Maria Júlia Kovács (orientadora) Instituição: Universidade de São Paulo

Não Votante

Assinatura:\_\_\_\_\_

Prof. Dr. Miguel Mahfoud

Instituição:Universidade Federal de Minas Gerais

Julgamento: Aprovada

Assinatura:\_\_\_\_\_

Profª Drª Mary Rute G. Esperandio

Instituição: Pontifícia Universidade Católica/PR

Julgamento: Aprovada

Assinatura:\_\_\_\_\_

Profª Drª Fernanda Cristina Marquetti

Instituição: Universidade Federal de São Paulo

Julgamento: Aprovada

Assinatura:\_\_\_\_\_

Profª Drª Karina Okajima Fukumitsu

Instituição: Universidade São Caetano do Sul

Julgamento: Aprovada

Assinatura:\_\_\_\_\_

Profª Drª Maria Luisa S. Schmidt

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovada

Assinatura:\_\_\_\_\_

Aos que deixaram a vida pela saída de emergência do suicídio.

Nunca ninguém escreveu ou pintou, esculpiu ou construiu,  
inventou, a não ser para sair do inferno.

Artaud (1974/2003, p. 61)

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho seria irrealizável sem a ajuda de muitos.

Agradeço à minha mãe, Secunda, meu bem mais precioso, portadora de um amor profundo e misterioso, mestre no exercício do aprendizado das lições mais difíceis que já vivi. Ao meu pai, Elias, pela companhia serena. Aos meus irmãos, Elias Júnior e Elaine, pela partilha de uma amizade e amor incondicionais. Às minhas mães de consideração tia Elza e Ilca, agradeço pelo aconchego amoroso. Vocês são a fonte de amor e de segurança que mais me tranquiliza.

Agradeço à minha madrinha, Izabel Dias, e ao meu primo, Leandro Galvão, irmãos de alma, apaziguadores do meu ser, descanso sereno, como uma sombra fresca suave e generosa.

Ao Louis Ricci, a presença-ausente mais forte em minha vida, agradeço pelos ensinamentos e afetos que se atualizam e se redimensionam a cada amanhecer, e que me envolvem em uma ternura que rompe a barreira de um espaço-tempo.

Agradeço aos meus familiares, em especial ao Washington, Phelipe, Leandro Rabelo que sempre aparecem quebrando o fluxo por vezes tenso da rotina para oferecerem um carinho revitalizador.

Não teria conseguindo esse feito sem amigos cujo amor permanece chegando constantemente até mim, para muito além de qualquer tipo de contato: Ana Carolina, Ana Cláudia, Alexandre Britto, Cacá, Camila Lisboa, Cyro, Chico, Ciça, Daniel Emílio, Evandro Lemos, Gabriele, Gislaine Gandra, Lívia, Karina Maciel, Luciana Albuquerque, Luciana Almeida, Marcel, Marcus Vinícius, Mariana Pôncio, Moara Hauck e Rafael Tolentino.

Não teria conseguindo me manter de pé e firme na realização deste trabalho sem a companhia daqueles que acreditam mais em mim do que eu mesma. À Giselly Guimarães, agradeço pela cumplicidade amorosa que resgata o significado do que faço, e pelas infinitas palavras de força em todas as vezes que achei que eu não ia dar conta. À Graciela Frucchi, pela sustentação constante, em todos os níveis, incluindo ser a porta-voz de um mistério que fez nascer uma troca de cartas profundamente significativa para a elaboração desta pesquisa. À Esther Hwang, minha amiga à primeira vista, minha família paulista, cúmplice no campo dos estudos e de risadas em horas devidas e indevidas. À Laura Antunes, por me oferecer um carinho tão bonito e livre, que me preenche de energia para me reerguer sempre que preciso. Ao Felipe Marangoni, pelas conversas leves e psicodélicas. À Simone Araújo, pela parceria afetuosa. Agradeço à Amanda, Luciana e Gabriella, companheiras de lar que, de imediato, possibilitaram-me sentir em casa em uma cidade estrangeira.

Não teria conseguido avançar sem a participação de amigos “especialistas”, que estiveram comigo na linha de frente desde o início. Agradeço ao Emanuel Meireles, pelo apaziguamento da angústia na fase de seleção, treinando junto comigo, via Skype, minha arguição para a entrevista de seleção do doutorado. À Roberta Vasconcelos, por ter marcado presença na reta final, e trazido luzes e companhia que ajudam a me lembrar de tudo que já realizei, e até de quem eu sou. Ao Adriano Nascimento, com quem tenho o privilégio de contar para solucionar minhas dúvidas técnicas. Ao Miguel Mahfoud, pelo olhar sensível e decisivo para eu dar conta de acompanhar a vivência do suicídio e até mesmo de elaborar o que eu buscava com esta pesquisa, desde a formulação do anteprojeto. Ao Tércio Eliphás, presente o tempo todo, dia, noite e madrugada, com uma disponibilidade afetiva linda e uma genialidade única.

Agradeço a todos os profissionais da instância da Segurança Pública que me ajudaram no processo de busca e acesso ao material de pesquisa, em especial ao Marcos Alexandre e Angélica Vicente, que foram facilitadores incríveis dessa fase.

À Nancy, Jussara e Olívia, do Instituto de Psicologia da USP, agradeço pelas ajudas, companhia e abraços afetuosos renovadores de ânimos. Aos amigos do grupo de orientação, agradeço pelas trocas sempre frutíferas e cheias de afeto.

À Karina Fukumitsu e Marcelo Sodelli, agradeço por terem me oferecido orientações muito significativas no momento da qualificação.

À Júlia, minha querida orientadora, faltam-me palavras para descrever o efeito salutar da sua companhia, em todos os níveis, desde o intelectual até o mais terno e encantado nível de afeto. Obrigada, por tudo.

Agradeço ao CNPq pelo apoio financeiro.

Minha gratidão infinita aos caríssimos cúmplices na jornada de imersão ao universo do suicídio, a todos os protagonistas das 127 histórias que passaram pelos meus olhos, mãos e coração. Agradeço, em especial, ao Vicente, Beatriz, Teo, Kamila, Alisson e Manuela, que deixaram mensagens escritas portadoras de preciosidades tão ocultas, e por isso mesmo tão potentes e decisivas quanto ao viver e morrer.

O que escrevi anteriormente me invade de uma gratidão tão misteriosa por Algo que me transcende, que me convoca a olhar para todas as manifestações da Vida completamente arrebatada por uma Beleza integradora dos contrastes mais obtusos da existência humana. Obrigada, ao que ou a quem eu nem sei direto o que eu deveria agradecer.

## RESUMO

Rabelo, E. A. (2019). *A morte de si por escrito: análise fenomenológica de cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Com o objetivo de analisar a experiência vivida do suicídio elegeu-se como objeto de estudo cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram. A execução da pesquisa e a análise de vivências compartilhadas nas mensagens teve como referencial teórico e metodológico a Fenomenologia Clássica (Husserl) e desdobramentos e apropriações (Landsberg) desse campo de conhecimento. A partir do acesso a inquéritos de suicídios arquivados no Tribunal de Justiça de São Paulo foram selecionados, intencionalmente, escritos de seis pessoas, com um recorte temporal de 1913 a 2009. Para a seleção das pessoas utilizou-se como critério reunir exemplos de tempos diferentes e de histórias que explorassem campos diversos de experiências humanas. Na análise compreensiva das cartas e bilhetes acompanharam-se dinâmicas vivenciais relacionadas a uma noção de si e aos vínculos entre autor, destinatário e o conteúdo da mensagem. Foram consultadas, ainda, outras peças do inquérito para a apreensão do desenlace do acontecimento dos seis suicídios. As análises das histórias de suicídio e de experiências reveladas nas mensagens indicam variações sem fim diante da decisão entre o continuar a viver e o decidir morrer, coexistindo afetos ambíguos, intensos e contrastantes. Enfrentando essas variações, emergiram quatro estruturas constitutivas do decidir morrer: uma vinculação entre viver, sofrer e morrer; o suicídio como uma saída de emergência; o ato de se matar como uma resposta sobre si e sobre a vida; e a morte autoinfligida como uma abdicação simultânea de si e do outro. A escrita de mensagens e o movimento de se matar são atos humanos vívidos e radicais, reveladores de imprevisibilidades e de descontinuidades de modos de viver que desencadeiam alternâncias de afetos no irromper de um instante. Assim sendo, é preciso repensar ideias de prevenção do suicídio que se baseiem em tentativas de cerceamentos e controle da condição viva e indomável do existir humano. Ao abrir espaço para a expressão das vozes de pessoas que se mataram foi possível se aproximar do campo vivido do suicídio, que se fundamenta na interação entre um “eu” e seu mundo circundante. Conclui-se que a experiência vivida do suicídio não se reduz a uma subjetividade isolada, mas se movimenta em um espaço articulado e mutuamente constituído por um “eu”, um “tu” e um horizonte histórico. Essa mútua constituição carrega uma potência latente de participar tanto da preservação quanto da corrosão de elementos estruturantes do viver e da decisão de morrer. Nas vivências das seis pessoas que acompanhamos foi possível ouvir ecos de suas lutas existenciais, vividas e desencadeadas em um espaço de interações sociais: uma luta transcrita em palavras e que impele à intensificação do esforço de compreensão e acompanhamento a pessoas que estejam vivendo experiências em torno do suicídio.

**Palavras-chave:** Suicídio. Cartas e Bilhetes de Suicídio. Fenomenologia. Inquérito Policial.

## ABSTRACT

Rabelo, E. A. (2019). *A written account of death: a phenomenological analysis of suicide letters and notes*. Doctoral Thesis, Institute of Psychology, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Letters and notes left behind by people who committed suicide were chosen as the object of this study with the goal of analyzing their experiences. The theoretical framework for carrying out this study and the analysis of the shared experiences was Classical Phenomenology (Husserl) with additions and adaptations (Landsberg) from this field of knowledge. Six texts were chosen, intentionally, from police investigations of suicides archived at the State Court of Appeals of São Paulo, dating from 1913 to 2009. The selection criterion used was the gathering of examples of different time periods and stories that explored various fields of the human experience. Dynamic experiences regarding the notion of self-concept and the connections between the author, the recipient and the content of the message accompany a comprehensive analysis of the letters and notes. Other documentation from the investigation was consulted in order to understand the final outcomes of the six suicides. Analysis of the accounts of suicide as well as the experiences revealed from the messages indicate unending variation in the face of the choice between continuing to live or deciding to die, with the coexistence of ambiguous, intense and contrasting affects. Facing these variations, four constitutive structures of the choice to die emerged: a link between living, suffering and dying; suicide as an emergency exit; the act of killing oneself as an answer to oneself and to life; and self-inflicted death as a simultaneous abdication of oneself and the other. The writing of messages and the act of killing oneself are vivid and radical human acts, revealing unpredictability and a discontinuity of ways of life that trigger alternations of affect at a moment's notice. Consequently, it is necessary to reconsider tactics for the prevention of suicide which are based on limiting and controlling the living and unrelenting condition of human existence. By giving a voice to those who committed suicide it was possible to come closer to the field of experience of suicide, which is based on the interaction between an "I" and the world around it. We conclude that the experience of suicide is not reduced to an isolated subjectivity, but moves in an articulated space mutually constituted by an "I", a "you" and a historical horizon. This mutual constitution carries a latent power to participate in both the preservation and corrosion of structural elements of living and the decision to die. In the experiences of the six people we studied, echoes of existential struggles were appreciable, set off in a space of social interactions: a struggle transcribed in words that drives to intensify efforts to understand and monitor people undergoing suicidal experiences.

**Key Words:** Suicide. Suicide Letters and Notes. Phenomenology. Police Investigation.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO E INTRODUÇÃO.....	13
1. São Paulo, 08 outubro de 2016.....	13
2. A chegada ao tema do suicídio e ao doutorado.....	14
3. Marco teórico para o desenvolvimento da pesquisa.....	19
4. Questões conceituais e terminológicas em torno do suicídio.....	20
5. Composição da tese.....	21
I – OBJETIVOS.....	23
1. Objetivo geral.....	23
2. Objetivos específicos.....	23
II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	24
1. Bases de uma antropologia filosófica.....	24
1.1. A fenomenologia clássica como referencial teórico.....	24
1.2. Psicologia descritiva, fenomenológica e hermenêutica.....	26
1.3. O suicídio na filosofia de Paul L. Landsberg.....	29
2. Suicídios.....	31
3. Perspectivas sobre o suicídio.....	33
4. Estudos sobre cartas e bilhetes.....	39
5. A epistolografia: a carta como gênero textual.....	42
5.1. Van Gogh e a escrita de si.....	43
III – PERCURSO METODOLÓGICO: REFLEXÕES TEÓRICAS E EXPERIENCIAIS.....	47
1. A busca pelas cartas.....	48
2. Os inquéritos policiais.....	50
3. A pesquisa documental.....	51
4. A imersão na leitura de inquéritos de suicídio.....	52
5. Análise fenomenológica das mensagens de Vicente, Beatriz, Teo, Kamila, Alisson e Manuela.....	59
IV – A MORTE DE SI POR ESCRITO: ANÁLISE COMPREENSIVA DAS MENSAGENS.....	61

1. Vicente.....	61
1.1. A mensagem.....	62
1.2. <i>De que me serviria portanto a vida se sem a senhora não posso viver?</i> .....	65
1.3. Testemunhos do suicídio de Vicente.....	69
2. Beatriz.....	71
2.1. A mensagem.....	72
2.2. <i>P.S. É só por êle que eu ainda estou tentando viver</i> .....	73
2.3. Testemunhos do suicídio de Beatriz.....	76
3. Teo.....	78
3.1. A mensagem.....	79
3.2. <i>Quero que vocês saibam que o que fiz foi para me aliviar do meu sofrimento, se ela não pode ficar comigo não vai ficar com ninguém</i> .....	84
3.3. Testemunhos do suicídio de Teo.....	90
4. Kamila.....	93
4.1. A mensagem.....	94
4.2. <i>Minha última ligação passional com a vida, era meu trabalho</i> .....	98
4.3. Testemunhos do suicídio de Kamila.....	105
5. Alisson.....	107
5.1. A mensagem.....	107
5.2. <i>Isso tudo é um problema meu</i> .....	109
5.3. Testemunhos do suicídio de Alisson.....	113
6. Manuela.....	115
6.1. A mensagem.....	116
6.2. <i>E que importância tenho eu no tribunal do esquecimento?</i> .....	122
6.3. Testemunhos do suicídio de Manuela.....	129
V – O VIVIDO EM TORNO DO SUICÍDIO: DISCUSSÃO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS NAS CARTAS E BILHETES.....	131
1. O aquém do suicídio: viver, sofrer e morrer?.....	133
2. Suicídio como uma saída de emergência.....	142
3. Quem sou eu que pergunto quem sou eu?.....	147
4. Testemunhos de si, testemunhos do outro.....	155

4.1. Abdicar-se de si é abdicar-se também do outro.....	156
4.2. Os que ficaram.....	160
4.3. Os inquiridos de suicídio e a dinâmica da memória coletiva.....	162
4.4. A pesquisadora como testemunha: um caminho de construção de conhecimento.....	165
5. Síntese de estruturas fenomenológicas do suicídio.....	168
VI – <i>POST SCRIPTUM</i> : CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	170
REFERÊNCIAS.....	176
ANEXOS.....	184
A - Termo de compromisso, sigilo e confidencialidade.....	184
B - Credenciamento.....	185
APÊNDICES.....	186
A - Diário da busca pelo material de pesquisa.....	186
B - Diário de leitura dos inquiridos de suicídio.....	197
C - Carta aos que tentaram ou pensam em se matar.....	218



## APRESENTAÇÃO E INTRODUÇÃO

### 1. São Paulo, 08 de outubro de 2016

Quero escrever os parágrafos inaugurais desta tese sob o impacto do meu primeiro contato com os arquivos de inquéritos de suicídios a que tive acesso. Estive, no dia anterior a esse em que escrevo, 7 de outubro de 2016, na Gestão Documental do Tribunal de Justiça de São Paulo. Passei 5 horas em companhia das histórias da morte de três pessoas e da tentativa de morte de uma quarta pessoa. Levei um tempo para começar a me familiarizar com a linguagem jurídica e com todas as partes que compõem um inquérito, mas não é o que importa aqui. Quero ficar com o impacto da morte por suicídio dessas pessoas.

Senti-me invadindo histórias de vida e de morte e penso que a melhor maneira de responder a essa sensação é dar o testemunho respeitoso do que vi e senti. Essas pessoas sinalizam a existência de um caminho árduo, seco, que não é fácil de entrar, nem de ficar ou mesmo de sair, para aqueles que buscam ouvir a angústia de quem mata a si mesmo. Li e reli por horas a investigação de suas mortes, as mensagens que deixaram escritas, e pelo menos dois bilhetes foram escritos meses antes do ato do suicídio. Conheci a letra, mas quase nada sabia sobre suas vidas. Os depoimentos de seus familiares também constavam nesses inquéritos. E todos os envolvidos na construção desse documento, policiais militares e civis, médicos legistas, testemunhas, promotores, juízes e, conseqüentemente, até mesmo o leitor desse conjunto de informações parecem se juntar em uma busca idealizada de entendimento, justificativa e explicação para o acontecido.

Não é possível explicar. Pode-se olhar, acompanhar, descrever, mas afirmar um porquê definitivo para o ato de se matar é uma tentativa de alívio da própria angústia, deixando de acompanhar a pessoa que se mata, seguindo, assim, uma das rotas de fuga da aridez do suicídio.

Não respirei aliviada quando li, nesses primeiros bilhetes, a justificativa dada ao desejo de morrer. Entre declarações de amor, proclamações de dores físicas insuportáveis e o anúncio de infelicidade perene, há um abrir expansivo de questões sem que se possa ter uma explicação conclusiva ou definitiva para o suicídio.

O compromisso que quero assumir, desde as linhas inaugurais desta tese, é de acompanhar e ouvir a história da vida e da morte de cada uma dessas pessoas, de modo respeitoso e ético, de tal forma que, se, na remota hipótese de que seus familiares ou elas

mesmas venham a me ler (há inquiridos de pessoas que sobreviveram à tentativa de suicídio), eles possam se reconhecer e ser acolhidos no que aqui será descrito.

Dito isso, sinto-me autorizada a seguir o desenvolvimento deste trabalho.

## **2. A chegada ao tema do suicídio e ao doutorado**

De onde pode nascer um interesse de pesquisar sobre morte? A escolha do verbo “nascer” para a elaboração dessa pergunta não foi aleatória, mas obedeceu a um dos contrastes fundantes da existência humana, pois como a condição para morrer é estar vivo, assim que se nasce um ser já está plenamente disponível para morrer.

Demorei três décadas para reconhecer essa facticidade na minha biografia, momento no qual pude notar vinculações entre meu interesse no tema da morte e a história do meu próprio nascimento. Só alcancei maior clareza sobre essa questão à época do desenvolvimento do meu mestrado, durante a apresentação de uma palestra na qual os oradores mostraram exemplos da relação entre o objeto de pesquisa e a biografia do pesquisador.

Quando minha mãe estava no sétimo mês de gravidez, ela recebeu o diagnóstico de minha morte, assim como o encaminhamento imediato para a consumação do aborto. Não aceitando tal possibilidade, ela buscou outra opinião médica que divergiu do primeiro diagnóstico, ainda que fossem dadas poucas chances para a minha sobrevivência. Cresci ouvindo essa história, de um nascimento que, por muito pouco, não “vingou”. Ao lado disso, cresci sob a guarda da tradição de raízes interioranas mineiras, na qual se tem como um hábito importante a participação em ritos funerários, desde idades tenras. Pude, inclusive, acompanhar a mudança de um dos elementos dessa tradição, pelo menos na região onde nasci, de transferir os velórios da casa do falecido para o cemitério.

Esses traços da minha biografia me concederam certa familiaridade ao universo do fenômeno da morte. Desse modo, parece haver certa proximidade entre mim e a facticidade da finitude humana, disparando reflexões que colocam lado a lado o estranhamento, a familiaridade, a certeza e a iminência desse acontecimento existencial.

Meu interesse acadêmico sobre o tema da morte começou a tomar forma durante a graduação em Psicologia, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), quando me senti instigada a investigar as diferenças culturais no modo de lidar com a morte para a elaboração do trabalho final da disciplina Psicologia e Cultura, ministrada pelo Prof. Dr.

Miguel Mahfoud. A partir de então, comecei a trilhar um caminho de construção para a realização de uma pós-graduação *strictu sensu* relacionado ao tema da morte. Meu interesse central na elaboração para o projeto de mestrado era entender como, em uma sociedade marcada pela negação da morte, pessoas que estão diariamente diante desse acontecimento lidam com tal fenômeno. O recorte eleito para responder essa questão foi entrevistar coveiros e acompanhar suas rotinas de trabalho no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte, Minas Gerais (Rabelo, 2014).

Durante a elaboração do trabalho sobre morte para a disciplina Psicologia e Cultura, o Miguel “me deu” a Júlia. Quando sentamos para conversar sobre o desenvolvimento do trabalho, Miguel me indicou as obras da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Júlia Kovács, fazendo nascer, no meu campo, a existência da Júlia e do Laboratório de Estudos Sobre a Morte (LEM), na Universidade de São Paulo. Nesse primeiro momento, só vivi o encantamento da existência de um laboratório de estudos do tema que sempre me fascinou. A Júlia e o LEM eram distantes demais para eu sonhar participar desse universo algum dia.

A elaboração de uma pesquisa de doutorado sobre suicídio começou a tomar forma após a conclusão do mestrado, quando comecei a me inquietar diante do número alto de suicídios. Além de buscar entender como poderia coexistir a negação da morte e o alto índice de suicídio, eu ficava bastante incomodada, lendo textos e artigos sobre esse tema que o associavam a um problema de doença mental. Percebi que uma característica em comum desses trabalhos é que eles portavam uma voz em “terceira pessoa”, eram profissionais falando de experiências vividas por outros. Decidi, então, começar a delinear meu problema de pesquisa, visando possibilidades em que o suicídio pudesse ser abordado em “primeira pessoa”, a partir de experiências vividas.

Minha ideia inicial era entrevistar pessoas que sobreviveram a tentativas de suicídio. Elaborei a ideia e o Miguel, gentilmente, dispôs-se a sentar comigo e conversar sobre o desenvolvimento do projeto. Juntos, chegamos à conclusão de que uma pesquisa nesses moldes levantaria questões éticas bem delicadas, ainda mais pelo fato de eu não estar atuando na clínica e nem ser vinculada a nenhuma instituição que pudesse garantir o cuidado ao efeito que tais entrevistas pudessem gerar nessas pessoas.

Durante minhas leituras para a elaboração do projeto de pesquisa, deparei-me com estudos sobre cartas e bilhetes de pessoas que se mataram, e, então fui fisgada, elegendo tais escritos como a via de acesso a vivências em primeira pessoa daqueles que se mataram.

Meu primeiro contato com a Júlia foi em uma das jornadas promovidas anualmente pelo LEM. Durante um dos intervalos, cheguei até ela e perguntei se iria abrir vaga para

orientação de doutorado. Ela confirmou que sim e, em seguida, perguntei se podíamos ir dialogando. A Júlia foi bastante séria e clara, ao responder que poderíamos sim, mas que ela não leria o projeto. O tom sério e firme dela me assustou um pouco, ao mesmo tempo em que me tranquilizou, pois me aproximou da certeza de um processo seletivo justo. Não entrei em contato com ela nesse período. Nosso próximo encontro foi na mesa de arguição do meu projeto, durante a seleção do doutorado.

Nunca passei em nenhuma seleção em uma primeira tentativa, o vestibular e o mestrado têm muitas histórias nesse sentido. Então, eu me preparava para minha primeira tentativa do doutorado já certa de que seria só para me familiarizar com o processo seletivo, ganhando experiência para conseguir passar em alguma tentativa futura.

A primeira fase da seleção foi a mais tranquila, consistiu em entregar o currículo Lattes e o projeto de pesquisa. A dificuldade começou na segunda fase, durante a prova de língua estrangeira, pois não consegui concluir satisfatoriamente, nascendo o sentimento de “fim de linha”. Depois da prova, eu tinha um tempo generoso até o horário do meu ônibus de volta para Minas. Segui em direção a um lugar privilegiado para reflexões sobre “fim de linha”, o cemitério.

Cheguei ao Cemitério da Consolação, cuja compreensão de seu nome é imediata, especialmente para mim, que buscava uma consolação para o sentimento de fracasso na seleção do doutorado. Fui envolvida por um afeto acalentador, que encontra uma descrição singular em Kierkegaard (1847/2013), em um dos escritos mais bonitos que já li sobre o tema da morte:

Se então tudo se torna confuso para ti, quando observas os numerosos caminhos da vida, vai então encontrar os mortos "lá para onde convergem todos os caminhos" – e aí sim facilmente terás a visão global. (...) Sim, vai ainda uma vez ao encontro dos mortos, para desse lugar olhar a vida de frente, assim faz aliás o atirador, procura um lugar onde o inimigo não possa atingi-lo, mas de onde ele pode acertá-lo, mirando-o com toda tranquilidade. Não escolhas para essa visita o declínio do dia, pois a calma que se estende à tardinha sobre os mortos frequentemente não está longe de uma certa tensão que excita e "sacia com inquietação" e que, em vez de resolver os enigmas, propõe novos. Não: vai até lá bem cedo pela manhã, quando o sol matutino assoma entre as folhagens com seus jogos de luz e sombra, quando a beleza amistosa do lugar, ainda animada pelo canto dos pássaros e pela vida multiforme, quase te leva a esquecer que estás entre os mortos. (p. 386)

Depois dessa visita ao Cemitério da Consolação, retornei para casa reconfortada e feliz por ter topado uma aventura e ter chegado até ali. Já estava de bom tamanho para minha primeira tentativa.

Porém, fui pega de surpresa quando vi meu nome na lista de selecionados para a entrevista do projeto de pesquisa. Minha reação imediata foi achar que meu nome estava na lista por engano. Assim se iniciou a terceira e última etapa da seleção. Cheguei mais cedo na USP, caminhei pelo campus, e pouco tempo antes da entrevista tive uma crise de pânico, sob uma árvore da Praça do Relógio. Fui tomada por uma certeza misteriosa de que eu passaria na seleção. Meu pavor asfixiante envolveu, entre outras coisas, a indefinição de como eu sobreviveria, em todos os sentidos, como estrangeira em uma cidade caótica, sem nenhum rosto familiar. Pensei, momentaneamente, em desistir da entrevista e voltar correndo para a familiaridade do meu lar mineiro. Respirei fundo, retomei a minha paixão pelos meus estudos sobre o tema da morte, e fui para a entrevista. O diálogo desenvolvido com os professores da banca de arguição foi muito tranquilo, mesmo sendo levantada a ousadia do meu projeto e minha crença na possibilidade de realizá-lo. Saí da entrevista com a confirmação da minha certeza íntima de aprovação.

Dois meses se passaram e minha certeza foi confirmada no site na USP. É indescritível a sensação de ver meu nome entre os aprovados, ainda mais logo na minha primeira tentativa. Como estrangeira em São Paulo, adaptei-me rápido. Logo fui tomada pela beleza do campus e pela inspiração do desenvolvimento de habilidades intelectuais e de conhecimento.

Estive resistente em elaborar uma apresentação a este trabalho por dificuldade de discernir o que seria relevante constar neste espaço, ao lado da dificuldade em assumir certa coragem de levantar questões que interagem e participam da construção do caminho de estudante de doutorado em Psicologia. Nesse ponto, meu afeto resistiu em apresentar outra vivência minha como estrangeira. Há, em meu rosto, em minha fisionomia, em minha apresentação mais imediata, um anúncio de deslocamento do lugar que ocupo na academia, no caso mais atual, de estudante de pós-graduação, em uma das universidades mais renomadas da América Latina. Esse fato me foi lembrado diversas vezes, seja pela raridade de encontrar pares com os mesmos sinais que os meus, seja pela abordagem de pessoas que viam em mim e se dirigiam a mim, alocando-me aos lugares naturalizados de pertença de pessoas com os meus sinais fenotípicos. Sou a desbravadora de um caminho estrangeiro para a raça e também para a classe a qual pertenço, o que confere dificuldades e uma solidão peculiar no trilhar desse caminho.

A despeito disso tudo, eu encontrei as pessoas certas no meu percurso, desde a graduação em Psicologia. E mesmo antes, ainda no meu lugar naturalizado de pertença, nas escolas públicas onde estudei e me formei, tive encontros definidores do meu caminho. Encontrei professores e amigos que se converteram em companhia cultivadora de virtudes,

força, coragem e paixão pelo conhecimento, que legitimam a minha pertença ao lugar onde eu estou, e aonde cheguei.

Nesse sentido, nada mais justo que prestar reconhecimento e tributo à participação muito significativa de professores e amigos que se converteram em presenças decisivas, tanto no desenvolvimento intelectual quanto na oferta de um olhar que me permitiu acreditar que fosse possível chegar até aqui. Gostaria de expressar uma gratidão extra a alguns professores, que participaram da minha formação educacional e pessoal, do início do meu percurso escolar até o doutorado: Tia Silvana, D. Elza, João Otto, Eunice, Beatriz, Márcia Carvalho, Adriano Nascimento, Miguel Mahfoud, Eduardo Gontijo, Bruno Fróis (em memória), Louis Ricci (em memória), Marco Casanova, Wellington Zangari, Ecléa Bosi (em memória) e Maria Júlia Kovács. O que eu aprendi e vivi com esses professores se eternizou como orientações de meus caminhos pessoais e profissionais. As influências deles estão presentes no desenvolvimento deste trabalho e na minha vida como um todo.

Grande parte das ideias desenvolvidas nesta tese nasceu de elaborações de discussões em salas de aulas, debates em palestras e congressos, diálogos formais e informais com colegas, professores e amigos, de modo que gostaria de reconhecer e agradecer a participação do outro na construção e refinamento dos pensamentos que serão apresentados.

Minha reverência e fascínio pelo fenômeno da morte tem raízes na impossibilidade de cobrir todos os campos e questões abertas pela consciência da finitude. Nem mesmo no nível biológico, no caso dos humanos, a morte se deixa domesticar. Um exemplo disso é que os critérios para atestar uma morte permanecem em constante revisão. Um dos desdobramentos dessa condição, atualmente, é a ausência de um consenso claro e definido do momento certo para se desligarem os aparatos técnicos que podem prolongar artificialmente uma vida. Tais critérios estão ligados justamente ao âmbito do existir humano, revelando, em toda sua intensidade, seu caráter indômito e potente, sendo tema de discussão milenar em pensamentos filosóficos e teológicos.

Assim sendo, como seria possível descansar sob uma nomenclatura de especialista em relação ao vasto campo indomável e por vezes impenetrável do fenômeno da morte? Vejo mais sentindo em assumir uma humildade que possa me mover à curiosidade sempre ativa de buscar o que não se sabe e rever o que se supõe saber. Uma humildade em inclinar minha inteligência e minha capacidade de ler as manifestações da morte, percorrendo os labirintos de um fenômeno desencadeador de questões caras e decisivas da existência humana.

### 3. Marco teórico para o desenvolvimento da pesquisa

Iniciar uma tese sobre suicídio envolve definir um caminho de descrição, compreensão e análise de um fenômeno da existência humana. Para um fenômeno como o suicídio, decisivo entre o viver e o morrer, é desejável que se construam diversos olhares e perspectivas. E mais ainda, que se possa dialogar entre essas perspectivas com uma abertura interessada em acompanhar a dinâmica própria de uma vida humana que se mata. Este é um trabalho em que acreditamos que os bastidores da pesquisa são aliados no exercício de compreensão de uma morte por suicídio. Assim sendo, algumas partes serão escritas em primeira pessoa, quando envolver experiências pessoais no contato com o objeto de estudo.

Elegemos a fenomenologia como referencial teórico e metodológico (Ales Bello, 1998; Husserl 1954/2012a, 1913/2012b; van der Leeuw, 1933/1964; Zilles, 2007 e 2002), e uma de suas grandes contribuições é justamente fundamentar o rigor científico que consiste em acompanhar o impacto que uma realidade ou fenômeno gera em uma subjetividade como condição para a construção do conhecimento. Assim, podemos romper com a ideia de neutralidade envolvendo pesquisador e objeto de pesquisa e avançar na compreensão de implicações dessa relação.

Em palavras inspiradoras do ato de pesquisar, Ecléa Bosi (2013) enuncia que “tudo começa numa afinidade, numa simpatia do sujeito da percepção e da ação pelo seu objeto” (p. 125). Uma atitude que, segundo ela, não se alcança por meio de uma técnica, mas sim de uma conversão, permitindo ao pesquisador se voltar ou se inclinar às coisas e às pessoas. Esse movimento de conversão se realizaria por meio de dois trabalhos, o de resistência à apresentação embaçada e opaca da realidade pela difusão mecânica de opiniões e o trabalho de construção do conhecimento que acolhe a tensão própria da realidade marcada pelo contraditório e pelo diferente.

O objetivo do presente estudo é a compreensão do fenômeno do suicídio a partir da experiência da pessoa que mata a si mesma, tomando como objeto central de análise as cartas e bilhetes escritos por essas pessoas. Algumas perguntas orientadoras são: O que e com quem a pessoa se comunica? Quem é o destinatário da carta e do bilhete? Um outro, si mesmo, qualquer um ou todos? Como ela vivencia a decisão de se retirar da vida? Qual a tessitura de seus vínculos com o outro, com a vida? Que respiro de vida há nessas palavras escritas? Como se apresentam as ambivalências, contrastes, concordâncias e dissonâncias entre vida e morte nas mensagens?

Vaz (2014), em sua tese sobre suicídio, toma como problema o olhar da pessoa que se mata sobre si mesma, buscando, no campo da filosofia prática, argumentações em torno da validade moral e prudencial do ato do suicídio. Segundo o autor, uma argumentação prudencial em torno do suicídio envolve a consideração do suicídio a partir de seus ganhos e perdas. Envolve, portanto, uma discussão ética sobre o suicídio.

Nosso trabalho busca também abrir um espaço de revelação do olhar da pessoa sobre si mesma, mas por outra via, por meio de afetos e vivências expressos por elas, em palavras escritas. A contribuição pretendida é apreender modos de como essas pessoas estão lidando com a própria existência por meio do ato do suicídio, e não necessariamente buscar respostas, porquês, relações causais ou explicativas para esse ato. Nesse sentido, este não é um estudo sobre causas e explicações de suicídio.

A história da morte de cada pessoa será acompanhada com o olhar voltado para particularidades de um caso, sem preocupações com estatísticas, epidemiologia ou busca por padrões relacionados ao suicídio. Trata-se de acompanhar o acontecimento de uma morte, de uma história pessoal, colhendo compreensões sobre o universo complexo da existência humana.

#### **4. Questões conceituais e terminológicas em torno do suicídio**

A escolha e o uso das palavras merecem um cuidado impecável por ser o meio de comunicar e expressar uma ideia ou pensamento que formam associações, conceitos e conhecimentos capazes de reduzir ou ampliar a nobre característica da linguagem de organização e revelação da relação da espécie humana consigo mesma e com o mundo à sua volta. Bordelois (2005) afirma que “a linguagem é antes de tudo um prazer, um prazer sagrado; uma forma, talvez a mais elevada, de amor e conhecimento” (p.20).

A concepção que se tem sobre o suicídio obedece ao campo de sentido que é aberto a cada contexto e a cada tempo histórico. A hermenêutica e as chaves de leitura e compreensão do ato de se matar, que se originam em tempos e campos de conhecimento diversos, geram terminologias e definições acerca do suicídio que não são arbitrárias, pois já carregam um posicionamento, conforme pondera o filósofo Landsberg (1946/2009).

A terminologia em torno de um fenômeno como o suicídio deve instigar, a todo tempo, reflexões que acatem a complexidade e os paradoxos que envolvem o ato de se matar.

Um ponto importante a se considerar é de qual tipo de suicídio se está falando, pois não podemos olhar do mesmo modo os suicídios entre os índios Kaiowás e escravos da América escravocrata (Chiavenato, 1998), entre os judeus ameaçados pela morte nos campos de concentração ou os mártires cristãos (Puente, 2008; Landsberg, 1946/2009), e os matizes sem fim dos que matam a si por um processo disparado por vulnerabilidades emocionais ou mesmo condições psicopatológicas. Cada um desses suicídios carrega um sentido, uma intencionalidade e uma relação eu-mundo muito peculiar. Esse fato nos exige o esforço de discutir definições e concepções, buscando reelaborações que atendam à maleabilidade do fenômeno em estudo.

Nesse sentido, ressaltamos, como ponto de partida, pelo menos três especificidades do suicídio ao qual nos debruçaremos nesta tese: será o de histórias encontradas em inquéritos policiais de suicídio; o recorte temporal dessas histórias é de 1913 a 2009; e será o de pessoas que reservaram tempo e afeto para escrever cartas.

Este trabalho foi escrito com o cuidado de escolher as palavras, partindo de uma ponderação sobre conceitos e terminologias relacionados ao suicídio. Esse cuidado tem como propósito acompanhar a pessoa que viveu a experiência do suicídio sem reduzi-la ao ato de se matar, percebendo-a na totalidade de sua existência. Nesse sentido, não usaremos a palavra “suicida” para se referir a essas pessoas. Podemos falar de ato suicida, mas adjetivar a pessoa de “suicida” a reduz a um acontecimento já marcado por julgamentos e preconceitos, refletidos na escolha e nos usos das palavras. Conforme apontado por Vale (2017), quem se mata já “não precisa de ninguém para julgá-lo. Ele já se deu a sentença” (p.95). Resta a nós um acompanhamento respeitoso dessas experiências.

## **5. Composição da tese**

Para dar continuidade a este trabalho explicitaremos, no primeiro capítulo, os objetivos da tese. No capítulo subsequente, apresentaremos uma antropologia filosófica de base fenomenológica para, então, abordar discussões teóricas referentes ao suicídio e ao objeto de pesquisa pela via de estudos sobre mensagens de despedidas e por meio da carta como gênero textual.

Em sequência, será apresentado o processo de busca das cartas e bilhetes analisados nesta tese. Os procedimentos técnicos de análise do material de pesquisa serão abordados nesse terceiro capítulo, dedicado à descrição do método.

No quarto capítulo, serão reconstruídas as vivências de seis pessoas que morreram por suicídio, de Vicente, Beatriz, Teo, Kamila, Alisson e Manuela<sup>1</sup>. Transcreveremos o conteúdo das cartas e bilhetes que eles deixaram, buscando acompanhar e explicitar o caminho de consumação de suas mortes autoinfligidas.

No quinto capítulo, serão apresentadas trilhas de compreensão de vivências que culminaram no suicídio a partir das mensagens analisadas e em diálogo com autores de referência.

Por fim, no sexto e último capítulo, encerraremos com a elaboração de uma síntese dos pontos centrais em torno da compreensão da experiência vivida do suicídio.

---

<sup>1</sup> Adotamos nomes fictícios para nomear os protagonistas das histórias, preservando, assim, suas identidades.

## **I – OBJETIVOS**

### **1. Objetivo geral**

Compreender a experiência vivida do suicídio por meio da análise fenomenológica de cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram.

### **2. Objetivos específicos**

- 1) Compreender noções de si, da relação eu-outro e eu-mundo nas mensagens.
- 2) Captar a dinâmica entre autor, destinatário e conteúdo da carta.
- 3) Aprender o desfecho de cada suicídio analisado, conforme possibilitado pelo conteúdo das cartas e informações adicionais do inquérito.

## **II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1. Bases de uma antropologia filosófica**

#### **1.1 A fenomenologia clássica como referencial teórico**

O projeto fenomenológico do filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938) apresenta uma teoria do conhecimento que busca superar a dicotomia entre objetivismo e subjetivismo, entre sujeito e mundo, evidenciando que os fatos e as coisas já estão sempre ligados a quem eles se mostram (Ales Bello, 1998; Husserl 1954/2012a, 1913/2012b; van der Leeuw, 1933/1964; Zilles, 2007 e 2002).

Para chegar ao conhecimento de algo em sua essência própria, Husserl (2012a) identifica a importância de superar as concepções realistas e idealistas acerca dos fenômenos. Tal campo de conhecimento emerge da constatação de uma crise da razão cartesiana, a qual pressupõe um mundo organizado e passível de ser apreendido e dominado racionalmente (Husserl, 1954/2012a). Na perspectiva fenomenológica, conhecer é um ato de consciência, a qual é constituída por atos ou vivências intencionais. Cada ato de consciência se projeta sempre para além de si mesmo, nesse sentido, a intencionalidade da consciência não nega nem o sujeito nem a realidade, pois não há um “eu” sozinho, mas ele já está, originariamente, junto às coisas e aos outros.

O pensamento husserliano aponta também para a reconciliação entre o particular e o universal que são dados em uma mesma e única vivência (1913/2012b). A experiência fenomenológica de um sujeito não se reduz ao nível particular, ou seja, o conteúdo de uma vivência, por mais que seja vivido individualmente, apresenta uma idealidade universal. A crítica husserliana ao psicologismo se relaciona a uma redução das vivências em seu teor empírico, pois o conteúdo do vivido não é dado por meio de experiências sensoriais, mas por um campo de sentido significativamente constituído em um contexto histórico. Por exemplo, diante de uma obra como “Noite estrelada” de Van Gogh não se experimenta isoladamente os tons de azul e amarelo para, em seguida, formar a imagem do céu da pintura, mas se dá a experiência fenomenológica significativamente orientada e imediata da obra de Van Gogh com a imagem de um céu estrelado e daqueles tons de cores.

Nesse caminho de raciocínio, de constituição mútua e originária entre subjetividade e mundo e a reconciliação entre o particular e universal, Husserl (1954/ 2012a) formula o conceito de mundo-da-vida, o mundo histórico e cultural, pré-científico, pré-reflexivo, constituído e estruturado intersubjetivamente. Tal conceito se refere ao domínio das evidências originárias, à atitude imediata e direta, base para as ações e experiências do sujeito, oferecendo uma estrutura, códigos de referências e orientações de sentido os quais permitem a interpretação e compreensão dos elementos da realidade (Ales Bello, 1998; Berger & Luckmann, 1973/2004; Schutz, 1979).

A fenomenologia recoloca a centralidade da experiência para a constituição do eu-no-mundo e para a apreensão da realidade, ao evidenciar como o indivíduo estrutura e é estruturado pelo seu mundo histórico e cultural e pelos processos coletivos compartilhados (Ales Bello, 1998). A intencionalidade da consciência refere-se justamente a essa “correlação consciência-mundo, sujeito-objeto, a qual é mais originária que o próprio sujeito e o objeto, pois esses só se definem nessa relação” (Zilles, 2002, p.31). Dessa forma, a fenomenologia parte de um retorno “às coisas mesmas”, e tal concepção contribui para uma apreensão da experiência do suicídio a partir da vivência dos sujeitos que já se encontra ligada originariamente ao seu mundo circundante e historicamente constituído.

Segundo Berger e Luckmann (1973/2004), o processo de modernização da sociedade trouxe uma crise dos sentidos sustentadores da existência e crises subjetivas que geram desestabilização do mundo-da-vida. Nas sociedades modernas, as instituições sociais de sistemas supraordenados de valores, como as instituições religiosas, deixam de servir como base e como um reservatório que guardam os sentidos do agir social e que dão estabilidade ao sujeito e à sociedade. Sem essas instituições, com os pluralismos e fragmentação dos mundos da vida social, as reservas de sentido não são mais propriedade comum, passando a se definir especificamente nas diversas áreas do agir social. Na concepção de Lipovetsky (1993/2005), o sujeito deve, ele mesmo, orientar-se em um universo de possibilidades, a partir da disponibilização de fórmulas de “programas independentes” cuja finalidade é multiplicar e diversificar a oferta a fim de que o indivíduo construa a sua própria vida. Nessa esteira do processo de modernização, emerge uma experiência de suicídio que é atravessada pela ruptura e pela crise de sentido, ao lado do movimento solitário e complexo de articulações de sentido.

## 1.2 Psicologia descritiva, fenomenológica e hermenêutica

A psicologia como ciência nasce em meio a uma crise do pensamento teórico (Dilthey, 1894/2011; Husserl (1954/2012a). Husserl (1954/2012a) aponta que: “A crise de uma ciência não diz nada menos que o seguinte: sua cientificidade genuína, todo o modo como ela definiu sua tarefa, e, para isso, formou sua metodologia, se tornou questionável” (p. 1).

A crise do pensamento científico do final do século XIX tem alicerces em um modo de fazer ciência que parte de pressupostos e hipóteses para dar conta da realidade investigada e criar teorias generalizáveis, marca por excelência do positivismo. Um dos elementos que está em jogo nesse debate são os limites de uma metodologia mais própria das ciências naturais para a compreensão e análise de objetos específicos das ciências humanas (Casanova, 2011; Dilthey, 1894/2011).

Wilhelm Dilthey (1833-1911) foi um filósofo e psicólogo alemão que se debruçou sobre esse problema, traçando as características de uma psicologia explicativa e construtivista, influenciada pela razão positivista, e de uma psicologia descritiva e analítica, que tem como objeto os fenômenos da vida psíquica (Dilthey, 1894/2011). O modelo explicativo se orienta pela busca de causas enquanto o modelo descritivo busca a dimensão dos significados.

O problema de trazer um método das ciências naturais para dentro das ciências humanas é que um modelo explicativo gera uma objetificação do fenômeno em estudo, tomando fatos contingentes e acidentais como causa de algo. No caso do suicídio, por exemplo, uma orientação explicativa tende reduzi-lo a fatores patológicos, bioquímicos e dados estatísticos. As explicações causais de um suicídio, nos tempos atuais, giram em torno de depressão, como se fosse a causa mais comum e mais imediata. Porém, modelos explicativos tendem a gerar tipificações de um perfil suicida insuficiente para dar conta dessa experiência existencial, que servem mais a uma criação de preconceitos do que a uma compreensão do fenômeno. A estrutura de experiências humanas não se reduz a relações causais explicativas. Desse modo, o processo de descrição do fenômeno do suicídio envolve a compreensão de aspectos estruturantes da vivência ao seguir uma rede de significados que se forma na relação de uma pessoa com seu mundo histórico. As ciências humanas reconstruem a base comum a partir da qual todos os fenômenos se mostram.

Nosso trabalho segue a linha de uma psicologia descritiva, porque se orienta por significados. É hermenêutica por compreender o horizonte histórico como estruturante das

vivências humanas, e fenomenológica por reconhecer a intencionalidade da consciência na inseparabilidade da relação eu-mundo.

Feijoo (2018) apresenta uma discussão crítica e fundamental quanto a estudos fenomenológicos de suicídio que se mantêm associados a ideias preconcebidas e condenatórias desse ato ou que ainda o aloca em uma relação simplista de causa-efeito. A autora aponta algumas concepções em torno do suicídio que ela nomeia como moralizantes:

A moralização aparece nas elaborações sobre o suicídio de acordo com o critério de utilidade que serve a um determinado tempo. Dito isso, vamos às diferentes determinações que posicionam a moral. As determinações cristãs aparecem com as noções de pecado, culpa, erro, causa, falta de sentido; com as determinações jurídicas, o suicídio passa a ser crime e, portanto, legislado pelo Estado; com as científicas, a moralização provém dos critérios estipulados pelo modelo que diz respeito à categorização do comportamento suicida e sua consequente patologização; no senso comum, a ideia de suicídio vem sempre vinculada à coragem ou covardia, à loucura ou sofrimento. (p. 73)

No trecho acima, a autora nomeou de moralização do suicídio as ideias que o vinculam a pecado, crime, patologização e julgamentos de valor, como exemplos de variações de pensamentos moralizantes em torno do suicídio a cada época.

Lessa (2018) apresentou um estudo que acompanhou, da Antiguidade grega até a contemporaneidade, as mudanças de pensamentos e posicionamentos morais em torno do fenômeno do suicídio. A autora aponta que as concepções morais tendem a refletir critérios de necessidade úteis a cada época e sociedade, silenciando, conseqüentemente, a dinâmica existencial do ato de matar a si mesmo.

Entendemos que Feijoo (2018) e Lessa (2018) utilizam o termo “moral” e “moralizante” para adjetivar ideias sobre o suicídio que tendem a silenciar a dimensão existencial do ato e a engessá-lo dentro de concepções simplistas e objetificantes. Contudo, no nosso entendimento, é importante separar a ideia de uma orientação moral em torno do suicídio da ideia do que compreendemos como aprisionamento hermenêutico, que é a tendência de adesão irrefletida a ideias que refletem pensamentos e valores de uma dada sociedade em momentos históricos distintos. Nesse modo de apreensão, compreendemos que a moral se relaciona, antes de tudo, mais com a ideia de liberdade do que preconceitos de uma dada época e campos de conhecimentos.

Segundo Landsberg, (1951/2009), a liberdade é um dos temas centrais da área de reflexão da filosofia moral. Assim sendo, o exercício reflexivo e desafiador desse campo de saber envolve a orientação de um ser que é livre. O homem é um ser que pode se matar, e é partir daí que nascem todos os argumentos em torno do suicídio, sejam eles contrários,

favoráveis, proibitivos ou indiferentes. Por essa via de compreensão, não acreditamos ser possível escapar de uma moralidade referente ao suicídio, pois as reflexões em torno do ato de se matar estão ligadas a ideias que envolvem uma definição de liberdade, de pessoa, de vida e morte. A questão colocada, portanto, é como se configura a orientação moral diante do ato de se matar.

Os estoicos, por exemplo, argumentam favoravelmente ao suicídio, seguindo princípios relacionados ao desenvolvimento do homem sábio, obedecendo a uma racionalidade valorativa de deveres cívicos e éticos em relação à sociedade e a si mesmo (Oliva, 2012; Landsberg, 1945/2009; Sêneca, 2008; Sêneca 2005). Ou seja, a morte de si, nessa concepção, é uma adesão a valores éticos que não se confundem com fuga, fraqueza ou covardia.

O filósofo contemporâneo Albert Camus (1942/2008) utiliza a tensão do movimento entre o decidir viver e o decidir morrer para alocar o suicídio como problema central da filosofia, pois a fé cega não seria capaz de apaziguar essa inquietação imanente do humano. A resposta para a pergunta “se vale a pena viver” exige daquele que responde um trabalho que atravessa a plenitude de sua existência, por meio de sua ação, coração e pensamento. Para o filósofo argelino, há um hiato entre os desejos humanos e o mundo que se apresenta impenetrável, incompreensível, despertando, assim, um sentimento de absurdo. Segundo seu pensamento, suicídio seria uma confissão de que não se deu conta do absurdo da existência. A alternativa para o suicídio seria a revolta, que envolve reconhecer e assumir as incoerências da existência. Existir, para Camus, é fazer viver o absurdo, sem vacilação, sem desvios. Nesse sentido, o suicídio seria uma resolução passiva do absurdo, enquanto a revolta seria uma resolução ativa.

Trouxemos esses dois pensamentos de épocas distintas como exemplos da inter-relação entre concepções de mundo e pessoa e os argumentos concernentes ao suicídio. Ressaltamos, assim, como não é possível se escapar de uma moralidade, ou de uma orientação valorativa quanto ao agir de um ser que pode se matar, e que, portanto, depara-se com a questão do por que anuir e efetivar ou não essa possibilidade. Nesse sentido, “poder fazer”, que está relacionado à condição humana de liberdade<sup>2</sup>, não se confunde com o “dever fazer”.

---

<sup>2</sup> Há uma importante discussão em torno do conceito de liberdade que pode ser aprofundada no pensamento de Viktor Frankl (1946/2003). Frankl define liberdade em contraposição à ideia de que ser livre é poder fazer o que se quer, argumentando que liberdade consiste na adesão ativa a um valor ou atitude que expressam uma marca

Toda argumentação em torno do “dever ou não fazer algo” nasce de orientações valorativas e, portanto, morais.

### 1.3 O problema do suicídio na filosofia de Paul L. Landsberg

A via de apreensão da experiência do suicídio no pensamento do filósofo alemão Paul Landsberg (1901-1944) apresenta uma relevância diferenciada, porque a possibilidade de matar a si mesmo se constituiu como um problema pessoal para esse filósofo. Essa peculiaridade de sua biografia contribui para a compreensão de questões sobre o suicídio que costumam estar obscurecidas pelo preconceito.

Seu contexto é a Alemanha nazista, e como alguns judeus, nessa época, Landsberg carregava consigo um frasco de veneno a fim de se matar caso fosse preso pela polícia alemã. Depois de ter se exilado na Espanha e na França e entrar em contato com obras de místicos cristãos, como São João da Cruz e Santa Teresa D’Ávila, ele se converteu ao cristianismo e decidiu entrar no movimento de resistência, desistindo de se matar (Bingemer, 2009). Por fim, foi capturado em 1943 pela Gestapo e morto no campo de concentração de Oranienburg-Sachsenhausen em 1944 (Puente, 2008). Durante seu exílio na França, em 1942, ele escreveu um ensaio intitulado *O problema moral do suicídio*, que foi publicado postumamente, em 1951.

Landsberg (1951/2009) apresenta diversos argumentos tradicionais referentes ao suicídio, alguns já mencionados anteriormente, como a posição estoica e epicurista em que o homem é livre quanto à sua vida e à sua morte, a definição de Durkheim e a concepção agostiniana que criminaliza o ato de matar a si. Acrescenta, ainda, a visão de Santo Tomás de Aquino, que retoma argumentos platônicos e aristotélicos para dizer que a vida humana pertence a Deus e à sociedade e os amplia, indicando que o suicídio seria contrário às inclinações humanas e às leis naturais nas quais o homem deve caridade a si mesmo. Ele expõe tais linhas argumentativas para dizer que os debates tradicionais têm pouca força e que não encontrou em nenhum deles uma resposta convincente para o problema posto pelo suicídio.

Para esse filósofo, a consideração sobre a morte voluntária é um problema imanente à condição humana, uma vez que o sofrimento que uma pessoa experimenta pode chegar ao ponto de se desejar a própria morte. Não haveria, portanto, uma vontade incondicional de

---

peçoal. Ou seja, a liberdade é a expressão do movimento de responder aos acontecimentos a partir do que nos é mais original, para além de determinações inescapáveis da existência.

viver. Nessa condição, argumentos comuns, como “nossa vida não nos pertence, mas sim a Deus”, são insuficientes quando se trata de responder a um dos problemas essencialmente humanos. A possibilidade de matar a si mesmo coloca os seres humanos diante de sua liberdade, entre a vertigem de poder matar a si e a decisão de viver. Desse modo, ele situa a experiência do suicídio no âmbito da liberdade e, conseqüentemente, no âmbito de um problema moral. Em sua concepção, “toda filosofia moral séria é a expressão teórica dessa luta vivida contra as tentações imanentes à condição humana” (p. 66). Ele prossegue com sua argumentação nos dizendo:

Vamos imaginar um homem que está muito tentado ao suicídio: ele perdeu a família, está desesperado com a sociedade onde tem que viver, cruéis sofrimentos se acumulam e lhe retiram a esperança. O presente é terrível; o futuro sombrio e ameaçador. Se alguém lhe disser que precisa viver para seguir o mandamento, para não pecar contra o amor de si, para cumprir seu dever com a sociedade e a família, enfim, até para não decidir, por vontade própria, uma questão que Deus deve decidir, pergunto-lhe: será que isso pode convencer esse homem que sofre e tem uma vida miserável? Não hesito um instante em responder que *não*. (Landsberg, 2009, p. 81)

De acordo com Landsberg, um problema moral autêntico coloca o homem diante do abismo de sua liberdade e da força de sua reflexão através da qual ele pode, enfim, apropriar-se, de fato, de si mesmo, de seus atos e de sua existência. Desse modo, os seres humanos vivem com o problema moral e com a possibilidade da morte voluntária, a qual é imanente à consciência humana. Tal possibilidade se configura em uma das justificativas a que se deve o horror que o pensamento cristão manifesta pelo suicídio. E, para o autor, seria uma repulsa paradoxal, pois nada mais contrário ao espírito cristão que o movimento humano de aderir ou prolongar, incondicionalmente, a vida empírica, pois o que está em jogo para o cristianismo são as virtudes do espírito.

Em uma linha argumentativa oposta à de outros filósofos cristãos, Landsberg aprofunda o problema do suicídio, demonstrando que não é suficiente seguir um mandamento divino quando o homem tem de responder a uma de suas possibilidades, talvez a mais essencial. Opondo-se ao pensamento agostiniano de que a pessoa que se mata comete um crime, o homicídio de si, Landsberg ressalta que quem pondera se matar não carrega a intenção de se destruir, mas, antes, de se salvar, pois o ato do suicídio não é necessariamente um ato de desespero, mas de uma esperança, talvez equivocada, pois raríssimos seriam os casos em que a pessoa se mata esperando pelo nada. Para esse filósofo cristão, matar-se revela

mais fortemente a intenção de se dirigir para uma condição de vida radicalmente diferente daquela já bem conhecida a qual se deseja abandonar. A experiência de impotência diante de uma condição de vida insustentável pode tornar preferível o indefinido e desconhecido destino do além-morte do que a condição de vida já conhecida.

O argumento de Landsberg de adesão à vida está centrado no cristianismo. Segundo seu pensamento, o homem é um ser que pode se matar, mas não deve, pois o exemplo de Cristo convida a uma conversão da atitude humana natural que tende a evitar o sofrimento a ponto de buscar na morte autoinfligida a felicidade perdida em vida. Segundo sua perspectiva, viver e sofrer coincidem, mas haveria no sofrimento um sentido metafísico positivo, de purificação do ser, fazendo parte da peregrinação humana para o objetivo transcendente da vida. Mas ainda que o sofrimento pertença também à esfera do sagrado e de sentido, o homem tem o direito e o dever de lutar contra as misérias da existência. Não se trata, portanto, de uma aquiescência passiva ao sofrimento, mas, antes, de uma adesão ativa ao que transcendente o ser humano, ao lado de uma adesão amorosa à vontade divina.

Seu argumento defensor da posição do decidir viver expressa, portanto, uma orientação moral pelo decidir viver com bases cristãs. Sua revisão de ideias falaciosas em torno do suicídio que o tomam como um ato de covardia, um crime contra si ou contra a sociedade e sua reconstrução de argumentos limpa o campo de preconceitos e posiciona a experiência vivida do suicídio em um lugar de respeito e dignidade.

## **2. Suicídios**

O esforço compreensivo e descritivo de um fenômeno exige a consideração dos matizes que o compõem. Ao se falar de suicídio, de início, deve-se buscar explicitar as variações de suicídios que surgem da relação complexa entre indivíduo, sociedade e cultura. Suicídios entre escravos e indígenas (Grubits, Freire e Noriega, 2011; Chiavenato, 1998; Morgado 1991), na cultura japonesa (Hirano, 2015), nos tempos passados e atuais, expressam diferenças radicais entre si.

Uma vida humana nasce e se forma em meio a uma interação dinâmica de elementos que não é nunca definitiva ou determinista, de modo que se torna impossível separar onde começa e onde termina a influência de cada um dos elementos que poderiam conduzir ao ato do suicídio. Por isso é respeitoso e condizente com esse ato humano não individualizá-lo nem socializá-lo a ponto de isolar uma variável como a causa determinista desse ato.

No entanto, parece haver um pêndulo teórico entre causas individuais, comumente sob o rótulo de transtornos psiquiátricos, e as causas sociais, como descritas por Durkheim (1897/2011), Marx (1846/2006) e Artaud (1974/2003). Dal Poz (2000) fala de um movimento do suicídio entre a totalização sociológica e a individuação psicológica. Os diversos autores e teóricos sobre o suicídio se movimentam entre esses polos, ora se aproximando mais de um ou do outro extremo.

Shneidman (1993) usa a expressão “visão de túnel” para descrever o estado mental e psicológico da pessoa que mata a si, afirmando que, para consumir o suicídio, é necessário certo estreitamento do campo da consciência. Entretanto, mesmo esse estado psicológico de visão de túnel poderia ser atribuído apenas a alguns tipos de suicídio. O próprio autor exemplifica casos que não obedecem a essa lógica, como aqueles em que a pessoa está enfrentando uma doença sem perspectiva de cura ou sofrendo uma ameaça externa, como os judeus nos campos de concentração nazista. Outro exemplo clássico é o suicídio de Sócrates, consistindo em um ato humano que reflete um refinamento de consciência capaz de incluir os sentidos de justiça e bem comum.

Marx (1846/2006) e Artaud (1974/2003) chamam a atenção para a participação da sociedade no acontecimento do suicídio, de tal modo que se poderia referir àqueles que morrem por suicídio como suicidados. Em seu texto *Sobre o suicídio*, Marx, em coautoria com um ex-arquivista policial francês, Jacques Peuchet, analisa quatro histórias de suicídio em que os excessos da vida privada, de uma sociedade patriarcal e das condições sociais degradantes têm um peso decisivo para o ato do suicídio.

O poeta e dramaturgo francês Antonin Artaud (1896-1948) analisa o suicídio de Van Gogh ao mesmo tempo em que faz uma crítica às instituições sociais. Artaud (1974/2003) sustenta, em seu argumento, que uma sociedade deteriorada inventou uma psiquiatria para protegê-la de certas mentes superiores e silenciar verdades insuportáveis que essas mentes revelam, protegendo o homem comum de experiências que ele não é capaz de suportar. Na perspectiva desse autor, Van Gogh tinha uma experiência radical de lucidez, uma sensibilidade intensa e enlouquecedora, mas retirar dele sua “loucura” coincide com retirar sua verdade, seu espírito, e por isso ele seria um suicidado da sociedade.

Na América escravocrata, milhares de escravos deixavam-se morrer devido ao desespero e à vivência intensa da perda da liberdade. Na visão dos brancos, desde os senhores de escravos até os historiadores, os escravos se matavam por vadiagem ou loucura nostálgica

da África, chegando a afirmar que o suicídio deles era uma maldade contra seus senhores, pois os privavam de uma propriedade. Os senhores se vingavam de seus escravos que se matavam, castrando-lhes e cortando seus pés e mãos, pois acreditavam que, caso eles ressuscitassem na África, teriam uma vida condenada à impotência e limitações (Chiavenato, 1998).

O impacto da modernidade civilizatória e a depreciação dos valores de sociedades tradicionais têm uma forte contribuição para os altos índices de suicídios na população indígena (Grubits, Freire e Noriega, 2011; Morgado 1991), fazendo com que o suicídio se torne uma última possibilidade de os índios resistirem e sobreviverem em sua cultura (Morgado, 1991). Mas está presente na população indígena, no entanto, outros disparadores do suicídio que se aproximam da pressão interna da tradição desse grupo e experiências individuais dos índios, como o luto pela morte de um ente mais próximo, que podem conduzir ao ato do suicídio (Dal Poz, 2000).

No Japão, conforme é apontado por Hirano (2015), os entrelaçamentos entre vida e morte recebem uma significação peculiar, dotando o suicídio de um senso de cuidado com a própria existência, de um senso de honra e respeito a si e ao grupo de pertença. Mas é preciso ressaltar que, no Japão Antigo, dentro do código de ética dos samurais e de crenças religiosas, o suicídio podia ser concebido como o fechamento de uma experiência, de expressão de maturidade. Por outro lado, no Japão Moderno e ocidentalizado, o suicídio se aproxima mais da interrupção de uma experiência, a qual está mais ligada ao imediatismo e ao consumismo, entre outras lógicas do mundo ocidental. Há ainda o caso dos “ventos dos deuses” ou *kamikazes*, que, por devoção à pátria e ao Imperador, lançavam-se em seus aviões contra alvos inimigos durante a Segunda Guerra Mundial.

### **3. Perspectivas sobre o suicídio**

Os campos de conhecimento como a filosofia, a ciência e a religião alternam entre si compreensões e definições do suicídio nos diversos tempos históricos.

Vaz (2012) nos aponta que há um pensamento recorrente na filosofia, segundo o qual a morte não é um mal em si, e para epicuristas e estoicos, por exemplo, a morte poderia inclusive ser uma escolha desejável, racional e aceitável. Nessa perspectiva, o sábio, ao contrário do insensato, sabe reconhecer quando a vida não deve mais ser prolongada. Os argumentos absolutamente contrários ao suicídio aparecem associados ao cristianismo (Vaz, 2012; Landsberg, 1951/2009; Puente, 2008; Chiavenato, 1998).

Os primeiros registros do termo “suicídio” aparecem no século XVII, com o intuito de associar, pejorativamente, o ato de se matar a uma modalidade de homicídio (Vaz, 2012; Puente, 2008). A condenação do suicídio, por sua vez, remonta à Antiguidade, e está vinculada à questão da pertença da vida humana. Segundo Vaz (2012), os argumentos contrários e condenatórios do suicídio giram em torno dessa pertença, que pode se subdividir em dois tipos, a transcendente e a social. Na pertença transcendente, o sujeito pertence a deus, e somente ele, quem nos deu a vida, possui o direito de tirá-la. Diante das adversidades, a melhor saída é a valorização da vida aliada à esperança de ser recompensado futuramente. Na pertença social, considera-se que vivemos não apenas para nós, mas sim por causa de e para outros (família, amigos, sociedade).

Platão argumenta que a vida humana se assemelha a uma sentinela que está em seu posto, e tirar a própria vida sem autorização divina equivale a abandonar o próprio posto, cabendo somente aos deuses o poder de dar a vida e a morte (Puente, 2008). Aristóteles acreditava que a vida do indivíduo pertencia ao Estado (Chiavenato, 1998; Puente, 2008; Vaz, 2012), de modo que, ao matar a si, o indivíduo causava danos ao Estado, uma vez que morto não haveria como lesar a si mesmo (Puente, 2008). Enquanto Platão condenava o suicídio por questões metafísicas, Aristóteles o fazia por razões éticas (Chiavenato, 1998).

As pessoas que se matavam recebiam como punição ter sua mão direita cortada e enterrada separadamente do corpo (Chiavenato, 1998) na crença de que, na próxima vida, o indivíduo fosse impedido de praticar o mesmo ato. Em sua obra *Leis*, Platão dedica o livro nono somente para tratar das punições que os cidadãos deveriam receber por seus atos, nas quais estão incluídas a penalidade dirigida aos que tiravam a própria vida:

Em primeiro lugar, as sepulturas dos que morrem assim [devem] ficar isoladas e ninguém deve ser enterrado junto; em segundo lugar, eles devem ser enterrados, sem glória, na fronteira das doze regiões anônimas e não cultivadas: as sepulturas ficarão sem lápides, ou seja, sem indicar seus nomes. (Platão, 2008, p. 61)

A primeira associação entre suicídio e homicídio, antes do uso propriamente do termo, que surge no século XVII, aparece no pensamento da filosofia cristã (Agostinho, 2009; Puente, 2008). Santo Agostinho, em sua obra *A cidade de Deus*, inscreve o ato do suicídio no âmbito do mandamento “Não matarás” (Agostinho 2009). O filósofo cristão destaca os mandamentos em que a proibição está circunscrita ao ato endereçado ao outro, sendo que, no

caso de “Não matarás”, a proibição inclui a condenação de matar a si mesmo e, por fim, assevera: “quem se mata não é matador de homem?” (p.51).

A obra *Anatomy of Melancholy*, de 1621, do inglês Richard Burton, assinala uma mudança significativa de uma concepção oriunda de um contexto religioso, em que o suicídio é visto como um pecado abominável, para a ideia de que tal ato está inserido no âmbito de distúrbios somáticos (Puente, 2008). Esse foi o início para uma mudança de mentalidade e de atitude diante da pessoa que se mata, até então considerada como criminosa e pecadora, passível de receber punições, como a proibição de realização dos ritos fúnebres e mesmo punições, efetuadas diretamente em seus corpos (Puente, 2008; Werlang e Asnis, 2004; Alvarez, 1971/1999; Kovács 1992a).

Para Alvarez (1971/1999), o que antes era visto como um pecado mortal passou a ser menos condenado, ao se tornar objeto de exaustivas pesquisas científicas, rendendo, inclusive, o surgimento de uma área de estudo própria para essa questão, a suicidologia. Segundo o autor, a mudança de ênfase para entender o suicídio abandonou a questão do “Ser”, cedendo espaço à busca de explicações e razões, como amor não correspondido, depressão, clima ruim ou peculiaridades nacionais que justificassem o ato de matar a si mesmo. Alvarez localiza o início dessa mudança com a publicação de *O suicídio*, de Emile Durkheim, obra na qual não está mais em jogo a moralidade do ato, mas sim as condições sociais que o provocam.

Na via de análise durkheimiana, são considerados o conjunto de suicídios acontecidos em um mesmo período de tempo e em uma mesma sociedade para daí encontrar a natureza social desse fenômeno. Em suas pesquisas, Durkheim constatou que, para uma mesma unidade de período e lugar, as taxas de suicídio anuais são quase invariáveis, com raríssimas exceções as quais coincidem com algum tipo de crise que afeta a situação social. Na mesma esteira de apreensão do problema, Marx (1846/2006) afirma que é da natureza social gerar muitos suicídios, apontando que os números anuais de tal fenômeno o caracterizam como sintoma de uma organização social deficiente, tornando tal fato mais evidente e endêmico em épocas de crise.

Durkheim (1897/2011) inicia sua obra *O Suicídio: Estudo de Sociologia*, elaborando uma definição para “suicídio”, salientando o risco de se guiar com o que é geralmente aceito sem o cuidado de distinguir e agrupar o que se refere ou não ao fenômeno em estudo. Em sua primeira formulação, ele define suicídio como “toda e qualquer morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima” (Durkheim, 1897/2011, p. 11). Logo em seguida, ele abre uma ressalva, apontando que tal definição é incompleta por não distinguir a morte de quem se mata, vítima de alguma espécie de

alucinação que obscurece a consequência do seu ato, e de quem se mata consciente do que está fazendo.

O filósofo alemão Landsberg critica a definição de Durkheim por não haver distinção entre aqueles que não fogem à morte e aos que se infligem a própria morte, o que inviabiliza a compreensão do autossacrifício envolvido na morte de Sócrates e dos mártires cristãos. A definição de Durkheim também exclui aqueles que sobrevivem ao ato, e, segundo esse filósofo, o suicídio não é simplesmente um gênero de morte, mas antes, um ato humano. Desse modo, os casos de tentativas de suicídios que correspondem a um desejo sério e verdadeiro de morrer e que falham unicamente por motivos técnicos se tratam, indiscutivelmente, de um caso de suicídio. Landsberg (1951/2009) formula a seguinte definição de suicídio: “o ato pelo qual um ser humano cria voluntariamente o que ele julga ser uma causa eficaz e suficiente para sua própria morte” (p.72).

Werlang e Botega (2004) oferecem uma definição abrangente, apoiada na Organização Mundial de Saúde, de “comportamento suicida”, o qual abarca um *continuum* que inclui, desde ideações suicidas, passando pelas ameaças e tentativas de suicídio, até o ato definitivo em si. Segundo os autores, a noção de comportamento suicida evita uma tendência de valorização da consciência do ato suicida, permitindo uma melhor avaliação dos diversos fatores que influenciam e condicionam a progressão de pensamentos e comportamentos suicidas até a consumação do suicídio, o qual sofre variações quanto à motivação, intencionalidade e letalidade do ato.

Bastos (2009) assinala que, para avançar no estudo e compreensão do suicídio, é necessário ir além de posições preconceituosas, as quais tendem a considerá-lo ora como indício de coragem, ora como covardia. Para o autor, ainda que o suicídio, acontecimento que se localiza entre a vida pessoal e coletiva, esteja ligado a uma pluralidade de elementos, a questão do vínculo perpassa cada um dos elementos ou perspectiva pela qual se pode apreender tal ato.

Bertolote e Fleischmann (2004) realizaram uma revisão bibliográfica<sup>3</sup>, identificando mais de 15.000 casos de pessoas que morreram por suicídio as quais tiveram seu estado mental avaliado a partir de diagnósticos psiquiátricos, elaborados antes do óbito ou depois, por meio do método de autópsia psicológica. Esse é um método desenvolvido pelo

---

<sup>3</sup> A maior parte dos estudos analisados, 80%, proveio dos Estados Unidos, Dinamarca e Reino Unido.

suicidologista e tanatologista norte-americano Edwin Shneidman que consiste em avaliar, retrospectivamente, a causa de uma morte de ordem indeterminada, podendo estar associada tanto a causas naturais quanto a homicídio ou suicídio (Cavalcante e Minayo, 2012; Werlang e Botega, 2002). Nessa revisão em questão, os autores chegaram ao resultado de que 98% das pessoas que apenas tentaram ou tiveram o suicídio consumado possuíam um diagnóstico associado a um transtorno mental na ocasião do suicídio. Os principais diagnósticos associados foram transtornos do humor (depressão, na maioria dos casos), esquizofrenia, transtorno por uso de substâncias (principalmente álcool), transtornos de personalidade e psicose, transtornos mentais orgânicos e de ansiedade. Contudo, os autores ressaltam que, apesar de o tratamento do transtorno mental ser considerado importante medida preventiva, nenhum transtorno mental apresentou uma associação significativa a ponto de o tratamento causar algum impacto nas taxas nacionais de suicídio.

O filósofo canadense contemporâneo Ian Hacking (2009) oferece reflexões contundentes que partem de seu interesse na interação entre a prática humana de nomear as coisas e o que é nomeado. O autor se refere a uma constituição de si mesmo que é atravessada por conceitos, práticas e instituições que são específicas de um tempo histórico. Segundo o filósofo, as entidades que passam a existir, como as coisas, as classificações, as ideias, os tipos de pessoas, os povos, as instituições, ganham essa existência a partir da história, são fenômenos criados historicamente. Hacking (2009) usa o exemplo do trauma psíquico, uma ideia que redefine a noção de trauma, que antes se referia apenas a ferimento físico e agora transforma radicalmente o senso de si mesmo, redefinição que pode ser datada de 1893 a partir do pensamento freudiano.

Sua argumentação parte da constatação de que os estudos estatísticos oficiais do século XIX estão interessados em quantificar os desvios morais, iniciando o movimento de analisar numericamente a prostituição, a embriaguez, a loucura, o crime, o suicídio e afins. A partir dessa compreensão, surge um fenômeno definido como “inventar pessoas”, que é o processo de nomeação de tipos que inexistiam antes dessa estatística do desvio, criando, assim, diversas doenças mentais e o tipo “suicida”. Segundo esse filósofo, Durkheim se aproveitou do volume dessas estatísticas do desvio para avaliar o nível de patologia social envolvida no fenômeno do suicídio, criando um padrão caracteristicamente histórico e um *éthos* próprio do suicídio.

Esse movimento contemporâneo de criar tipificações de pessoas que se matam, alocando-as em categorias geradas em estatísticas que correlacionam uma série de elementos

acidentais ao suicídio, gera um aprisionamento hermenêutico que tende a reduzir o fenômeno a um âmbito que individualiza, objetifica e patologiza o ato de se matar.

Ao final de sua obra *O Deus Selvagem*, Alvarez (1971/1999) descreve sua própria tentativa de suicídio e afirma:

Quanto ao suicídio: os sociólogos e psicólogos que tratam o ato como uma doença me intrigam, hoje, tanto quanto os católicos e muçulmanos que o consideram o pior dos pecados mortais. A mim me parece que o suicídio está, de alguma forma, tanto além da profilaxia social ou psíquica quanto além da moral, e que é uma reação terrível, mas absolutamente natural às necessidades forçadas, estreitas e antinaturais que nós às vezes criamos para nós mesmos. E que não é para mim. Talvez eu não seja mais otimista o bastante. Acredito agora que a morte quando ela finalmente vier, provavelmente será bem pior do que o suicídio e, com certeza, muito menos conveniente. (p.275)

Em um estudo com pacientes que sobreviveram a tentativas de suicídios, Mello (2000) apresenta uma distinção entre suicídio racional e suicídio patológico. O autor desenvolve um estudo qualitativo que enfoca o significado da morte e do suicídio para esses pacientes, para buscar compreender se as tentativas de suicídios foram escolhas deliberadas, opções, ou se foram desencadeadas por processos psicopatológicos.

A partir de uma pesquisa para investigar como o suicídio se relaciona com a metrópole, Marquetti (2014 e 2012) descreve o suicídio como um ato de transgressão no qual se implode a perspectiva de que esse ato seria uma questão de foro íntimo. A autora ressalta que, como a morte na sociedade contemporânea se tornou invertida, escondida e negada, a pessoa que se mata transgredir convenções sociais, como a da negação da morte, a de se dispor da própria vida e a transposição da demarcação entre o público e o privado:

Abordamos o suicídio a partir da hipótese de que este seja um evento transgressor em relação ao padrão de morte ocidental, à medida que contraria preceitos deste padrão como a discrição, o controle técnico, a higiene e a privacidade, conforme aponta Ariès (1989)<sup>4</sup>. Observamos também que à morte foi designado um lugar específico: um espaço privado, nomeadamente, o hospital. Desta forma, o suicídio torna-se transgressor em mais um aspecto, ou seja, ele subverte as relações cotidianas em relação às regras do público-privado. Ao retirar-se do lugar a ele designado (o espaço privado e hospitalar) e lançar-se para a vida pública (familiar ou social) o evento suicida contesta dois dogmas solidamente erigidos na sociedade ocidental: o tabu da morte e o código de conveniências entre espaço público-privado. (Marquetti, 2014, p. 242)

---

<sup>4</sup> Ariès, P. (1989). *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias* (2a ed., P. V. Siqueira). Lisboa, Portugal: Teorema. (Publicação original de 1974).

A transgressão de algum padrão socialmente estabelecido tende a patologizar comportamentos desviantes. Essa tendência, no caso do suicídio, pode reduzir esse fenômeno ao horizonte histórico contemporâneo que naturaliza a associação entre suicídio, depressão e adoecimentos mentais diversos. A postura fenomenológica requer, portanto, a ultrapassagem da naturalização dessa associação para acompanhar a dinâmica existencial complexa de uma vida humana que inflige a si a própria morte.

As perspectivas aqui apresentadas indicam a variedade de pensamentos sobre o suicídio e a necessidade de um exercício contínuo de buscar compreensões em diversos campos e tempos históricos para manter o olhar atento e aberto a um fenômeno que não se esgota.

#### **4. Estudos sobre cartas e bilhetes**

Pesquisas sobre cartas e bilhetes deixados pelas pessoas que se mataram se concentram na área da Psicologia e Psiquiatria (Fernández-Cabana e col., 2015; Karbeyaz e col., 2013; Yang e Lester, 2011, Silva, 2008, Dias, 1991, Shneidman, 1993). Um desdobramento da concentração de estudos nessas áreas é que tais trabalhos tendem a buscar uma compreensão da psicodinâmica e de aspectos cognitivos dos indivíduos que possam elucidar o ato suicida ou compreender tal fenômeno pela via, sobretudo, psicológica. Segundo Fernández-Cabana e col. (2015), as análises de bilhetes de suicídio seguem principalmente dois caminhos, o de investigar o perfil psicológico do autor e comparações entre vítimas de suicídio que deixam ou não bilhetes, ou de uma análise linguística do conteúdo da escrita.

Edwin Shneidman (1918-2009) foi um psicólogo americano pioneiro no campo de estudos sobre suicídio. Durante muitos anos, ele buscou, em bilhetes e cartas, possíveis chaves de compreensão para desvendar o mistério do fenômeno do suicídio (Shneidman, 1993). Para esse estudioso, essas cartas são um documento pessoal que descrevem aspectos de um evento dramático.

Por serem escritas no contexto do ato suicida e, usualmente, momentos antes da morte se concretizar, Shneidman (1993) acreditava que os bilhetes poderiam oferecer uma janela privilegiada de acesso aos pensamentos e sentimentos que conduzem ao ato. No entanto, ao longo de seus estudos sobre essas mensagens, ele percebeu certa repetição nos conteúdos, como por exemplo: “Eu te amo... Eu sinto muito... Estou sofrendo (o tema central) ... Eu perdi o caminho... Não se culpe... Você me levou a isso... Por favor, seja bom com nossas

crianças... Conserte as velas de ignição do carro... Não venha nesse quarto...” (Shneidman, 1993, p. 98, tradução nossa<sup>5</sup>).

Na percepção desse estudioso, a constância de tais temas fez o estudo sobre cartas parecer decepcionante para *insights* significativos. Ele acredita que as pessoas escrevem essas mensagens em um estado de consciência e de percepção reduzidos, limitados, impedindo um avanço na compreensão do que se passaria em suas mentes. Mais tarde, reconheceu, no entanto, que os bilhetes, conjugados com a história de vida, podem ser um elemento importante e complementar da biografia de uma pessoa (Shneidman, 1993).

Yang e Lester (2011) elaboraram uma hipótese segundo a qual os bilhetes podem expressar um *self* mais orientado à expectativa do outro e não uma revelação especificamente de si ou de uma psicodinâmica própria do ato do suicídio. Os autores fundamentam esse argumento a partir de vídeos de homens bomba e de cartas escritas por kamikazes, produções que passam pelos líderes superiores dessas pessoas e, assim, elas tenderiam a expressar suas motivações em acordo com a aprovação desses líderes. Nesse sentido, a conclusão desse estudo aponta que o conteúdo dos bilhetes reflete mais a apresentação de certas expressões de si aos outros do que, necessariamente, uma expressão reveladora do fenômeno do suicídio em si.

Um estudo realizado na Espanha (Fernández-Cabana e col., 2015) utilizou um programa de computador, *Linguistic Inquiry and Word Count (LIWC)*<sup>6</sup>, para analisar o conteúdo linguístico de cartas de suicídio. Esse programa permite analisar o uso de palavras pelo autor, determinando a recorrência de palavras que conotam emoções negativas ou positivas, referência de si ou de temas específicos. Foram analisados 23 bilhetes, sendo os resultados comparados segundo o gênero, a idade e o ambiente. Os autores do estudo puderam constatar que os bilhetes escritos por mulheres são mais extensos e expressam mais conteúdos emocionais, negação, pronomes em primeira pessoa do plural e verbos no passado e no futuro, revelando mais envolvimento com os outros e maior profundidade na escrita. O conteúdo das mensagens escritas por pessoas de área urbana apresentam expressões mais emotivas, como emoções positivas e ansiedade, e palavras mais complexas em relação a pessoas de área rural as quais usam mais palavras que conotam maior conexão e integração social. As pessoas que

---

<sup>5</sup> “I love you... I am sorry... I am in pain (the central theme)... I have lost the way... don’t blame yourself... you drove me to this... please be good to our child... fix the sparkplugs on the car... don’t come into this room...” (Schneidman, 1993, p. 98).

<sup>6</sup> <http://www.liwc.net/liwcspanol/>.

escrevem bilhetes, de acordo com esse estudo, são mais jovens, solteiras, divorciadas ou viúvas e apresentam problemas sentimentais como principal gatilho do ato suicida, enquanto quem não deixa mensagens são frequentemente diagnosticadas com algum transtorno mental.

Um estudo conduzido por médicos forenses na Turquia (Karbeyaz e col., 2013) avaliou todos os casos de suicídio no período de 2001 a 2011, totalizando 399 casos, dentre os quais 168 pessoas deixaram alguma mensagem, em bilhetes, via mensagem de celular ou via redes sociais. Os autores fizeram uma comparação interna entre os 168 casos, considerando, principalmente, gênero, idade, conteúdo e causa enunciada nas cartas ou na investigação forense. A motivação entre pessoas jovens envolve amor não correspondido e ser abandonado, e os mais velhos revelam causas econômicas e doenças crônicas. A maioria das mensagens expressa pedido de perdão a Deus, solicitações de desculpas e declarações de amor, e uma minoria expressa raiva e revolta.

No Brasil, destacamos dois estudos realizados na área de Psicologia pela Maria Luiza Dias (1991) e Marcimedes Martins da Silva (2008).

Dias (1991) fez o levantamento no Instituto de Criminalística de São Paulo de mensagens via cartas, bilhetes e fitas de áudio deixadas pelas pessoas que morreram por suicídio entre os anos de 1986 e 1987. A tentativa expressa pela autora é de oferecer uma interpretação do fenômeno do suicídio em uma abordagem dialética, entre as dimensões individuais e sociais, ancorada conceitualmente na antropologia e psicanálise. Para a autora, os processos de modernização acentuam as experiências de angústia e depressão, levando a uma individualização e isolamento que não favorecem contatos sociais. Em uma sociedade marcada pelo tabu da morte, cada indivíduo tem de resolver por si mesmo os dilemas existenciais que emergem da decisão de como conduzir a própria vida, e nesse caso, a própria morte.

Silva (2008) busca uma compreensão do suicídio também em uma perspectiva psicossocial, amparando-se nas teorias de Freud e Durkheim e partindo do pressuposto de que o suicídio é um gesto de comunicação. O autor elege o termo “suicidado” para se referir àqueles que matam a si mesmos, e busca, por meio de análise de bilhetes e fotos da perícia da Polícia Técnica, ampliar a compreensão da relação entre o suicidado e a sociedade que culminou no ato do suicido. Para o autor, o ato de se matar é um gesto de comunicação cuja mensagem principal é o ato em si, enquanto os bilhetes são metamensagens e as fotografias são ícones. Ao morrer, o indivíduo retorna à sociedade de um novo modo, como o suicidado, em uma trama de comunicação reconfigurada que permanece ativa com os sobreviventes. As

responsabilidades individuais e sociais do ato do suicídio se interagem e comunicam uma mensagem ambígua nessa trama de comunicação social e de caráter político.

## 5. A epistolografia: a carta como gênero textual

O ato de escrever cartas alçou o *status* de gênero literário, a epistolografia. A epistolografia é usada como meio de investigação e conhecimento de traços biográficos e históricos. Para Mindlin (2010), a carta foi uma grande invenção e permaneceu como meio de comunicação por excelência durante muitos séculos, para correspondentes de curta ou longa distância.

Por meio de correspondências de Hanna Arendt para Karl Jaspers (Lafer, 2000), por exemplo, é possível tomar conhecimento de aspectos históricos relacionados à Segunda Guerra Mundial e ao nazismo, e, ainda, entender o processo de Arendt de resgatar e se reconciliar com sua própria tradição germânica por meio do seu vínculo com o conterrâneo Jaspers, considerado um mestre para ela.

Pode também captar o enaltecimento do cuidado de si e do outro como exemplificado nas correspondências de Machado de Assis:

*“A carta torna o escritor ‘presente’ em relação a quem ele se dirige. E presente não simplesmente através das informações que fornece sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e fracassos, sua fortuna ou suas infelicidades; presente de um tipo de presença imediata e quase física”.* (grifo da autora, Werneck, 2000, p. 142)

Um levantamento feito por Gerhard Fichtner, historiador alemão, indica que já foram publicadas mais de 3.000 correspondências de Freud, sendo estimado que o volume de cartas possa chegar a 20.000 (Mezan, 2000). Por meio desses escritos, é possível conhecer mais sobre a vida e obra de Freud, e o interesse por esse conteúdo transcende o âmbito da psicanálise, uma vez que sua prática epistolar possibilita conhecer “como funcionavam a cabeça e o coração de um grande homem” (Mezan, 2000, p. 161). Nas cartas de e para Freud, encontram-se as expressões de um jovem estudioso, apaixonado (nas correspondências com a noiva), e de pensamentos intelectuais que são o embrião de teorias e conceitos psicanalíticos. Há ainda a revelação de conflitos que levou a um refinamento da psicanálise e ao desenvolvimento da perspectiva analítica por Jung, como é retratado no trecho a seguir escrito por Jung no auge da ruptura entre ambos:

Gostaria de assinalar que sua técnica de tratar seus alunos como pacientes é um erro. Com isso, o senhor produz ou filhos servis ou alunos sem-vergonhas (Adler, Stekel e toda a gangue

insolente que agora anda fazendo as suas em Viena). Sou suficientemente objetivo para enxergar o truque: o senhor anda por aí farejando todos os atos sintomáticos na sua vizinhança, e assim reduz todo mundo ao nível de filhos e filhas que, corando, admitem seus erros. Enquanto isso, o senhor fica por cima como o pai. Por puro respeito, ninguém ousa puxar a barba do profeta [...] (338J, 18 dez. 1912). (Mezan, 2000, p. 170)

Segundo o que é possível saber da biografia de Fernando Pessoa, ele teve um único amor, Ofélia, cuja história, enlace e desenlace são acompanhados por meio da publicação das cartas trocadas entre o casal (Perrone-Moisés, 2000). Nas cartas, captam-se reflexos da famosa frase de Pessoa “Todas as cartas de amor são ridículas”, ao lado de expressões de seus heterônimos e, ainda, seu modo de se relacionar com o amor. Ao fim do romance, ao invés de seguir a tradição de devolver as cartas trocadas entre amantes, Fernando Pessoa solicitou: “Eu preferia não lhe devolver nada, e conservar as suas cartinhas como memória viva de um passado morto” (Perrone-Moisés, 2000, p.183).

Os exemplos citados acima apontam para uma característica estrutural da carta de formar uma unidade eu-outro-mundo, pois o movimento de escrever uma carta a alguém evidencia uma unidade entre aquele que escreve, o destinatário e um conteúdo que revela mais que a interação entre duas pessoas, mas também traços de uma época e um lugar . Esses três elementos podem se juntar por objetivos diversos, como para a construção de uma carta pública, privada, de cunho político ou íntimo.

Vemos também, nos exemplos acima de trocas de correspondências, um movimento que Werneck (2000) descreve do seguinte modo: “Quem escreve a outrem acaba reatualizando para si próprio as palavras enviadas” (p. 140). Ou seja, no processo de escrever a um outro, de organizar em palavras os afetos, acontecimentos ou mesmo informações em geral, abre-se um campo de possibilidade de reatualização para si mesmo daquilo que as palavras estão dando forma. Desse modo, o ato de escrever uma carta torna-se uma ocasião de revisitar, reviver e reelaborar tanto o acontecimento que está sendo comunicado quanto as experiências vividas daquele que escreve.

## 5.1. Van Gogh e a escrita de si

Têm surgido controvérsias quanto à morte por suicídio de Van Gogh<sup>7</sup>, uma vez que não apareceram testemunhas do momento do disparo da arma que o atingiu e culminou em

---

<sup>7</sup> Uma biografia de Van Gogh de autoria de Steven Naifeh e Gregory White, após 10 anos de estudos com auxílios de diversos tradutores e pesquisadores, aponta para a hipótese de um homicídio acidental ao invés de suicídio. Fonte: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/10/111017\\_vangogh\\_suicidio\\_cc](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/10/111017_vangogh_suicidio_cc).

sua morte. Consideramos, contudo, que o desfecho da vida do pintor holandês, seja suicídio, seja homicídio, não tornaria mais ou menos complexa e intensa a vida e a morte do pintor que imortalizou os girassóis e céus estrelados. Acompanhar o movimento de uma vida para além de um foco em seu desfecho, de modo sério, livre e respeitoso, é um modo potente de abrir o campo para a expressão da voz própria de uma biografia. Desse modo, afasta-se de um movimento simplista de enumerações de relações causais e mecânicas de comportamentos ou acontecimentos que encobrem a dinâmica viva de uma existência humana.

Como adjetivar uma obra como *Cartas a Théo*? É literatura? Uma autobiografia? Um livro didático de pintura? Um livro didático sobre adoecimento mental? Um clássico da epistolografia? Um livro sobre vínculo entre irmãos? Uma obra sobre uma relação pessoal com o infinito, com Deus, com a natureza, com as cores, com a arte, com cidades europeias, ou do modo como alguém se relaciona com a própria doença? Van Gogh consegue abranger todos esses temas em suas cartas ao irmão caçula, de tal modo que, se o leitor estiver buscando um aprofundamento em qualquer um desses temas, será capaz de alcançar compreensões refinadas sobre cada um deles.

O que Van Gogh escreveu de si nas cartas destinadas ao seu irmão Théo nos permite acompanhar a dinâmica pulsante de sua vida. Ao lermos sobre sua história a partir do que ele mesmo escreveu de si ao seu irmão, acompanhamos suas paixões, suas angústias, para muito além da sua loucura alocada em referências psicopatológicas. Van Gogh não foi simplesmente um pintor de belos girassóis que ficou louco, cortou sua própria orelha e, por fim, matou a si mesmo.

Em suas cartas ao irmão, Van Gogh não precisaria ter escrito uma palavra sequer sobre a consciência de seu próprio adoecimento. Apenas seguir toda sua dedicação integral e incondicional ao desenvolvimento da sua arte já nos faria entender o rumo que sua vida levou, o artista eternizado e até mesmo a possibilidade de ele mesmo ter provocado sua própria morte.

Vejamos algumas frases de Van Gogh (1914/1986) que nos revelam o modo próprio como ele vive o processo de criação artística:

Após estar desenhando durante algum tempo este trecho de terra, houve uma tempestade com um formidável aguaceiro, que durou bem uma hora. Mas eu tinha tomado um tal gosto pela coisa, que fiquei no meu posto e procurei bem ou mal um abrigo debaixo de uma grande árvore. Quando a tempestade passou e as galhas voltaram a voar, não me arrependi de ter esperado, graças ao admirável tom sombrio que o solo do bosque tinha adquirido depois da

chuva. (...) Como já tinha ajoelhado, antes da tempestade, com um horizonte baixo, tive que me ajoelhar no barro e é por causa de tais aventuras, que se produzem frequentemente sob as diversas formas, que no meu entender não é supérfluo usar roupas de operário, onde não há o que estragar. (p. 54)

O que faz com que eu saiba o que eu quero colocar em minha própria obra, e o que eu me esforçarei por atingir, por mais que eu tenha que me perder pessoalmente, é que tenho uma fé absoluta na arte. (p. 106)

É preciso morrer várias vezes pra pintar assim (p. 107)

Recitem o que quiserem sobre a técnica, com palavras de fariseus, vazias e hipócritas, o verdadeiro pintor deixa-se guiar por esta consciência que chamamos sentimento. Sua alma, seu espírito, não estão a serviço de seu pincel, mas seu pincel é que está a serviço de seu espírito. (p. 108)

Pareceu-me ver em sua bondosa carta tanta angústia fraterna contida, que sinto ser meu dever romper meu silêncio. Escrevo-lhe de plena posse de minha presença de espírito e não como um louco, mas como o irmão que você conhece. (p. 251)

Por mais intensa que possa ser minha sensibilidade, ou por mais que meu poder de expressão possa adquirir numa idade em que as paixões materiais ficam mais extintas, jamais eu poderia, sobre um passado tão carcomido e abalado, erguer um edifício predominante. (p.256)

Pois bem, em meu próprio trabalho, arrisco a vida e nele minha razão arruinou-se em parte(...). (p. 287)

Ler suas cartas é entrar em um mundo particular, de quem vê a realidade a partir das cores. Há quem, decerto, lê suas cartas em busca de aprimoramento ou mesmo como aulas de técnicas de pintura. Sua descrição minuciosa e atenta das cores é capaz de mudar radicalmente o modo como o leitor percebe o colorido do mundo à sua volta, pois é apresentada uma paleta de tons sem fim: elementos ocultos de laranja, castanho ruço do trigo, trigo novo de verde tênue, bronze dourado dos trigais, tom suficientemente azul, tom profundo do trigo maduro, sabão verde-escuro, cinza pérola, bronze ousado e magistral, vermelho-borra de vinho, rosa terroso, vermelho por si mesmo muito “canalha”, amarelo “limão tênue”, verde violento, branco duvidoso, amarelo pronunciado, amarelo fino, lilás lavrado, limão pálido, laranja fulgurante, amarelo-enxofre pálido, limão pálido ouro<sup>8</sup>.

Van Gogh era um apaixonado pela pintura, não queria fama, “calçar bons sapatos” ou ter uma vida “palaciana”. Para ele, bastava-lhe sustentar a si mesmo em uma vida simples de camponês, e calçar “tamancos”:

---

<sup>8</sup> Essas nomeações de cores foram retiradas de passagens ao longo da obra *Cartas a Théo*.

Lendo Sensier, impressionou-me o que ele conta do começo de sua carreira. Não me recordo textualmente, mas lembro-me bem do sentido; particularmente, que esta indiferença seria muito difícil pra ele, se sentisse a necessidade de calçar belos sapatos e se tivesse uma vida palaciana, mas, dizia ele, “já que ando de tamancos, me sairei bem”. Aliás, foi o que aconteceu.

Também espero jamais perder de vista “que se trata de andar de tamancos”, quero dizer com isto que se trata de ficar contente em ter o que beber, o que comer, onde dormir e com que se vestir. Trata-se em suma de ficar contente com o que têm os camponeses. (Van Gogh, 1914/1986, p. 95)

A descrição envolvente de seus pensamentos, reflexões, intimidades e do processo de criação abre um campo de imersão em cidades europeias, nas décadas finais de 1800. Não se vê o mundo das cores da mesma forma depois de ler suas descrições detalhistas e pormenorizadas de tonalidades das cores. Estar diante de uma pintura de Van Gogh é ser conduzindo a sentir a intensidade de sua dedicação, do seu empenho físico, emocional e intelectual para chegar até aquela composição. Assim sendo, torna-se difícil dimensionar o devido respeito e veneração merecidos pelo conjunto de sua obra, bem como o impacto para a escola impressionista, o campo das artes e mesmo o campo da dimensão humana. O quanto ele se consumiu para que se concretizasse essa realidade artística única no mundo? Apenas esse ponto já seria suficientemente justo para não se tomar Van Gogh como o louco que arrancou a própria orelha. Vicent pintava mais que uma forma humana ou uma paisagem, ele pintava a alma, por meio das cores, com toda sua marca radicalmente pessoal e como um colorista impecável. Consumiu a si mesmo, para criar uma arte que não se consome com o passar do tempo.

### **III – PERCURSO METODOLÓGICO: REFLEXÕES TEÓRICAS E EXPERIENCIAIS**

Este capítulo é dedicado à descrição do percurso de busca do material de pesquisa, do impacto, por parte do pesquisador, diante do objeto em estudo e da apresentação do modo eleito de cuidado e análise das vivências de pessoas que se mataram. Portanto, dividimos o capítulo em três partes: 1) A narrativa do processo de busca pelas cartas; 2) O relato do impacto diante do que foi encontrado; e 3) A apresentação das pessoas que se mataram e a indicação do método de análise de suas vivências.

A execução da pesquisa, em relação à procura e análise do material, passou por três fases. A primeira delas envolveu visitas às instituições da Segurança Pública das cidades de Belo Horizonte e Santa Luzia, em Minas Gerais, e de São Paulo em busca de mensagens deixadas por pessoas que se mataram, tendo a duração de aproximadamente dois meses<sup>9</sup>. A segunda fase, realizada em um período de cinco meses<sup>10</sup>, consistiu na leitura e imersão no material de pesquisa, na catalogação de inquéritos de suicídios e na coleta de cartas e bilhetes. A terceira fase abarcou o processo de eleger o modo de efetivação do objetivo da pesquisa, envolvendo, portanto, a seleção das mensagens que integrariam a tese, o trabalho e o cuidado de análise de vivências expressas nessas mensagens, processo que se iniciou na segunda fase e se estendeu até a elaboração da análise e discussão dos resultados.

Parte da descrição desse processo envolve experiências da pesquisadora, pois é a expressão de dilemas entre os limites pessoais e as necessidades exigidas na pesquisa de um tema que mobiliza afetos e cuidados. Nessas partes, a narrativa do percurso metodológico será escrita na primeira pessoa do singular. Contudo, o avanço da pesquisa só é possibilitado e concretizado no processo de orientação e em companhia e diálogo com outros autores. Assim, nas demais partes, o uso da primeira pessoa do plural se torna mais razoável e coerente.

---

<sup>9</sup> Para maiores detalhamentos, ver a descrição dos passos da busca pelo material de pesquisa, anexado ao fim da tese.

<sup>10</sup> Foi escrito um diário do processo de imersão e leitura dos inquéritos que se encontra em anexo.

## 1. A busca pelas cartas e bilhetes

A busca pelas cartas e bilhetes foi guiada pela possibilidade de ser permitido o contato a registros policiais sem se ter clareza do tipo de documento que se poderia ter acesso, ou mesmo em que instituição da segurança pública seria viável o desenrolar da pesquisa.

Meu total desconhecimento do funcionamento das instâncias e instituições da segurança pública me levou a quase andar em círculos, por dois meses, entre delegacias, departamentos de investigação e medicina legal, divisão de homicídios, academia de polícia, fórum e tribunal de justiça. Nesses lugares, conversei com dezenas de profissionais, podendo perceber e entender questões práticas, ideológicas e mesmo éticas de como essas instituições abordam e lidam com o suicídio. Quando me apresentava a recepcionistas ou a outras pessoas para pedir informações e explicar o que buscava, elas mal conseguiam me indicar para qual sala ou setor me dirigir. E, ao chegar à pessoa de referência, detentora das informações que eu solicitava, na maioria das vezes, a primeira notícia era que eu estava no lugar errado. Em seguida, desenvolvíamos uma breve conversa sobre o tema, e, por fim, eu recebia a sugestão para um próximo lugar de busca. Esse processo se repetiu dezenas de vezes.

Deparei-me com dois fatos de imediato, a ocultação e a dificuldade de acesso aos registros de suicídio, pelo menos a princípio, e a ligação do suicídio às instâncias criminais de investigação policial. Tal associação acontece por duas razões, por se tratar da investigação de um possível homicídio dissimulado ou da participação de terceiros, o que configura como crime passível de punição. Mas há também resquícios de pensamentos ideológicos que outrora consideravam o suicídio como um crime. Conversei com profissionais que atuam na segurança pública que descrevem o suicídio como um crime e, portanto, o Estado teria o dever de evitar. Por outro lado, dialoguei com profissionais que rebatem essa ideia, argumentando que a pessoa detém a liberdade sobre o curso de sua própria vida.

Nesses primeiros contatos, foi possível entender que, quando ocorre um suicídio ou tentativa de suicídio, em geral, a Polícia Militar é acionada sendo a primeira a chegar ao local, isolando-o, elaborando o boletim de ocorrência e convocando a Polícia Civil para fazer a perícia do local. O delegado, alocado na delegacia que abrange a área onde houve a ocorrência, é o responsável por instaurar o inquérito de investigação para a elucidação e comprovação do suicídio.

O encontro com um policial civil atuante na Polícia Técnico Científica de São Paulo foi decisivo para direcionar minhas tentativas de acesso aos registros de suicídio. Por meio de sua gentil disponibilidade, tomei conhecimento que os inquéritos policiais são de domínio público e estão sob a Lei de Acesso à Informação<sup>11</sup> que prevê o direito de acesso aos registros que eu buscava. O estado de São Paulo criou, ainda, o Serviço de Acesso à Informação (SIC), um serviço implementado por meio de um decreto que regulamenta a solicitação e acesso a documentos e dados relativos às instâncias e intuições da Administração Pública. Fui orientada a entrar com o pedido de acesso aos inquéritos em aberto nas delegacias e aos inquéritos concluídos e arquivados no Tribunal de Justiça.

Fui pessoalmente ao Tribunal de Justiça do estado de São Paulo, sendo informada da existência do setor de Gestão Documental, que é o responsável pelo atendimento de solicitações de acesso a arquivos especificamente para pesquisadores. Ao solicitar a permissão de contato com os inquéritos de suicídio arquivados, via e-mail, obtive, no mesmo dia, o acolhimento do meu pedido. Na semana seguinte, eu já pude iniciar as visitas à seção de arquivos do Tribunal e, finalmente, tive acesso aos primeiros inquéritos arquivados de suicídio.

Encaminhei, paralelamente e pessoalmente, um pedido de solicitação de acesso a inquéritos de suicídio em aberto nas delegacias, via SIC, e obtive um retorno, por carta, pedindo que eu esclarecesse e delimitasse melhor meu pedido. Fui pessoalmente conversar com a autoridade que me escreveu a carta, buscando maiores esclarecimentos quanto à possibilidade de ter acesso a esses inquéritos nas delegacias. O funcionário da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, que me escreveu, explicou-me, com solicitude, sobre os aspectos legais e éticos de acessar inquéritos de suicídio em aberto, envolvendo exposição de informações íntimas e pessoais, bem como a possibilidade de interferência na investigação. Como eu já havia começado a leitura dos inquéritos arquivados no Tribunal de Justiça, entendi, de imediato, a delicadeza dos argumentos levantados pelo funcionário e decidi ficar apenas com os inquéritos já concluídos e arquivados no Tribunal de Justiça.

---

<sup>11</sup> Lei número 12.527 de 18 de novembro de 2011.

## 2. Os inquéritos policiais

Somente após iniciar o contato com o campo de pesquisa, buscando as mensagens, o inquérito de suicídio se apresentou como um dos principais documentos a ser compreendido no presente estudo.

O inquérito policial é o instrumento de investigação de uma ocorrência cujo objetivo é a averiguação da existência de algum crime e de seu autor. Conforme esclarecido por Misse (2010), no Brasil, esse é um procedimento misto que cabe a duas instâncias: a policial e o Ministério Público. A instância policial é responsável pela condução da investigação que inclui providenciar declarações de testemunhas e diversas peças periciais. O Ministério Público, por sua vez, é responsável por dar a última palavra para transformar o inquérito em processo penal ou arquivá-lo, caso não sejam comprovadas evidências de crime. Assim, o inquérito é composto de duas etapas, uma investigativa ou “administrativa”, presidida por um delegado de polícia e na qual não se aplica o princípio do contraditório ou a produção de provas de defesa. Dessa forma, quando testemunhas são chamadas à delegacia durante a investigação e construção do inquérito policial, são prestadas apenas declarações e não depoimentos sob a exigência da verdade. Na segunda etapa, judiciária, os responsáveis são os juízes e promotores, detentores do poder de arquivar ou decidir pela “formação de culpa” e a consequente denúncia de um crime, que transforma o inquérito em processo judiciário.

O inquérito aberto em uma ocorrência de suicídio ou tentativa de suicídio é composto de várias peças técnicas cuja finalidade é constatar a existência de um crime contra a vida, nesse caso, o homicídio dissimulado ou a existência de ajuda, instigação ou indução de terceiros para a pessoa consumir o suicídio. Um inquérito de suicídio é aberto com uma Portaria elaborada pelo delegado, que resume a ocorrência investigada, as diligências e os encaminhamentos necessários para dar andamento às investigações. Na página seguinte, está anexado o boletim de ocorrência elaborado pela Polícia Militar, já com os dados pessoais e informações gerais de uma ocorrência de suicídio (data, hora, local, método usado para morrer, testemunhas, etc.). Nas demais páginas, estão presentes declarações de familiares e testemunhas, laudos técnicos da perícia, laudos do IML, cartas ou bilhetes e tudo quanto possa comprovar o suicídio. Por fim, o delegado elabora um relatório, resumindo as informações principais levantadas e encaminha ao Ministério Público (promotor e juiz) que tem o poder de requerer mais provas e declarações, abrir um processo penal, quando há

evidências de um crime (desfechos que raramente acontecem), ou encerrar o inquérito, concluindo se tratar de suicídio e, então, determinar o arquivamento.

Diante dessa estrutura, ficou bastante evidente que o inquérito de suicídio contém a história da morte de uma pessoa, com uma dimensão objetiva, por meio das provas periciais, e com tonalidades subjetivas, por meio de declarações de familiares que perderam um ente querido; de testemunhas oculares de um acontecimento violento as quais podem descrever os minutos que antecederam o ato; nas palavras dos profissionais que escrevem os relatórios que, mesmo sendo técnicos, revelam posicionamentos morais e afetivos diante do suicídio; e, especialmente, nas cartas e bilhetes.

Contudo, é preciso considerar as limitações desse documento. Os inquéritos são construções do campo jurídico para a produção de sentido de um acontecimento, as peças técnicas são construídas e reunidas para a formação desse sentido. A criação desse documento está exposta a falhas humanas no processo de construção das peças periciais, sendo relativamente comum encontrar incongruência de informações, laudos inconsistentes e uma variação técnica de rigor na condução da investigação entre um e outro caso de suicídio. Além disso, as declarações prestadas por familiares e testemunhas de uma ocorrência de suicídio no contexto e formato em que isso acontece é também um dos direcionadores do conteúdo declarado, que é realizado na impessoalidade de uma delegacia e, muitas vezes, sob o impacto do acontecimento de uma morte violenta.

### **3. A pesquisa documental**

Os documentos são objetos de pesquisa ricos em informações e de caro valor às Ciências Humanas e Sociais, consistindo em uma fonte oficial e fechada de pesquisa, em contraposição às fontes abertas, como a *world wide web*, e que permitem uma leitura particular de um evento social (Gil, 1989; Sá-Silva, Almeida e Guindani, 2009; May, 1993/2004). Eles servem a diversas modalidades de pesquisa, em uma abordagem quantitativa ou qualitativa, guardando informações significativas para a construção de conhecimento científico e compreensão de fenômenos da realidade.

Documentos escritos e oficiais são valorizados por serem registros autênticos de um acontecimento ou uma atividade humana e social, porém não se pode ignorar que sua objetividade deve ser contextualizada, levando em consideração os pensamentos e características de um lugar e uma época. Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) argumentam que o documento se associa a uma ideia de prova jurídica desde a antiguidade, e com o

advento do positivismo, esse sentido de prova foi preservado e vinculado também, fortemente, à objetividade científica. Por isso mesmo, parte da crítica que recai sobre a pesquisa com documentos se refere à negligência do pesquisador em relação à hermenêutica dos registros do objeto em estudo. Além disso, o referencial teórico e metodológico do pesquisador é um dos reguladores da relação que se estabelece entre o documento, o leitor e sua análise. Assim, convém explicitar de onde se parte teoricamente e como um documento é trabalhado, segundo o método de pesquisa.

May (1993/2004) menciona quatro critérios para se avaliar a qualidade de um documento: autenticidade, credibilidade, representatividade e seu significado. Esses critérios são norteadores da análise de um documento que possui, inevitavelmente, alcances e limitações, e tal discernimento e clareza são condições para o desenvolvimento consistente de uma pesquisa documental. O texto e diversos conteúdos do documento devem ser lidos e analisados com a inteligibilidade que reconhece e preserva a especificidade do que ele oferece.

#### **4. A imersão na leitura de inquéritos de suicídio**

O processo de desarquivamento dos inquéritos de suicídio foi intermediado por uma funcionária da Gestão Documental do Tribunal de Justiça de São Paulo. A funcionária em questão fez um levantamento no sistema de dados informatizados do Tribunal para a realização de busca de inquéritos de suicídio cadastrados no sistema e que estavam acessíveis para serem desarquivados. A busca foi feita utilizando como entrada a palavra “suicídio” no campo “Classe/Ação”, com a indicação de intervalos de tempos específicos para cada busca e informando as regionais de origem dos processos cadastrados. Por meio da busca, foi possível identificar os inquéritos disponíveis e a sua localização para efetivação do desarquivamento.

Figura 1. Sistema de busca de inquéritos de suicídios arquivados

Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo				Emissão: 08/11/2016 17:52:28				
Relatório de Processos Cadastrados				Ordenado por Caixa				
Regional: JABAQUARA REGIONAL III				Página: 1				
Ofício: Não informado				Todos os Volumes				
Ano de Processo Inicial: 2000				Ano de Processo Final: 2015				
Número de Pacote Inicial: Não informado				Número de Pacote Final: Não informado				
Ano de Pacote Inicial: Não informado				Ano de Pacote Final: Não informado				
Classe/Ação: SUICIDIO				Cliente: Não informado				
Caixa	Etiqueta	Reg. Ofic.	Classe	Número único	Processo / Ano	Vol Pacote / Ano	Réu	Sit.

Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

Foram lidos e catalogados 127 inquéritos de suicídio, dentro de um recorte temporal de 1913 a 2009. Esse número não equivale à totalidade de inquéritos de suicídios existentes nesse período, mas corresponde tanto à viabilidade de inquéritos ao desarquivamento quanto à razoabilidade de reunir uma quantidade satisfatória de material para análise. Entre esses inquéritos, há casos de suicídios consumados e de tentativas de suicídio, e entre estes últimos, há os que incluem depoimentos da pessoa que tentou se matar. Ao todo, foram encontradas 25 mensagens, entre cartas e bilhetes.

A riqueza desse documento permite uma compreensão do suicídio como fenômeno social que caminha em paralelo às mensagens deixadas pelas pessoas que se mataram. Esse fator torna pertinente a busca de contribuições peculiares para a expansão do campo de análise do fenômeno em estudo nas diversas modalidades de histórias lidas, peças técnicas do inquérito e épocas desse recorte temporal.

Figura 2. Imagem de um inquérito de 1913

2º Fls. 1

1913

**Primeira Delegacia de Policia**

SÃO PAULO

REGISTADO  
do livro n.º 38  
de 1913 de 1913  
Segurança Publica.  
*cau de Medeiros*



327  
O Escrevente  
*Barros*

**AUTOS**  
— DE —

*Inquerito em que são:*

*A Justiça* *A.*

e

*Suicida*

**Autuação**

*Aos nove dias do mes de Abril*  
*de mil novecentos e treze*, nesta cidade de São Paulo, no Posto  
*Policial da Primeira Delegacia em meu cartorio autuo a portaria*  
*ria*, que adiante se segue; do que  
*para constar laco este termo.*

*Eu,* *Escrevente escrevi.*

Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

Figura 3: Capa de um inquérito de 2009

RECALL TJ- IPT, T. 11/08  
TJ1 1000616304 - 8

Registrado sob n.º [redacted]  
do livro competente n.º [redacted]

ano: 2009 fl.01

São Paulo, 16 de abril de 2009.

\_\_\_\_\_  
Escrivão

[redacted]

[redacted]



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DE SÃO PAULO  
4º DISTRITO POLICIAL - CONSOLAÇÃO

"INQUÉRITO POLICIAL"

NATUREZA.....: " SUICÍDIO "

Vítima.....: [redacted]

Autora.....: A Justiça Pública

AUTUAÇÃO

Aos 16 dias do mês de abril do ano 2009, na cidade de São Paulo, junto ao 04º D.P. - Consolação, autuo a presente Portaria e demais peças que adiante, seguem, do que, para constar, lavro este termo.

Eu,....., Escrivão que o digitei.

[redacted]

Escrivão de Polícia Há OBJETOS apreendido(a)(s)  
Fls. 101 e 102

Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

Cabe destacar que foi firmado um termo de compromisso, sigilo e confidencialidade com o Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, o qual permitiu o acesso aos inquéritos arquivados. Assim sendo, a presente pesquisa responde aos aspectos éticos e legais constantes na Lei de Acesso à Informação nº 12527/2011. O termo e o credenciamento que oficializa tal permissão se encontram em anexo.

Conforme adiantado nas linhas introdutórias da tese, o contato com o material de pesquisa inaugurou uma série de questões que emergem no contato com o outro, com o estrangeiro. A autorização formal do Tribunal de Justiça de São Paulo para acesso aos inquéritos arquivados de suicídio não foi suficiente para a acomodação de inquietações éticas nascidas no contato com dimensões íntimas de um estrangeiro.

Ao chegar, ingenuamente, com uma noção rudimentar do que eu encontraria nesse documento, imaginei que teria o trabalho de apenas selecionar os inquéritos que contivessem mensagens, reunir uma quantidade razoável de mensagens e finalizar essa fase de coleta de dados. Porém, o contato inédito com a singularidade própria de um inquérito policial redimensionou e inaugurou, de fato, minha relação com o objeto de estudo.

Figura 4: Estante reservada aos inquéritos desarquivados



Fonte: Autoria própria

O primeiro desafio, e o mais fácil deles, foi entender a estrutura constitutiva de um inquérito policial. Demorei mais de uma hora para ler o primeiro inquérito, que continha pouco mais de 60 páginas, o que pode ser considerado relativamente pequeno.

O segundo desafio consistiu em acomodar a efervescência de questões éticas relacionadas ao contato com histórias muito pessoais e íntimas. Percebi, de imediato, que, no inquérito de suicídio, tem-se acesso à história da morte de uma pessoa e de uma parte significativa de sua vida. Pelas declarações das testemunhas, é possível reconstruir partes de histórias de vidas, vínculos familiares, segredos de família, e tudo quase sempre atravessado por tons de desolação e tragédia. Por meio das mensagens encontradas, conheci dramas, confissões de dores e exposições das mais diversas feridas existenciais. Tudo isso solicitou respeito e cuidados impecáveis.

O terceiro desafio, o mais difícil e mais duradouro, envolveu o processo de absorver e acomodar a violência trágica que aparece enredada ao contexto de um documento da especificidade de um inquérito policial. Esse documento contém a história de uma morte que aparece envolta por tons trágicos, e, no segundo inquérito lido, deparei-me com a representação concreta e literal dessa violência. Em uma ocorrência de suicídio na qual a pessoa morre no local, a polícia técnica é responsável por fotografar as cenas onde se consumou o ato, registrando também as imagens do corpo. Quando percebi a existência de tais fotos no inquérito em minhas mãos, pausei a leitura e entrei no dilema relacionado às exigências de meu trabalho de pesquisadora e meus limites, buscando avaliar a necessidade, a relevância e as condições pessoais de ver e analisar as imagens dos corpos. Decidi ver as fotos, mas sem conseguir definir se faria o registro fotográfico ou não das imagens, como estava fazendo com as outras partes relevantes do inquérito.

O primeiro inquérito com imagens dos corpos e que me lançou nesse dilema era um caso de suicídio duplo. A esposa vivia há muitos anos com uma enxaqueca insuportável, tentou diversos tratamentos, tradicionais e alternativos, sem que a cura se realizasse ou a dor cedesse. Ela escreveu uma carta três meses antes da consumação de sua morte, explicando esses fatos e inocentando o marido de qualquer culpa que pudesse recair sobre ele, pois ele era médico e a ajudava com empenho a suavizar sua dor, segundo as palavras dela. De acordo com os laudos e depoimentos, a esposa ingeriu uma overdose de medicamentos, assumindo a possibilidade de se matar, e o marido, ao chegar e encontrá-la morta na cama, ingeriu medicamentos que provocaram sua morte. Nas fotos da perícia, pude ver os corpos já em processo de decomposição, pois foram encontrados dias depois do ocorrido. Tudo aconteceu no quarto do casal, o marido trajava as roupas brancas características de sua profissão, e

estava meio sentado e meio caído entre a cama e o chão, enquanto a esposa estava estendida na cama.

Quando cheguei à leitura do primeiro inquérito em que a pessoa consumou o ato do suicídio se precipitando da janela de seu quarto, do décimo terceiro andar, decidi, em definitivo, não registrar nenhuma imagem das fotos da perícia do local e dos corpos. A decisão envolveu o movimento de preservação da integridade das pessoas que se mataram, não reproduzindo a imagem de suas desintegrações e fragmentações físicas. No entanto, não silencieei as mensagens que essas imagens transmitem, pois fazem parte do fenômeno em estudo. O desafio consistiu em alinhá-las ao propósito da presente pesquisa, que é dar voz a quem vive a experiência de matar a si e abrir espaço para a expressão dessa experiência.

O processo de ler os inquéritos se assemelhou, às vezes, à leitura de um drama literário com direito a reviravoltas quase sempre trágicas. Eu abria o inquérito e ia, aos poucos, conhecendo e reconstruindo uma história, começando pelo nome da pessoa, local e modo da execução do ato, e assim por diante. É bastante comum, nas histórias dos inquéritos, a pessoa ser encaminhada para o hospital após a tentativa de suicídio, e somente no decorrer da leitura e dos depoimentos, às vezes muitas páginas depois, é revelado que a pessoa faleceu. Por outro lado, também acontecia de a pessoa sobreviver e ainda ir depor. Houve um inquérito em que, só no segundo depoimento da mãe da pessoa que se matou, já transcorrido mais de um ano da ocorrência, foi revelado que a pessoa digitou no computador uma carta poucas horas antes de se matar. E uma das reviravoltas mais marcantes foi a história de um jovem que se lançou nos trilhos do trem, foi levado com vida para o hospital e, no depoimento do bombeiro que o socorreu, foi anunciada a notícia de seu falecimento. No entanto, ao continuar a leitura, comunicou-se que, na verdade, ele sobreviveu, permanecendo um mês internado e, por fim, montou-se uma UTI em sua casa para manter a vida desse jovem que sobreviveu com sequelas que o impedem de se mover, falar e, segundo o irmão, de estar consciente do que se passa ao seu redor.

Ao sair do Tribunal no primeiro dia da minha visita, constatei que meu trajeto de deslocamento oferecera uma ocasião oportuna de preparo, na ida, e de absorção e acomodação do impacto de contato com as histórias, na volta para casa. O trajeto que levava menos tempo incluía fazer uso de um ônibus, dois metrô, um trem e mais 10 minutos de caminhada, variável conforme o impacto do dia. Chegava ao Tribunal depois de quase duas horas de deslocamento e permanecia por volta de seis horas, lendo as histórias dos inquéritos. O

primeiro dia de ida ao campo ainda permanece como o mais impactante, levando-me a questionar todo meu envolvimento com o tema de pesquisa e o sentido de estar desenvolvendo este trabalho. Por fim, saí de lá com uma vontade imensa de ser abraçada fortemente por alguém que me amasse muito. Minha experiência de ler histórias de suicídio me levou a estar face a face com os limites da vida e com os sentidos e desejos mais caros à existência humana, tanto dos protagonistas dessas histórias quanto dos meus próprios.

## **5. Análise fenomenológica das mensagens de Vicente, Beatriz, Teo, Kamila, Alisson e Manuela**

Para selecionar as cartas e bilhetes que compõem esta tese, elegemos como critério trazer exemplos de tempos diferentes e de histórias que explorassem campos diversos de experiências humanas. Os autores das cartas e bilhetes cujas vivências serão analisadas nesse trabalho são:

1) Vicente, jovem de 20 anos e de origem portuguesa, que findou sua vida nas primeiras décadas do século XX, em 1913, deixando uma carta para uma moça e um bilhete para a polícia.

2) Beatriz, 29 nove anos, paulistana, que consumou sua morte em 1977, anunciando a possibilidade do suicídio, por meio de uma carta, três meses antes.

3) Teo, paulista de Piracicaba, de 33 anos, protagonista de uma história de homicídio seguido de suicídio, no ano de 1989, que deixou mensagens escritas para seus pais.

4) Kamila, paulistana de 30 anos, que escreveu uma carta à irmã pouco tempo antes de se matar, em 1996.

5) Alisson, o guarulhense de 26 anos de idade, que escreveu uma mensagem direcionada aos que lhe eram caros antes de se matar, no início do mês de março do ano 2000.

6) E Manuela, paulistana de 29 anos, que, em 2009, elegeu a impessoalidade da banheira de um hotel para encerrar sua vida, expressando seus afetos por meio de diversos escritos.

A análise de vivências será guiada pela postura fenomenológica de *epochè*, ou seja, colocar entre parênteses a aceitação da existência como “natural” para dirigir a atenção sobre os elementos essenciais do fenômeno (Ales Bello, 2000). A postura metodológica da fenomenologia de suspensão de concepções prévias referentes a um fenômeno ajudará no processo de apreensão da intencionalidade do vivido na experiência do suicídio.

A metodologia de análise dos dados seguirá as diretrizes propostas pelo fenomenólogo van der Leeuw (1933/1964), que se subdividem em sete passos: 1) Análise atenta dos dados colhidos para a organização e nomeação das vivências dos sujeitos; 2) Inserção metódica e vivência consciente do pesquisador para a apreensão das ressonâncias do fenômeno que se mostra, como reconhecimento da impossibilidade e impraticabilidade da neutralidade e da possibilidade de maior rigor na distinção dos sentidos próprios do fenômeno a ser compreendido; 3) a *epoché* fenomenológica; 4) clarificação e categorização do fenômeno a partir da identificação das conexões de sentidos que se formam a partir das vivências; 5) compreensão do que se apresenta com o sentido próprio do que é mostrado para identificar a estrutura ou a experiência típica; 6) cuidado contínuo de voltar aos dados colhidos e confrontá-los com as conexões de sentido formadas para ratificá-las ou reformulá-las; 7) apresentação do fenômeno a partir da reconstrução das vivências e da apreensão dos sentidos por elas expressos.

Para Amatuzzi (2009), o último passo de uma pesquisa fenomenológica, e não menos relevante, é a comunicação do que foi encontrado a fim de colher as ressonâncias do que se produziu e de criar uma interlocução com a comunidade científica ou com outro público específico.

## IV – A MORTE DE SI POR ESCRITO: ANÁLISE COMPREENSIVA DAS MENSAGENS

Para alguns, a vida sepulta mais que a morte. Que eu, de mim, só tive duas condições: desterrado e enterrado (Avô Mariano).  
Mia Couto (2003, p. 199)

Um olhar à primeira vista para os inquéritos e cartas de suicídio tende a se concentrar nos conteúdos informativos que seriam tomados como explicações para uma ocorrência de suicídio. No entanto, o objetivo, nesta pesquisa, é descrever e acompanhar a experiência vivida de quem se mata, e tal intuito requer uma ultrapassagem de informações explicativas para o processo de apreensão de elementos estruturantes da experiência dessas pessoas.

Neste capítulo, apresentaremos as cartas e a história da morte por suicídio de Vicente, Beatriz, Teo, Alisson, Kamila e Manuela. Percorreremos suas palavras, acompanhando suas caligrafias, expressões afetivas, vínculos com os destinatários, percepções diante de si, do outro e do mundo.

Começaremos com um breve resumo da história, em seguida transcreveremos a carta na íntegra, na sequência oferecemos uma compreensão de vivências expressas na mensagem e, por fim, traremos olhares de pessoas que testemunharam, de algum modo, o acontecimento do suicídio em questão.

Assim, embora o foco central do nosso trabalho seja a vivência da pessoa que se mata, seguiremos, brevemente, a orientação de um olhar de fora, externo à vivência do suicídio em primeira pessoa. O acesso aos inquéritos nos permitiu contato com declarações de familiares e testemunhas que tem um alcance relevante no exercício de compreensão de um fenômeno ambíguo e enigmático. A pretensão é explorar cada detalhe, sutileza que possa nos ajudar a expandir nosso entendimento dos elementos que podem fazer parte da consumação de uma morte por suicídio e dos impactos causados por esse acontecimento.

### 1. Vicente

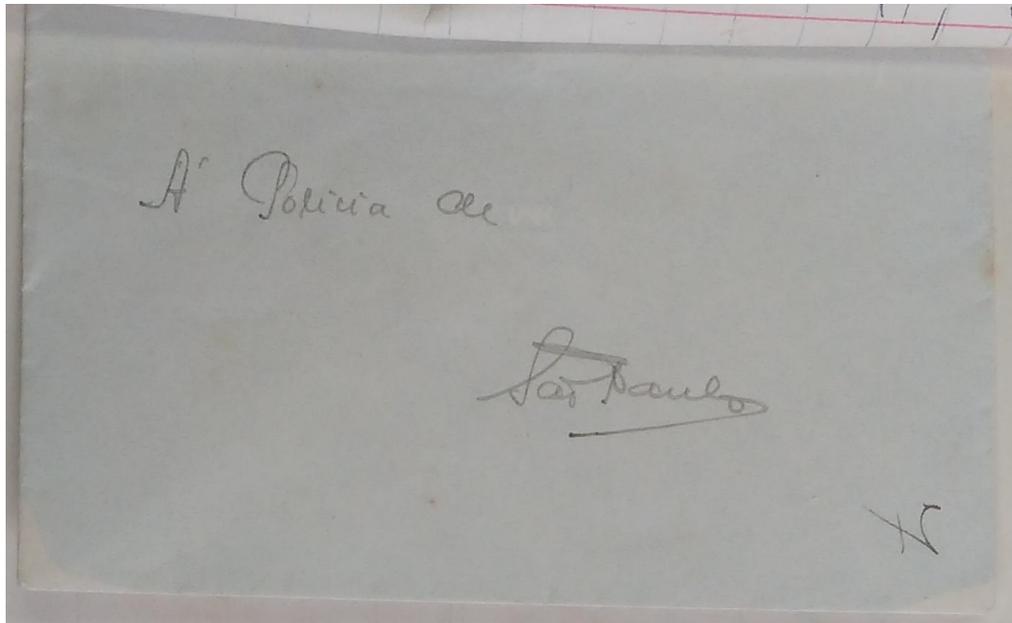
Em um inquérito de dezessete páginas, somos transportados para um sábado, no dia 8 de novembro de 1913 e, por meio de uma caligrafia impecável, tomamos conhecimento dos afetos que antecederam a morte de Vicente, de 20 anos de idade e de nacionalidade portuguesa.

O jovem português ingeriu uma dose de “strichinina”, segundo a grafia da época, um pesticida usado contra ratos. Ele ainda foi socorrido por uma ambulância da polícia e levado

para o hospital Santa Casa de Misericórdia, mas faleceu por volta de trinta minutos depois de chegar ao hospital.

Foram encontrados uma carta e um bilhete, cuidadosamente escritos, dobrados ao meio e acomodados em dois envelopes pequenos, um destinado à mulher amada, no qual havia o endereço de sua residência, e o outro à polícia, respectivamente. A carta ocupou cinco folhas de papel, sem pautas, escritas com caneta tinteiro, somente na parte da frente, com o verso em branco, enquanto o bilhete direcionado à polícia se resumiu a uma única frase, ocupando o centro de uma folha e deixando grande espaço em branco.

Figura 5: Envelope do bilhete destinado à polícia



Fonte:Tribunal de Justiça de São Paulo

### 1.1. A mensagem

Ana.

Quando receber esta carta já eu estarei morto. Jurei-lhe que havia de ama-la até morrer e que o dia em que soubesse que a senhora já não me amava, esse dia seria o último da minha vida. Hoje cumpro o juramento que lhe fiz. Sei que a senhora nunca sentiu por mim a mínima partícula de amizade, de que me serviria, portanto, viver? Ai, Ana, não se brinca assim com o coração de um homem. Por que me fez viver illudido durante tanto tempo? Porque me fez

viver tanto tempo enganado? Porque não me esgarrou nas faces todo o seu desprezo quando eu commetti infâmia de dizer-lhe que a amava?

Tudo isso era preferível às cruéis desillusões de agora. Mas a senhora disse que também me amava e que nunca, sucedesse o que sucedesse, deixaria de me ter amor.

Em tudo o que lhe disseram a senhora acreditou. Que eu mostrava as suas cartas, que eu fazia fitas com várias moças, quando isso eram infames inimigas, cujo único fim era collocar uma barreira entre nós dois.

Diz-me a consciência que nunca a profanei com uma só palavra nem tão pouco tive a seu respeito maus pensamentos. Amava-a tanto que se a senhora chegasse perto de mim e me dissesse: - morre! – eu morreria e morreria feliz por cumprir uma ordem sua.

Mas a senhora julgou-me indigno de si e deixou-se vencer pela vontade de sua família. Uma Ana Carvalho deve cazar com um que seja millionario e nunca com um humilde empregado de pharmacia como eu:

Hontem eu convidei-a a fugir comigo e a senhora não me comprehendeu. Se às oito horas, hora combinada, a senhora fosse ter comigo, encontrar-me-hia, mas nenhum automóvel lá estaria. Quando a senhora chegasse perto de mim eu dir-lhe-ia para voltar para casa, porque bastava-me saber que era amado. Convidei-a para fugir, é certo. Mas juro-lhe neste instante expresso, que nunca me passou pela mente, fazer semelhante cousa. Queria apenas saber se realmente a senhora me tinha amor e agora vejo que não.

De que me serviria portanto a vida se sem a senhora não posso viver?

Morro e morro feliz, porque morro por si, pelo tanto que eu a amei.

De resto, ninguém chorará a minha morte.

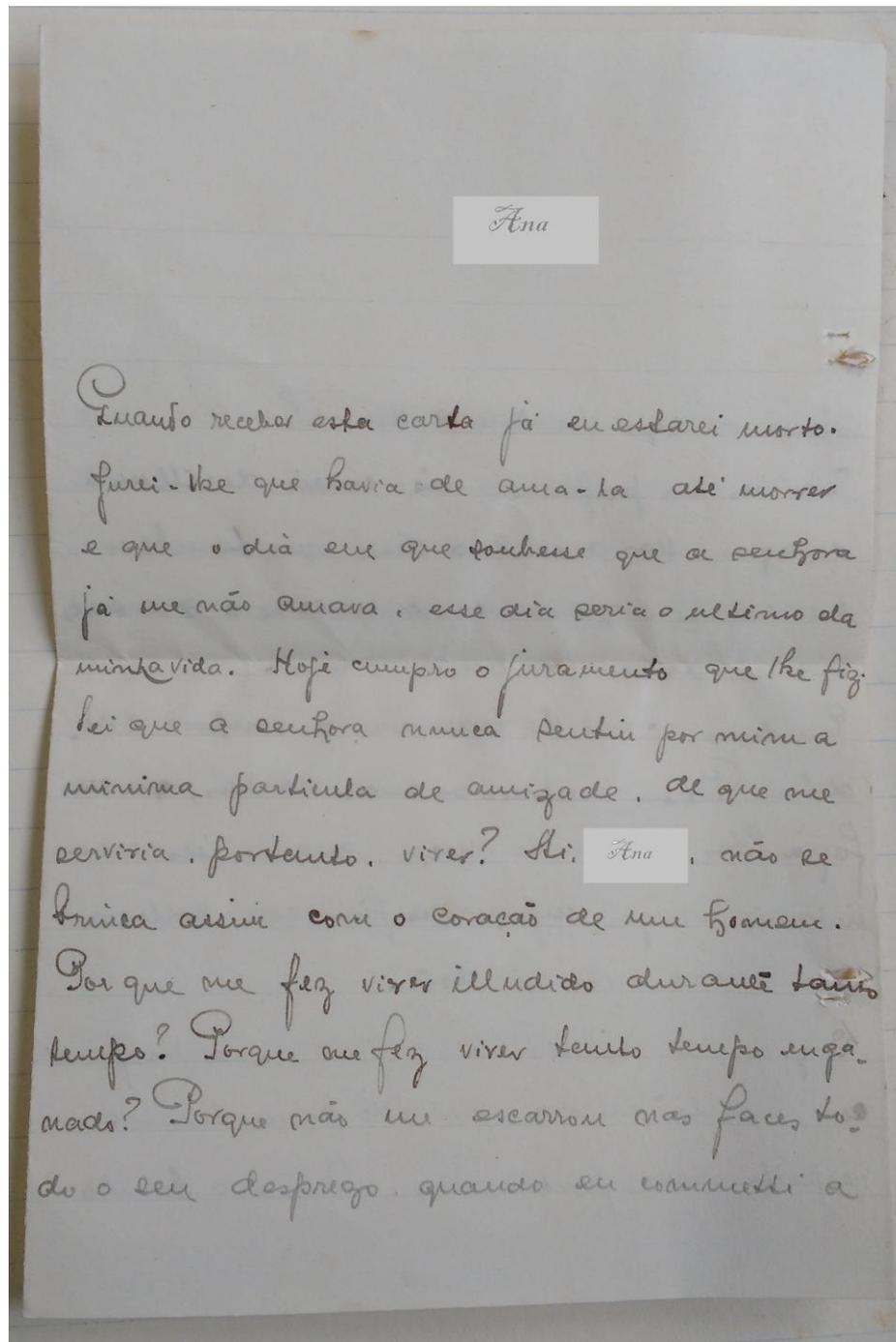
Agora eu sei que a desgostara quando eu costumava passar à sua porta. Perdoe-me, eu pensava dar-lhe com isso algum prazer.

Adeus, Ana, ainda mais uma vez lhe juro que o meu amor por si foi sempre honesto e santo e peço-lhe que vá algumas vezes collocar uma flôr sobre a minha campa.

Vicente da Silva Andrade

São Paulo, 8.11.1913

Figura 6: Página 1 da carta destinada à Ana



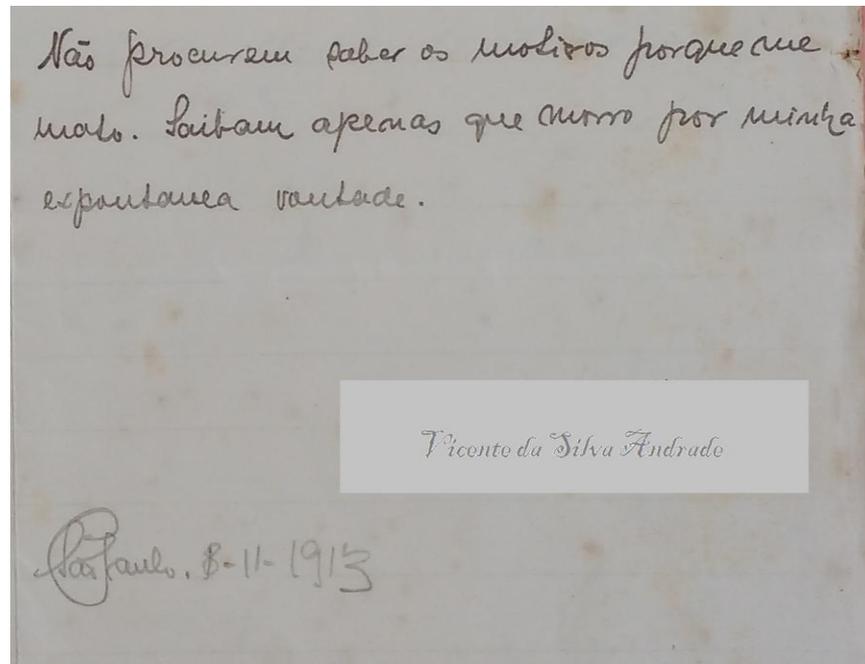
Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

Bilhete destinado à polícia de São Paulo:

Não procurem saber os motivos porque me mato. Saibam apenas que morro por minha espontanea vontade.

Vicente da Silva Andrade  
 São Paulo, 8-11-1913

Figura 7: Bilhete destinado à polícia



Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

### **1.2. De que me serviria, portanto, a vida se sem a senhora não posso viver?**

Vicente escreve duas mensagens, em separado, elegendo dois destinatários específicos, Ana e a polícia de São Paulo. O bilhete destinado à polícia realça a peculiaridade de ele se ocupar em se adiantar e facilitar a investigação policial de sua morte. Antes de tomar uma dose de estricnina, Vicente deixou por escrito a confissão da plena autonomia por sua morte, antecipando o encaminhamento da investigação e estabelecendo um diálogo com os futuros investigadores.

Não é possível saber a ordem em que as duas mensagens foram escritas, e embora elas tenham destinatários e conteúdos diferentes, há um tema marcante em comum. Há um movimento de apropriação simultânea de sua vida e de sua morte, em via de mão dupla, pois, na carta, sua vida está sendo afirmada por meio de sua morte e sua morte é uma afirmação de sua vida. No bilhete para a polícia de São Paulo, Vicente se apropria de sua morte, por meio do ato vivo de escrever e de assumir, em tons firmes, a autoria pelo desfecho de sua existência. Na carta para Ana, o jovem português se apropria de sua vida, por meio da

fidelidade a um juramento de não permanecer nem mais um dia vivo sem ser amado por ela. A apropriação de sua vida, afirmada com sua própria morte, dão o tom e o sentido das palavras desse jovem de vinte anos de idade. Desse modo, as apropriações da vida e morte de Vicente estão associadas à sua entrega e ao seu pertencimento à Ana e a essa história de amor.

A carta para Ana possui quatro temas mais centrais, ou quatro afetos, que pulsam mais fortemente nas palavras de Vicente: quebra de uma jura de amor por parte da Ana, o cumprimento e a confirmação de seu juramento, de seu amor e de seu cuidado à amada, reprovação familiar do romance entre o casal de origens sociais distintas e a coexistência entre a dúvida e certeza de ser ou não amado. Acompanhamos a história de Vicente a partir desses quatro temas.

Seguindo os afetos nas palavras de Vicente, sua vida e sua morte estavam, significativamente, vinculadas ao romance com Ana. Elegemos o subtítulo da presente seção considerando o fato de que seu viver e seu morrer estavam fidelizados à sua história de amor: *“De que me serviria portanto a vida se sem a senhora não posso viver? (...) Morro e morro feliz, porque morro por si, pelo tanto que eu a amei”*. Por um lado, ele estava pronto para morrer pela afirmação de um amor *“honesto e santo”*, pelo ideal de amar e ser amado: *“Diz-me a consciência que nunca a profanei com uma só palavra nem tão pouco tive a seu respeito maus pensamentos. Amava-a tanto que se a senhora chegasse perto de mim e me dissesse: - morre! - eu morreria feliz por cumprir uma ordem sua”*. Por outro lado, Vicente estava pronto para deixar de viver caso não fosse mais amado por Ana.

Segundo o que nos é informado na carta, houve uma troca de juras de amor entre Vicente e Ana, enquanto esta jurava um amor incondicional e perene, o jovem fazia juras de um amor vitalício e que, sem o amor de sua amada, sua vida não se prolongaria nem por mais um dia. Nas palavras destinadas à Ana, ele a lembra de seu juramento: *“Jurei-lhe que havia de amá-la até morrer e que o dia em que soubesse que a senhora já não me amava, esse dia seria o último da minha vida”*. Em cumplicidade, de acordo com as palavras de Vicente, Ana jurou um incorruptível: *“Mas a senhora disse que também me amava e que nunca, sucedesse o que sucedesse, deixaria de me ter amor”*.

A quebra dessa jura de amor abriu o espaço de realização para o cumprimento da promessa de Vicente, exatamente no intervalo prometido, de não permanecer nem mais um dia vivo sem se saber amado pela eleita de seu amor devotado. Seu juramento ganhou vias de concretização, mais precisamente, às oito horas do dia anterior à sua morte, a hora combinada

de um encontro definido por um convite para fugirem juntos. O desenrolar do desfecho da vida de Vicente, a escrita das cartas e a ingestão de estricnina, tem como epicentro o não comparecimento de Ana nesse encontro, entendido por ele como a violação de um juramento, a comprovação de que a jovem não o amava.

Essa foi a “cruel desilusão” vivida por Vicente: *“Ai Ana, não se brinca assim com o coração de um homem. Por que me fez viver iludido durante tanto tempo? Por que me fez viver tanto tempo enganado? Por que não me escarrou nas faces todo o seu desprezo quando eu cometti a infâmia de dizer-lhe que a amava?. Tudo isso era preferível às cruéis desilusões de agora”*. A intensidade da crença de ser amado está à altura da quebra lancinante do juramento, que destruiu, talvez, o maior encanto de seu amor, aproximando Vicente de sua morte autoinfligida. Uma desilusão tão pungente que ganhou forma na afirmação de que nem sequer *“a mínima partícula de amizade”* sua amada lhe reservava. O não comparecimento de Ana ao encontro violou, para Vicente, não só a quebra de uma jura de amor, mas colocou em suspeição sua crença de ter sido amado e desejado alguma vez: *“Agora eu sei que a desgostava quando eu costumava passar à sua porta. Perdôe-me, eu pensava dar-lhe com isso algum prazer”*. Teria Vicente considerado o não comparecimento de Ana ao encontro como único critério para julgar que esse seu gesto romântico era desagradável à sua amada? Ou ele já desconfiava de tal possibilidade e apenas a confirmou com a ausência de Ana? Ou, ainda, ele teria tomado conhecimento desse fato por terceiros ou mesmo diretamente de Ana? Esses são questionamentos que podem nos surgir, mas sem nenhuma possibilidade de afirmação. A trilha que podemos seguir é da existência da história de um amor proibido entre Vicente e Ana, e que, entre os dois, há o peso e o abismo de convenções sociais e familiares, suficientes para tornar o gesto de Vicente, de passar na porta da casa de Ana, em algo inconveniente ou gerador de risco para o romance dos dois.

Ele expressa a necessidade de testar o amor de Ana, e para tal, descreve a elaboração de um plano de fuga para viverem seu amor, distanciando-se de recriminações e proibições familiares. Porém, em seguida, confessa que não estava entre seus ideais a concretização dessa fuga, para ele bastava a presença da senhora de seu amor, pois sua presença seria suficiente para ele se saber amado. É possível pensar e destacar dois aspectos desse teste de amor por meio de uma fuga idealizada para não se realizar. O primeiro é a irrelevância quanto à existência de uma esperança, ainda que tímida, por parte de Vicente, de o casal partir junto para viverem livremente seu romance proibido. O mais decisivo, nesse ponto específico, é a importância de confirmação da permanência do juramento de Ana, de se saber amado pela eleita de sua devoção. Pois esse amor foi definitivo para o seu sentido de existir.

O segundo aspecto se relaciona ao que estaria movendo Vicente a fazer um novo juramento para Ana, tão seriamente, quando lhe afirmou: “*Convidei-a para fugir, é certo, mas juro-lhe neste instante expresso, que nunca me passou pela mente fazer semelhante cousa*”. Que “*semelhante cousa*” seria essa que Vicente não seria capaz de fazer? Podemos entender que o jovem romântico pretendia preservar a imagem e o bem de sua amada, renunciado a uma fuga, ao prazer imediato de ter Ana do seu lado, em proteção às consequências que ela poderia sofrer com tal destino.

Se, por um lado, Vicente quis resguardar Ana de uma condenação familiar e social sob a vigência de um código moral bem definido nessa conjuntura, por outro, foi exatamente tal código o elemento decisivo para a não realização de seu romance. Acompanhando os afetos expressos na carta, entre Vicente e Ana havia uma barreira, mais especificamente, havia um sobrenome, Carvalho, de tamanha imponência e força, que consistiu em um elemento de separação de um casal e em um gatilho para o suicídio de um jovem.

O sobrenome “Carvalho” justificou “*infames inimigas*” que, segundo Vicente, nascia, precisamente, da conservação de um código moral e manutenção do lugar distinto de cada classe social, o qual Ana teria aderido em detrimento de seu romance: “*Mas a senhora me julgou indigno de si e deixou-se vencer pela vontade de sua família. Uma Ana Carvalho deve casar com um que seja millionario, e nunca com um humilde empregado de pharmacia como eu*”. A tentativa da família de Ana de impor uma barreira intransponível para o romance entre o casal justificou a invenção de narrativas que transformavam o ato íntimo de trocas de cartas de amor em uma quebra de fidelidade por parte de Vicente: “*Em tudo que lhe disseram a senhora acreditou. Que eu mostrava as suas cartas, que eu fazia fitas com várias moças, quando isso eram infames inimigas, cujo único fim era collocar uma barreira entre nós dois*”. Ressaltamos que, para Vicente, diante da tentativa de sua difamação para a separação do casal, o mais caro para ele era o posicionamento e a crença de sua amada, que preteriu a fidelidade jurada por Vicente e acreditou nas “*infâmias inimigas*”.

Ao longo da carta, Vicente se mostra desacreditado do amor de Ana, ao julgar que houve a violação da jura de amor eterno. Contudo, no encaminhamento de finalização da carta, o jovem esboça alguma esperança de que sua amada lhe guardasse algum afeto: “*De resto ninguém chorará a minha morte*”. Uma esperança impulsionadora da elaboração de um pedido final à sua amada, depois de lhe jurar seu amor pela última vez: “*Adeus, Ana, ainda mais uma vez lhe juro que meu amor por si foi sempre honesto e santo e peço-lhe que vá*

*algumas vezes collocar uma flôr sobre a minha campa*”. Antes de registrar a data e sua assinatura, suas últimas palavras obedeceram à fidelidade de seu amor por Ana e ao desejo de restar, ao menos, uma “*partícula de amizade*” em sua amada, capaz de movê-la ao gesto de lembrança afetuosa de visitar e ornar sua sepultura. Assim, mesmo com seu ato radical de se matar, de se retirar da vida, Vicente demarca sua tentativa de permanência na vida de Ana, ainda esperançoso de uma prova derradeira de que é amado.

### **1.3. Testemunhos do suicídio de Vicente**

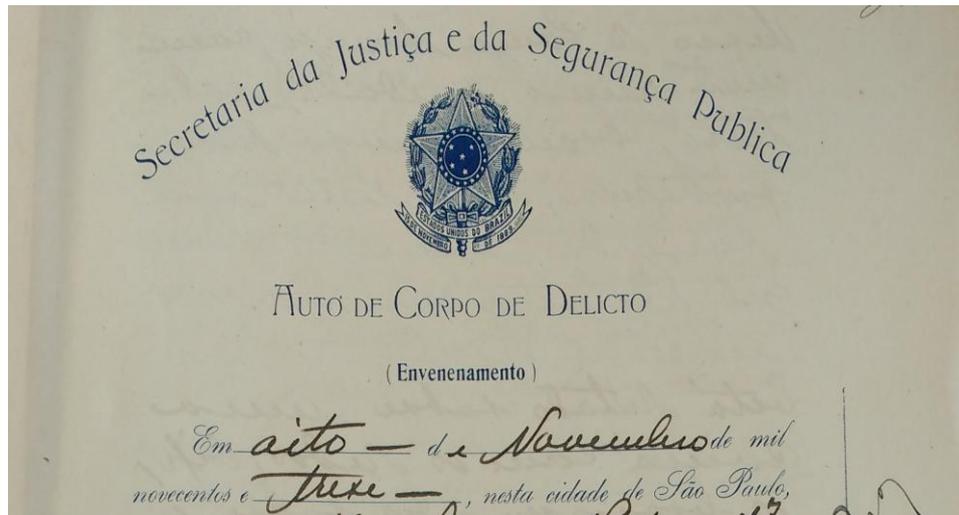
Entre as declarações colhidas no inquérito estão as do próprio Vicente e as do proprietário e do cozinheiro do hotel onde o jovem português era pensionista.

Tomamos conhecimento pelo relato do cozinheiro que Vicente residia no hotel havia cinco meses, tendo sido dispensado de seu emprego na farmácia dois dias antes de seu suicídio. O funcionário do hotel informa que, no dia dos acontecimentos, por volta de uma hora da tarde, Vicente foi até a sala de refeitório e solicitou a ele um açucareiro com açúcar, encaminhando-se, em seguida, de volta para seu quarto. Algum tempo depois, o cozinheiro soube por outro funcionário do hotel que Vicente tinha afirmado que iria se matar. Dirigindo-se ao quarto do jovem português, o cozinheiro encontrou Vicente no corredor, quem lhe devolveu o açucareiro e pediu para que ele chamasse seu colega de quarto, que era empregado de outra farmácia, e então informou que ingeriu um grama de estricnina e estava sentindo muitas dores. O cozinheiro relata, por fim, que soube pelo próprio Vicente que este havia se apaixonado pela irmã de seu patrão, e como a família se opunha ao casamento, ele foi obrigado a sair da farmácia onde trabalhava.

O proprietário do hotel informa que foi chamado para acompanhar a movimentação desse acontecimento, vindo a saber, depois, que Vicente morreu no hospital para onde foi levado pela ambulância da polícia, momentos após sua chegada.

Antes de ser levado para o hospital, Vicente foi socorrido pela polícia e levado para a delegacia, onde ele mesmo prestou algumas declarações e onde foi realizado um exame de corpo de delito. O jovem informou que era empregado na “Farmácia Carvalho” e que havia se “enamorado” pela irmã de seu patrão. Vicente declarou que, diante da oposição de seu patrão ao namoro, resolveu se suicidar.

Figura 8 e 9: Trechos do exame de corpo de delito



Está deitado sobre uma cama com o rosto, digo, os braços cruzados sobre o peito, as mãos fechadas e os dedos contraídos, as pernas entreabertas e as pontas dos pés voltadas uma para a outra. Tinha os dentes cerrados e apresentava contracções dos músculos do rosto. Elle refere com voz entrecortada que tomou uma dose de strichinina para se envenenar. Os peritos

Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo<sup>12</sup>

No relatório final, o delegado faz um resumo da história, mas, ao mencionar Ana, ele a introduz como a filha do patrão, não a irmã, divergindo das declarações do cozinheiro do hotel e do próprio Vicente, que se referem à jovem Carvalho como irmã do patrão.

<sup>12</sup> No segundo trecho, lê-se: “Está deitado sobre uma cama com o rosto, digo, os braços cruzados sobre o peito, as mãos fechadas e os dedos contraídos, as pernas entreabertas e as pontas dos pés voltadas uma para a outra. Tinha os dentes cerrados e apresentava contracções dos músculos do rosto. Elle refere com voz entrecortada que tomou uma dose de strichinina para se envenenar. Os peritos”.

Como a carta original escrita para Ana está anexada ao inquérito, e ela não esteve entre as testemunhas ouvidas pela polícia, é impossível saber até se ela tomou conhecimento de que Vicente lhe deixou uma carta antes de suicidar. Assim, também não podemos afirmar, com plena certeza, qual era o real parentesco entre Ana e o patrão de Vicente.

Enquanto pesquisadora, leitora e testemunha dessa história, fui lendo as páginas do inquérito e, ao chegar à décima página, encontrei as duas mensagens de Vicente. Li as palavras do jovem idealista, apaixonado e desiludido, e me perguntava, será que Ana não o amava mesmo, ou a família a cerceou, impedindo-a de ir ao encontro de Vicente? Questões irrespondíveis, mas sem que seja um empecilho ao processo de acompanhar a intensidade de um amor que foi experienciado na intensidade da vida e da morte.

## **2. Beatriz**

Embora nosso olhar seja para a história da jovem Beatriz de traços orientais, por ela ter deixado uma carta escrita antes da consumação de sua morte, esta é uma história de suicídio duplo. O casal Beatriz e Júlio, que compartilhavam uma vida conjugal há nove anos, foi encontrado em seu quarto, alguns dias depois de morrerem. Seus corpos já estavam em estado de decomposição, particularmente o de Beatriz. Ela estava deitada em sua cama com seu corpo estendido verticalmente, com uma retidão característica de um corpo já há algum tempo sem vida, trajando uma calça jeans de tamanho confortável, uma camiseta com listras azul e branca, e apresentava seus pés descalços. Júlio vestia indumentária social toda branca, calça, camisa, cinto e sapatos, e seu corpo estava parcialmente caído entre a cama e o chão, à esquerda de Beatriz. Havia em seus corpos e em seus braços, vestígios de ingestão oral e venosa de medicamentos variados. Ele era médico, 35 anos de idade, ela, 29 anos, era professora que não exercia a profissão à data dos acontecimentos. O casal não deixou filhos.

O ano da ocorrência desse suicídio é 1977. No dia 11 de outubro, foi a última vez que foram vistos com vida. A empregada doméstica ouviu de Beatriz que esta sentia uma intensa dor de cabeça, e, nesses casos, ela preferia não ser incomodada. Na manhã seguinte, a empregada cuidou de seus afazeres sem ter tido contato com Júlio ou Beatriz. No dia 13 de outubro, a empregada estranhou a ausência continuada de seus patrões, observando que a porta do quarto do casal permanecia fechada. Seu estranhamento a levou a ligar para a mãe de Beatriz, que a orientou a bater insistentemente na porta do quarto. O insucesso de obter sinais do casal foi informado novamente à mãe de Beatriz. O pai da jovem foi até o local, mas não conseguiu adentrar ao cômodo onde se suspeitava estar o casal. O pai foi ao encontro de seu

outro filho que, chegando à casa de sua irmã, conseguiu retirar as dobradiças de uma janela, podendo, então, ter acesso ao quarto e encontrar marido e mulher já falecidos em seu leito.

A polícia militar foi acionada, e durante a realização da perícia, por policiais civis, foi encontrada uma carta caída atrás da cama, escrita por Beatriz, com a data de três meses antes do acontecimento de sua morte. Com letra firme, estável e esmerada, a carta estava escrita com caneta azul em uma folha pautada, frente e verso, e após ser dobrada algumas vezes, a primeira mensagem que se podia ler era: “É importante LEIAM” (Grifo de Beatriz).

## 2.1. A mensagem

A todos os interessados

Gostaria que essas palavras fossem um documento a favor do Júlio, mas na impossibilidade de um instrumento público quero deixar bem claro que se eventualmente acontecer alguma coisa comigo é um mero acidente.

Todos sabem da minha dor de cabeça da sua intensidade e dos esforços para combatê-la; haja visto a Maria com o papelzinho da Seicho-no-ie, da Mércia e Leonardo que estão acompanhando de perto nossa luta, a Letícia, o Celso, etc... Como é do conhecimento de todos antes do meu casamento eu já apresentava crises de dor de cabeça para as quais papai combatia com trilene<sup>13</sup>, e que por ser atualmente considerado tóxico no Brasil não uso mais, mas é fato que eu fui internada na Beneficência Portuguesa há 7 ou 8 anos atrás por causa de uma dessas crises, com toda uma junta médica para resolver o problema. Depois que a gente desiludia com uma solução médica vieram as umbandas, candomblés, etc... tudo na tentativa de controlar a minha dor. O Custódio suspeitou de 1 pinçamento de coluna e lá fomos nós tirar radiografias, mas infelizmente ele também não resolveu nada.

Sobraram então os anestésicos e outras drogas para tirar a dor simplesmente, numa tentativa de que eu saia da atual crise, portando em sã consciência quero que vocês vejam o Júlio como o meu mais caro amigo, que me faz glicose porque eu não como quando fico assim, que me alivia a dor para eu dormir que fica horas e horas me vendo chorar de dor e

---

<sup>13</sup> Beatriz cita um anestésico comercialmente conhecido como “trilene”. Esse medicamento foi comumente usado nas décadas entre 1950 e 1970, e apresentava como benefício um melhor controle de efeitos colaterais como náuseas e vômitos, em comparação com outros anestésicos. Porém, pesquisas quanto ao uso prolongado do anestésico indicaram riscos de distúrbios neurológicos e cardiovasculares. (Informações retiradas em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/museologico/objeto-em-foco/aparelho-de-freedman/28-noticias/acervo/museologico/612-acervo-objeto-2>. Acesso em 28 de março, 2019).

nada pode fazer, enfim ele é a pessoa que mais me ajuda eu não quero que recaia qualquer responsabilidade sobre ele, uma vez que não foram poucas as tentativas de ele me levar para o hospital<sup>14</sup>, ou de tentar qualquer tipo de solução, que eu não tenho aceitado por achar inútil e traumatizante.

Acho que ficou bem clara a posição que o Júlio ocupa nisso tudo, pois se não fosse ele eu já teria dado cabo da minha vida, se por acaso estas palavras forem necessárias sejam justos e respeitem o homem maravilhoso que ele é, meu amigo, meu amor.

Beatriz

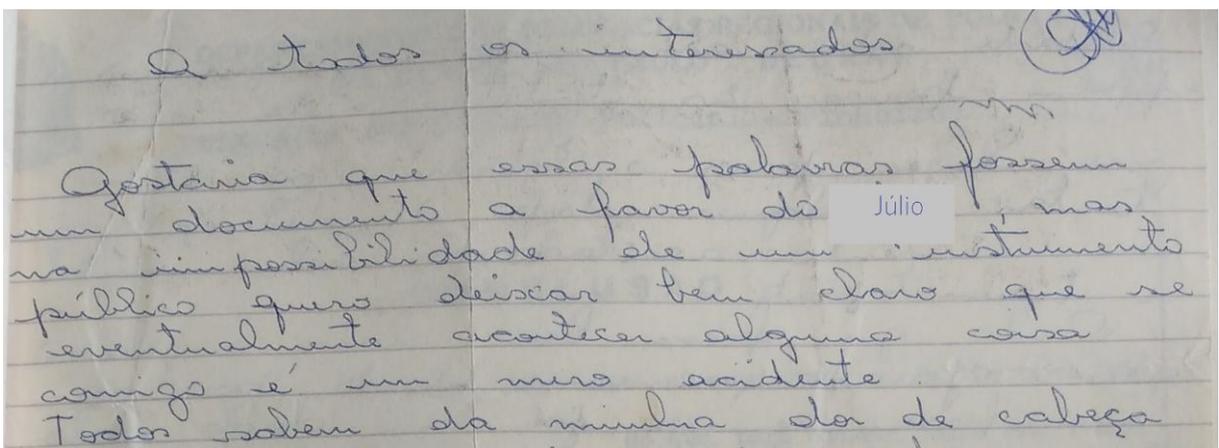
S. Paulo, 13 de julho, de 1977

P.S. É só por ele que eu ainda estou tentando viver, com dor de cabeça e tudo.

## **2.2. P.S. É só por ele que eu ainda estou tentando viver**

Embora a carta de Beatriz tenha sido endereçada a todos, e a ninguém especificamente, o objetivo de suas palavras foi declarado já no primeiro parágrafo, de modo claro e assertivo: a preservação e proteção da pessoa do Júlio. Três temas estão em destaque nas linhas inaugurais de seu texto: “documento público”, “Júlio” e “algo accidental acontecer a si mesma”.

Figura 10. Trecho da carta de Beatriz



Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

<sup>14</sup>Beatriz especifica o nome do hospital para onde o marido sugeria que ela fosse tratada, porém, optamos em preservar essa informação.

Seu segundo parágrafo introduz um quarto tema, uma dor de cabeça intensa, que entra na história como algo vivido de modo tão contundente que se tornou um elemento modificador e decisivo da relação de Beatriz com sua vida e com sua morte. Em sequência, ela convoca nominalmente testemunhas diretas que sabem de sua condição física. Anuncia que sua dor já marcava presença desde antes de seu casamento, e que seu pai tentava amenizar com a administração de um anestésico, o qual deixou de ser usado pela descoberta de efeitos nocivos de seu uso.

Nas palavras subsequentes, Beatriz descreve os esforços para combater a intensidade de sua dor de cabeça, a começar por tratamentos convencionais, como internações em hospitais de grande reconhecimento da capital paulista, passando por hipóteses diagnósticas que envolvem procedimentos invasivos e traumatizantes que se mostram em vão por não descobrirem nada que conduzisse a uma cura. Sem sucessos em tratamentos convencionais, é relatada, ainda, a busca por caminhos alternativos como algo relacionado a Seicho-no-ie e tradições espiritualistas, como a umbanda e candomblé, o que, em suas palavras, era buscado *“tudo na tentativa de controlar a minha dor”*.

Suas palavras sinalizam ausência de esperança para cura. Esse ponto é o decisivo para a compreensão de uma morte simbólica inaugural e desencadeadora de um processo de manejo e controle de uma dor física tão insuportável vivida por mais de uma década, que era atravessado pela possibilidade de *“um mero acidente”* acontecer. Beatriz já não mais mencionava uma expectativa de cura para sua condição física, mas, no máximo, uma viabilidade de amenizar os efeitos de uma dor tão insustentável que acabou culminando em sua morte.

Para ela, seguindo os afetos presentes em sua carta, o que sobrou para sua vida foram os anestésicos e o cuidado zeloso de Júlio, tão caro, que foi explicitado com a exortação da lucidez de sua própria consciência e com o intuito de se servir como um documento público que resguardasse a integridade de seu marido:

*portanto em sã consciência quero que vocês vejam Júlio como o meu mais caro amigo, que me faz glicose porque eu não como quando fico assim, que me alivia a dor para dormir, que fica horas e horas me vendo chorar de dor e nada pode fazer, enfim ele é a pessoa que mais me ajuda e eu não quero que recaia qualquer responsabilidade sobre ele.*

Como documento público, esse trecho se converteria em um resumo significativo do modo como Júlio buscava preservar a vida e o bem de sua esposa. Essas são as palavras centrais de declaração do companheirismo de Júlio, um cuidador dedicado e provedor de nutrição física, administrando glicose nos casos extremos, e de nutrição de um afeto tão estimado por Beatriz que esta lhe reservou também o lugar de seu “*mais caro amigo*”.

Na continuidade da mensagem, Beatriz destaca as diversas tentativas de seu esposo de conduzi-la para tratamentos hospitalares, o que era seguido de sua recusa devido a um acúmulo de experiências traumatizantes em buscas que se mostraram inúteis para a descoberta da origem ou da cura de seu sofrimento físico, vivido de modo tão degradante e desgastante.

A carta começa e termina com um tom de eventualidade, da possibilidade de um acidente acontecer, e caso aconteça, suas palavras poderiam esclarecer o acontecido e proteger seu marido. Tendo acompanhando a descrição da intensidade de sua dor e da luta em busca de amenizá-la, já com as marcas de uma desistência de encontrar cura, entende-se que Beatriz assumia o risco de sua morte se concretizar a qualquer momento devido à overdose medicamentosa impulsionada por uma tentativa de amenizar e aliviar sua dor de cabeça. Lembremos que sua carta foi escrita três meses antes de sua morte. O acontecimento acidental do fim de sua vida física era esperado, sobretudo por ela mesma, tornando-se até mesmo previsível, tanto, que se consumou. Havia “*sã consciência*” não só da integridade impecável de seu esposo, mas também quanto à possibilidade de sua morte se consumar.

Suas palavras finais retomam mais uma vez o início, reafirmando a centralidade de Júlio em sua vida, como seu amor, seu amigo, como presença preservadora de seu bem e de sua vida, alguém que a vinculou à vida enquanto foi possível. Para ela, ele foi um cuidador amoroso que adiou a consumação de sua morte, pois, se não fosse ele, ela “*já teria dado cabo*” de sua vida, conforme anunciado por ela com lisura e seriedade.

Beatriz encerra a carta com sua assinatura, indica local e data, mas ainda não finaliza nesse ponto. Ela manifesta, uma última vez, a necessidade de ressaltar o ponto central que a moveu em seu ato de escrever uma carta. Em seu *postscriptum*, ela se mostra incansável em expressar o modo como Júlio se configurou em seu vínculo mais significativo com a vida, “*com dor de cabeça e tudo*”, o que justificava sua tentativa mais fiel do esforço de se manter viva.

Seria mesmo a dor de cabeça a factualidade mais decisiva para o movimento de Beatriz se anestesiarem e se medicarem, assumindo o risco de morrer? Haveria outro tipo de dor, ou um acontecimento mais específico, ou uma comunicação restrita e ineficiente de seus afetos mais íntimos ou algo mais, coexistindo ao lado da enxaqueca prolongada e incurável? Não

podemos afirmar, e, de todo modo, não há razões ou explicações exatas e definitivas para justificar uma morte por suicídio. A coexistência de outros movimentos em Beatriz para a consumação de seu suicídio não traria mais ou menos complexidade ao desfecho de sua biografia. Portanto, o que está ao nosso alcance é acompanhar os afetos de Beatriz que foram expressos em forma de palavras.

### **2.3. Testemunhos do suicídio de Beatriz**

Reunindo o fato de que o estado de decomposição do corpo de Beatriz era mais avançado do que o de Júlio; as declarações das pessoas que foram convidadas a depor que coincidia em comunicar que o casal se amava muito e vivia sem problemas, sejam afetivos ou financeiros; o resultado da perícia e de exames toxicológicos que indicou intoxicação exógena por barbitúricos; e o conteúdo da carta que foi encontrada sob os olhares de todos que estavam no leito de vida e morte do casal, familiares e policiais, o poder público concluiu ser um caso de suicídio duplo, com Beatriz tendo consumado sua morte um tempo significativo antes de Júlio.

Sendo assim, a primeira testemunha da morte de Beatriz foi seu marido, que expressou o impacto sentido e vivido por meio da radicalidade de seu ato de se matar. Não podemos afirmar o conhecimento ou a conivência de Júlio quanto à decisão de Beatriz, que já se esboçava a, pelo menos, três meses antes das mortes acontecerem. Não houve uma combinação final das mortes, de serem consumadas em companhia simultânea, o que poderia indicar sua cumplicidade em tal decisão, talvez devido a uma peculiaridade paradoxal, em um primeiro olhar: as palavras de Beatriz nasceram justamente de uma tentativa de preservação e manutenção da integridade de seu esposo. Porém, ao vê-la falecida, ele se lançou ao encontro de sua própria morte. Um amor e cuidado expresso por Beatriz coexistiu com o desencadeamento da morte de seu protegido. Apesar de haver outras linhas possíveis de compreensão para o suicídio de Júlio, como um sentimento de traição por sua esposa ter desistido de viver, há mais elementos sinalizadores da recusa de viver em um mundo sem a sua amada e o desejo de fazer-lhe companhia até na morte. Ainda que o modo de se matar já estava dado, pois os medicamentos estavam ao alcance imediato, Júlio elegeu o mesmo modo de morrer que Beatriz. Além disso, sua esposa foi incansável em prestar reconhecimento ao seu companheirismo devotado, zeloso e amoroso, de tal modo que o suicídio de Júlio poderia,

em algum nível, configurar-se em confirmação, ainda que com sua morte, das palavras que sua esposa lhe dedicou.

O pai de Júlio recebeu o telefonema do irmão de Beatriz, o primeiro a ver o casal morto, com os seguintes dizeres: “venha urgente para a casa de Beatriz e venha preparado para o pior”. Ele trouxe ao conhecimento o fato de que, nos últimos tempos, o casal vivia mais isolado e se eximia de participar de encontros familiares, justificando tal ausência pelas crises de enxaqueca de sua nora.

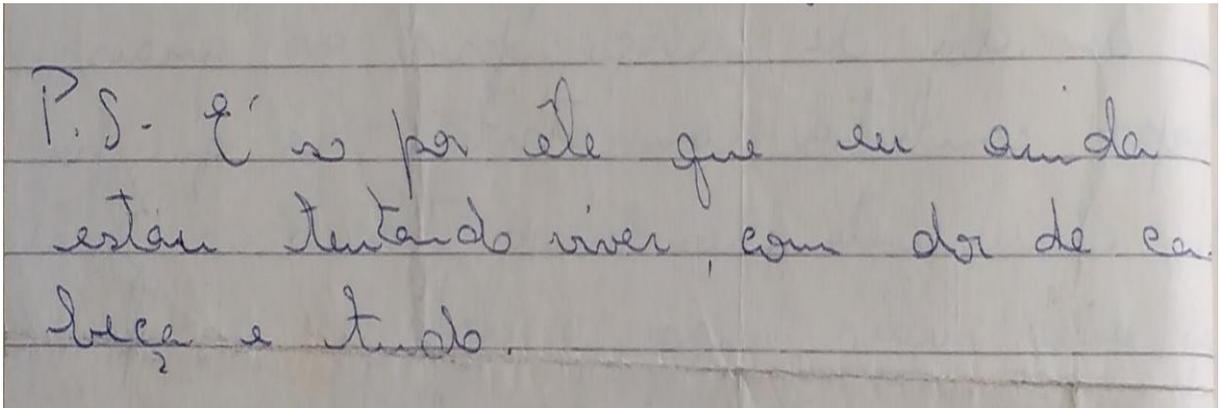
A empregada doméstica realçou a relação harmoniosa do casal, dizendo nunca ter presenciado nenhuma discussão e desavença, dando o testemunho da adoração de Júlio pela esposa, e relatando as declarações de Beatriz, que ora tecia planos esperançosos para sua melhora, ora se queixava de sua dor insuportável e passava longo tempo deitada, solicitando que não fosse incomodada. O amor entre o casal junto a um bem-estar afetivo e financeiro, do qual a empregada era testemunha, não tornou compreensível para ela, segundo suas palavras, os motivos pelos quais poderiam ter culminado no suicídio de ambos.

O irmão de Beatriz destacou que, quando noivos, o casal declarava um para o outro que, no caso de um morrer, o outro morreria junto, pois não mais suportariam viver. Seu pai reforçou o mesmo comentário, e ainda acrescenta que o casal escrevia cartas de amor um para o outro, descrevendo um casal que se tornou distinto pelo amor e união que os caracterizavam. Segundo o depoimento de ambos, era possível e, portanto, não era surpreendente, que Beatriz tivesse ingerido excesso de medicamentos a ponto de morrer, e Júlio, não suportando viver sem seu amor, teria consumado seu suicídio em seguida.

O promotor de justiça atestou que a morte de ambos foi desencadeada por intoxicação exógena, conforme resultado do laudo necroscópico. Para ele, a carta de Beatriz alcançou o propósito de inocentar Júlio, caso o “mero acidente” de sua morte acontecesse.

Essa foi a primeira história lida, primeiro impacto vivido por mim, testemunha enquanto leitora. Em uma folha reveladora do efeito do tempo, quatro décadas que separam 1977 e 2016, quando o inquérito foi desarquivado e lido, as palavras de Beatriz guardam intactas sua luta diante de uma dor de cabeça intensa e perene e o seu amor protetor e devotado por Júlio, que significou, segundo suas palavras, a permanência de sua existência pelo tempo que sua condição física tornou possível suportar viver.

Figura 11. *Post Scriptum* da carta de Beatriz



Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

### 3. Teo

Esta é uma história em que a pessoa que se mata não vai sozinha ao encontro da morte, é um caso de homicídio seguido de suicídio, de um crime passional em que se retira alguém da vida, acompanhado do movimento de retirar a si mesmo.

Teo, 33 anos de idade, vivia um relacionamento conjugal há três anos com Aline, que tinha 26 anos de idade. Em uma noite de quarta feira, oito de março de 1989, Teo, em posse de uma arma de fogo calibre 32, acerta 4 tiros na cabeça de Aline, liga para seus pais, seu pai atende, ele pede para falar com a mãe, e informa: “acabei de matar a Aline e agora vou me matar e vou deixar a porta aberta”. Por fim, ele desfere um tiro contra o próprio ouvido esquerdo.

Os pais de Teo seguiram de imediato para a casa do filho, e, ao chegarem, encontraram os corpos do casal na sala, já sem vida. Aline estava recaída no chão, levemente recostada no sofá, trajava um vestido verde, de mangas três quartos e de comprimento próximo à altura dos joelhos e calçava sapatilhas bege. Teo, vestindo uma camisa social azul de manga curta, calça marrom e meias pretas, foi encontrado no chão da sala, despido de seus sapatos marrons, que estavam ao seu lado, ainda apresentando movimentos reflexos em seu corpo.

Teo deixa cinco cartas, que serão transcritas a seguir, separadas por traços contínuos.

### 3.1. A mensagem

Papai e mamãe  
Bruna e Maurício  
Beto e Fabrício (meu afilhado)

Desculpem-me por ter feito isso mas eu<sup>15</sup>  
quero que vocês saibam que o que fiz foi  
para me aliviar do meu sofrimento;  
se ela não pode ficar comigo não  
vai ficar com ninguém.

Quero deixar aqui a relação das minhas  
coisas 1 freezer 1 micro ondas  
1 video casete 1 secadora de roupas  
1 televisão a do meu quarto os moveis  
azul da sala de TV,

Quanto aos moveis da sala de jantar  
eu comprei meio a meio com a  
Aline e a cozinha também  
Quero que vocês peguem todos os  
meus presentes de casamento  
moveis de quarto etc...  
Quanto ao carro e a moto  
que está na casa do Agenor  
vocês resolvem  
minhas contas em banco

(verso da folha)

Bco Caixa Senha 238901<sup>16</sup>  
Bco Itaú Senha 3257  
Bco Bradesco tem uma folha  
assinada por favor tire o dinheiro  
e abra uma caderneta de poupança  
para o Fabrício, mas não deixe o Maurício saber

O resto é só

Quanto firma p/ reconhecer  
é no cartório do Batista Faria  
Ou com o Paulo Silva  
Vou ficar c/ muitas saudades  
Tem também um motor de Kart no tche  
fale com o Agenor tchau

---

<sup>15</sup> Optamos por manter o fluxo das palavras tal como aparecem, obedecendo aos limites originais das folhas em que foram escritas com o intuito de melhor aproximar o leitor da cadência do texto.

<sup>16</sup> Alteramos o nome dos bancos e a senhas.

## Beijos

Teo Humberto de Carvalho  
(Rubrica)

(Escrito na vertical no canto esquerdo do papel)

Amo todos  
vocês  
Papai e mamãe  
vocês foram formidável  
comigo. Obrigado  
pelo apoio todos esses  
anos. Amo todos

---

## Paizão Maezona

Me desculpe eu não tinha essa  
intenção e nem o direito de fazer  
isso que fiz.  
Meu desespero era grande, meu  
sofrimento maior ainda.  
Eu sei que vocês me colocaram  
no mundo me ensinaram vários  
caminhos bons, mas eu escolhi  
este caminho. Não quero que  
me julgues um covarde p/ enfrentar  
tais situações, é que já não  
aguentava mais.  
Por favor não chorem pensem  
em mim com uma grande  
saudades e rezem muito para  
que eu não venha a sofrer  
mais do que estou.  
Eu sei que o suicídio é  
muito doloroso para quem  
faz, mas espero que vocês  
rezem por mim, já sei tudo  
que vou passar, sei pelo  
que hovi<sup>17</sup> falar mas não  
sei como é.

(verso da folha)

---

<sup>17</sup> Mantivemos a grafia original

Agradeço a vocês todo  
 carinho e toda educação  
 que me deram, e todo aquele  
 apoio todos esses 33 anos  
 de vida, todo amor e  
 compreensão por favor me  
 perdoem, perdoem por eu  
 não aguentar tanta pressão  
 amo vocês sempre amarei  
 espero que vocês sintam o  
 mesmo por mim.  
 Deixo vocês com muitas  
 saudades e por favor  
 rezem por mim.  
 Papai pode doar todos os  
 meus órgãos (olhos  
 Rim coração fígado  
 tudo mesmo depois quero  
 ser cremado  
 mil beijos

(Rubrica na diagonal e canto direito inferior do papel)

---

Papai e mamãe  
 (como eu amei e amo vocês)  
 Bruna Alaor também  
 Maurício e Marta  
 Fabrício e Beto

Meu paizão todo meu dinheiro  
 coloque em uma poupança  
 para o Fabrício  
 Estou deixando cheques  
 assinados é só ver os saldos  
 e retirar.  
 Deixo assinado também os  
 documentos do carro e  
 moto e só reconhecer firma  
 Ai meu Deus como  
 amo vocês, mamãe reze  
 para que eu não sofra  
 muito

Milhões de beijos

(Rubrica na diagonal e canto inferior direito da folha)

---

Papai

Minha conta no Safra  
 e uma aplicação c/ o  
 Adilson está em  
 meu nome, tenho também  
 na poupança no banco  
 Noroeste não sei como você  
 vai fazer para retirá-la  
 porque não tenho conta  
 conjunta.  
 Poderia transferi-la para a  
 minha conta corrente  
 e depois com o cartão  
 e a senha você retiraria tudo e  
 colocaria para o Fabrício junto com  
 o dinheiro do Banco Safra

Te amo muito  
 Beijos  
 Rubrica

(Escrito na vertical, no canto esquerdo, partindo da extremidade inferior até a parte superior)

Se precisar reconhecer firma vocês já  
 sabem não sei se é Belisário Faria ou  
 Batista Faria e no tabelião do Paulo Sílvio  
 Amo todos vocês Adeus

---

Maezona Be

Por favor não deixe ficar  
 nada que eu dei para a  
 Aline para eles  
 1 anel aliança de esmeralda e brinco  
 ½ aliança de rubi  
 ½ aliança que eu não lembro  
 1 anel de pérolas  
 1 brinco de ouro de noivado  
 1 anel que você deu

e agora com tanta pressa eu  
 já não me lembro de mais  
 nada, você vê que conhece  
Be guarde tudo para você

Como eu amo vocês meus  
 pais e irmãos  
 Sinto muito que tenha  
 chegado ao ponto que chegou

nunca tinha imaginado um fim  
 desses, sempre pensei em ter uma  
 família com filhos e tudo mais  
 fiz isso por amor eu amava  
 a Aline mas infelizmente  
 ela resolveu me abandonar

(verso da folha)

e eu então resolvi, se não é  
 para ficar comigo não vai ficar  
 com ninguém, então tomei a  
 decisão de fazer isso

Be não sei se vamos nos  
 encontrar em outro lugar mas  
 deixo aqui as maiores e melhores  
 recordações que eu possa ter  
 aqui na terra não se esqueça  
 eu quero ser cremado e as cinzas  
 jogue no mar para Iemanjá  
 que eu fiz uma promessa c/ ela

Mamãe e papai como eu amo  
 e amei vocês, vocês não podem  
 nem imaginar

Por favor cuide bem da Pink.  
 eu sei que ela não vai durar  
 muito.

Paizão -> como você foi importante  
 na minha vida como eu te  
 amo como te amei

Vou parar por aqui que já  
 Está ficando muito tarde  
 Rezem por mim

Tchau

Rubrica

(Escrito no sentido vertical, de baixo para cima, no canto esquerdo)

Por favor se for preciso podem reconhecer firma  
 da minha assinatura

---

### ***3.2. Quero que vocês saibam que o que fiz foi para me aliviar do meu sofrimento, se ela não pode ficar comigo não vai ficar com ninguém***

Ressaltaremos dois aspectos peculiares nos escritos de Teo que nos guiarão no acompanhamento de suas palavras. O primeiro aspecto é o caráter de premeditação de seu ato, que envolve também a antecipação e delegação de encaminhamentos de suas finanças e dos bens deixados, conforme exposto em suas cartas. O segundo aspecto é a repetição de temas, ao longo de suas cinco cartas, que podem ser agrupados em três blocos mais centrais: a declaração de amor aos pais e às pessoas mencionadas, o encaminhamento de seus bens e o pedido de oração.

Os principais destinatários das mensagens de Teo são seus pais, ora ele escreve em conjunto para ambos, ora ele escreve separadamente para cada um. Na carta de abertura, são evocados mais dois pares de pessoas: Bruna e Maurício; Beto e Fabrício, sendo que este último é indicado, entre parênteses, por Teo, como sendo seu afilhado. Ele elege essas seis pessoas, seu pai, sua mãe, Bruna, Maurício, Beto e Fabrício, para direcionar seu pedido de desculpas, e desse modo, é inaugurado o conjunto de cartas que foram escritas.

No primeiro parágrafo, já é anunciada claramente, ainda que sem detalhamentos, a justificativa de seu pedido de desculpas: *“quero que vocês saibam que o que fiz foi para me aliviar do meu sofrimento, se ela não pode ficar comigo não vai ficar com ninguém.”*. Elegemos esse trecho para intitular a presente seção pela intensidade afetiva presente em uma afirmação que busca legitimar duas mortes a partir de um sofrimento em primeira pessoa, *“meu sofrimento”*.

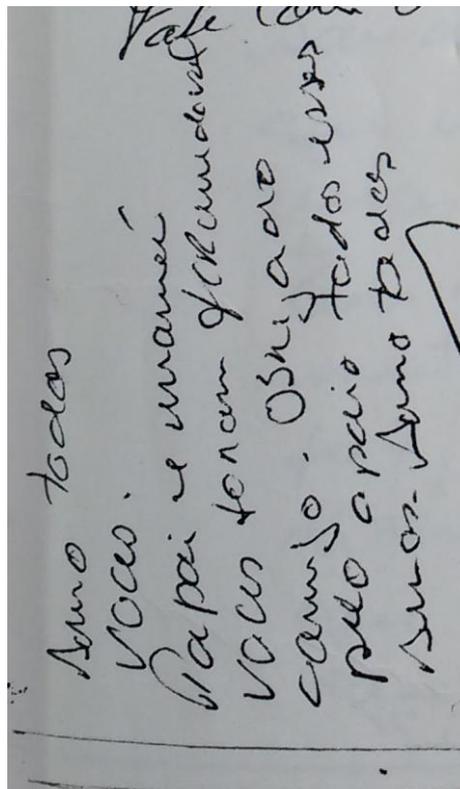
Teo faz um corte abrupto de tema depois dessa declaração. Ele começa comunicando uma ação sua que envolve uma mulher, apresenta, em poucas palavras, sua justificativa para tal ação, e, rapidamente, entra em outro assunto. Da revelação de uma ação que envolve algum nível de gravidade a ponto de ser formulado um pedido de desculpas, somos levados, abruptamente, para uma listagem de bens que Teo proclama, com riqueza de especificações, como sendo de sua propriedade: *“Quero deixar aqui a relação das minhas coisas”*. Esse será o tema central da primeira carta, de modo a ser resguardado mais espaço para discussões práticas de encaminhamento de bens, do que explanações mais diretas do acontecimento de duas mortes.

Durante a listagem, Teo menciona Aline, nomeadamente, pela primeira vez, como a pessoa com quem possui propriedade compartilhada de algum desses bens. Depois de enumerá-los, ele declara um desejo: “*quero que vocês peguem todos os meus presentes de casamento móveis de quarto etc...*”. Em seguida, anuncia a existência de uma moto e um carro, conferindo a decisão a outros quanto ao que fazer com esses dois bens.

No encaminhamento para a finalização dessa primeira carta, são comunicados a existência de contas em bancos, senhas, o desejo de que seja aberta uma caderneta de poupança para seu afilhado, a indicação de um cartório para reconhecimento de firma, uma declaração de que sentirá muitas saudades, o lembrete de mais um bem de sua propriedade, uma despedida, sua assinatura e sua rubrica.

Por fim, Teo ainda busca um canto em branco do papel e escreve na vertical do canto esquerdo, destacando: “*Amo todos vocês. Papai e mamãe vocês foram formidáveis comigo. Obrigado pelo apoio todos esses anos. Amo todos.*”

Figura 12. Trecho da primeira carta<sup>18</sup>



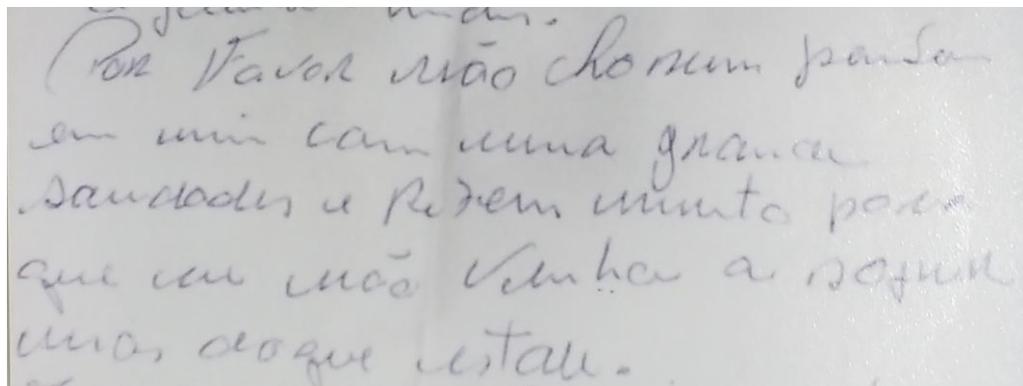
Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

<sup>18</sup> Compartilhamos a cópia xerocada desse trecho da carta, uma vez que não consta no inquérito a versão completa de todas as cartas originais. Manteve-se o posicionamento das palavras, que foram escritas verticalmente e de baixo para cima.

A segunda carta é direcionada exclusivamente aos pais, com a novidade de que Teo adere ao recurso de aumentativos, sublinhados, os quais dão um tom que elevam qualitativamente a consideração sentida pelo seu pai e pela sua mãe: “*Paizão Mãezona*”.

É repetida a formulação do pedido de desculpas na abertura da segunda carta. Mas, dessa vez, Teo entra em uma justificativa descritiva dos afetos envolvidos na execução de uma ação que ele “não tinha a intenção nem o direito de fazer”. Porém, ainda assim, Teo encontrou algum nível de permissão e intenção para a consumação de duas mortes. Ele fala da intensidade de seu desespero e sofrimento, reconhece a criação dos pais pautada em valores moralmente bons, confessa seu movimento de seguir por outro caminho, não pautado conforme o que foi ensinado, faz uma exortação para não ser julgado como covarde, expressa uma solicitação de ser lembrado com saudades, ao invés de chorarem por ele e, por fim, formula, pela primeira vez, um pedido que vai se repetir mais adiante: “*rezem muito para que eu não venha a sofrer mais que estou*”.

Figura 13. Trecho original da segunda carta



Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

No parágrafo seguinte, Teo explicita, pela primeira vez, uma de suas ações, um dos caminhos que seguiu, o qual o faz solicitar a sustentação de orações: “*Eu sei que o suicídio é muito doloroso para quem faz, mas espero que vocês rezem por mim, já sei tudo que vou passar, sei pelo que houvi falar mas não sei como é*”. Nesse trecho, há a expressão de “um saber” e de um “não saber” quanto ao seu destino pós-morte, estão lado a lado a crença quanto ao que já ouviu dizer sobre o destino além-túmulo de pessoas que se matam e a

impossibilidade de afirmar algo não vivido e inacessível ao campo das certezas. Além disso, ele menciona somente seu ato de se matar, dentro desse bloco temático, como um ato passível de ser punido. Não há qualquer menção quanto à ação que precedeu seu suicídio, quanto ao ato de matar Aline. Assim, entendemos que seu pedido de orações se restringe a uma esperança de não ser punido apenas pelo seu ato de se matar, de não sofrer mais do que estava sofrendo em vida. Mas não há considerações associadas a um sentimento de transgressão ou de possíveis necessidades de orações pelo seu ato de assassinar, de retirar uma pessoa da vida. Ou seja, o suicídio seria, para Teo, uma transgressão às leis divinas, mas não o ato do homicídio, diante do qual não é expresso aproximações de um sentimento de culpa ou arrependimento.

Dando continuidade a essa carta, Teo reitera agradecimento aos pais pelo carinho, amor, compreensão, pela educação ofertada, pelo apoio ao longo de seus 33 anos de vida; reforça o pedido de perdão; declara mais uma vez seu amor pelos pais e repete o pedido de oração. E, antes de encerrar, faz duas requisições novas, a doação de seus órgãos e cremação de seu corpo. A despedida é concluída com “*Mil beijos*” e sua rubrica.

Na terceira carta, são repetidos os destinatários da primeira: papai, mamãe (para os quais declara uma vez mais a intensidade do seu amor, usando o verbo no passado e no presente), Bruna, Maurício, Beto e Fabrício; e acrescentadas mais duas pessoas: Alaor e Marta.

No primeiro parágrafo, Teo evoca seu pai, novamente com o aumentativo “paizão”, repetindo a solicitação de que seja aberta uma poupança para seu afilhado com todo o seu dinheiro, anunciando que vai facilitar esse processo, deixando cheques em branco assinados. E, ainda nesse tom de deliberações de coisas práticas, avisa que deixará os documentos da moto e do carro preparados para serem devidamente encaminhados.

Na finalização da carta, há mais uma declaração intensificada de amor por todos, mais um pedido, direcionado à sua mãe, para que reze por ele. O encerramento se realiza com “*Milhões de Beijos*” e sua rubrica.

Na quarta carta, de tema único, seu pai é eleito também como único destinatário e como a pessoa convocada a cuidar dos encaminhamentos práticos de suas finanças deixadas nos bancos e a abertura da poupança para seu afilhado, informando detalhes de potencial facilitação desse processo. A despedida é feita com a declaração de amor a todos e ao pai, com sua rubrica e seu primeiro anúncio de “*Adeus*”.

Na quinta e última carta, a destinatária anunciada, de início, é sua mãe, evocada pelo aumentativo “*Mãezona*” e a abreviação “*Be*”. No primeiro bloco temático dessa carta, Teo faz

uma listagem de joias das quais requer que sua mãe seja a nova proprietária, requisição antecedida pela rogativa de que a posse do que ele deu à Aline não “fiquem com eles”. Nesse trecho, é expressa uma condenação para além da Aline, que se estende, possivelmente, aos que pertencem ao círculo familiar ou próximo a ela. Ou seja, diz respeito a “eles” que se ligam de algum modo a ela e que mereceriam, portanto, serem privados de qualquer bem.

No parágrafo seguinte, novos destinatários são anunciados com os dizeres: “*Como eu amo vocês meus pais e irmãos.*”. E assim é dado início a um segundo bloco temático, em que é retomada a descrição dos afetos introduzidos na segunda carta, e que o moveram a agir:

*Sinto muito que tenha chegado ao ponto que chegou. Nunca tinha imaginado um fim desses, sempre pensei em ter uma família com filhos e tudo mais. Fiz isso por amor eu amava a Aline, mas infelizmente ela resolveu me abandonar e eu então resolvi, se não é para ficar comigo não vai ficar com ninguém, então tomei a decisão de fazer isso.*

Considerando as cinco cartas, o trecho acima é o mais potente em sinalizar a intensidade dos afetos de Teo, como o eixo disparador de suas ações, de seu ato de assassinar e de se matar. O amor é eleito como a justificativa para tais ações, “*Fiz isso por amor*”, ainda que o amor pela sua companheira apareça em uma flexão verbal de um pretérito imperfeito: “*eu amava Aline*”. O pretérito imperfeito alude a algo que se repetia no passado e também a algo que não foi perfeitamente terminado, mas que perdura no tempo, que atravessa a passagem do tempo e ainda respinga no presente, em uma atualidade vivida no agora. Seria diferente no caso do pretérito perfeito “*amei*”, em que é indicado algo finalizado, concluído, terminado. De todo modo, a conclusão do seu “amor” se realizou em dois atos de morte, de máxima concretude literal e simbólica, homicídio e suicídio.

Em uma de suas cartas, Teo adere ao uso da palavra suicídio, ao mencionar uma de suas ações e o modo como iria morrer, contudo, não há uma especificação clara e direta da morte que infligiu à Aline. A maior aproximação, por meio de suas palavras, do que foi feito à sua esposa, são os dizeres: “*e eu então resolvi, se não é para ficar comigo não vai ficar com ninguém, então tomei a decisão de fazer isso*”. Ele elegeu a palavra “isso” para remeter ao seu suicídio e aos quatro tiros fatais disparados contra a cabeça de Aline.

Guiando-nos pelo modo como Teo deu um desfecho ao seu amor, matando e morrendo, entendemos que ele reduziu ao seu relacionamento com Aline à possibilidade única de realização de seu futuro romantizado de construir uma família com filhos. Uma redução

que condenou não somente si mesmo à morte, mas também aquela que não mais queria um futuro compartilhado com ele.

A última carta é continuada com a alusão a um pós-morte duvidoso e imprevisível, em sua existência e configuração: “*Be, não sei se vamos nos encontrar em outro lugar*”. Por isso mesmo, Teo deixa registrado, na carta, que as experiências na terra alcançaram o status de figurar entre “as maiores e melhores recordações”, que foram vividas em um alguém prestes a ser deixado para trás. Ainda tangenciando esse tema de um alguém, sua vida na terra, e um além, misterioso e duvidoso, Teo relembra seu desejo de ser cremado e formula o pedido de que suas cinzas sejam lançadas ao mar em honra a uma promessa feita à Iemanjá.

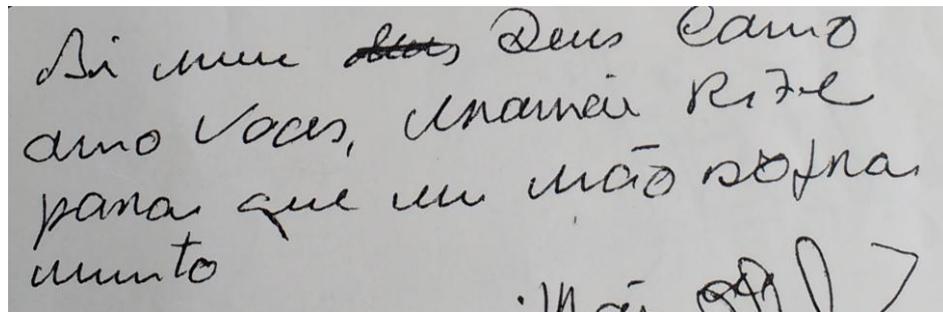
Caminhando para a finalização, seu pai é convocado como destinatário de suas palavras junto à sua mãe, para ser declarado, acentuadamente e pela última vez, seu amor por eles. No aumentativo, seu pai recebe o reconhecimento de importância para Teo, mas, dessa vez, já na fronteira de um amor que é um presente prestes a se tornar pretérito perfeito: “*como eu te amo como te amei*”.

Suas penúltimas palavras são mais intensas que as últimas. Depois de já finalizar e rubricar a carta, ele volta ao tema de reconhecimento de firma, no canto esquerdo e escrito verticalmente, autorizando que sua assinatura seja usada para o encaminhamento de seus bens.

Suas penúltimas palavras carregam a veemência do que estava prestes a suceder e a necessidade de ser dada uma finalização, tanto ao seu sofrimento quanto às suas cartas: “*vou parar por aqui que já está ficando muito tarde. Rezem por mim. Tchau*”.

A ambiguidade entre pressa, “está ficando muito tarde”, e a repetição dos mesmos temas, é expressa com mais vigor nessa finalização de sua última carta. Contudo, em um trecho específico de uma carta anterior, essa ambiguidade é revelada no cuidado de não deixar que uma palavra de significação seja escrita indevidamente. Em uma primeira tentativa, Teo escreve “deus” com letra minúscula, mas, em seguida, risca essa grafia e a corrige, escrevendo “Deus”, agora devidamente sinalizando sua crença que confere uma grandeza diferenciada a essa entidade e, simultaneamente, ao afeto declarado aos destinatários de suas mensagens.

Figura 14. Imagem da cópia xerocada de um trecho da terceira carta



Si meu ~~deus~~ Deus como  
amo Vocês, unamêi Rite  
para que um não sofra  
muito

Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

Sua última despedida “*vou parar por aqui que já está ficando muito tarde*”, sinaliza que as cartas foram escritas bem próximas à consumação das duas mortes. Contudo, não é possível saber se as cinco cartas foram escritas antes de Teo matar Aline ou se foi no intervalo entre o assassinato de sua esposa e seu suicídio. O “*muito tarde*” é ambíguo e impreciso em seu significado, podendo ser entendido como menção à realização das mortes ou à hora da noite. Entretanto, é possível observar, nessa ambiguidade temporal, que houve dedicação de tempo em escrever, de pensar e planejar, com um grande cuidado, os encaminhamentos de seus bens, de expressar sua intenção de zelar pelo futuro do afilhado, de declarar, inúmeras vezes, um amor no presente e já no passado pelos seus pais, irmãos, e demais pessoas mencionadas nas mensagens. Mas, em contraste com essa dedicação, afeto e zelo, há duas mortes, justificadas por Teo como alívio de seu sofrimento pela não realização de uma aspiração romântica de constituir família com Aline.

### 3.3. Testemunhos do suicídio de Teo

Nesse inquérito, a Justiça Pública aloca, inicialmente, a ocorrência investigada dentro da classe de homicídio doloso, nomeando Teo como réu. No histórico que se segue às diligências deferidas pelo delegado responsável pela investigação, Teo é referido pelas palavras “indiciado” e “suicida”, lado a lado. Ele é réu pela morte de Aline, e nas concepções históricas sobre suicídio, é réu de si mesmo, ao se matar.

A irmã de Teo, residente em outro estado, informou que recebeu a visita do irmão alguns dias antes da ocorrência. Ela relata diálogos em que o irmão se mostrava nervoso e se

dizia abalado com o anúncio da esposa de desistência do relacionamento. Ouviu ainda do irmão que Aline estava em tratamento com uma psicóloga e que ela voltava diferente a cada consulta. Segundo a irmã, Teo não queria o fim do casamento e insistia em tentativas, mesmo com Aline não compartilhando do mesmo interesse.

A vizinha de frente do apartamento onde Teo e Aline residiam, declarou que, no dia dos acontecimentos, ouviu estampidos de arma de fogo, mas julgou ter vindo da rua, sentindo-se movida a trancar sua porta, por segurança. Porém, alguns minutos depois, escutou gritos de “socorro”, seguidos de batidas à sua porta, com uma pessoa dizendo ser a mãe de Teo. Ao abrir a porta, a vizinha diz ter sido impelida pela mãe de Teo a entrar no apartamento do casal, momento em que pôde ver ambos caídos no chão da sala, sendo que, segundo ela, Teo se encontrava completamente caído em uma poça de sangue. Notando que este ainda movia sua cabeça, ela chamou por um médico. Enquanto esperava, ela fez um chá e ofereceu aos pais de Teo, na tentativa de acalmá-los.

O pai de Aline, residente em outro estado, declarou que recebeu a informação de que a filha e o marido haviam sofrido um acidente automobilístico, e que, ainda no caminho de encontro à filha, foi informado de seu falecimento. Ele chegou, reconheceu o corpo da filha, e a levou para ser velada e enterrada em sua cidade natal. Ele informou que Aline expressou o desejo de se separar do marido, e que, desde o início, ele e sua esposa eram contra o casamento da filha.

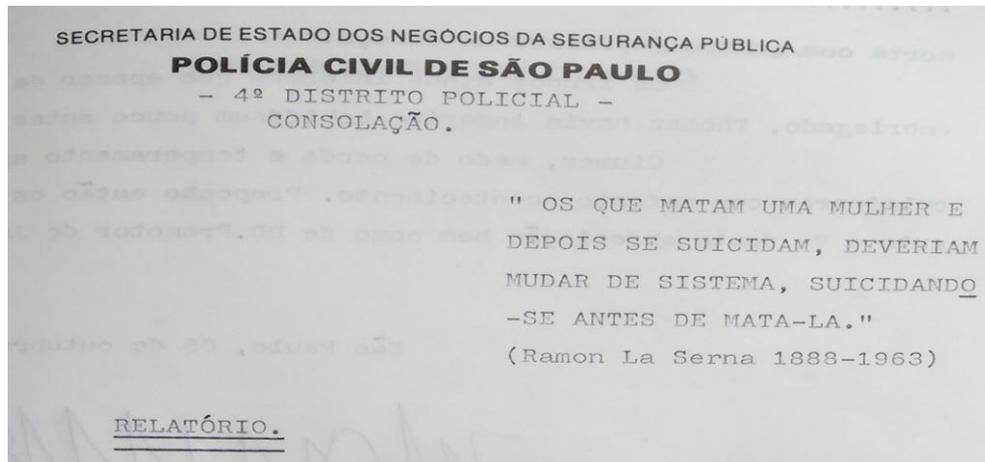
O pai de Teo relatou que recebeu um telefonema do filho pouco antes de sua morte, avisando que tinha matado Aline e que iria se matar em seguida. Ele e sua esposa não demoraram a chegar ao apartamento, e, ao ser constatado que o casal já estava sem vida, ele mesmo ligou para a polícia. Segundo seu pai, Teo era uma pessoa querida por todos, seu relacionamento com Aline era muito bom e o casal aparentava ser muito feliz. No entanto, soube por Teo, alguns dias antes da ocorrência, que eles iriam se separar, por decisão da Aline e contra sua vontade.

Uma amiga de Aline declarou que ela começou a se queixar do relacionamento com o marido cerca de um mês antes de seu assassinato, anunciando, por duas vezes, sua intenção de se separar, mas enfrentando a discordância do Teo. A amiga ouviu de Aline, no dia de sua morte, que o marido demonstrava grande esforço em arrumar um emprego e, por isso, iria dar mais um tempo para a situação se estabilizar e, então, efetivar sua decisão quanto à separação.

O relatório final do delegado foi iniciado com uma citação creditada a Ramon La Serna: “Os que matam uma mulher e depois se suicidam, deveriam mudar de sistema,

suicidando-se antes de matá-la”. Modo irônico de dizer que, se os homens mudassem esse sistema, uma modalidade feminicídio deixaria de acontecer.

Figura 15. Trecho do relatório final do delegado

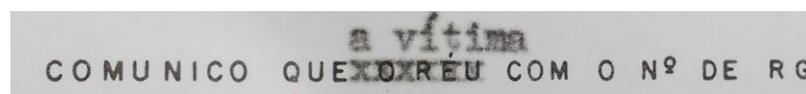


Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

Na continuidade do relatório, o delegado especifica o delito como homicídio seguido de suicídio, cujo “acusado/suicida” é o Teo, e a vítima é a Aline. Depois de um breve resumo do caso e da exposição dos resultados da autópsia, que indicou sinais de álcool no sangue de Teo, mas sem a concentração para se configurar em embriaguez, o delegado propõe que os autos sejam apreciados pelo Promotor de Justiça, declarando que “ciúmes, medo da perda, e temperamento agressivo, culminaram com nefasto acontecimento”.

O promotor, por sua vez, ao se direcionar ao juiz para requerer o arquivamento do inquérito, considerou que “ciúmes foi a causa da tragédia”. E sem a existência de induzimento, instigação ou auxílio para o suicídio de Teo, não havia formação de culpa no caso investigado e, com o suicídio do único indiciado possível, estaria extinta a punição ao Teo pelo delito de homicídio doloso. Na ficha oficial de arquivamento, a palavra “réu” foi riscada, sendo escrito, logo acima, a palavra “vítima”, em referência a Teo

Figura 16: Trecho do formulário de arquivamento do inquérito



Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

Dentre as fotos que constavam no inquérito havia uma do casal em vida, sentados em um sofá, intimamente próximos um ao outro. Ao lado dessa imagem, nas folhas consecutivas do inquérito, estava captado, fotograficamente, o desfecho fatal da história de Teo e Aline. Enquanto leitora e testemunha da história de Teo e Aline, o contraste entre a imagem do casal vivo e morto ressalta o final de uma história que exige um esforço extra de acomodação das dissonâncias, concordâncias e discrepâncias entre vida, amor e morte.

#### **4. Kamila**

A história da morte de Kamila, aos 30 anos de idade, teve o seu desfecho no dia 9 de março do ano de 1996, em uma manhã de sábado, na cidade de São Paulo, e está descrita em 78 páginas no inquérito policial.

A jovem paulistana morava sozinha em um apart-hotel, no décimo terceiro andar, de onde se lançou, da janela de seu quarto, consumando seu suicídio. Ela vestia roupa íntima preta e um par de meias na cor cinza.

A descrição da morte da Kamila, no inquérito, além das declarações de testemunhas, apresenta o laudo da autópsia com 13 fotos de seu corpo, decorrentes dos exames investigativos de lesões internas e externas, expondo, com riqueza de detalhes, imagens de seu cérebro, vísceras e coluna. A perícia do local onde o suicídio aconteceu mostra, em 11 imagens, a caracterização do ambiente e os registros de como ela foi encontrada no pátio do apart-hotel, refazendo os passos de como a morte se realizou.

Transcorridos um ano e oito meses do suicídio de Kamila, sua mãe voltou à delegacia para prestar esclarecimentos e apresentou uma carta escrita pela filha nas horas que antecederam seu suicídio. A carta estava digitada, em duas páginas, no computador de Kamila, e foi encontrada por seu cunhado, marido de sua irmã. A destinatária era sua irmã, residente em outro estado, à época dos acontecimentos.

#### 4.1. A mensagem

São Paulo, 8 de fevereiro de 1.996<sup>19</sup>.

Querida Clarice,

Como você pediu tô<sup>20</sup> mais uma vez escrevendo. Você pediu pra eu falar sobre qualquer coisa.

Então desta vez vai ouvir o que não quer ou talvez não gostaria nem de saber.

Como você deve ter notado em minhas últimas cartas, eu andava meio down. Era um amontado de coisas que só não faziam sentido pra mim. Talvez pra você não faça, mas espero que compreenda:

- Minha última ligação passional com a vida, era meu trabalho que sempre venerei, amava de paixão e realmente o fazia com gosto. Era aquele tipo de reação que me fazia despertar contente da cama diariamente. Apesar do sono, adorava me arrumar para ir trabalhar, nem que eu tivesse que passar alguma roupa (coisa que detesto ter que fazer de manhã. Prefiro deixar pra passar à noite) e até caprichava na maquilagem e na arrumação do cabelo. Gostava de dar aquela última olhada no espelho com um sorriso no rosto e sacar que quanto mais gostava do meu visual final, mais me sentia “gostosa” e com mais pique pra trabalhar.

E que energia, podia ficar horas trabalhando sem me preocupar com nada nesse mundo, tinha dias que a hora do almoço passava batido e quando a moçada começava a se mandar às seis que eu me tocava do horário. Isso nos dias que ia de bus, já que este tem hora marcada, mas como praticamente todos os dias tenho ido de carro, tenho saído só depois da 7.

---

<sup>19</sup> Considerando informações do conteúdo da carta e as datas que constam no inquérito, Kamila introduz a mensagem informando o mês de fevereiro, porém a carta foi escrita nos momentos que antecederam sua morte, ou seja, no mês de março. Sendo assim, é possível afirmar que a carta foi escrita em 08 de março de 1996.

<sup>20</sup> Preservamos a linguagem coloquial da carta, porém foram corrigidos alguns erros de digitação para tornar a leitura mais fluída, sem que isso alterasse o sentido original. Os espaços entre os parágrafos e a letra em caixa alta usada pela Kamila também foram preservados tal como aparecem na carta.

Havia um bom motivo para estar contente, adorava meu depto inteiro, todos competentes. Desde que todos deram o fora e principalmente o meu chefe que venerava se mandaram, tenho me sentindo meio deslocada no trampo. Bom, meio é apelido: Como já lhe contei, toda a chefia de assinaturas é nova e sem experiência. A moçada que trampa comigo apesar de simpática, não tem noção no que investir apesar de serem especialistas em publicidade; a minha gerente direta apesar de saber quais os esforços publicitários são de menor custo, não gosta de arriscar-se em projetos mais caros, um pouco mais caros, porém com taxas superiores de rentabilidade (por mais que eu prove a ela as vantagens e a segurança do investimento). O nosso novo diretor não “peida nem fede” se você me entende e o chefe do meu diretor vai na Leila pois acredita mais nela do que em mim (uma questão de hierarquia, é claro).

Além destes pepinos todos, ainda tive que engolir duas coisas indigeríveis esta semana. Uma delas foi o questionamento de uma gerente que tenho muita admiração lá no escritório, a Sueli. Esta Sueli há muitos anos atrás, ocupou o lugar que a Leila ocupa hoje e me ensinou quase tudo que sei. Ela ficou observando meu trabalho, sem eu notar por não sei quanto tempo. De repente só ouvi um comentário dela: “Por que eu estava perdendo meu tempo fazendo um trabalho tão supérfluo se havia muito mais coisa importante para eu me preocupar?”. Este não foi o primeiro comentário deste gênero que já havia ouvido. Outro gerente que também admiro, o Elias, já havia perguntado isto pra mim. A resposta para estes dois questionamentos foi a mesma. A Leila que havia solicitado tais trabalhos.

Comuniquei ao Elias inúmeras vezes desde out/nov/95 sobre estas incapacidades de gerenciar o depto por parte da Leila. A princípio ele se preocupou e disse que tomaria algumas providências. Falou com nosso chefe e ele topou que o Elias assumisse o controle de meu trabalho.

Porém, isto vem se prolongando demais, me decepcionando demais e no fim de fev/96, o Elias informou-me que Leila tinha restrições quanto a minha mudança de chefia. E como ele já tem problemas o bastante, duvido que irá se mexer para fazer algo por meu setor.

FIM DE MEU ÓDIO UM PELO MEU TRAMPO NA MAGAZINE<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Usamos a palavra “Magazine” para substituir o nome da empresa publicitária em que Kamila trabalhava.

## INDIGESTÃO DOIS:

Depois de esperar um ano e dois meses para contratarem um assistente pra mim, a última foi embora em outubro/94, você não adivinha o que tive que ouvir. Apesar de menos de 3 meses de trampo comigo, o Marcelo já informou-me que não tá curtindo o trabalho. Que preferia o trampo dele anterior, no depto financeiro onde seu chefe antigo o aceitará de volta. E adivinha quem era seu antigo chefe e que provavelmente fez a cabeça dele?

FIM DO MEU ÓDIO DOIS PELO MEU TRAMPO NA MAGAZINE.

&

INÍCIO DE MINHA FALTA DE CONFIANÇA EM [QUEM] QUER QUE SEJA NA  
MAGAZINE

E para fechar com chave de ouro, deixa eu explicitar melhor o tipo de trampo que a Leila vem passando para mim em prioridade às top prioridades.

Organizar a porra do arquivo dela!

FIM DO MEU ODIO AMPLO GERAL E IRRESTRITO PELA MAGAZINE

&

DESCONFIANÇA DA INEXISTÊNCIA DE VIDA INTELIGENTE DENTRO DAQUELA  
EMPRESA!

O último ato de romantismo que já presenciei foi um namorado dinossauro que me mandou flores para meu escritório no meu aniversário de 24 anos (nem lembro que flores eram!)

E pra dizer a verdade, o melhor sexo que já tive na vida foi sozinha. No meio da noite acordei com contrações tão fortes e incessantes – a constatação do tão falado orgasmo múltiplo.

Sexo acompanhada - > realmente não consigo lembrar (e até parece que foram tantos assim)

Outros prazeres pessoais:

Bater um papo realmente sério com a família (c/ conteúdo/troca de idéias)

Curtir minha sobrinha

Assistir a um bom filme (cinema ou tv)

Jogar videogame

Ser paquerada

Comer

Fazer exercício de matemática

Estudar geografia mundial

Se esqueci algo, realmente não consigo lembrar-me. Talvez porque nem seja relevante.

Este blá, blá, blá todo foi uma introdução de algo que gostaria de te contar. Algo que tentei fazer, mas não tive coragem de ir até o fim.

Apesar de acreditar no espiritismo com toda minha fé, eu tentei me matar. Bloqueei todos os pensamentos racionais de minha cabeça e agi.

Nem precisa contar que não deu certo. Apenas acordei com uma indigestão e nada mais.

Contei pro papi e pra mami pra eles darem uma força pois me sentia a última das criaturas. Eles me levantaram o astral, a mamãe até dormiu aqui em casa pra se assegurar que eu não passaria mal. E o papai realmente teve uma reação que não esperava: Forçou-me a enxergar que a vida tem [mais] baixos do que altos e que não tenho escolha nenhuma a não ser enfrentar este país do jeito que ele é.

Desculpa eu estou triste demais para escrever mais. Até a próxima.

Beijos para você e para o César. De sua irmã,

#### 4.2. *Minha última ligação passional com a vida, era meu trabalho*

A carta de Kamila, sendo digitada, não tem a marca distintiva da caligrafia, mas, ainda assim, o modo de organização e apresentação do texto digitado, inserindo fonte em caixa alta e fragmentos centralizados, por exemplo, são sinalizadores significativos e reveladores de seus afetos e de um traço pessoal. A carta tem uma destinatária, sua irmã, com quem são compartilhadas intimidades, afetos, gostos, crenças espiritualistas, decepções, reconhecimento do apoio dos pais, o anúncio de uma tentativa de suicídio e nenhuma menção de que estava prestes a movimentar-se em direção à consumação de sua morte.

Temos uma carta ilustrativa da intimidade afetuosa entre duas irmãs. Do lado do remetente está Kamila, que se matou pouco tempo depois de escrever a carta, sem nenhum anúncio peditivo, do outro lado, está a “*Querida Clarice*”, que solicitou à irmã a ocupação do lugar de destinatária e companheira das vivências de Kamila, seja sobre algo bom ou algo ruim: “*Como você pediu tô mais uma vez escrevendo. Você pediu pra eu falar sobre qualquer coisa*”.

A mensagem tem uma linearidade que nos permite acompanhar a fluidez dos afetos expressos por Kamila. Somos conduzidos pelos meandros de declarações que manifestam seus sentimentos diante de si, diante de outros, diante do trabalho e diante da vida. Há quatro temas marcantes na carta: a sinalização de um vínculo significativo com a irmã; a relação de encanto e desencanto com o trabalho; as confidências de experiências amorosas, afetos íntimos e deleites diante da vida; e, por fim, o anúncio de uma tentativa de suicídio.

A carta é iniciada com a afirmação de um vínculo significativo e com o prenúncio da existência de algum acontecimento desagradável de se tomar conhecimento. Kamila ainda lembra que seu afeto deprimido deu o tom em suas últimas cartas enviadas para Clarice: “*Como você deve ter notado em minhas últimas cartas, eu andava meio down*”.

Mas o que ocupa a primeira parte da mensagem é a descrição de uma relação de encanto e desencanto com o trabalho, ou “um amontoado de coisas” que só fazia sentido para Kamila, mas que, ainda assim, ela vê na irmã uma companhia capaz de compreendê-la e acompanhá-la em sua experiência. A afirmação introdutória do parágrafo que descreve sua relação de encanto com o trabalho vai nos acompanhar durante toda a leitura e processo de compreensão da carta: “*Minha última ligação passional com a vida, era meu trabalho*”. Destacamos essa afirmação como subtítulo dessa seção não por uma tentativa de justificar que

o suicídio de Kamila teve como causa a quebra de sua paixão pelo trabalho, mas pela força e densidade de uma frase que exalta a perda sistemática de ligações significativas com a vida até chegar ao esfacelamento do derradeiro fio vivificante de sua existência.

Acompanhemos Kamila em seu arrebatamento apaixonado pelo trabalho:

Figura: 17: Trecho da carta digitada por Kamila

- Minha última ligação passional com a vida, era meu trabalho que sempre venerarei, amava de paixão e realmente o fazia com gosto. Era aquele tipo de reação que me fazia despertar contente da cama diariamente. Apesar do sono, adorava me arrumar para ir trabalhar, nem que eu tivesse que passar alguma roupa (coisa que detesto ter que fazer de manhã. prefiro deixar pra passar a noite) e até caprichava na maquiagem e na arrumação do cabelo. Gostava de dar aquela última olhada no espelho com um sorriso no rosto e sacar que quanto mais gostava da ro do meu visual final, mais me sentia "gostosa" e com mais pique pra trabalhar.

E que energia, podia ficar horas trabalhando sem me preocupar com nada nesse mundo, tinha dias que a hora do almoço passava batido e quando a moçada começava a se mandar às seis que eu me tocava do horário. Isso nos dias que ia de bus já que este tem hora marcada mas como praticametnete todos os dias tenho ido de carro, tenho saído só depois da 7.

Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

O primeiro tema que Kamila investiu em detalhar foi a declaração de sua paixão pelo trabalho, sua dedicação devotada capaz de redimensionar sua relação consigo mesma, com coisas que antes eram desprazerosas e um redimensionamento até de sua relação com o tempo. Seu prazer ao se levantar da cama movida pelo encanto com seu trabalho se associava em seu deleite de se produzir impecavelmente, apequenando o ato desagradável de ter que passar roupa logo de manhã. Sua ligação com o trabalho a tomava a tal ponto que sua relação com o tempo, em sua rotina diária, era relativizada, absorvida e definida pela sua ligação passional com sua atividade laboral.

Os parágrafos que se seguem vão descrevendo o ruir desse afeto vitalizante pelo trabalho. Kamila compartilha com a irmã, minuciosamente, o passo a passo do desmoronamento de seu fascínio pelo seu ofício, tendo como pontapé inicial a alteração da equipe com quem trabalhava. O afeto de amor vai, progressivamente, ganhando a forma de ódio, pelo não reconhecimento de suas habilidades e pelo sentimento de estar sendo desvalorizada e esquecida na realização de uma atividade sem sentido, que, em suas palavras, era a “organização do arquivo de sua nova chefe”.

Em seis parágrafos detalhados de seu processo de desapontamento e desilusão com o trabalho, intercalados por desabafos explosivos que foram centralizados no texto e expressos por meio de letras em caixa alta que intensificam o tom do que está sendo declarado, acompanhamos como o encanto virou desencanto, o prazer, desprazer, a fome pelo trabalho, transformou-se em indigestão, a paixão, em ódio e revolta.

O ódio foi ascendendo, passando por três fases ou três níveis, inaugurado pela chegada de uma equipe nova de trabalho em que Kamila se sentia deslocada, gerando uma desafinação no modo de trabalhar, principalmente entre ela e a nova chefe de seu departamento. Kamila relata a tentativa de solucionar, segundo seu julgamento, falhas e inabilidade da gerência de sua gestora, a Leila. Para tanto, buscou ajuda e compreensão de outro gerente, o Elias, que lhe inspirava admiração, criando a possibilidade de ele assumir a gestão de seu trabalho, mas não obteve sucesso. Essa frustração, ao lado da desafinação entre Kamila e Leila, foi o centro disparador do “ódio um” pela empresa, movido também pela impossibilidade de contar com o apoio de seus superiores.

Dando continuidade à perda de sua “fome” pelo trabalho, que foi substituída por uma “indigestão”, Kamila anuncia seu “ódio dois” pela empresa, nascido do insucesso da manutenção de um assistente para o desenvolvimento de seu trabalho, contratado depois de mais de um ano de espera. Sua crença, para explicar a brevidade de tempo em que esse assistente a acompanhou, recaiu em sua desconfiança por colegas de trabalho que supostamente não queriam se envolver em seu conflito com Leila, sua gerente direta. Desse modo, esse seu “segundo ódio” pela empresa é acrescido pelo despertar de seu sentimento de desconfiança generalizada por todos seus colegas de trabalho: *“FIM DE MEU ÓDIO DOIS PELO MEU TRAMPO NA MAGAZINE. INÍCIO DE MINHA FALTA DE CONFIANÇA EM [QUEM] QUER QUE SEJA NA MAGAZINE”*.

Nesse ponto, já está consumada a ruína de seu encanto, de sua fome e de sua paixão pelo trabalho, e já desponta, consistentemente, um sentimento de solidão dentro da empresa, sem companhia e afinidades nos modos de ver, compreender e gerir as atividades desenvolvidas na Magazine.

Seu “ódio três” foi alimentado pela sujeição a um trabalho sem sentido para Kamila, sob o consentimento de outros gerentes que expressaram, de algum modo, a irrelevância de sua atividade atual, a organização dos arquivos da Leila, sua gestora. Essa terceira mudança em seu trabalho transcendeu os limites de um “ódio três”, ganhando a proporção de um

*“ÓDIO AMPLO GERAL E IRRESTRITO PELA MAGAZINE & DESCONFIANÇA DA INEXISTÊNCIA DE VIDA INTELIGENTE DENTRO DAQUELA EMPRESA!”*

O fim de seu ódio “amplo, geral e irrestrito pela empresa”, na carta, é encerrado e sucedido, abruptamente, por confidências íntimas de Kamila para sua irmã Clarice. Do sentimento de desilusão pelo trabalho, somos conduzidos para revisões de sua existência, para reminiscências de afetos íntimos que lhe conferiam algum impacto, algum vigor vitalizante diante da vida. Mas tais reminiscências ou estão distantes no tempo, ou são vividas em uma solidão: *“O último ato de romantismo que já presenciei foi um namorado dinossauro que me mandou flores para meu escritório no meu aniversário de 24 anos (nem lembro que flores eram!)”*; *“E pra dizer a verdade, o melhor sexo que já tive na vida foi sozinha”*. O que significaria um namorado “dinossauro”? Velho? Desajeitado? De todo modo, Kamila não se recorda quais flores recebeu e não destina uma lembrança afetuosa ao namorado. A intensidade desse parágrafo recai, principalmente, no trecho *“O último ato de romantismo”* e nas confissões de vivências solitárias em experiências sexuais.

Sua última vivência de romantismo está distante de si, cronologicamente, há seis anos. Porém, seguindo a organização e expressão afetiva de suas palavras, há uma distância simbólica além da cronológica. A distância simbólica se configuraria em uma não realização da vivência de uma companhia significativa em um relacionamento amoroso, pois recordações do clímax de uma experiência sexual estão associadas à solidão de seu quarto e à madrugada de uma noite: *“E pra dizer a verdade, o melhor sexo que já tive na vida foi sozinha. No meio da noite acordei com contrações tão fortes e incessantes – a constatação do tão falado orgasmo múltiplo. Sexo acompanhada -> realmente não consigo lembrar (e até parece que foram tantos assim)”*.

Kamila reservou poucas linhas de sua carta para compartilhar vivências dessa dimensão de sua vida. Podemos acompanhar, desse modo, a descrição de duas vivências de solidão: no trabalho, por meio da ruptura de um pertencimento e de um reconhecimento em seu fazer cotidiano; e na dimensão do relacionamento afetivo. Ou seja, no trabalho, foi experimentado, por um tempo, um impacto apaixonante dotado de sentido, enquanto na dimensão afetiva, não é expressa, na carta, nenhuma experiência de um encontro significativo, pois a que é citada é de um namorado “dinossauro”, e o clímax, na experiência sexual, vivido na solidão noturna e acidental de seu quarto: *“No meio da noite acordei com contrações tão fortes e incessantes”*.

De confidências íntimas, Kamila passa para a declaração de ocorrências cotidianas simples que lhe propiciam satisfação e deleite. Mas, curiosamente, antes de Kamila listar uma

série de pequenos encantos diante de eventualidades da vida, ela introduz um espaço em branco expressivo, destacando, notadamente, uma distância entre o parágrafo anterior e esse atual.

Figura 18. Trecho da carta digitada por Kamila

DESCONFIANÇA DA INEXISTÊNCIA DE VIDA INTELIGENTE DENTRO DAQUELA EMPRESA!

O último ato de romantismo que já presencié foi um namorado dissonante que me mandou flores para meu escritório no meu aniversário de 24 anos (nem lembro que flores eram!)

E pra dizer a verdade, o melhor sexo que já tive na vida foi sozinho. No meio da noite acordei com contrações fortes e incessantes - a constatação do tão falado orgasmo múltiplo. Sexo acompanhada -> realmente não consigo lembrar (e até parece que foram tantos assim)

Outros prazeres pessoais:

- Bater um papo realmente sério com a família (c/ conteúdo/troca de idéias)
- Curtir minha sobrinha
- Assistir a um bom filme (cinema ou tv)
- Jogar videogame
- Ser paquerada
- Comer
- Fazer exercícios de matemática
- Estudar geografia mundial

Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

A distância em branco entre os dois trechos podem obedecer a uma casualidade, ou a um intervalo no tempo em que Kamila escreveu um trecho e outro. De todo modo, essa distância coincide com a mudança de relatos de experiências de solidão para relatos de experiências de encontros com outros, como por exemplo quando escreve: “*Bater um papo sério com a família (c/ conteúdo/troca de idéias), Curtir minha sobrinha*”. E coincide, também, com a descrição de momentos de fruição consigo mesma, que poderia também se constituir em momentos compartilhados com outros: “*Assistir a um bom filme (cinema ou tv), Jogar videogame, Ser paquerada, Comer, Fazer exercícios de matemática, Estudar geografia mundial*”.

Essas foram as experiências de fruição que Kamila pôde lembrar no momento em que escrevia à irmã. A jovem paulistana reserva as últimas linhas de sua carta para compartilhar o tema central que lhe moveu a escrever, a confissão de sua tentativa de suicídio. Diante do reconhecimento de que esse seu ato foi bastante sério, Kamila diz à irmã que as linhas anteriores não passavam de um “blá, blá, blá introdutório”. Ou seja, suas experiências de solidão, de desencanto com o trabalho e mesmo de encanto com a vida ganham outra dimensão, outro lugar de intensidade entre seus afetos, quando o que entra em cena é a sua tentativa de se matar.

A descrição de sua tentativa de suicídio é lenta, espaçada, não tem a fluidez catártica da expressão de sua desilusão pelo trabalho. Kamila começou a comunicar esse tema na abertura da carta, interrompeu, adicionou parágrafos com “blá, blá, blá”, segundo sua compreensão, e só então retomou o tema, usando frases curtas, isoladas e espaçadas:

Figura 19. Trecho da carta de Kamila

Este blá, blá, blá todo foi um a introdução de algo que gostaria de te contar. Algo que tentei fazer, mas não tive coragem de ir até o fim.

Apesar de acreditar no espiritismo com toda a minha fé, eu tentei me matar. Bloqueei todos os pensamentos racionais de minha cabeça e agi.

Nem precisa contar que não deu certo. Apenas acordei com uma indigestão e nada mais.

Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

Sua tentativa de se matar envolveu uma coragem que não foi levada até a consumação de sua morte. Kamila usa uma frase simples e direta para anunciar o ato que tentou contar à irmã desde o início da carta: “*eu tentei me matar*”. Tal anúncio é acompanhado, na mesma frase, de uma afirmação iniciada por um advérbio, “*apesar*”, que destaca uma improvável coexistência simultânea de dois movimentos: “*Apesar de acreditar no espiritismo com toda minha fé, eu tentei me matar*”. Ou seja, “*acreditar no espiritismo com plena fé*” e “*tentar se matar*” são movimentos contraditórios, que não deveriam coexistir, de acordo as palavras de Kamila. O que permitiu tal coexistência, segundo compartilhado, foi a abertura a uma impulsividade e inibição total da faculdade de ponderação racional: “*Bloqueei todos os pensamentos racionais de minha cabeça e agi*”.

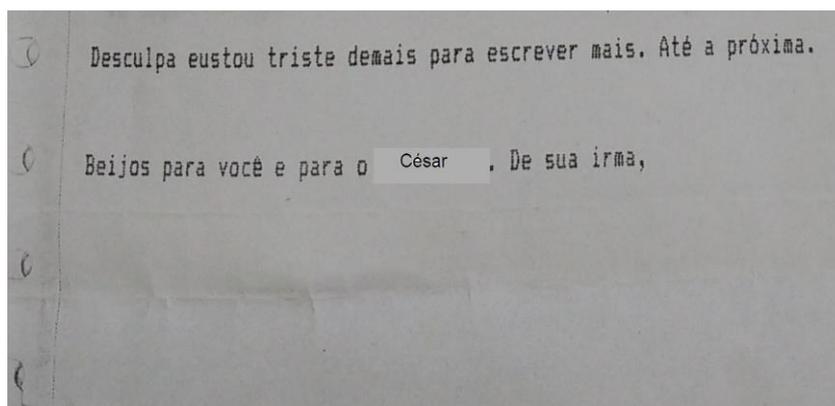
Em uma carta longa, cujo tema disparador do movimento de escrever foi sua tentativa de suicídio, Kamila reserva seis frases sucintas para revelar o tema central da carta. Sem justificativas claras ou explicações diretas dos porquês, afinal, foi em um momento de “bloqueio de pensamentos racionais” que tinha acontecido há poucas horas.

Adormecendo depois da tentativa de se matar, Kamila desperta com mais uma coisa indigesta para lidar, pelo menos fisicamente: “*Nem precisa contar que não deu, certo. Apenas acordei com uma indigestão e nada mais*”. Após um “bloqueio de seus pensamentos racionais e de sua fé” para tentar se matar, “nada mais” do que uma indigestão lhe aconteceu, sem que fosse necessário se hospitalizar. Ela despertou viva o suficiente para pedir ajuda aos pais e também para escrever para a irmã, refletindo sobre seu ato, sobre sua vida como um todo, possivelmente como um gesto de lidar com as indigestões para além do físico que foram se acumulando ao longo da vida. Essas fomes foram se transformando em indigestão.

Em seu último parágrafo, é compartilhado com a irmã o gesto afetivo de seus pais, sua surpresa diante da reação de apoio de seu pai e o destaque do cuidado de sua mãe em lhe fazer companhia, passando a noite em sua casa para assegurar seu bem. Gestos capazes de “levantar seu astral”, de apaziguar seu afeto de “se sentir a última das criaturas”.

A carta é terminada com a expressão de uma grande tristeza, sem assinatura, sem ponto final, mas com uma vírgula, antecedida pela reafirmação de um vínculo: “*De sua irmã,*” (grifo nosso):

Figura 20. Trecho da carta de Kamila



Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

Poucas horas separaram a escrita da carta e a consumação do suicídio de Kamila. Esteve presente, lado a lado, em sua vivência, o impulso de tentar se matar, o pedido de ajuda aos pais, a escrita de palavras catárticas, confidenciais e afetuosas à irmã e o movimento de se

lançar à morte, da janela de seu quarto, do décimo terceiro andar. Esse conjunto de elementos é expressivo de uma tentativa de sobreviver à perda de suas ligações passionais com a vida ao lado da confirmação de sua ruptura com o que a mantinha viva e vitalizada para levantar da cama de manhã.

A ligação com a vida e a ligação com a morte, a tentativa de se matar, o esforço de continuar buscando meios de se salvar, pedindo ajuda aos pais e escrevendo para irmã vão se intercalando, e não são, definitivamente, constantes ou estáveis. Em sua escrita, Kamila faz um balanço significativo de sua existência, compartilha frustrações, prazeres e tristezas, sinaliza uma tentativa de aderir à vida mais uma vez, sem nenhum anúncio da iminência de uma nova tentativa de suicídio, que se consumou algumas horas depois.

### **4.3. Testemunhos do suicídio de Kamila**

Segundo é possível acompanhar no inquérito de investigação da morte de Kamila, tomamos conhecimento do testemunho não só da consumação de seu suicídio, mas também de sua tentativa de se matar, ocorrida no dia anterior.

Segundo as declarações de sua mãe, em uma tarde de sexta-feira, oito de março de 1996, Kamila tentou se matar, pela primeira vez em que se teve notícias, ingerindo bebida alcoólica e anfetaminas, mas sem êxito. Depois de um tempo, ligou para a mãe, dizendo o que havia feito e pediu ajuda. A mãe foi de imediato ao encontro da filha, acompanhada de seu marido. Kamila passou mal em reação ao que ingeriu, e nos intervalos em que expurgava a intoxicação de seu corpo, confidenciou aos pais o desgosto e a indigestão com sua atual fase no trabalho. Seus pais sugeriram que ela voltasse a morar com eles por um tempo, para acalmar o nervosismo em que se encontrava e até que se sentisse melhor. Eles conversaram entre si por volta de duas horas, e os pais ouviram e aconselharam a filha. Por fim, seu pai voltou para casa e sua mãe permaneceu para passar a noite. A mãe de Kamila acordou às 6 horas na manhã de sábado, levantou-se por volta das 8 horas e foi para a cozinha preparar o café. Depois de uns 15 minutos, ela ouviu um forte barulho vindo do pátio do prédio, sem nenhuma suposição do que seria e, voltando ao quarto, notou que a filha não estava na cama. Encaminhou-se em direção à janela, e então viu Kamila caída no pátio, dando-se conta de que a filha havia se precipitado daquela janela, do décimo terceiro andar.

Segundo as palavras do pai de Kamila, ele recebeu o telefonema de sua esposa às 9 da manhã, informando sobre a morte da filha, e disse também que, no dia anterior, Kamila estava perturbada e se sentia mal depois da tentativa de suicídio, chegando a pedir à mãe que fosse

dormir com ela. Ele relatou que a filha se sentia mal aproveitada pela empresa na qual trabalhava há cinco anos, como especialista em marketing.

Passados um ano e oito meses do suicídio de Kamila, sua mãe foi chamada à delegacia para prestar novos esclarecimentos. sendo indagada se a polícia técnica realizou a perícia no computador de sua filha e informou que tal procedimento não aconteceu. A mãe de Kamila comunicou que deu o computador para seu genro, marido de sua filha Clarice, e que, ao vasculhar os arquivos, ele encontrou a carta escrita por Kamila poucas horas antes de sua morte. A mãe de Kamila revela à polícia que estão de mudança para outro estado, o mesmo onde reside Clarice, como uma tentativa de superar o suicídio de sua filha. No final do depoimento, ela solicita que a investigação seja encerrada, compartilhando que seu marido adoeceu depois da morte da filha e que ambos já não suportam mais se aproximarem do sofrimento pela morte de Kamila a cada vez que o tema é lembrado, afirmando, por fim, que “nada trará a menina de volta”.

No relatório final do inquérito com a solicitação de arquivamento do caso, destinado ao Juiz, o Promotor de Justiça indica que a queda do décimo terceiro andar gerou um politraumatismo, sendo a causa da morte de Kamila. O Promotor ressalta que a carta com “teor suicida” e “desencanto com a vida” é uma confirmação da “voluntariedade” de Kamila se matar, não havendo, portanto, evidências do crime de instigação, auxílio ou induzimento ao suicídio.

A leitura dos depoimentos dos pais de Kamila, as imagens da perícia do local onde o corpo da jovem paulistana foi encontrado e as fotos da autópsia já seriam capazes de oferecer um dimensionamento considerável do drama da morte de uma jovem que tentou se matar, desistiu, pediu ajuda aos pais, passou a noite em companhia da mãe, e, na manhã seguinte, após alguns minutos sozinha em seu quarto, atirou-se do décimo terceiro andar. A carta de Kamila à irmã redimensiona essa fatalidade, surpreendendo a leitora do inquérito que não esperava encontrar, nas últimas páginas, a expressão de afetos eloquentes e contrastantes do esfacelamento de ligações passionais com a vida ao lado de declarações de pequenos encantos diante da vida e, vale lembrar, sem nenhum anúncio de uma nova tentativa de suicídio. O encontro repentino e surpreendente com as palavras de Kamila fez emergir, à primeira vista, questionamentos como: em que momento ela decidiu tentar se matar pela segunda vez, precipitando-se pela janela de seu quarto? Durante a escrita da carta? Depois de redigi-la? No momento em que sua mãe saiu do quarto? Que significado pode ter a despedida “Até a

próxima”)? Nesse momento da despedida da carta, Kamila já tinha decidido tentar se matar novamente? São perguntas sem respostas, e mesmo se houvesse, ainda não serviriam a nada mais do que a oferta de uma explicação inócua diante do movimento de Kamila de se lançar à morte, do décimo terceiro andar. É um ato humano vívido, pungente e instaurador de perguntas irrespondíveis e de silêncios inquietantes.

## **5. Alisson**

Em uma noite de quarta-feira do mês de março do ano 2000, Alisson deu entrada num hotel em Jaçanã, zona norte da capital paulista, mesmo bairro onde residia. O jovem de 26 anos, natural de Guarulhos, era auxiliar de enfermagem e usou de seus conhecimentos técnicos e profissionais para eleger o modo de se matar, injetando, em si, seringas de cloreto de potássio. Em doses mínimas, tal fórmula equilibra a escassez de potássio no organismo, em excesso, pode gerar o quadro de parada cardiorrespiratória pelo seu efeito descompassador e paralisante de células musculares.

Seu corpo foi encontrado pela camareira do estabelecimento no meio da tarde do dia seguinte, depois de várias tentativas da recepcionista do hotel de entrar em contato com o hóspede. Ao entrar no quarto com a chave reserva e perceber a presença de um corpo sem vida, a polícia militar foi acionada.

Alisson foi encontrado caído no banheiro da suíte, trajando uma camiseta polo na cor laranja, calça e tênis pretos, ainda vestindo seus óculos de grau. Ao seu lado, foi encontrado um caderno com três páginas escrita a caneta preta. Suas anotações estão datadas de oito de março, ou seja, o dia anterior em que deu entrada no hotel.

### **5.1. A mensagem**

08/03/2000

Pai, mãe, Rosa Maria e a todos os meus amigos (as)

Por favor me perdoem, mas já estou de saco cheio desse nosso mundo, cheio de normas e regras!

O nosso mundo é muito ingrato! As pessoas não se ajudam umas as outras, não quero mais ver doenças, guerras, e tanta ignorância nas pessoas.

Eu até que tentei ser uma pessoa normal, isto é, não que eu seja louco, paranoico ou esquizofrênico, é que eu tenho uma grande frustração em relação a vida.

Minha família não é unida, e minha mãe, tadinha não enxerga (umas das grandes revoltas da minha vida) e recentemente terminei um lindo namoro com Rosa Maria →minha branquinha←

Mas isso é tudo um problema meu, as pessoas não tem culpa, só que apenas eu não quero ver minha vida assim, cheia de frustrações.

Eu não sou covarde, sempre cumpri com minhas obrigações, por isso peço perdão a Deus e todos que me querem bem!

Bom pelo menos nesse mundo eu pude usar a minha imaginação, “fingir estar sempre bem”.

Também existem coisas maravilhosas como F1, ROCK<sup>22</sup>, cinema E BONS LIVROS!

Na F1, grande destaque a nossos pilotos brasileiros: Emerson Fittipaldi, Nelson Piquet, Ayrton Senna, → voltem!

No ROCK: as bandas nacionais e internacionais como: Legião Urbana, Paralamas, Ultraje, Capital Inicial, Sepultura, Ira, Iron Maiden, Ozzy, AC/DC, Deep Purple, Led Zeppelin, Megadeth, Ramones, Midnight Oil, Men at Work, (...) <sup>23</sup>, Angra, Pink Floyd, U2, (...), Alanis Morissette entre muitos outros...

Cinema:

Os excelentes diretores:

Brian de Palma, Francis Ford Coppola, Steve Spielberg, Michael Moore, Quentin Tarantino

---

<sup>22</sup> Mantivemos em caixa alta as palavras que Alisson escreveu usando letras maiúsculas.

<sup>23</sup> Não soubemos qual banda foi mencionada por dificuldade de entender a letra.

Os excelentes atores: Al Pacino, Robert de Niro, Nicolas Cage, Fernanda Montenegro, Rita Guedes (teatro), Claudia Raia, Miguel Falabella, Tarcísio Meira entre outros...

Livros: Casa grande e senzala, O mal estar na civilização → Freud

Ah... tinha me esquecido as belas MPBs... “música”.

Por favor me perdoem: Carolina, Mariana, Mariele (minhas irmãs), Raimundo (mundão) Silas (Silão) Melissa (Mel) Vinícius (touro), Guilherme, Gê (morco), Leandro → viva Gaspar  
Adoro a todos (as) vocês!

Só gostaria de fazer um pedido

EU NÃO DESEJARIA SER ENTERRADO

POR FAVOR, PREFIRO QUE MEU CORPO SEJA CREMADO, E AS CINZAS PODEM SER ATIRADAS NO MAR

→ LITORAL NORTE DE SÃO PAULO

Novamente:

Pai, mãe, Rita de Cássia

Amo vocês!

Alisson

## ***5.2. Isso tudo é um problema meu***

As primeiras palavras da carta de Alisson demarcam os destinatários de sua mensagem: “Pai, mãe, Rosa Maria e a todos os meus amigos (as)”. Primeiro são nomeadas as pessoas de vínculos mais próximos, “pai, mãe, Rosa Maria” provavelmente os que mais afetaram e foram afetados pela sua vida e sua morte. Mas Alisson convoca também a todos os seus amigos e amigas, fez questão de usar o “(as)”, para participar desse seu momento existencial. É um anúncio que ele endereça a pessoas de sua convivência, com quem criou vínculos ao longo da vida.

A segunda frase introduz uma tonalidade peculiar em sua mensagem: *“Por favor me perdoem”*. Ele convoca pessoas de sua convivência e afeição para, em primeiríssimo lugar, se excusar do que estava para anunciar. Esse pedido de perdão é seguido pela comunicação de realidades distópicas da existência humana e do mundo: *“já estou de saco cheio desse nosso mundo, cheio de normas e regras! O nosso mundo é muito ingrato! As pessoas não se ajudam umas as outras, não quero ver doenças, guerras e tanta ignorância nas pessoas.”*

A descrição inicial é de um mundo estruturado e marcado por acontecimentos que inviabilizam ou atravessam o caminho de realização de um bem-estar humano: normas, regras, guerras, doenças, ingratidão. Complementando essa realidade, o cenário é ainda ocupado por pessoas individualistas, voltadas para si mesmas e, logo, indiferentes ao outro.

O modo como ele convoca todos os amigos e amigas, uma mulher em específico, Rosa Maria, e os pais, para, de imediato, pedir perdão, mas intensificado por um modificador significativo da frase, o *“por favor”*, sinaliza que estes são vínculos consideravelmente estimados por ele, e nos faz pensar se essas pessoas que constituem a realidade inóspita descrita são de sua convivência também, em algum nível, ou se são desconhecidos genéricos.

É expressivo o modo como Alisson realça as palavras *“amigos”* e *“mundo”*, usando os pronomes possessivos *“meus”* e *“nosso”*, respectivamente. Esses pronomes indicam um sentimento de pertença e de participação na existência desses amigos e na realidade em que vive, distanciando-se de um senso de solidão, isolamento ou de separatividade. Ele não elegeu o pronome demonstrativo *“esse”* para se referir ao mundo, o que o desvincularia de si e tão somente o indicaria como algo separado, apregoando uma certa distância.

Dizer *“nosso mundo”* é assumir que o mundo é um lugar no qual um *“eu”*, na primeira pessoa do singular, e um *“outro”*, estão associados em um *“nós”*, na primeira pessoa do plural, no pertencimento em comum revelado pelo pronome possessivo *“nosso”*. **“Meus amigos”** e **“nosso mundo”** são construções que se direcionam a um senso de pertencimento, de comunidade existencial.

Por outro lado, algumas linhas depois, Alisson chama a responsabilidade inteiramente para si: *“Mas isso tudo é um problema meu”*. Antes, defende a si mesmo de possíveis rotulações de doenças psiquiátricas e tenta esboçar sua compreensão quanto ao que poderia significar ser normal: envolveria encontrar um modo de lidar com a frustração diante da vida sem desistir de viver? As palavras que seguem à expressão dessa tentativa de ser normal e sua frustração com a vida relatam conflitos familiares e o rompimento do relacionamento

amoroso com sua “branquinha”, Rosa Maria. Embora esses dois elementos tenham sido categorizados como frustração, Alisson não culpabiliza nenhuma pessoa ou acontecimento pelo que está sentindo ou vivendo. Ou seja, “minha família é desunida, é revoltante a ingenuidade da minha mãe de não conseguir ver, meu namoro lindo acabou, minha vida está cheia de frustrações e **eu não quero viver assim**”.

“Sempre cumpri com minhas obrigações”, “não sou covarde”. Nessas duas afirmações sobre si, Alisson encontra respaldo e justificativa para merecer o perdão de Deus e das pessoas de sua convivência que o querem bem. Pela segunda vez, aparece o pedido de perdão.

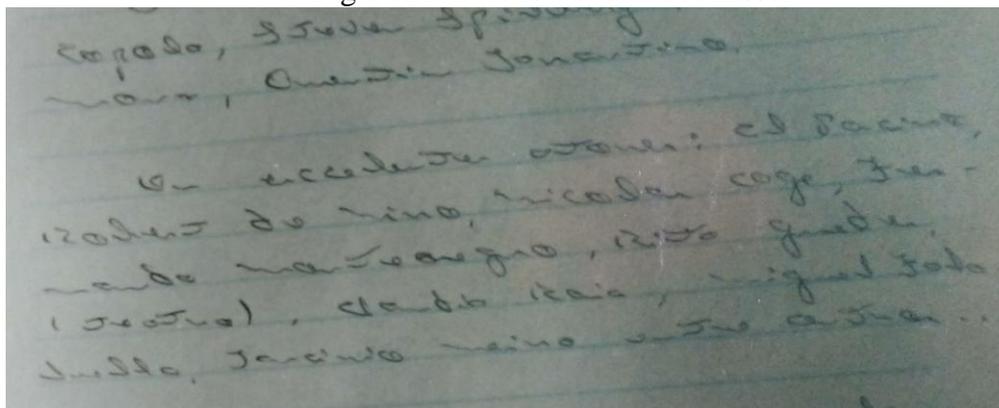
A carta tem dois blocos principais, sendo que, nesse primeiro bloco acima descrito, o jovem auxiliar de enfermagem declara pertencimento a um mundo inóspito e a pessoas de sua convivência, revela a existência de elementos conflituosos (familiares e amorosos), renuncia viver em meio a frustrações e busca o perdão de Deus e de pessoas de sua consideração por essa renúncia.

Uma frase marca a transição do primeiro bloco para o segundo: “Bom pelo menos nesse mundo eu pude usar a minha imaginação, ‘fingir estar sempre bem’”. O que vem a seguir pode nos ajudar a entender como sua imaginação era estimulada “para fingir estar bem” ou como a realidade distópica da vida podia ser suportada.

A segunda parte da carta é uma declaração de reconhecimento da criatividade e genialidade humana, uma ode às coisas boas que há no mundo, que, nas suas palavras, são: “F1, ROCK, cinema E BONS LIVROS!”.

Alisson começa pelo esporte e pelos pilotos brasileiros imortalizados na Fórmula 1, nomeia bandas de rock nacionais e internacionais, relembra diretores de cinema de sua predileção, cita atores e atrizes, brasileiros e estrangeiros, de filmes, novelas e teatro, destaca duas obras literárias, e não se olvida de prestar admiração à Música Popular Brasileira.

Figura 21. Trecho da carta de Alisson



Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

Há poucos erros para uma carta escrita à caneta e sem rascunhos, uma carta que antecede o ato de se matar. As palavras foram pensadas, sentidas, lembradas. Antes de finalizar essa parte da carta, ao escrever “Ah... tinha me esquecido”, Alisson sinaliza que foi dedicado tempo para realizar uma busca na memória e a transcrever, pacientemente e com reverência, alguns grandes nomes do campo das Artes, de personalidades distintas que deixaram sua marca, que são capazes de fazer do mundo um lugar bom. Foram lembrados na hora da morte, em um momento crucial entre o continuar a viver e o decidir morrer, e ligados à dimensão da vida que, possivelmente, ajudava Alisson a “fingir que estava bem”, ou a descansar de suas frustrações.

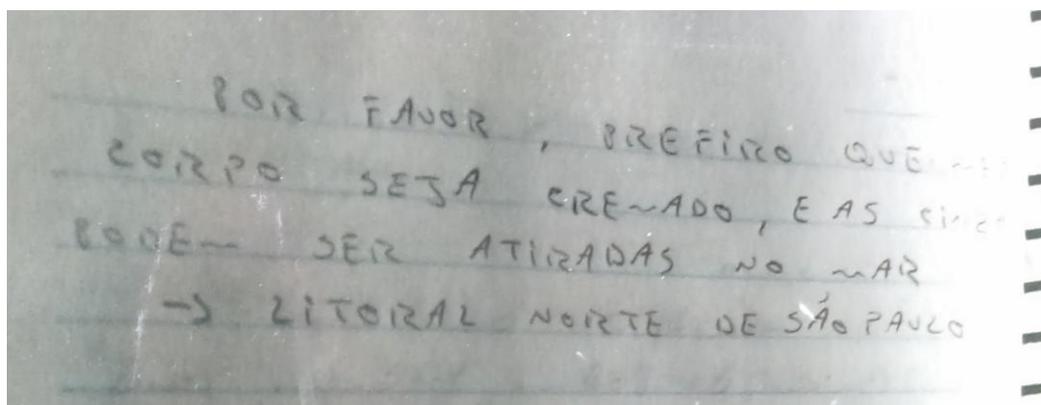
Já se encaminhando para o final da escrita, com tons de despedida, pela terceira vez, aparece o pedido de perdão. Dessa vez, seguido de dois pontos para evocar suas três irmãs e amigos, cujos apelidos ele fez questão de mencionar entre parênteses. Tal gesto de lembrança afetiva foi concluído com um efusivo “Adoro todos (as) vocês!”.

Como se vê, a escusa de Alisson pelo seu ato de se retirar da vida não condena pessoas próximas, nem a si mesmo. Suas palavras emitem a condenação de um mundo distópico e de pessoas genéricas que se reduzem em pensar em si mesmas. Para si, ficam as palavras de quem tentou até onde pôde, sem fraqueza, sem deixar de fazer sua parte; para os seus familiares, amigos e ex-namorada, as palavras são de afeto e consideração, afinal, o perdão deles é importante para ele.

Alisson formula dois pedidos. O primeiro deles, acima mencionado, é o de perdão, repetido três vezes e endereçado a pessoas de sua afeição e a Deus, evidenciando parte de seu sistema de crença. O segundo e último pedido expressa seu desejo quanto ao que fazer com o

vestígio físico de sua existência. De um modo educado e não imperativo, ainda que escrito integralmente em letras maiúsculas, ele exorta: “EU NÃO DESEJARIA SER ENTERRADO. POR FAVOR, PREFIRO QUE MEU CORPO SEJA CREMADO, E AS CINZAS PODEM SER ATIRADAS NO MAR → LITORAL NORTE DE SÃO PAULO”. Há um desejo, uma preferência, uma possibilidade de realização de algo significativo após a consumação de sua morte.

Figura 22: Trecho da carta de Alisson



Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

A carta termina como começa, com a presença novamente das três pessoas que foram mais significativas diante de sua vida e de sua morte: sua mãe, seu pai e Rosa Maria. Essas três pessoas são novamente evocadas para serem destinatárias da última declaração de amor do Alisson por meio do “Amo vocês!”, que vem marcado com a veemência do ponto de exclamação.

Sua última palavra é a sua assinatura, apenas o primeiro nome, escrito solitariamente em uma linha, à direita da página, e seguido de um sucinto ponto-final.

### 5.3. Testemunhos do suicídio de Alisson

As declarações de pessoas próximas a Alisson constantes no inquérito atestam o êxito de sua imaginação em encenar um falso bem-estar. O ato do suicídio, para os declarantes, habitava a classe do que era inesperado, imprevisível e surpreendente. O inquérito coletou os depoimentos de seu cunhado, do gerente do hotel onde se hospedou, duas colegas de trabalho, do pai, da ex-namorada e do policial que atendeu a chamada do hotel.

O gerente do hotel comunicou que, após vencer o período da estadia antecipadamente paga e depois de diversas tentativas de contato, a camareira entrou no quarto, por volta das 15 horas do dia seguinte à entrada, percebeu a presença de um corpo sem vida no banheiro e acionou a polícia. Embora estivesse de folga no dia do acontecido e declarar não ter conhecido Alisson, o gerente informa que outros funcionários afirmaram já terem visto o jovem frequentando o hotel outras vezes, com uma mulher.

O policial militar que cobriu a ocorrência reuniu os elementos que julgou necessário para a investigação de uma morte cuja hipótese principal é o suicídio. Suas palavras refletem um olhar que capta fragmentos específicos de um cenário no qual havia um jovem caído sem sinais vitais na suíte de um hotel, com uma sonda afixada em seu braço esquerdo, e dois recipientes de soro fisiológico acomodados na parede, no lugar reservado à toalha. Havia ainda seringas, bisnagas esvaziadas de cloreto de potássio, esparadrapo, álbuns de fotografia e um caderno com escritos cujo excerto mais digno de atenção para ele foi a emissão do pedido de Alisson de como desejaria que seu funeral fosse realizado. Pedido que não pôde ser atendido, pois seu corpo foi sepultado no cemitério de Tremembé, na capital paulista.

As duas colegas de trabalho de Alisson se ocuparam especialmente em explicar o caráter proibitório da retirada de medicamentos do hospital por funcionários, ato que poderia acarretar demissão por justa causa. Elas esclareceram que o cloreto de potássio é utilizado em todos os setores do hospital, sendo de amplo e livre acesso, podendo ter sido pego em qualquer momento e em qualquer lugar. Entre as informações técnicas do efeito de tal medicamento e a comunicação de que sua venda é proibida em farmácias, foi sinalizada a inexistência de uma proximidade com Alisson, que inclusive estava de férias à época do ocorrido, e que nada sabiam nem viram de um possível planejamento de suicídio.

O pai e o cunhado de Alisson denotam grande surpresa diante do acontecimento. O pai nos apresenta um jovem honesto, trabalhador, um bom filho que se relacionava notavelmente bem com a família e um namorado que tecia planos de se casar em dois anos. Ele soube da morte do filho por policiais militares que foram até sua casa dar a notícia. O cunhado destaca que Alisson, no dia em que se hospedou no hotel, saiu de casa no fim da tarde, às 17 horas.

Rosa Maria, ex-namorada e também colega de trabalho, comunica que eles haviam decidido terminar o relacionamento, em comum acordo, quarenta e cinco dias antes da consumação do suicídio. Declara nunca ter ouvido qualquer menção ou percebido alguma inclinação do ex-namorado para tal ato, ainda que, segundo ela, ele fosse uma pessoa fechada

e reservada, compartilhando, apenas quando perguntado, situações que demonstravam a existência de conflitos familiares e problemas financeiros. No dia do acontecimento, Rosa Maria encontrou Alisson no hospital, no início da tarde, conversaram por um tempo considerável e recebeu um presente dele endereçado à sua filha. Após se despedirem, ela telefonou para Alisson e, percebendo-o triste, conversaram por mais tempo. Sentiu que havia um movimento da parte dele de tentar reatar o namoro, diante do qual ela sugeriu que era melhor ele seguir sua vida.

E ele seguiu. Para o delegado responsável pela investigação, Alisson seguiu sua vida sendo vítima do crime de suicídio consumado. Para o promotor responsável pela possível formação de culpa, as diligências realizadas, juntamente com as declarações das testemunhas, não indicaram nenhuma infração penal, requerendo, assim, ao juiz, o arquivamento do inquérito, que, sem mais delongas, assim determinou que fosse feito.

No dia de sua morte, Alisson, em férias, visita o hospital onde trabalhava, investe tempo e afeto nos diálogos com Rosa Maria, vai para casa, sai no fim da tarde, três horas depois se hospeda em um hotel, no mesmo bairro onde morava, levando consigo, pelo menos, algumas seringas, esparadrapos, cloreto de potássio, soro fisiológico, um caderno e uma caneta preta. Antes da consumação do desfecho de sua existência física, ele dedica tempo em escrever palavras que destinam afetos e estima aos seus, salientando a inospitalidade de um mundo marcado por caos e habitado por pessoas individualistas. Antes de efetivar sua morte, ele se lembrou e convocou a companhia de uma série de artistas notáveis em diversos campos de atuação, com uma intensidade tal que levou a mim, leitora da carta e testemunha dessa história, a buscar as músicas de bandas por ele mencionadas, e a ouvi-las e cantá-las enquanto lia e relia suas palavras.

## **6. Manuela**

Nosso olhar se volta agora à Manuela, que sinalizava uma relação próxima com a escrita. Essa jovem de 28 anos, no dia 14 de abril de 2009, uma terça-feira, hospedou-se em um hotel na região da Consolação, na capital paulista, tendo adquirido uma diária ao dar entrada. Os funcionários do hotel informaram que a moça não saiu nem recebeu ninguém, e ao finalizar o prazo da diária, eles ligaram para o quarto de Manuela para verificar se ela ficaria hospedada por mais dias, mas não foram atendidos. Depois de um tempo, o gerente solicitou que uma camareira fosse até o quarto. Ela ouviu um barulho de água e deduziu que Manuela estivesse tomando banho, mas, ao voltar, quarenta minutos depois, ouviu o mesmo

som de água corrente. Estranhando tal comportamento, o gerente do hotel abriu o quarto com a chave mestra e, então, encontraram o corpo de Manuela, já sem vida, na banheira, ainda com os registros de água abertos. Próximo a ela, havia cartelas de Rivotril e de Dramin, e um caderno de anotações.

O relatório da autópsia indica que a causa da morte foi asfixia mecânica por afogamento. Provavelmente a overdose de medicamentos a levou ao torpor, e sua morte foi consumada pela água que tomou conta de seus pulmões.

Os três primeiros escritos, que serão apresentados a seguir, são transcrições de cópias de anotações do caderno que foi encontrado o lado da banheira e anexadas ao inquérito. Os restantes são anotações de outro caderno que a mãe de Manuela apresentou no dia em que foi à delegacia para prestar declarações, para fins de análise do conteúdo e para que a perícia confirmasse a autoria da letra.

Como não podemos afirmar a sequência exata em que as anotações foram feitas, vamos apresentar os escritos, mantendo a ordem em que aparecem no inquérito. Em duas páginas dessas anotações, havia a indicação da data em que foram escritas. Logo nas primeiras páginas exibidas, que são do bloco de anotações que estava junto à Manuela, está indicado o dia de hospedagem no hotel. A outra indicação de data está no caderno levado pela mãe, sendo de alguns meses antes do suicídio.

Dessa forma, é possível arriscar a deduzir uma ordem cronológica em que Manuela escreveu. Como manteremos a sequência do inquérito, as anotações serão apresentadas, integralmente, de “trás para frente”, ou seja, começando pelas suas últimas palavras e terminando com suas anotações mais antigas.

## **6.1. A mensagem**

### **Anotações encontradas ao lado de Manuela**

Eu não aguento mais sentir tanta raiva, tanto ódio! Tanta merda<sup>24</sup>!

Eu não consigo mais ver meus sonhos, não consigo ter paz, odiar me faz mal mas eu não consigo me livrar disso. Nunca me vi assim!

---

<sup>24</sup> Conforme anunciado no capítulo sobre o método, ressaltamos nossa opção de manter fidelidade às expressões originalmente usadas, ainda que destoantes do formalismo acadêmico.

Acordei com o olho vidrado de raiva, dente rangendo....

Ódio do Roberto, da vaca gorda de todo mundo.

Não consigo me divertir com meus amigos, não vejo graça nas pessoas, aliás elas todas me irritam.

Detesto isso dentro de mim

---

Por que não nasci misterioso?

Por que cresci sem companhia?

E que importância tenho eu

No tribunal do esquecimento?

E não naufragam os veleiros

Por excesso de vogais?

Don Pablo Neruda

Do livro das Perguntas (anotação datada de 14/04/2009)

É verdade que as esperanças

Devem regar-se com orvalho?

Por que se suicidam as flores

Quando se sentem amarelas?

Que acontece às andorinhas

que chegam tarde ao colégio?

Por que me mordem as pulgas

E os sargentos literários?

Não é melhor nunca que tarde?

De que cor é o perfume

do pranto azul das violetas?

E por que não o ornitorrinco  
com sua espacial indumentária?

---

### **Anotações apresentadas pela mãe de Manuela**

Como posso querer que alguém goste de mim? É tão claro que quando vou embora tudo se resolve! A vida da minha mãe, o Laércio, o Régis... É como se eu fosse o bode que se põe no meio da sala... só pra tirar e depois ver tudo muito melhor que antes. Nada pode ser pior que o bode lá no meio. Incomodando! Sempre incomodando! Como uma praga! A Emy diz que eu não guardo rancor, que eu não engulo sapo! Nunca me vi assim... eu não sou assim... sou uma idiota! Não é que eu não guardo rancor... eu me deixo fazer de besta! E quem disse que eu não engulo sapo? Eu não me imponho... só grito, esperneio... q merda!

O mundo é de pessoas como o meu pai, ou como o Roberto. Eles não se importam com as pessoas. As pessoas se importam com eles... e por eles! Pq as responsabilidades existem. Se alguém não faz caso delas, elas vão cair em cima de outrem. E é isso que eu sou... um outrem! Preferia ser alguém ou ser ninguém. Sim! Eu sou um alfa menor como minha mãe temia! Eu preferia não ser ninguém! NADA!

Preferia não estar aqui nem em lugar nenhum! Preferia não existir, já que não tenho função nenhuma aqui além de ser esta sarna inerte!

Que merda! Que q eu faço!

Ou eu tomo jeito ou me mato! Mas p/ qq um dos 2 precisa força e coragem e eu não tenho nenhum!

Tomara que eu morra de repente q o avião caia e só eu morra! Q sofra um ataque fulminante! Qq coisa! O tiro nas costas que eu já sonhei tantas vezes. A lâmina fria saindo de dentro do meu peito e que fique tudo escuro e acabe logo! LOGO!!!

---

Que merda eu to fazendo aqui? Não na casa da vovó... no mundo!

Eu amo um cara que não me ama e que, além de tudo me faz mal

Eu não tenho um emprego

Eu não estou feliz

Eu não tenho alguém para contar...

Só a vovó... e mesmo assim... me sinto mal por estar aqui, cheia de problemas quando eu queria trazer só coisas boas pra ela.

Não me sinto em casa! Não consigo sair do limbo! Tô afundando na areia movediça! E não tenho onde me agarrar! Pior! É como se existisse onde, mas eu sou muito tosca, fraca e incompetente pra poder me salvar!

Nem meus pais me suportam. Eu não faço realmente nenhuma diferença!

Se eu tivesse algum sentimento... talvez eu me suicidasse... mas sou fraca até pra isso! Que desgraça! Que merda! Se você fosse... Se você morresse, José... mas você não morre...

Eu não vejo lógica em me matar como o Alef disse que se sente qd a depressão ganha a briga. Não estou depressiva. Pior... estou nula, incompetente, anulada... queria poder dizer que estou vazia... mas nem isso... tem um monte de tristeza dentro de mim... solidão... eu devo ser um ser bem tosco mesmo... Além da minha avó e da Tia, não consigo pensar em ninguém que realmente goste de mim... e mesmo assim... elas devem sentir pena... eu queria que orgulhassem de mim... mas nem eu consigo fazer isso. Nem meu irmão... ele tem raiva de mim eu acho... ciúme... sei lá... vai entender... não posso pedir que ele se importe comigo... principalmente agora que ele tá tão bem...

O que será que eu tenho de bom? Além dessa merda de letra, que cada vez serve pra menos... ninguém quer ler nada! Ninguém manda carta, pra que?

Eu sou um bicho deslocado, egoísta, narcisista, e nem bonita eu sou. Talvez eu seja tão tosca que nem eu me goste!

Água na boca e nos olhos

Um coração confuso e apertado

de te amar muito e distante

De não poder estar nos seus braços

e de não caber em lugar

nenhum

De ter para sempre o seu vazio,

a sua falta me preenchendo.

Que futuro triste me espera?

---

Como eu queria responder seu email... poder dizer o quanto eu te amo e o quanto eu sinto a sua falta... tô tão triste sem você... que saudade infernal... Ao mesmo tempo que eu tento n pensar pra não doer eu não quero esquecer... Quero guardar pra sempre o seu cheiro, o gosto do seu beijo, o seu sorriso, o calor do seu corpo. É uma tortura tudo isso... e saber você triste me deixa pior... eu só queria te abraçar bem apertado... e ser feliz do seu lado.

Minha única esperança é você ficar bom e conseguir entender esta bagunça.

Muita saudade de você! Uma saudade infinita.

Queria que você me achasse... e que ficasse bom e a gente fosse feliz p/ sempre...

Tomara que você saiba o quanto eu te amo...

---

Beto<sup>25</sup>, (datado de 25/01/09)

Que dia maravilhoso que foi hoje...

Que saudades eu tinha de sentir você na minha vida e me sentir na sua... Engraçado parecer um primeiro encontro depois de tanto tempo... a gente meio cheio de dedos, se conhecendo... mas com um amor gigante que a gente já conhece!

Tenho tanto medo... medo de você não ficar bom, medo de a gente não poder ficar junto... mas não quero ouvir o que ele diz! Quero acreditar bem forte que você vai ficar 150%! E que a gente vai ser feliz pra sempre! Ah vai!

Se cuida Beto, por favor! Se esforce o máximo que você puder! Você tem tanta força... é tão mais inteligente que eu... como pode? Temos um infinito de coisas para realizar ainda... inclusive envelhecer juntos e felizes!

O dia foi maravilhoso! Que todos os outros sejam ainda melhores. Que suas ideias se ordenem, que você volte a ser dono das suas vontades, volte a trabalhar, a dormir comigo, a ouvir os passarinhos... o mundo te quer de volta!

---

<sup>25</sup> Nessa carta, Manuela se referiu ao namorado por um apelido, que convencionamos a definir como “Beto”.

Não vejo a hora disso acontecer... mas não quero te pressionar... só vou te dar todo o amor que eu puder, toda força que eu puder... e vou torcer, vou rezar, fazer figurinhas, promessas, novenas, macumbas e o que eu puder pra você sair dessa, meu amor!

Que Deus tenha piedade do meu amor tão pirado e do meu coração tão apertado!

Amém!

“Eu quero a sorte de um amor tranquilo com sabor de fruta mordida... nós na batida, no embalo da rede... transformar o tédio em melodia...

... todo amor que houver nessa vida e algum veneno antimonotonia...”

---

Por que você (e n qq outro) é o amor da minha vida (e por que você precisa se cuidar)

Porque seus beijos enchem minha boca de um sabor úmido, cremoso e delicioso.

Porque seu corpo me abraça, me acolhe e me conforta.

Porque seus braços são fortes para me segurar firme e com delicadeza e, ao mesmo tempo, macios e aconchegantes, meu melhor travesseiro.

Porque seu sexo é uma delícia, seus olhos sinceros, seu sorriso contagiante.

Porque eu me sinto linda quando estou por cima, a paisagem é maravilhosa quando estou por baixo e o tesão é imenso em qualquer posição.

Porque você é inteligente, trabalhador e dedicado... e também um pouco atrapalhado... doce, meigo e delicado sem deixar de ser másculo, gostoso e sarado.

Porque seu colo é o melhor lugar do mundo e você meu companheiro p/ toda vida!

Como dói a saudade de você... queria tanto você pertinho... dormir abraçadinho... saudade do cheiro, do seu abraço e do seu sorriso...

Que medo! Medo de você nunca mais voltar, medo desse vazio que eu sinto... me sinto branca e vazia como esse apartamento... meu peito dói... mas as lágrimas custam a cair... e dói mais ainda...

A noite mais maravilhosa não existe sem você...

Queria acordar no seu colo e descobrir que foi só um pesadelo...

Eu te amo! Tomara que eu possa praticar de novo todo o amor que eu sinto por você... sem culpa nem receio... porque sufocar este amor está me matando...

Espero que Deus exista e que fique tudo bem...

Te amo muito muito muito

---

## **6.2. *E que importância tenho eu no tribunal do esquecimento?***

Duas peculiaridades iniciais nos escritos de Manuela nos chamam a atenção, uma é que alguns deles ela escreveu para si mesma. A outra particularidade são as transcrições de poemas do chileno Pablo Neruda, nos quais também é possível captar expressões de seus próprios afetos.

Não encontramos uma premeditação ou planejamento de seu suicídio em nenhum momento. Só podemos acompanhar a descrição do seu desejo de morrer e de seu sentimento de inutilidade, de fraqueza, por nem conseguir viver e nem conseguir se matar.

Observamos dois pontos ou dois movimentos íntimos mais fortes que são recorrentes nas anotações como sendo estruturantes dos afetos de Manuela: a sua relação com o namorado e uma autoimagem marcada por sentimentos de solidão e de nulidade para o mundo e para as pessoas. Por causa desse último ponto, elegemos o verso de Neruda como título desta seção.

Podemos buscar compreender suas anotações, orientando-nos por esses dois movimentos íntimos de Manuela e dividi-las em três blocos, considerando uma relação entre a sequência em que foram escritos e os seus conteúdos.

O movimento íntimo de ligação com o namorado está representado nas anotações mais antigas, nas cartas que Manuela escreve para Roberto. Nos escritos mais recentes, os quais são constituídos de palavras que refletem seus afetos sem um destinatário específico, está o segundo movimento, que envolve seu sentimento de nulidade.

Os três blocos, considerando a relação entre o conteúdo e a proximidade de sua morte, podem ser divididos em: cartas destinadas ao namorado; descrições de seus afetos diante de si, da família, do namorado e da vida, nas quais aparece pela primeira e única vez a expressão do seu desejo de morrer; e anotações do dia de seu suicídio.

Nas palavras mais distantes do dia de sua morte, três meses antes, Manuela expressa a centralidade da relação com Roberto para sua vida. São três cartas que parecem ter o namorado como destinatário, mas não podemos afirmar que foram escritas com o propósito de

envio ou se chegaram até ele. Encontramos, ainda, uma anotação, em forma de versos descritivos, de suas sensações íntimas.

Seguindo a inferência de uma ordem das anotações, a primeira carta escrita tem a marca da ausência de Roberto, da saudade e da declaração de seu amor apaixonado. Já a segunda carrega o encanto de um reencontro pós-ausência e a terceira tem o tom de uma nova ausência atravessada por saudade e dor. E, por fim, os versos que seguem as três cartas desse primeiro bloco de anotações, cujo foco é a relação da Manuela com seu namorado, descrevem a angústia de um futuro incerto.

Na carta que narra a ausência, a saudade e uma paixão vibrante, Manuela expõe os melhores porquês de o Roberto ser o amor da sua vida e como ela sente sua vida encaixada na dele por meio de sintonias físicas e afetivas: *“Porque seu sexo é uma delícia”, “Porque você é inteligente, trabalhador e dedicado...”, “doce, meigo e delicado sem deixar de ser másculo, gostoso e sarado”, “Porque seu colo é o melhor lugar do mundo e você meu companheiro p/ toda vida!”*

Nessa carta, a ausência dolorosa e angustiante da proximidade física de Roberto é contrabalanceada pela presença do amor esperançoso e intenso de Manuela: *“Que medo! Medo de você nunca mais voltar, medo desse vazio que eu sinto... me sinto branca e vazia como esse apartamento... meu peito dói... mas as lágrimas custam a cair... e dói mais ainda...”, Eu te amo! Tomara que eu possa praticar de novo todo o amor que eu sinto por você...”*

As palavras de conclusão da carta de Manuela são *“Espero que Deus exista e que fique tudo bem...”* e *“Te amo muito muito muito”*, marcando a esperança da existência de uma força transcendente para a preservação do bem do homem que ama e desse laço de amor que é estruturante em sua vida.

Na segunda carta, acompanhamos a descrição apaixonada, esperançosa e também temerosa de uma espécie de reencontro, com os ares da hesitação pulsante do primeiro encontro entre um casal apaixonado. O temor e o clima de reencontro com o namorado parecem nascer de alguma espécie de adoecimento vivido por Roberto e já anunciado na carta anterior: *“Tenho tanto medo... medo de você não ficar bom, medo de a gente não poder ficar junto...”*; *“Que suas ideias se ordenem, que você volte a ser dono das suas vontades”*.

Contudo, o tom mais expressivo dessa carta é a declaração de seu amor e de sua esperança: *“Quero acreditar bem forte que você vai ficar 150%! E que a gente vai ser feliz para sempre! Ah vai!”*; *“E vou torcer, vou rezar, fazer figuinhas, promessas, novenas, macumbas e o que eu puder para você sair dessa, meu amor!”*. Aqui, a fé já não é uma

remota possibilidade de existência de forças transcendentais, mas a expressão de um ecumenismo e ecletismo de crenças e tradições religiosas que aliadas poderiam ter mais chances de curar o Roberto, e devolver-lhe o governo de suas próprias vontades.

*“Que Deus tenha piedade do meu amor tão pirado e do meu coração tão apertado! Amém”*. Seu desejo de realização de um bem, do restabelecimento de seu namorado, de preservação de uma história de amor vivida e ainda a viver e a se consumir até a velhice carrega a exploração cheia da vivacidade de todos os caminhos possíveis para tal realização: *“Temos um infinito de coisas a realizar ainda... inclusive envelhecer juntos e felizes!”*.

Na terceira carta desse primeiro bloco de anotações, a hesitação torturante, entrelaçada ao seu amor que não encontra o descanso de chegar ao seu destino, começa a ocupar espaços que antes estavam mais preenchidos por uma fé e esperança vibrantes: *“É uma tortura tudo isso... e saber você triste me deixa pior...”*; *“Queria que você me achasse... e que ficasse bom e a gente fosse feliz p/ sempre...”*; *“Tomara que você saiba o quanto eu te amo...”*.

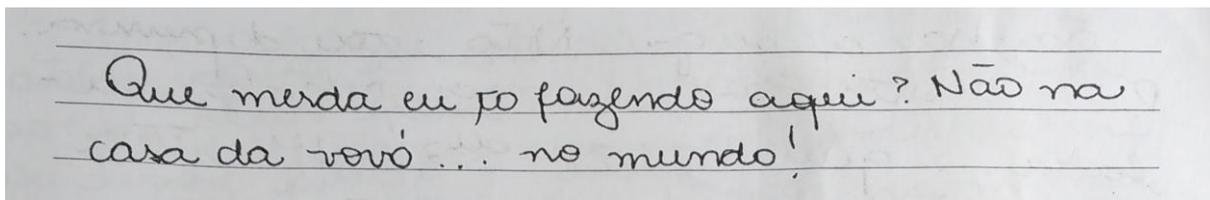
Nos últimos escritos desse primeiro bloco de anotações, ainda que Manuela expresse sua sede de vida e da presença de Roberto, ela dá voz à certeza de um futuro triste, certo pelo vazio da não realização do seu amor, e incerto pelo caminho não claro de como essa tristeza vai se consolidar:

*Água na boca e nos olhos  
Um coração confuso e apertado  
de te amar muito e distante  
e de não caber em lugar  
nenhum.  
De ter pra sempre seu vazio,  
a sua falta me preenchendo.  
Que futuro triste me espera?*

Esses versos parecem marcar um ponto de virada, ao observamos uma mudança nos conteúdos dos escritos. Assim, adentramos ao segundo bloco de anotações, nos quais podemos ler palavras que expressam um sentimento de esperança e de vida cada vez mais esmaecidos, e que dão lugar a tons revoltosos contra familiares, o namorado e si mesma.

Nesse segundo bloco, Roberto já não é mais o centro e o destinatário das palavras de Manuela. O namorado aparece, agora, como o homem que não a ama, e seus familiares surgem pela primeira vez em cena, assim como todo seu sentimento de deslocamento, infelicidade, irrealizações, solidão, autodepreciação e desejo de morrer.

Figura 23. Trecho da cópia de anotações de Manuela



Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

Com o trecho acima, Manuela inaugura outro tom afetivo em suas palavras: “*Quer merda eu tô fazendo aqui? Não na casa da vovó... no mundo!*” No fluir dessas palavras que parecem ser endereçadas a si mesma, Manuela vai descrevendo afetos diante de si e dando sinais da configuração de suas vinculações ao mundo, via relação com familiares e via modo como percebe a participação e manifestação de sua vida para as pessoas ao seu redor e para o mundo.

Na relação com familiares, de um lado, sua avó e sua tia são eleitas como as únicas pessoas que lhe dedicam afeição, e mesmo assim ela ainda expressa uma dúvida quanto a ser um afeto que seja meramente nascido de um sentimento de dó ou piedade. Do outro lado, estão seus pais, descritos como as pessoas, que mesmo sendo as mais presumíveis de cuidar e acompanhá-la, não conseguem ocupar esse lugar. Seu irmão, por sua vez, parece seguir uma vida paralela à sua, e possivelmente oposta, por estar em um momento bom, tão diferente do que Manuela está vivendo e sentindo.

Na autopercepção de sua participação no mundo, Manuela descreve um deslocamento, uma incapacidade de oferecer e de realizar algo de si: “*Eu não faço realmente nenhuma diferença!*”; “*eu queria que se orgulhassem de mim... mas nem eu consigo fazer isso.*”; “*Eu sou um bicho deslocado, egoísta, narcisista, e nem bonita eu sou. Talvez eu seja tão tosca que nem eu me goste!*”. A única apreciação que Manuela direciona para si é quanto à própria letra, ainda que seja um valor que, em sua vivência, não encontra recepção e lugar no mundo: “*O que será que eu tenho de bom? Além dessa merda de letra, que cada vez serve pra menos...*”

*ninguém quer ler nada! Ninguém manda carta, pra que?”*. Ou seja, na única coisa que ela consegue perceber de bom em si mesma não encontra meios de realização.

Figura 24. Trecho de escritos da Manuela

O que será que eu tenho de bom? Além desta merda de letra, que cada vez serve pra menos... ninguém quer ler nada! Ninguém manda carta, pra que?

Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

Nessa anotação, Manuela expressa com mais vigor seu sentimento de nulidade e de deslocamento no mundo do que uma aproximação de um desejo de morrer ou de um sentido de se matar:

*Eu não vejo lógica em me matar como o Alef disse que se sente qd a depressão ganha a briga. Não estou depressiva. Pior... estou nula, incompetente, anulada... queria poder dizer que estou vazia... mas nem isso... tem um monte de tristeza dentro de mim... solidão...*

Esse trecho realça uma noção de si que desassocia seu sentimento de nulidade de deslocamento e de tristeza de um estado depressivo. Não há lugar para uma “lógica em se matar” uma vez que a pergunta mais contundente, nessa anotação, e que marcou a abertura da escrita, foi: “Que merda eu estou fazendo aqui no mundo?”. Tal pergunta, tão crucial e decisiva para o viver, atravessou, de modos diferentes, todas os escritos de Manuela, assim como seu gesto de escrever e seu ato de se retirar da vida.

No prosseguimento de suas escritas, a intensidade entre a pergunta do sentido do seu existir e o sentido de morrer e de se matar vai se alterando. Assim, a ausência do sentimento e coragem suficientes para se matar e a aproximação do desejo de morrer ganham novo esboço e novo realce na última anotação desse segundo bloco, no qual aparece o registro mais forte desse desejo: “*Tomara que eu morra de repente q o avião caia e só eu morra! Q sofra um ataque um ataque fulminante! Qq coisa! O tiro nas costas que já sonhei tantas vezes. A lâmina fria saindo de dentro do meu peito e que fique tudo escuro e acabe logo! LOGO!!!*”.

Desejar que acontecesse um acidente ou um infarto não é uma situação em que ela tenha que assumir até as últimas consequências a autoria de sua própria morte, como uma algoz e vítima de si mesma, mas é desejar que o destino imprevisível da morte, que pode ser em breve, ou daqui a um mês ou muitos anos, aconteça na urgência fulminante do agora.

Manuela exprime a sensação de ter se tornado um incômodo, um problema para os outros e para si mesma. Por um lado, ela sente que sua ausência é um benefício a seus familiares: *“É tão claro que quando vou embora tudo se resolve! A vida da minha mãe, o Laércio, o Régis... É como se eu fosse o bode que se põe no meio da sala... só pra tirar e depois ver tudo melhor que antes.”*. Por outro lado, ela narra o problema que ela é para si mesma: *“Que merda! Que q eu faço! Ou eu tomo jeito ou me mato! Mas p/ qq um dos 2 precisa força e coragem e eu não tenho nenhum!”*

Nessa anotação, seu namorado aparece ao lado do seu pai, ocupando o lugar daqueles que conseguem se acomodar no mundo por serem desligados de cuidados direcionados aos outros, aqueles que recebem cuidado, mas não oferecem, gerando uma sobrecarga nas pessoas com quem compartilham a vida: *“O mundo é de pessoas como o meu pai, ou como o Roberto. Eles não se importam com as pessoas. As pessoas se importam com eles... e por eles! Pq as responsabilidades existem. Se alguém não faz caso delas, elas vão cair em cima de outrem. É isso que eu sou... um outrem!”*. Manuela vivencia a sobrecarga do desequilíbrio entre o dar e receber em seus vínculos com o pai e o namorado.

Na descrição de si dessa anotação, Manuela sinaliza diversas vezes como se percebe de um modo autodepreciativo: *“Como posso querer que alguém goste de mim?”*; *“Eu sou um alfa menor como a minha mãe temia! Eu preferia não ser ninguém! NADA!”*; *“Preferia não existir, já que não tenho função nenhuma aqui”*; *“Se eu tivesse algum sentimento... talvez eu me suicidasse. mas sou fraca até pra isso!”*.

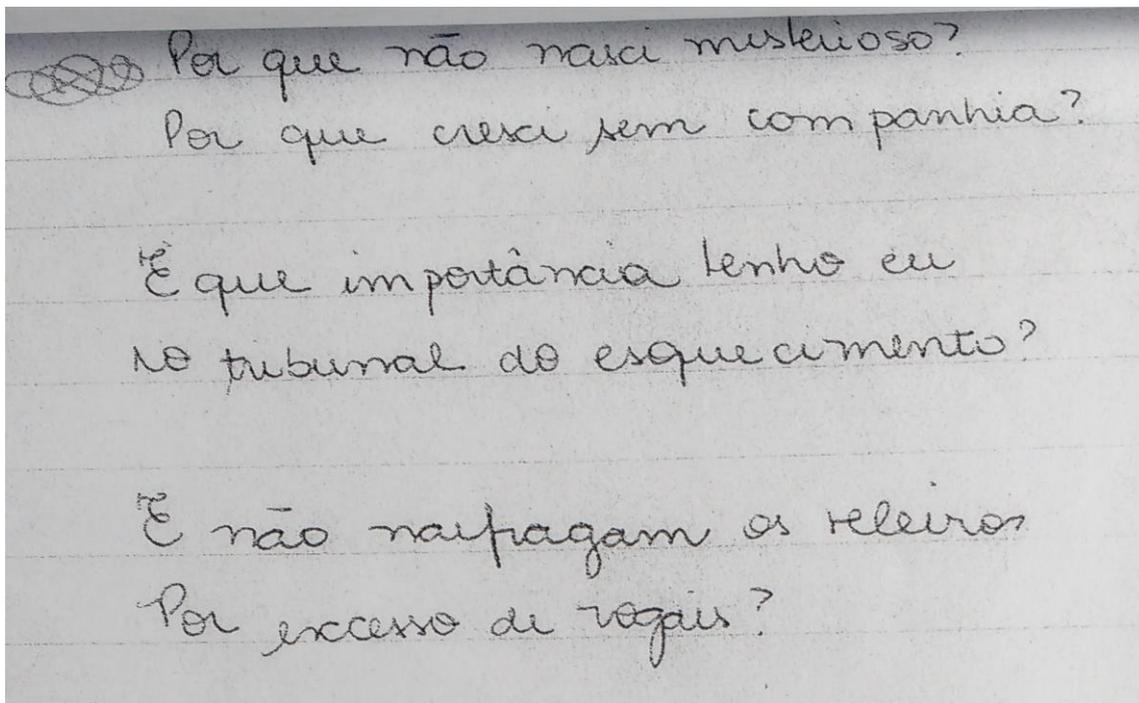
No terceiro bloco de anotações, os últimos escritos de Manuela antes de sua morte, encontrados junto a ela no hotel, movimentam-se entre um tom de desabafo e uma busca de algo que é próprio do domínio da poesia. Há uma catarse de sentimentos intensos e fortes direcionados ao mundo, às pessoas, a uma mulher em específico e a si mesma: *“Eu não aguento mais sentir tanta raiva, tanto ódio! Tanta merda!”*; *“Acordei com o olho vidrado de raiva, dente rangendo... Ódio do Roberto, da vaca gorda, de todo mundo.”*; *“Não consigo me divertir com meus amigos, não vejo graça nas pessoas, aliás elas todas me irritam”*.

Aparecem os versos de Neruda transcritos com palavras que se aproximam da elaboração por escrito de mistérios abstratos cujos problemas colocados não podem ser

resolvidos e as respostas não são alcançáveis: “*É verdade que as esperanças devem regar-se com orvalho?*”. É a poesia sendo acionada como cúmplice da vivência de angústias.

“*E que importância tenho eu no tribunal do esquecimento?*”. Esse verso de Neruda parece condensar e resumir a elaboração da pergunta mais pungente de Manuela. Que importância ela tem para o namorado? Para os pais e para o irmão? Para a avó e para a tia? Que importância ela tem para o mundo e para a si mesma? A resposta parece ter permanecido fora de alcance, enquanto o mistério da pergunta foi eclipsado pela sensação de insignificância e pelo julgamento condenatório a uma dimensão das coisas que são esquecíveis.

Figura 25. Trecho de anotações da Kamila



Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

### 6.3. Testemunhos do suicídio de Manuela

Por meio de declarações do funcionário do hotel, do pai, da mãe de Manuela e da mãe de Roberto, alcançamos mais uma perspectiva sobre sua morte. O modo eleito para morrer, parece se alinhar à intensidade vibrante e silenciosa de suas palavras escritas. Na capital paulista, onde residia, Manuela dá entrada em um hotel numa tarde de terça-feira. Estando em seu quarto, despe-se, abre os registros de água, entra na banheira, ingere uma combinação de medicamentos, escreve um desabafo, transcreve versos poéticos e se entrega à consumação de sua morte.

Por meio de nove imagens do local feitas pela perícia, somos conduzidos para o espaço do acontecimento da morte de Manuela. Podemos ver o caderno de anotações ao lado da banheira, as cartelas de medicamentos esvaziadas, seu corpo silenciado e sem vida.

Nos fragmentos de trechos de fatos da vida apresentados pelos familiares de Manuela, tomamos conhecimento de que a jovem designer e pós-graduanda em artes pela UNESP e UNICAMP, era filha de pais separados, morou com a mãe, depois foi residir com o pai e o irmão, morou com a avó no Uruguai, e por fim, morava sozinha em um apartamento num bairro da capital paulista.

Testemunhos das mães do casal dão notícias de um relacionamento apaixonado entre Manuela e Roberto, que durou por quatro anos. Alguns meses antes do acontecimento do suicídio, Roberto apresentou um quadro de bipolaridade acentuada com estresse e surto psicótico. Poucos meses antes da morte de Manuela, Roberto confessou uma traição ao mesmo tempo em que a pediu em casamento. Tais acontecimentos desencadearam um rompimento momentâneo e desencontros entre o casal.

No testemunho do pai de Manuela, aparece o tom mais marcado pela surpresa diante do modo como a jovem foi encontrada morta, levando-o a solicitar uma perícia do apartamento onde a filha morava e de seu computador, assim como a quebra do sigilo telefônico para que melhor fosse esclarecido o fato de Manuela ter sido encontrada morta em um hotel. O pai narra ainda um embate com o namorado da filha em dois momentos, na ocasião do término, solicitando que ele deixasse a filha em paz, e durante o enterro de Manuela, impedindo que ele participasse do funeral.

Roberto foi intimado a prestar esclarecimentos na delegacia, mas sua mãe comunicou que ele não estava em condições, e apresentou um laudo psiquiátrico no qual indicava o estado de seu filho e as hipóteses diagnósticas de depressão, mania e quadro esquizofrênico de tipo misto.

O delegado responsável pela investigação vê, nas anotações de Manuela, conteúdos que se assemelham a mensagens de despedida, mas solicita ao Ministério Público a expedição de uma ordem de extração de ligações feitas e recebidas por Manuela próximo ao dia de sua morte. Sua pretensão era encontrar razões que justificassem o ato da jovem designer. Por fim, aderiu à hipótese de suicídio ao reunir provas suficientes: mensagens com teor de despedida, quarto de hotel sem sinal de arrombamento, presença de cartelas de medicamentos, presença de garrafa de bebida alcoólica parcialmente esvaziada, laudo técnico, indicando morte por afogamento e testemunhos de familiares que sinalizaram um momento difícil vivido por Manuela. O representante do Ministério Público anuiu à hipótese e então designou o arquivamento do inquérito. Caso encerrado, para eles.

O meu testemunho como leitora do inquérito, cujo conteúdo revela fragmentos da história de vida e da morte de Manuela, é de acompanhar a intensidade pulsante de uma jovem idealista, romântica, sensível, buscadora do seu lugar de realização no mundo e no amor, em forte batalha consigo mesma, engolida pelo autojulgamento depreciativo e pelo seu próprio desejo ardente de fazer a diferença, de marcar a importância de sua existência na vida dos seus familiares. Manuela não será esquecida.

## V – O VIVIDO EM TORNO DO SUICÍDIO: DISCUSSÃO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS NAS CARTAS E BILHETES

Consideramos importante iniciar este capítulo discutindo, brevemente, definições e compreensões referentes ao nosso objeto de pesquisa. Segundo o Dicionário Online de Português<sup>26</sup>, carta é uma “correspondência, mensagem escrita ou impressa, que se envia a alguém, a uma instituição ou a uma empresa, para comunicar alguma coisa”. Já bilhete, é definido como “mensagem curta, escrita em linguagem simples e coloquial”. Segundo apontado por Bettiol (2016), uma carta é caracterizada, formalmente, pela presença de elementos como local, data, assunto, emissor, remetente e assinatura, enquanto bilhete pode ser compreendido como uma carta em miniatura, elaborado sem observação de normas ou formalidades.

Em nosso estudo, encontramos mensagens escritas em formatos diversos. Algumas com textos mais longos nos quais houve, pelo menos, a identificação de destinatários e assinatura, como é o caso de Vicente, Beatriz, Teo, Alisson, Camila e alguns escritos de Manuela. Encontramos textos mais curtos e diretos, como a mensagem que Vicente destinou à polícia, e algumas mensagens de Teo. No caso de Manuela, há ainda um terceiro formato de mensagens, nas quais ela faz anotações sem destinatários específicos e transcreve poemas, em uma configuração aproximativa de um diário.

Dias (1991) usa o termo “mensagens de despedida” para nomear os escritos deixados por pessoas que se mataram. Porém, o nosso material de análise redimensiona essa noção de que essas mensagens são escritas atravessadas, necessariamente, por um tom de despedida ou um anúncio iminente de suicídio, como é o caso das cartas de Beatriz, Kamila e Manuela. No primeiro caso, Beatriz elabora seu texto movida por um afeto de proteção ao seu marido Júlio, sem anúncio específico e iminente de seu suicídio. Na carta que escreve à sua irmã Clarice, Kamila compartilha experiências e acontecimentos como sua tentativa de suicídio, mas sem explicitar que executaria uma nova tentativa e sem apresentar uma despedida da vida. Nas anotações de Manuela, foi possível apreciar seus escritos aos longos de alguns meses, acompanhando afetos que não explicitam uma despedida, embora a jovem sinalize a consideração pelo ato do suicídio.

Diante dessa variação de experiências concernentes ao ato de escrever, mesmo reconhecendo a importância de especificação e distinção dos formatos em que cada

---

<sup>26</sup> [www.dicio.com.br](http://www.dicio.com.br).

mensagem foi escrita, importa-nos mais acompanhar as estruturas pessoais de suas vivências do que nomear formatos específicos. Desse modo, utilizaremos as expressões cartas, bilhetes, mensagens, escritos, mais ligados à dinâmica do ato humano de escrever do que preocupados com o formato específico das palavras deixadas por Vicente, Beatriz, Teo, Kamila, Alisson e Manuela.

Estivemos cientes de que o título do capítulo anterior, que é o próprio título da presente tese, “A morte de si por escrito”, obedece mais à força de uma expressão do que a uma fidelidade plena às experiências transcritas nas cartas. Na variedade infinita de afetos diante do movimento entre o continuar a viver e o decidir morrer, é o ato humano, vívido e de vida pulsante que permite à pessoa tanto escrever sobre sua experiência vivida quanto dar o derradeiro passo para consumir a própria morte. A escolha de manter essa expressão envolveu duas questões: uma compreensão imediata de nosso objeto de estudo e o desafio constante de lidar com as ambivalências entre vida e morte, entre o viver e o morrer, entre o escrever sobre si seguido do silenciar-se definitivo.

Neste capítulo, acataremos com maior fidelidade o ato vívido de Vicente, Beatriz, Teo, Kamila, Alisson e Manuela. Nosso esforço será o de seguir trilhas de compreensão de vivências que culminaram no suicídio que nos permitam acessar estruturas desse fenômeno. O trabalho fenomenológico, na esfera metodológica, é constituído justamente por esse exercício de partir do empírico para acessar estruturas dos fenômenos, acompanhando a intencionalidade própria de uma vivência, a ligação imediata entre um eu e seu campo vivencial, significativamente constituído.

Discutiremos quatro temas que emergiram no processo de análise compreensiva das cartas: 1) As vinculações entre viver, sofrer e morrer; 2) A dinâmica entre espera, desespero e esperança; 3) A noção de si e a pergunta-problema “Quem sou eu?”; e 4) Inter-relações entre a memória de si, memória de outros e a memória de uma época.

O trabalho pioneiro de Elisabeth Kubler-Ross (Kubler-Ross, 1969/2012a, Kubler-Ross, 1999/2012b; Kovács, 2008; Kovács, 2007; Kubler-Ross, 1975/1996) com pacientes gravemente enfermos inaugurou outro modo de cuidado a pessoas que recebem o diagnóstico de uma doença fora de possibilidade de cura. O seu modo de estar diante dessas pessoas, que até então se pensava que não havia nada mais a se fazer por elas, foi decisivo para o desenvolvimento de todo um campo de conhecimento e de atuação, especialmente na área da saúde. Kübler-Ross (1969/2012a) organizou seminários em que esses pacientes eram

entrevistados, e uma das perguntas que mobilizou a psiquiatra suíça para a realização desse trabalho foi: o que os pacientes fora de possibilidade de cura têm a nos ensinar sobre a morte?

A máxima fenomenológica “voltar às coisas mesmas” diz respeito exatamente a esse movimento de se voltar ao campo do vivido, do empírico, como condição para captar, acessar e compreender os fenômenos. Nesse sentido, e também sob a inspiração da postura de Kübler-Ross diante de seus pacientes, nosso objetivo, nas linhas seguintes, será o de nos inclinarmos diante das experiências vividas e escritas por Vicente, Beatriz, Teo, Kamila, Alisson e Manuela e, a partir delas, lançar compreensões sobre a existência humana e o ato de se matar.

Nesse ponto, destacamos, mais uma vez, que o elemento guia de nossa análise é antes a “voz” da pessoa que se matou, seu campo de experiências vividas e compartilhadas por escrito. Assim, interessa-nos mais o aquém do suicídio, mais a vida do que detalhes de seus perfis ou de como morreram, porque estaremos ligados em seus movimentos existenciais, que revelam mais sobre o viver do que sobre o desfecho culminante de um gênero de morte.

E destacamos esse ponto nos orientando pelas experiências reveladas nas cartas, que nos apontam um movimento de variações sem fim na decisão entre o continuar a viver e o se matar. Um movimento que é hesitante, ponderado, impulsivo, racional, irracional, como se a pessoa estivesse fazendo, diante de si, um malabarismo com afetos ambíguos, intensos e contrastantes. São esses contrastes e malabarismos de afetos que serão explorados neste capítulo.

### **1. O aquém do suicídio: viver, sofrer e morrer?**

Pensemos momentaneamente na vida como uma composição musical, o nascimento como a primeira nota, a morte como a última. Destacar a última nota e tomá-la como a parte definidora de uma composição seria o modo mais justo de apreciar e ouvir uma música? Decerto que não. A música tem um ápice, alguns compositores às vezes elegem o fim para marcar o ponto mais forte de sua obra. Talvez o suicídio possa ser vivido, para quem o consoma, e sentido, para quem o testemunha, como o ápice, o clímax, o ponto culminante de uma vida que assim se finda. Mas ainda assim, o suicídio seria uma nota de uma composição complexa que é a existência humana. Acompanhar o movimento da morte de si em cartas nos convoca a olhar para o aquém do suicídio, o antes, para as notas precedentes dessa composição existencial. Nas palavras de Fukumitsu (2018, p. 229), trata-se de ressaltar “o que de mais vivo habitava na pessoa que morreu”.

O que podemos dizer sobre a “música da vida” dos escritores das cartas, que nos foi possível ouvir? Quais “notas musicais de uma existência” podemos “ouvir” em palavras escritas? Vejamos alguns exemplos da melodia vibrante nas palavras dos protagonistas das histórias de suicídio analisadas: Vicente expressa a intensidade radical de seu amor por Ana, a quem devotou sua vida e sua morte; Beatriz, também em uma manifestação de amor, mas com uma tonalidade diferente, escreve para proteger e prestar reconhecimentos ao seu marido, afirmando que “só por ele continuava vivendo, com dor e tudo”; Teo nos revela uma existência na qual coexiste um amor e cuidado aos seus familiares e a ruína do sonho idealizado de constituir família com sua esposa Aline, a quem declara amor e condena à morte; Kamila nos coloca diante da perda de ligações vivificantes da sua existência e do contraste entre “fome” e “indigestão” frente ao seu existir; Alisson nos apresenta esportistas, bandas de música, diretores de cinema, atores e atrizes capazes de tornar o mundo um lugar “bom para viver”, mas não mais para ele; e Manuela, com recursos poéticos de Pablo Neruda e de si mesma, transmite a intensidade de perguntas existenciais quanto ao sentido de sua própria existência.

Amor e o sentido de existir em um mundo marcado por rupturas: dois temas marcantes que aparecem com mais ou menos intensidade em todas as mensagens. Dois temas cruciais ante o viver e o morrer, e que nos lança, nessas histórias, a experiências de sofrimento, ou por um amor que não se realizou como se esperava, ou por não se conseguir uma resposta apaziguadora quanto ao sentido de existir. Beatriz, como exceção, apresenta-nos a potência invasora de uma dor física que domina e orienta seu campo vivencial.

Que relações ou vinculações vida, sofrimento, morte e suicídio poderiam ter? No caso do suicídio, a morte seria mais bem-vinda do que o enfiamento do sofrimento? Ou o sofrimento seria a vivência de uma morte simbólica que culmina em uma morte física? Terá o sofrimento ocupado o lugar do tabu da negação da morte na contemporaneidade? A morte se tornou preferida em relação ao sofrimento? Esses são alguns questionamentos que nos movem na elaboração dessa seção.

Sant’Anna (2018) apresenta uma importante discussão, criticando uma associação entre suicídio e sofrimento, tanto no senso comum quanto na Psicologia. Para a elaboração dessa questão, o autor toma como referência o pensamento de filósofos, como Kierkegaard<sup>27</sup> e

---

<sup>27</sup> Kierkegaard, S. (1992). *Ancient's tragedy reflection in the modern*. In: S. Kierkegaard, *Either/Or* (A. Hannay, trad., pp. 134-159). Londres: Penguin. (Original publicado em 1843).

Fogel<sup>28</sup> e da psicóloga Feijoo<sup>29</sup> para diferenciar dor e sofrimento, compreendendo dor como parte da condição humana, inerente à existência, enquanto sofrimento seria uma não aceitação ou a negação da dor, “a dor da dor” (Sant’Anna, 2018, p. 185).

Entendemos, como o autor, o risco de se cair em uma naturalização da relação entre suicídio e sofrimento e de compreendê-los dentro de uma relação causal. Há também o risco de se confundir experiências que são inerentes à existência, como a dor, com modos de lidar com essa experiência, nesse caso, o sofrimento. Por exemplo, ações, como a de Vicente, que se matou movido por uma desilusão amorosa, e a de Teo, que praticou homicídio e suicídio, justificando-se pelo abandono da esposa, dizem respeito a respostas pessoais que eles deram a uma experiência, que é recorrente, de desencontro e ruptura de um vínculo amoroso.

Porém, não nos guiaremos, aqui, por essa diferenciação terminológica, mesmo entendendo a concepção apresentada por Sant’Anna (2018) de que o “sofrer” pode ser considerado como um dos modos de lidar com a “dor”, que é estruturante da existência humana.

Utilizaremos tais termos como sinônimos, evidenciando que o sofrimento ou a dor estão entre as experiências imanentes do existir humano, e o modo com o qual se lida com esse afeto como sendo uma das marcas distintivas de personalidade. Desse modo, ressaltamos que nosso interesse principal consiste em acompanhar o movimento humano, tal como expresso nas cartas, de lidar com a dor e com a própria experiência de viver, como um todo.

Vicente fala de “cruéis desilusões”; Beatriz descreve a luta contra uma dor física insuportável que esfacelou sua ligação com a vida, com a exceção de seu vínculo vivificante com seu marido Júlio; Teo “sente muito por ter chegado ao ponto que chegou”, de ter que praticar homicídio e suicídio para se proteger de seu “sofrimento e desespero” causados pelo abandono anunciado de sua esposa Aline; Kamila partilha com a irmã seus afetos diante da morte de sua paixão pelo trabalho, ou a perda de “sua última ligação passional com a vida”; Alisson declara estar “de saco cheio desse nosso mundo”; e Manuela descreve como se emaranhou pelos meandros de encantos e desencantos com seu namorado Roberto e de seu sentimento de nulidade no mundo.

---

<sup>28</sup> Fogel, G. (2010). *O Homem doente do homem e a transfiguração da dor: uma leitura de Da visão e do enigma em Assim falava Zarathustra*, de Frederico Nietzsche (2 ed.). Rio de Janeiro, RJ: Mauad.

<sup>29</sup> Feijoo, A.M. L. C. (2017). Dor, sofrimento e desespero: do homem grego ao homem moderno. In: A. M. L. C. Feijoo (Org.), *Interpretações fenomenológico-existenciais para o sofrimento psíquico na atualidade* (2 ed., pp. 7-30). Rio de Janeiro, RJ: IFEN.

Olhares mais rápidos para as mensagens de Vicente, Beatriz, Teo e Kamila tenderiam a justificar seus suicídios por um amor não correspondido, uma dor física insustentável, pela rejeição da esposa e pela perda de sentido no trabalho, respectivamente. Tais justificativas simplificadas seriam mais difíceis de encontrar nas palavras de Alisson e Manuela, pois o primeiro expressa movimentos contrastantes de desistência e enaltecimento do mundo, e a segunda exprime mais sobre afetos a respeito de si e de outros. Nesses dois casos, não há um rastro claro de um acontecimento específico que os ligaram em definitivo às suas próprias mortes.

O ponto que queremos ressaltar é o quanto uma relação causal nos distanciaria da trama ou drama existencial de pessoas que se matam, que não se reduz ao “gatilho” disparador do suicídio. Um dos argumentos claros para esse fato é que nem todas as pessoas que perdem um amor, ou a paixão pelo trabalho, ou são rejeitados pela esposa seguem a trilha da morte de si. Além disso, como já anunciamos anteriormente, interessa-nos acompanhar traços estruturantes da condição humana, como o sofrimento, e as respostas pessoais que são dadas ao que é inerente à existência.

Questões da existência, como o sofrimento, nascem junto com a espécie humana, e por isso são atemporais. Sêneca (2008) apontava, há dois mil anos, as mesmas questões centrais que podem, ainda hoje, ser considerado um problema humano. Em uma carta a um amigo, ele diz: “Diga-me então, meu caro Lucílio, por que razão um homem digno de assim ser chamado teme o sofrimento, e um mortal, a morte?” (p. 130).

Duas experiências estruturantes da existência humana: o sofrer e o morrer. A fenomenalidade do “existir” coincide com “sofrer” e com “morrer”, sendo quase redundante dizer que o “ser humano sofre” ou o “ser humano morre”. No tema de nossa pesquisa e, logo, nos afetos expressos nas cartas, a vinculação entre viver, sofrer e morrer encontra, mais claramente nas vivências de Vicente, Beatriz, Teo e Kamila, seu desfecho no suicídio.

Os estudos clássicos do historiador Philippe Ariès (1977/2014), ao lado de reflexões de Elias (1982/2001) e Kovács (1992a), descrevem modificações e diferenças nos modos de lidar com a morte ao longo do tempo e em sociedades distintas. Esses autores apontam a característica marcante de negação da morte em sociedades ocidentais, modernas e tecnicistas, exilando tanto o tema da morte quanto a experiência da morte à dimensão do tabu e à solidão de uma sala impessoal de hospital. Mas, diante da experiência do suicídio, haveria uma reconfiguração desse caráter de negação da morte para uma adesão à morte?

Os conteúdos dos desafios existenciais, em cada época se alteram, mas permanecem em torno das mesmas questões centrais: viver bem<sup>30</sup> e ser feliz. A boa vida, segundo os ideais estoicos, por exemplo, é aquela em que se conquista a autonomia de si e a liberdade por meio do exercício da razão contemplativa e virtuosa (Oliva, 2012; Landsberg 1951/2009; Sêneca, 2008; Rebello, 2005; Sêneca, 2005). A felicidade é um tema abordado em diversos textos filosóficos, tal como salienta Comte-Sponville (2001, p. 1) em sua obra *A felicidade, desesperadamente*: “Tradicionalmente, historicamente, desde que os gregos inventaram a palavra e a coisa *philosophia*, todos sabem que a felicidade faz parte dos objetos privilegiados da reflexão filosófica, que é até um dos mais importantes e dos mais constantes”.

Na modernidade, a felicidade ganha novos contornos e preenchimentos. Bauman (2009) sinaliza essa mudança de concepção em torno da ideia de “felicidade”, argumentando que:

No limiar da era moderna, "o estado de felicidade" foi substituído na prática e nos sonhos dos que o procuravam pela busca da felicidade. A partir desse limiar, a maior felicidade foi e continua sendo associada à satisfação de desafiar códigos e superar obstáculos, e não às recompensas a serem encontradas no ponto extremo do desafio contínuo e do esforço prolongado (p. 51).

O tema do sofrimento está interligado ao tema da felicidade, pois um dos contrapontos de sofrer é ser feliz. Por isso, estamos ressaltando mudanças de concepções em torno da “felicidade”, para melhor entender a experiência de “sofrimento” na modernidade.

O que testemunhamos, em nosso tempo, conforme anuncia Bauman (2009), é uma experiência de felicidade que se resume à fragilidade evanescente de uma busca que, ao conquistar seu objetivo, desfaz-se no mesmo instante. Ao lado disso, acompanhamos uma espécie de ditadura de ser feliz, cujo sentido se fundamenta em colecionar conquistas e troféus, de tal modo que experiências de fracasso têm participado de maneira mais contundente e efetiva na experiência de sofrimento. Cassorla (2017) fala de “suicídios por fracasso”, ao associar aspectos individuais e sociais em sociedades narcísicas como a contemporânea.

Nesse ponto, retomamos a pergunta já levantada anteriormente: considerando o aumento do número de suicídios nos últimos tempos, estaria o fracasso ou o sofrimento se tornando um tabu maior do que o da morte? Nos afetos expressos nas cartas, acompanhamos movimentos em que a morte apareceu no campo existencial de Vicente, Beatriz, Teo, Kamila,

---

<sup>30</sup> Na filosofia de Aristóteles, há uma identificação entre o bem viver, o bem agir e ser feliz. Para maiores referências, ver em: Aristóteles (1991). *Ética a Nicômaco* (L. Vallandro e G. Bornheim, Trads.) (4 ed.). Nova Cultural: São Paulo. (Publicação original de 384 a.C.- 322 a.C.).

Alisson e Manuela de modo mais imediato e com mais intensidade e proximidade do que a busca por outras respostas diante do que estavam vivendo.

Nesse caso, a escrita de si de Vicente se destaca e se distancia tanto temporalmente quanto vivencialmente das outras histórias. Ele responde à ruptura de seu sentido de existir mais por fidelidade e honra a seus sentimentos, aos seus juramentos e ao seu amor à Ana do que por um movimento de frustração existencial por uma felicidade malograda, de tal modo que ele afirma “*Morro feliz, porque morro por si, pelo tanto que a amei*”. Seguindo suas palavras, a felicidade, para Vicente, seria realizada no cumprimento de qualquer ato que afirmasse mais uma vez seu amor por Ana, incluindo sua própria morte.

Já em outras histórias mais contemporâneas, são elaboradas frases que expressam uma vivência de absorção e corrosão de si diante de uma experiência de dor, como nas cartas de Teo, Alisson e Kamila, respectivamente: “*Quero que vocês saibam que o que fiz foi para me aliviar do meu sofrimento*”, “*Meu desespero era grande, meu sofrimento maior ainda*”, “*Por favor me perdoem, perdoem por eu não ter dado conta de tanta pressão*”; “*Por favor me perdoem, mas já estou de saco cheio desse nosso mundo (...) eu tenho uma grande frustração em relação a vida*”; “*Preferia não existir*”, “*Que merda eu tô fazendo aqui? Não na casa da vovó... no mundo!*”, “*Eu sou um bicho deslocado, egoísta, narcisista, e nem bonita eu sou. Talvez eu seja tão tosca que nem eu me goste!*”.

As palavras de Teo apresentam um contraste marcante. De um lado, ele anuncia aos pais: “*Me desculpe, eu não tinha essa intenção e nem o direito de fazer isso que fiz*”. Por outro lado, ele se deu o direito de fazer o que fez, justificando, diante de si, o assassinato da esposa com as seguintes palavras: “*sempre pensei em ter um família com filhos e tudo mais fiz isso por amor eu amava a Aline mas infelizmente ela resolveu me abandonar*”. As palavras de Teo circunscrevem sua vivência de desespero e sofrimento à dimensão do fracasso ou ruína do sonho de “ter uma família com filhos” com sua esposa Aline.

Segundo as palavras de Alisson, sua relação com a vida é intermediada pela experiência de frustração, sem nomeações ou especificações de uma vivência que desencadeasse a significação “desse nosso mundo” que lhe incutiu cansaço de viver.

A paixão de Kamila pelo trabalho foi sucumbida pela perda do reconhecimento de sua potencialidade dentro da empresa, pela vivência de um rebaixamento e desvalorização de sua atividade cotidiana, sendo relegada à organização dos arquivos de sua nova chefe.

Nas palavras de Teo e Kamila, aparecem, com mais nitidez, uma simultaneidade entre as vivências de sofrimento, desespero, tristeza e suicídio, com sinalizações de fracasso diante de uma idealidade no relacionamento amoroso, no caso de Teo, e no trabalho, mais marcadamente, no caso de Kamila.

Casanova (2018) afirma que a tradição das sociedades contemporâneas se fundamenta em uma luta contra o sofrimento, de tal modo que, em contextos de saúde mental, a abordagem de vivências de sofrimento aparece ao lado de buscas imediatas de anestésias para esse tipo de afetação.

Souza (2017) aborda o tema da depressão em uma perspectiva que a coloca como experiência decisiva em processos de desconstrução e reconstrução de si, por meio de um recolhimento reflexivo, superação e assimilação de perdas e mortes simbólicas ao longo das fases do desenvolvimento humano:

Com cada sofrimento experimentado, cedemos um pedacinho de vida e passamos pela perda, o pesar e o luto, vivências repletas de ambivalências que nos mobiliza, desorganiza-nos, pedindo-nos transformações. (Souza, 2017, p. 200)

Nas vivências de suicídio, o fracasso de idealizações e a perda de um acesso claro e mais direto a realizações em geral parecem se associar à concepção, característica de sociedades contemporâneas, da morte como um fracasso de recursos técnicos para a manutenção de uma vida saudável e bem-sucedida. Desse modo, experiências de crise, rupturas, perdas e mortes perdem legitimidade e o caráter de condição para o processo de amadurecimento, apropriação e reconstrução de si, no curso do desenvolvimento humano. Nesse sentido, experiências de mortes, concretas ou simbólicas, e de sofrimento compartilham um espaço semelhante de tabu e negação.

Nessa esteira de negação de experiências que são imanentes à condição humana, como morte e sofrimento, é propagado, paradoxalmente, outros modos de experienciar infelicidade, tristeza e mortes, como ressaltado nas palavras de Arantes (2016, p. 77): “ao persistir na vaidade de manter-se infeliz por dentro e bobamente feliz por fora, as pessoas cultivam cada vez mais a própria morte sem se dar conta disso”.

Diante dessa ideia de cultivar uma vivência de morte íntima justamente quando se busca evitar enfrentamentos de experiências constitutivas da condição humana, ressaltamos o caráter indistinto entre suicídio tentado e suicídio consumado (Landsberg 1951/2009). Compreendemos que a diferenciação entre as duas vivências reflete uma lógica cartesiana de separar o que é vivido “internamente” do que acontece “externamente”, de sobrepor o

fenômeno biológico do existir humano ao fenômeno do “espírito”, ou o conjunto de atividades caracteristicamente humanas de pensar, refletir e tomar decisões diante de si e da vida.

Por tal razão, distanciamos-nos de Comte-Sponville (1999) quando ele diferencia o suicídio malgrado do suicídio que foi consumado, e nos aproximamos do pensamento de Landsberg (1951/2009) que se guia pelo ato humano próprio do suicídio, diante do qual não é evidenciada uma diferenciação entre o que era vivido por aqueles que consumaram seus suicídios e as vivências daqueles que tentaram se matar e não tiveram suas mortes concluídas unicamente por questões técnicas.

É um exercício constante o trabalho de resgatar a humanidade, dignidade e respeito à pessoa que teve o suicídio como desfecho da vida. Ao apresentarem reflexões sobre o cuidado a pessoas com histórico de tentativa de suicídio e em crise suicida, Marquetti e Leite (2018) assumem esse cuidado e vão pela contramão de perspectivas patologizantes do ato suicida, afirmando:

Se o suicídio falha como solução, é possível criar uma condição em que o sujeito pode redesenhar soluções. Certamente, esse redesenho não se dá pelo apagamento desse esboço da morte; ao contrário, é preciso conferir dignidade a essa produção e retomá-la em sua dimensão polissêmica. (p. 161)

Entendemos que os autores têm como foco o cuidado respeitoso e digno a pessoas que tentaram se matar. Porém, nesse mesmo trecho, ao mesmo tempo em que é louvável a busca dos autores em conferir dignidade ao ato da pessoa que tentou se matar, podemos redimensionar a ideia colocada por Marquetti e Leite (2018) quanto ao suicídio que falhou como solução e, como dito por eles em outro momento, do suicídio como “uma impossibilidade de significação satisfatória da experiência” (p. 160).

Ressaltamos dois pontos nessa concepção de suicídio como uma solução que falhou diante da tentativa de se matar e como uma significação insatisfatória de uma experiência vivida. O primeiro ponto, já mencionado anteriormente, diz respeito à indistinção entre vivências pessoais diante de suicídios que se consumaram e suicídios não concluídos por questões técnicas. Nesses casos, as vivências que fizeram a morte emergir como possibilidade imediata podem acentuar a presentificação da morte no campo do sobrevivente do que a

vivência da falha do suicídio e a retomada da vida<sup>31</sup>. Ou seja, a “solução” pensada é vivida mais como um adiamento dessa solução do que como uma falha.

Quanto ao segundo ponto, vamos por duas vias de diálogo com a ideia trazida por Marquetti e Leite (2018), ao associarem o suicídio a uma significação insatisfatória de algo. Em uma perspectiva fenomenológica, o significado das coisas ou dos atos humanos em geral não é construído sob o exercício de uma vontade íntima. O significado de algo é dado e revelado na simultaneidade própria da fenomenalidade entre uma vivência e seu campo vivencial, ideia central do conceito husserliano de intencionalidade (Husserl, 2012b). Dessa forma, não há uma subjetividade ou algo que seja a fonte fornecedora dos significados das coisas ou dos atos. A vivência de suicídio tem o significado próprio do surgimento da morte de si no campo vivencial de uma existência humana, e cabe, a nós, acompanhar a rede de significados que aproximou a pessoa ao imediato radical da autoria de sua própria morte.

Na outra via de diálogo com a ideia do suicídio como fim insatisfatório, retomamos nossa metáfora, do início dessa seção, da existência humana como uma música. Dizer que uma música teve um fim não satisfatório, uma resolução ruim, tomando como referência unicamente a última nota, é, nesses casos, reduzir uma música inteira, composta às vezes com grande esforço e dificuldades, unicamente ao seu desfecho. Defender o respeito às pessoas que se matam, o cuidado de não nomeá-las de suicidas, não as reduzindo a seu último ato, convoca-nos a não tomar esse ato final como o definidor máximo de suas existências, como um fim indigno ou insatisfatório.

Pensar o aquém do suicídio, o antes da consumação da morte, é assumi-lo como ato humano, um ato de vida, em vida, e não apenas mais um gênero de morte. Nessa via de compreensão de suicídio, distanciamos-nos de pensamentos que consideram o suicídio como um ato contra a vida (Rocha, Boris e Moreira, 2012). Morte é um fenômeno da vida, não o seu contrário. À morte seria possível se contrapor, no máximo, o nascimento, sendo que ambos os acontecimentos figuram como parte do fenômeno maior que é a vida em si. Não se deve confundir a vida e a fenomenalidade de uma existência com sua dimensão física, pois uma biografia sobrevive à extinção de sua materialidade corpórea.

Por isso nosso esforço consiste em acompanhar a vivência de pessoas que se mataram, enfocar o aquém da morte, ou a vida que é possível captar em suas cartas e mensagens. Nessa via de compreensão do suicídio, o verso de Pablo Neruda “*Por que se suicidam as flores quando se sentem amarelas?*”, citado por Manuela, carrega a inquietação de uma pergunta

---

<sup>31</sup> Estudos epidemiológicos apontam o número expressivo de novas tentativas de suicídio após uma primeira tentativa não consumada (Botega, 2014).

sem resposta quanto ao desenrolar da vida que “tornam amarelas folhas que eram verdes”. Trata-se de uma vida que tem a morte como destino do que um dia nasceu, sem que nos seja possível acessar uma justificativa ou explicação clara e definitiva do movimento de “queda das folhas amarelas sem vida que se suicidam e se desprendem da árvore”.

As repostas pessoais de Vicente, Beatriz, Teo, Kamila, Alisson e Manuela diante de suas experiências vividas no desfecho de suas vidas nos revelam uma associação entre viver, sofrer e morrer. Sendo o suicídio, nesses casos, a nota de desfecho de suas composições existenciais. Porém, o fim de suas existências físicas não coincide com a extinção de ecos de suas composições e de notas musicais de suas vidas, e nem se reduz a uma unilateralidade entre sofrimento e suicídio. Estamos, aqui, no exercício de ouvir atentamente suas melodias, as notas musicais de suas existências e de suas mortes, buscando abrir espaços para que possam emergir mais suas vidas do que suas mortes.

## **2. Suicídio como uma saída de emergência**

Há uma conexão imediata entre significado, estrutura da experiência e o horizonte no qual ela é vivida. O trabalho fenomenológico envolve a abertura do campo de desvelamento dessa conexão, ao descrever e acompanhar a movimentação própria de uma experiência vivida que se encontra articulada, originariamente, ao seu horizonte de significação. Desse modo, o que a fenomenologia revela não é mais do que já está lá ou, nas palavras de Ernest Keen (1979), “sua tarefa é revelar-nos exatamente o que já sabemos e que o sabemos, para que possamos estar menos confusos sobre nós mesmos” (p. 15).

A modernidade é marcada por um modo distanciado de lidar com a morte e com os processos que envolvem o morrer (Ariès, 1977/2014; Kovács, 1992a; Elias, 1982/2001). Tendo em vista essa característica, em que momento a morte deixaria de ser negada, temida e alocada o tão distante quanto possível para que ela surja no campo imediato de uma vivência pessoal, como no caso do suicídio? Na trilha de discussão dessa seção, buscaremos acompanhar o movimento de abertura do horizonte da morte de si e de sua consumação na vivência dos protagonistas das histórias de suicídio analisadas.

Em um modo irrefletido de viver, inseridos e adaptados ao fluxo da vida cotidiana, age-se automaticamente decidindo dar continuidade à vida, desde as ações mais simples: levantar da cama, alimentar-se, higienizar-se (Vaz, 2014). Desconsideram-se, nesse caso,

circunstâncias de adoecimentos mentais em que essas noções de autocuidado estão comprometidas.

É preciso haver uma tensão, uma quebra, uma ruptura na cadência de uma existência no mundo da vida cotidiana para causar alguma espécie de colapso na estrutura instintiva de autopreservação de um “eu”. Desse modo, interessa aqui acompanhar o movimento gerador de trincas na autopreservação que impulsiona a uma configuração específica com a própria morte.

No nível orgânico, os instintos agem tendo em vista à preservação do bem e da vida do organismo. Desde as primeiras divisões celulares do embrião, o impulso é, antes, de vida e de sobrevivência, os motores desse processo. E pode-se pensar até anteriormente a esse processo. As células reprodutivas dos corpos humanos, bem como suas secreções, formatos, grau de acidez e basicidade (pH), e todo o conjunto envolvido no processo de geração de uma nova vida seguem o instinto peculiar de adequação ao modo de maior possibilidade exitosa de formação de uma nova vida e de sua sobrevivência.

Quando se adentra no campo existencial em relação ao processo de preservação e manutenção da vida, o esforço é de acompanhar, no caso do suicídio, a rede de referências e significados do campo de vivências que culmina na morte autoinfligida.

Há pessoas que adentram os espaços onde frequentam mapeando linhas de retirada. Ao entrarem em um cinema, por exemplo, procuram pela placa vermelha reluzente que indica a saída de emergência. Uma apreciação do filme razoavelmente tranquila está condicionada ao alívio de saber da existência de um caminho para saídas emergenciais. A noção de “visão de túnel”, elaborada por Shneidman (1993), e os desdobramentos do que Safra (2019) nomeia como “claustrofobia existencial” pode ser entendida como a vivência de um estreitamento existencial. Nessa vivência, é como se a luz vermelha da “saída de emergência” se acendesse, demarcando e realçando o caminho que leva à porta de saída da vida.

O filósofo romeno Emil Cioran (1911-1955) descreve em sua obra *O mau demiurgo*<sup>32</sup> uma relação peculiar com o suicídio, considerando-o muitas vezes como possível, embora não tenha sido efetivado. Para Cioran (citado por Puente, 2008), a ideia de poder se matar era um refúgio apaziguador de angústias, além de ser um exercício de liberdade e abrandamento, especialmente para aqueles que parecem habitar em uma fronteira entre o viver e o morrer sem conseguir se decidir por um desses caminhos da existência.

---

<sup>32</sup> Citado por Puente, F. (2008). O suicídio e a filosofia. In: F. Puente (Org). *Os filósofos e o suicídio* (pp. 9 -62). Belo Horizonte: UFMG.

Conforme o pensamento de Landsberg (1951/2009), o ser humano convive com o problema do suicídio, que ele nomeia como morte voluntária. Para o filósofo alemão, “basta ter vivido e conhecer um pouco do coração humano para saber que o homem pode cultivar a ideia da morte” (p. 66). Ele argumenta, ainda, que há uma vontade de viver e de morrer, de modo que a força atrativa para mover-se em direção à morte deve ser bastante significativa para a consumação do suicídio.

Dessa forma, pode-se considerar a existência de uma fronteira entre o “decidir morrer” e o “continuar a viver”, assim como uma força atrativa para um ou outro lado dessa fronteira. Demarcam-se, então, três espaços: o decidir morrer, o continuar a viver e a fronteira. Como se daria a movimentação, nesses espaços, de pessoas que consideram se matar? Aonde elas estão? Qual a característica dessa fronteira e dessa força atrativa para um ou outro lado?

A história da Kamila é a mais emblemática para explicitar a dinâmica de movimentação entre esses espaços. Quando ela tentou se matar, pela primeira vez, houve a travessia da fronteira, sendo articulada uma decisão de se matar e a execução de um modo, que, em seu caso, deu-se por meio de uma intoxicação exógena. Porém, a travessia não foi consolidada, pois o meio eleito para morrer não foi efetivo. A jovem, então, fez a travessia de volta, para o espaço do “continuar a viver”, e ligou para os pais, que emergiram em uma proximidade imediata de seu campo existencial. Em sua carta há também o surgimento da proximidade significativa com sua irmã. Em suas palavras catárticas à Clarice, é possível ouvir ecos dos passos de Kamila, de como ela se movimentou entre os espaços do que é vivificante, do que é mortificante e a fronteira que os separam e interligam. Assim como é possível captar as forças atrativas que ora a aproximou mais do que a ligava à vida, ora do que a aproximou mais à dimensão da morte. É possível acompanhar, desse modo, uma simultaneidade de afetos, que aparecem na descrição do que lhe despertava paixão em viver e o compartilhamento de coisas que consumiram e corroeram essa paixão.

Não é possível acessar como se estruturou a travessia definitiva de Kamila para o espaço do “decidir morrer”. Sabe-se, no entanto, que no intervalo de um dia houve uma intensa movimentação entre os espaços do viver e do morrer, a ponto de a janela de seu quarto, do décimo terceiro andar, aparecer no seu campo imediato de vivência como a saída de emergência de sua existência.

Cabe ressaltar o caráter fenomenológico da distância que se constitui entre um “eu” e seu mundo circundante, que transcende a distância geográfica. A janela do quarto de Kamila

sempre esteve próxima geograficamente de si, mas no momento da primeira tentativa de suicídio, foram seus pais que se constituíram na proximidade mais imediata, em sua vivência. Na segunda tentativa, que se consumou, houve uma inversão na experimentação dessa relação entre proximidade e distância fenomenológica, pois sua mãe estava perto, geograficamente, porém foi a janela de seu quarto que surgiu como mais próxima de si.

Pode-se entender a fronteira entre o “continuar a viver” e o “decidir morrer” como situações, acontecimentos ou condições de ser no mundo que acionam afetos que levam a ponderações e movimentações por esses espaços. Essa fronteira é porosa, flexível, instável e sujeita, constantemente, a redefinições e redemarcações de sua tessitura e de sua abrangência. Isso significa que as situações disparadoras de afetos que movimentam a pessoa para a saída de emergência do suicídio não são, de forma alguma, determinantes ou taxativas para a consumação da morte autoinfligida. Muito embora essas situações possam exercer uma força atrativa suficiente para a travessia da fronteira.

A situação fronteira, para Vicente, foi inaugurada pelo sentimento de perda do sentido estruturador central de sua existência, que era sua comunidade de amor com Ana.

Para Beatriz, a fronteira foi aberta por uma condição física insustentável. Ela tentou diversas negociações, por meio de tratamentos convencionais e alternativos e mediante um amor vivificante pelo seu marido Júlio. Porém, ela sempre manteve a fronteira aberta e o “botão” de saída de emergência próximo de si, visto que a carta preditiva de sua morte foi escrita três meses antes da ultrapassagem da fronteira.

O anúncio do abandono de Aline e da ruptura da possibilidade de constituir família com a esposa escancarou, para Teo, a fronteira em torno da morte. Essa circunstância o aproximou da execução de duas mortes, tendo em vista que ele efetuou duas travessias para a saída de emergência da morte, uma coercitivamente, a de Aline, e a sua própria.

Alisson não demarca, com exatidão, as características e condições de sua fronteira. Mas anuncia, claramente, sua evasão, o retirar-se de um mundo em que, apesar de algumas tentativas, não foi possível a consolidação ou a articulação do espaço do “continuar a viver”.

Manuela expressa, em seus escritos, uma movimentação intensa entre os espaços do viver e do morrer. Nas cartas destinadas ao seu namorado em que afirma seu relacionamento com Roberto e expressa a vivacidade do amor, a jovem demarca uma ocupação, uma morada no campo do viver. Mas essa habitação foi ruindo, desmoronando e descerrando, progressivamente, a fronteira para a consumação de seu suicídio.

O que coincide, em todas as histórias, é a ligação mais imediata com a evasão, visto que o primeiro plano fenomênico é a saída de uma determinada condição de vida. O destino

pós-morte estaria, desse modo, em outros planos de consideração. E, na maioria dos casos, sequer aparece no campo vivencial de quem se matou, como se constata nas mensagens deixadas por Vicente, Beatriz, Kamila, Alisson e Manuela. Somente Teo esboça considerações e receios quanto ao seu destino além-vida.

A morte não é o fim mais imediato do ato pessoal de um suicídio. Mas é, antes, o meio eleito para a saída de uma condição ou situação que originou o colapso de um modo de existir que, até então, estruturava, decisivamente, uma existência. A morte e o morrer se configuram como um meio, e não como o fim, porque a relação mais imediata da pessoa que pretende se matar ou que consuma sua morte não é com o Instituto Médico Legal, ou com o cemitério e a cova, ou com o destino de sua alma, a depender de variações de crença. A relação mais imediata da pessoa que se mata é com os afetos e/ou acontecimentos geradores de um colapso. Esse é o primeiro plano fenomênico do suicídio.

Contudo, entender a morte como o meio para a saída de emergência não a retira do campo fenomenológico da pessoa que se mata. Ou seja, ainda que a relação mais imediata seja com um colapso ou uma condição de vida insustentável, o “decidir morrer” emerge como uma possibilidade dentro de um campo vivencial. Desse modo, há, um segundo plano, uma orientação para o morrer.

Os protagonistas das histórias analisadas revelam que o modo como consumam suas mortes pode seguir o caminho de facilidade de acesso ao instrumento de realização de seus intentos. No caso de Beatriz e Alisson a acessibilidade a medicamentos coincidiu com a maneira eleita para morrerem, e isso por si só já sinaliza a legitimidade de elaboração de políticas públicas de prevenção quanto aos meios de acesso. Mas não se pode se distrair do fato de que haverá sempre uma circunstância ou uma janela, por exemplo, com alturas suficientes para a efetivação de um suicídio, como no caso de Kamila.

De repente, poderá ser o que está mais próximo de si o meio decisivo para concretização de uma morte. Mas só porque o que estava mais próximo, antes, era a possibilidade existencial de infligir a própria morte, que altera, decisivamente, a relação que uma pessoa estabelece com o tempo, com os espaços e os objetos em seu entorno. Tal alteração é reveladora do movimento de transformar uma janela, cuja função pré-estabelecida é propiciar claridade, ventilação e, às vezes, até a beleza de um ambiente, em uma saída de emergência, em um elo entre a pessoa e sua morte. Nesse sentido, não há prevenção definitiva

para o movimento da vida que, a qualquer momento, pode quebrar a continuidade de um caminho, abrindo o campo de um afeto desencadeador da evasão da vida.

### 3. Quem sou eu que pergunto “Quem sou eu”?

Nosso esforço, nesta seção, será o de acompanhar vivências transcritas nas cartas que culminaram no suicídio de Vicente, Beatriz, Teo, Kamila, Alisson e Manuela como repostas pessoais que eles deram a si mesmos e à vida, respostas de um “eu” a acontecimentos e experiências vividas. Nesse sentido, a pergunta norteadora de nossa presente discussão é “Quem sou eu?”, uma indagação capaz de portar e expressar, ao mesmo tempo, a maior angústia e a maior liberdade vivenciadas por um “eu”.

Colocamos uma pergunta dentro da outra no título da seção porque consideramos que elas carregam implicações diferentes e decisivas para a dinâmica do existir e do morrer. O filósofo francês Gabriel Marcel (1889-1973) cujo pensamento está na esteira da tradição fenomenológica e existencial estabelece uma distinção entre problema e mistério, central para o desenvolvimento de sua filosofia<sup>33</sup> (Marcel, 2016; Peretti, Azevedo e Fernandes, 2016). Marcel (2016) formula as seguintes questões:

Mas de fato: o que sou eu? Mais ainda: esta pergunta, se sou eu quem a realiza, que competências tenho para respondê-la? Supondo – e isso não é mais do que uma combinação de palavras – que realmente possua semelhante qualificação, como seria possível de fato reconhecê-la se a experiência fielmente interrogada me demonstra que ultrapasso a mim mesmo em todos os sentidos e que somente creio compreender-me na condição de ignorar-me? (p. 100)

Por conseguinte, devo reconhecer que a pergunta “quem sou eu?”, não pode ser simplesmente colocada ante mim como se fosse um problema; ela supera as condições mesmas que permitem apresentá-la: quem sou eu para perguntar-me quem sou? (p. 100)

Uma das implicações dos questionamentos de Marcel (2016) é colocar a pergunta sobre si mesmo em uma perspectiva que estabelece uma distinção e desidentificação entre aquele que pergunta e as respostas encontradas, pois o ser que pergunta e a resposta dada têm essências próprias, ou seja, são estruturalmente diferentes e pertencem a esferas distintas do existir humano, ideia que desenvolveremos a seguir.

A pergunta “Quem sou eu?” é uma pergunta-problema, ela apresenta possibilidades de respostas que se atualizam continuamente, pois o questionamento sobre si é colocado

---

<sup>33</sup> Em sua obra de 1935, *Être et Avoir*. Paris: Aubier, Marcel explicita a distinção e as implicações da diferença entre problema e mistério (Peretti, Azevedo e Fernandes, 2016).

permanentemente. “Quem se é” não é um problema que se resolve com a elaboração de uma resposta. Assim, aquele que pergunta permanece em constante indagação, de tal modo que a pergunta “Quem sou eu que pergunto quem sou eu?” é uma pergunta-mistério, sem resposta definitiva, sempre aberta, pois é constitutiva da dimensão irrepetível de um “eu” que transcende a si mesmo como resposta, e que está em contínua construção e reconstrução de si. Abordaremos, desse modo, a pergunta sobre si nessas duas dimensões, como um problema e como um mistério.

É possível escutar ecos de tentativas de respostas que os protagonistas das histórias de suicídio que acompanhamos buscaram dar à pergunta “Quem sou eu?”, esboçando e compartilhando uma noção de si mesmos. Vejamos alguns desses ecos e esboços da noção de si de cada um deles.

A noção de Vicente sobre si mesmo, que o move a elaborar, inclusive, um bilhete à polícia, pode nos apontar que: “Eu sou aquele que assume completa autoria pela minha própria morte, diante de mim mesmo, diante da Ana e diante da polícia que vai investigar a minha morte. Faço isso por fidelidade, porque eu sou fiel ao meu juramento de dedicar a totalidade da minha vida, incluindo a minha morte, ao vínculo de amor formado com a eleita de minha devoção, a Ana”.

Beatriz, por meio de sua escrita de três meses antes da consumação de sua morte, revela-se como: “Eu sou aquela que foi tomada por uma dor de cabeça insuportável e persistente e que me senti vencida por todas as tentativas buscadas de cura e melhora, menos pelo meu amor ao meu marido. Mas eu ainda permaneço viva o suficiente para resguardar Júlio de qualquer possibilidade de culpa sobre minha possível morte. É só por ele que eu ainda vivo, por isso escrevo antecipadamente para protegê-lo e assumir a plena responsabilidade pela minha morte”.

Uma noção de Teo sobre si em suas mensagens sinaliza que: “Eu sou aquele que sonhou em constituir uma família com a Aline, mas ela me tirou a possibilidade de realização desse sonho. Eu amo minha família, meus pais, irmãos, afilhado, deixo todos os meus bens para eles; amava a Aline também. Mas diante da minha dor, do meu desespero, da quebra da realização da minha vida ao lado da Aline, eu sou aquele que precisou matá-la antes de matar a mim mesmo. Eu sou aquele que não aceita a recusa da Aline de viver comigo, não aceito e a levo junto comigo dessa vida”.

Kamila busca respostas sobre si mesma indicando sua passionalidade com a vida, deixando entender que: “Eu não sou mais, eu sou aquela que fui, fui apaixonada pelo trabalho, encantada pelas pequenas coisas da vida, como fazer exercícios de matemática, estudar geografia mundial, ser paquerada, bater papo, assistir filmes, mas agora nada me toca mais. Tentei a ajuda dos meus pais, tentei a ajuda da minha irmã, mas no rompante de um momento, a minha morte me chamou com mais intensidade, porque eu já não me sinto apaixonada e tomada por nada, não sinto nada me impactando e me ligando passionalmente à vida”.

Alisson planeja e prepara a execução da sua morte com detalhes, desde pegar o cloreto de potássio, alugar um quarto de hotel e escrever uma carta, e, de modo direto, expressa: “Eu sou aquele que cansou desse mundo, agradeço a todos os meus familiares, meus amigos e minhas amigas. Reconheço que até tem coisas boas pelas quais quase vale a pena viver, músicas, cantores, artistas, diretores de cinema, esportistas, mas para mim não dá mais”.

Apesar dessa dinâmica de lançar indagações e respostas sobre si estar presente em todas as cartas, de modos diferentes, Manuela foi a única a formular literalmente a pergunta, por meio do verso de Pablo Neruda: “Quem sou eu diante do tribunal do esquecimento?”. Ao longo de seus escritos, a jovem de 28 anos esboça perguntas sobre si e sobre o mundo, delineando algumas noções de si: “Eu sou aquela que expressa por escrito como se sente, que gosta de poesia e dos versos do Neruda. Eu tentei ser uma boa filha, uma boa namorada, uma boa neta e sobrinha, mas só consegui ter uma boa letra que não tem utilidade nenhuma, assim como eu. Eu sou aquela que duvida da própria importância e que está diante do tribunal do esquecimento prestes a ser esquecida com a consumação da minha morte e pela nulidade que me constitui”.

Nos esboços de respostas que cada um revelou, ou a noção sobre si mesmo que foi possível cada um alcançar e compartilhar por escrito, o suicídio se associou ao movimento de identificação entre o indagador e a resposta dada quanto a quem se é. Ou seja, a dinâmica viva e cambiante de perguntar e buscar respostas sobre si foi cristalizada em uma resposta definitiva na forma do suicídio.

Para Marcel (2016), o suicídio poderia se constituir como a contrapartida da evidência e afirmação do que é constitutivo e estrutural do ser que, ainda no movimento da morte autoinfligida, realça radicalmente a si mesmo como um mistério que não se resolve nem com a morte:

O desespero absoluto, ao qual, de certa forma, me convida minha condição mortal continuará sendo para mim uma permanente tentação, na qual somente se concede à liberdade triunfar – a

uma liberdade que se manifestaria, na verdade, até no suicídio, até na absoluta negação de si. Não serão nossas possibilidades radicais de autodestruição como o lado inverso de uma potência positiva que deixa de reconhecer-se como tal a partir do momento em que rompe seus vínculos com o ser e lhe contradiz ou lhe problematiza? (Marcel, 2016, p. 100).

O ponto original da obra do psiquiatra e neurologista austríaco Viktor Frankl é evidenciar que o vislumbre e a busca pelo sentido é a inquietação humana mais primordial e pungente (Frankl, 1979 e 1946/2003), além de ser condição para a saúde psíquica do indivíduo. Segundo Frankl, somente ao ser humano é possível “a vivência da sua existência como algo problemático; só ele é capaz de experimentar a problematicidade do ser” (Frankl, 1946/2003, p. 56).

Ao tratar da indagação sobre si, da pergunta “Quem sou eu?”, von Balthasar (1988/2017) também aponta para essa pergunta dentro da pergunta, ou a evidenciação de estruturas que não se confundem entre aquele que pergunta e suas respostas, como uma espécie de fundamento de si mesmo que gera perguntas:

A pergunta de que tratamos – tenha ela resposta ou não – está presente como um pressuposto, em qualquer outra pergunta que eu faça. É uma pergunta que nunca se coloca na mira do fuzil, porque ela mesma segura a arma em punho. Esse que fica sempre pressuposto – isto é, o eu que se interroga – nunca está sem perguntas, quase fosse algo que fundamenta a si mesmo; ele está implicitamente em cada pergunta real, porque é o que coloca a pergunta verdadeira. (von Balthasar, 1988/2017, p. 21)

A identificação daquele que pergunta com a resposta, pode coincidir com o cessar da dinâmica, e, no caso do suicídio, pode coincidir com o cessar em definitivo. Em algum momento, aqueles que indagam sobre si ao invés de apontarem o “fuzil” para as respostas, apontaram a arma para si mesmos, para o formulador das perguntas.

Mahfoud (2016) ressalta que o processo de buscar respostas sobre si e de buscar correspondências no mundo não obedece a abstrações ou invenções mecânicas e arbitrárias, mas diz respeito, antes, a uma dinâmica de reconhecimento de “quem se é” e dessas correspondências. A pergunta sobre si, nesse sentido, inclui a pergunta sobre a própria existência: “interrogar-se sobre si mesmo é interrogar sobre a existência, num só movimento” (Mahfoud, 2016, p. 60).

Desse modo, a pergunta “Quem sou eu?” está entrelaçada à pergunta “vale a pena viver?”, formulada por Mahfoud (2017), que descreve o atual momento histórico-cultural de

uma sociedade marcada por pragmatismo, utilitarismo e excesso de estímulos e informações, tudo coincidindo para gerar sentimentos de solidão e vazio existencial.

Diante desse contexto sociocultural, como poderia se configurar uma dinâmica entre cuidado de si e violência contra si no movimento de se retirar da vida?

Silva (2019) propõe uma mudança de formulação da questão “tirar a própria vida” para “dar-se a própria morte”, ao analisar o suicídio entre negros apartados violentamente de seu continente de pertença. O suicídio de negros escravizados seria compreendido, nessa perspectiva, como uma das expressões possíveis do banzo e de uma afirmação de raízes identitárias.

Feijoo (2019), por outra via, coloca em suspensão a ideia do suicídio como uma violência contra si mesmo, ressaltando os contrastes entre violência física e violência existencial em que não se atenta devidamente a essa última violência no caso de uma morte autoinfligida. Nesse modo de compreensão, o suicídio pode ser tomado como um ato em favor de si mesmo, pois o que se ressalta é a inviabilidade de articulações ou rearticulações de um sentido de existir, o que intensificaria a violência em um nível existencial.

No suicídio, o corpo aparece como o lugar final de expressão de uma batalha existencial, como veículo de resposta sobre si mesmo, como mais um desdobramento da pergunta sobre si:

A partir da questão *Quem eu sou?* chega-se à percepção da existência como Encarnação: *Eu sou meu corpo*. A forma de ser no mundo vem definida pela corporeidade, porém o corpo não é um agregado material, mas um fenômeno de revelação, de presencialização. (Peretti, Azevedo e Fernandes, 2016, p. 177)

Nesse sentido, para abordar essa dinâmica entre cuidado/violência em relação a si, que se apresenta como um dos desdobramentos da mudança de acento do “tirar a vida” para “dar-se a morte”, dirigiremos nosso olhar, brevemente, para o início, para o nascimento.

O nascimento<sup>34</sup>, mais especificamente o parto, é um acontecimento de irrupção de uma nova vida ao mundo, marcado pela exposição de fluidos corporais que o aproxima de uma adjetivação possível de violência. Para o parto se realizar, é preciso romper o invólucro de gestação e sangrar para que se abra o espaço para a saída do bebê do útero. Assim como é necessário infligir o primeiro corte ao bebê, o do cordão umbilical, deixando a cicatriz, a

---

<sup>34</sup> Martins (2007) apresenta o pensamento do filósofo francês Claude Romano que aponta o nascimento como o evento que possibilita, pela primeira vez, a existência: “O nascimento deve ser concebido como o evento que, primeiro entre os demais, nos coloca perante a injunção de nos reconhecermos naquilo que acontece, de forma impessoal, como nos acontecendo a nós mesmos” (Martins, 2007, p. 181).

marca do umbigo, como sinal de uma das primeiras batalhas do vir ao mundo, do existir. Além da violência no nível físico, há também a violência em um sentido existencial, não com uma tonalidade negativa, mas no sentido da irrupção de uma forma completamente inédita de existir do bebê<sup>35</sup>.

Diante do caráter geralmente positivo da chegada de uma nova vida no seio de uma família, depreende-se que a violação da integridade física ou a ocorrência de lesões não bastam para alocar um acontecimento em uma categoria negativa e pejorativa de violência. Ou seja, a ocorrência de lesão física não serve como critério, por si só, para adjetivar uma violência de negativa ou para gerar uma comoção marcada por tons de lamentação e espanto, como no caso suicídio.

Estamos colocando em contraste a violência do parto, do movimento de um corpo que rasga o útero e, em certo sentido, a si mesmo para nascer, de um lado, e, do outro lado, a violência daquele que rompe a integridade do próprio corpo pra se matar, como caminho de discernimento do que está em jogo na associação entre suicídio e violência.

A questão que surge, então, é o que está sendo violado quando um ser mata a si mesmo. Não se trata simplesmente da violação da integridade física, como vimos acima. Também não se trata unicamente do acontecimento da morte, por mais que morrer figure no campo por excelência do drama e angústia existencial. Portanto, não são as lesões físicas nem a morte por si só que provoca espanto no suicídio, mas sim uma certa ação ou atividade para o acontecimento da morte. Um evento certo e previsto para todo ser que vive, porém que não se espera que seja algo da ordem do controlável<sup>36</sup>. Nesse sentido, a violência ou violação no suicídio envolve um manejo e controle de algo que parece, pelo menos a princípio, não pertencer originalmente à dimensão do controlável. Assim como também é causa de certo estranhamento um controle do nascimento, o manuseio de características genéticas, por exemplo, de como se constituirá uma nova vida. Por isso a pesquisa com células-tronco é palco de dilemas e polêmica. Por outro lado, o controle artificial do funcionamento biológico

---

<sup>35</sup> Ao ressaltar esse sentido de “violência existencial” do nascimento, estamos considerando o caráter intimidador e, por vezes, intimidador do movimento de ter que lidar com estímulos e solicitações ininterruptas da realidade que nos cerca.

<sup>36</sup> Os funerais assim como os rituais vividos e praticados diante do acontecimento da morte apontam para o movimento humano de viver e elaborar de forma ativa um acontecimento que lhe advém, e que, de certa forma, não pertence à esfera de seu pleno controle. Pode-se infligir ou antecipar a própria morte, mas não se pode evitar morrer, ou seja, a morte é constitutiva da vida e não algo sob controle dos existentes. Para maiores aprofundamentos nessa questão dos ritos ver: Cazeneuve, J. (1985). *Sociologia do rito*. (M. L. Borralho, Trad.). Porto: Rés. (Publicação Original de 1971), e van Gennep, A. (2011). *Ritos de passagem* (M. Ferrerira, Trad.). (2ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Publicação original de 1909).

é também, por outra via, campo de dilemas bioéticos em casos de doenças fora de possibilidade de cura. O avanço tecnológico fez nascer o dilema em torno das questões envolvidas em resguardar condições em que a morte aconteça sem intervenções e tratamentos fúteis que resultam em uma morte indigna e com sofrimento, na solidão impessoal de uma UTI (Kovács, 2017 e 2014).

Ou seja, para causar uma comoção espantosa e lamentosa, o suicídio parece ser entendido como a violação de algo que envolve o controle do “quando” da própria morte, algo que não seria pertencente, pelo menos originariamente, ao domínio humano.

O iniciar de uma nova vida, da concepção ao parto, transcende o controle ou manejo por parte daquele que nasce. O acontecimento de uma nova existência está entrelaçado a um mistério que perpassa e estrutura o existir humano, do nascimento à morte<sup>37</sup>, por ser atravessado por uma imprevisibilidade, construção e reconstrução contínua de si. Por essa via de compreensão, a conotação negativa de violência do suicídio está atrelada, principalmente, à violação de algo que não se apresenta como pertencente à dimensão do que é controlável e plenamente domesticável. O espanto do “dar-se a própria morte”, relaciona-se, nesses casos, à violação do mistério ou imprevisibilidade estruturante da existência e que move a dinâmica da vida, e não simplesmente a violação de uma integridade física que culmina em uma morte violenta, em muitos casos.

Esse contraponto entre nascimento e morte se enquadra ao que estamos discutindo, nessa seção, porque diante da pergunta “Quem sou eu?” há uma abertura de campo para questões relacionadas à existência e à formulação de respostas como: “Eu sou alguém que tem a possibilidade de matar a mim mesmo”, ou “me retirar da vida”, ou ainda, “dar a mim mesmo a minha morte”. E tal movimento, de se matar, seria, afinal, um cuidado a “Quem se é”, ou uma violência e destruição de si?

Em uma história acontecida em 1988<sup>38</sup>, no centro da capital paulista, uma moça de 34 se lançou do 13º andar do prédio onde trabalhava como datilógrafa. Ela chegou ao trabalho e, como de costume, preparou o café e ofereceu ao seu colega, queixando-se de estar sentido dor de cabeça. Segundo declaração de uma testemunha, a moça passou um tempo na sacada do prédio, olhando para baixo, aproximando-se e afastando-se do parapeito, até que, por fim, foi consumada sua precipitação. Nas fotos da perícia, um detalhe chama atenção: vê-se, em uma das imagens, que a jovem tirou seus sapatos sociais de cor bege e saltos pequenos e

---

<sup>37</sup> Para melhor compreensão em relação a evidência de que o ser não se faz a si mesmo ver Giussani, L. (2000). O senso religioso (P. A. E. Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Publicação original de 1986).

<sup>38</sup> Trata-se da história de um dos inquéritos de suicídios lido e catalogado durante a realização da presente pesquisa.

quadrados, e os deixou bem alinhados próximo ao parapeito, antes de se lançar do prédio. O que pode expressar um gesto desses? O penúltimo gesto dessa moça, antes de se dirigir para sua morte, expressa uma sutileza e um cuidado que contrasta, de modo atordoante, com a violência de sua morte física. Retiram-se os calçados, em geral, para fazer uma passagem, saindo de um lugar sujo e adentrando em um lugar limpo, sagrado, respeitado. Esse é um cuidado direcionado ao lugar onde se está pisando, mantendo-o preservado de impurezas do caminho por onde se pisou. São frequentes histórias em que a pessoa retira os sapatos antes de se matar. Para qual lugar, limpo e sagrado, suas crenças e sentimentos estariam as conduzindo?

Andrew Solomon em sua obra *O demônio do meio-dia* descreve com riqueza seu próprio processo de depressão. Em uma passagem, ele compartilha o relato de Martha Manning<sup>39</sup> que afirma: “Não queria morrer porque me odiasse, mas porque me amava o suficiente para querer o fim da dor” (Solomon, 2002, p. 115).

Landsberg (1951/2009) e Dias (1991) ressaltam que a pessoa que se mata raramente visa ao nada, mas acredita, antes, em uma continuação reconfigurada da vida, diferente e mais suportável do que aquela da qual se retira. O filósofo alemão defende a ideia de que, muitas vezes, a pessoa que se mata consuma o ato por amor a si, um amor talvez exagerado a si mesmo. O ato de se matar pode sinalizar, nesse sentido, um amor que busca uma preservação genuína de si mesmo.

Deixar uma carta ou bilhete, às vezes como penúltimo gesto antes da consumação do suicídio, também expressa traços de cuidado, pois não se quer partir de qualquer jeito. É comum encontrar, nas mensagens deixadas, orientações que refletem a intenção de organizar a vida de quem fica, como uma tentativa de amenizar o caos instaurado por uma morte autoinfligida.

As sinalizações de tentativas de cuidados a si mesmo e ao outro presente no ato do suicídio revelam, pois, um movimento de tentativa de lidar com a própria existência, ainda que em um ato de extinção física da própria existência.

Frankl (1946/2003) resalta que, ao se decidir por uma morte autoinfligida, a pessoa se baseia em um balanço de sua vida. Para o autor, o que o suicídio faz é perpetuar o passado sem oferecer a menor possibilidade de verificação da convicção subjetiva do sujeito que se

---

<sup>39</sup> Relato presente em: Manning, M. (1992). *Undercurrents: A Therapist's Reckoning With Her Own Depression*. Darby, PA: Diane PublishinIII safdg Company.

mata, pois ele não poderá saber o que sucede seu ato. Em vez de subtrair uma infelicidade ou uma injustiça, aquele que se mata apenas subtrai seu “eu”, e, segundo o autor, “nenhum problema se resolve, deitando fora a vida” (Frankl, 1946/2003, p. 90).

Em uma linha semelhante de pensamento, o filósofo renascentista Montaigne (citado por Vaz, 2012) rejeita o suicídio sob o argumento de que o curso dos acontecimentos futuros é completamente ignorado, de modo que tal ignorância pode propiciar tanto desespero quanto esperança. No entanto, a esperança seria mais forte do que a opção de suicídio, “dada a pretensão desse último acerca do que sobrevém ao derradeiro ato e a respeito do que sobreviria caso o ato não fosse realizado” (Vaz, 2012, p. 492).

Nessa via de captar o movimento de cuidado de si no ato do suicídio, é possível escutar nas palavras de Vicente, Beatriz, Teo, Kamila, Alisson, Manuela, ecos desse cuidado no movimento ambivalente da morte que abarca também uma tentativa de preservação de si, de “quem se é”, diante de experiências que eles viveram e que ocasionaram em violências e violações do que lhes era caro. Suas mortes também afirmam amor por si mesmos e por outros, incluindo familiares e amigos. Eles afirmam paixões, preciosidades da vida e do mundo, e que o sentimento de perda da possibilidade de usufruir desses bens pode culminar na radicalidade da morte de si.

Nas histórias que analisamos, destacamos, por fim, o ato de escrever como mais uma expressão do “eu”, como parte do processo de formular e buscar respostas à pergunta sobre si mesmo. Escrever é uma afirmação da existência, é a expressão de alguém se comunicando com outros, é um ser consolidando um meio de vinculação com o mundo, que sobrevive para além da morte física.

#### **4. Testemunhas de si, testemunhas do outro**

Eis o que eu aprendi nesses vales onde se afundam os poentes:  
afinal, tudo são luzes e a gente se acende é nos outros.  
A vida é um fogo, nós somos suas breves incandescências.  
(Fala de João Celestioso, ao regressar do outro lado da montanha)

Mia Couto (2003, p. 241)

Nas seções anteriores nos debruçamos, primordialmente, no acompanhamento de vivências de um “eu” como testemunha de si, ou seja, detivemo-nos em aprofundar compreensões de vivências, em primeira pessoa, vinculadas a uma morte por suicídio.

Seguindo a descrição compreensiva das vivências do capítulo anterior, *A morte de si por escrito*, serão abordados, nesta seção, desdobramentos do terceiro subitem de cada uma das histórias apresentadas, cujo conteúdo se refere a testemunhos dos suicídios consumados. Desse modo, o esforço será em descrever implicações dos vínculos de um “eu-tu”, de um ser diante de um outro na vivência do suicídio.

Buscaremos abrir espaço para mostrar o acontecimento do suicídio também por outro ângulo, o do “tu” que testemunha e do que é possível captar do horizonte histórico e do mundo-da-vida, tanto nas cartas quanto em outras partes dos inquéritos. Nesse sentido, o hífen nas expressões “eu-tu”, “eu-outro” e mundo-da-vida se configura como uma estrutura transparente e espelhada, pois indica a interligação originária entre um ser e seu mundo circundante, na simultaneidade imediata de manifestação e construção recíproca de um “eu” e do “outro”.

Esses testemunhos serão abordados partindo do acontecimento de uma morte por suicídio por meio de quatro caminhos: 1) Implicações do ato de se matar a partir do vínculo “eu-tu”; 2) Familiares e testemunhas diante do acontecimento do suicídio; 3) A dinâmica entre o inquérito de suicídio e a memória coletiva; 4) A pesquisadora como testemunha e as implicações para a construção de conhecimento.

#### **4.1. Abdicar-se de si é abdicar-se também do outro**

Uma parte da nossa existência está nas almas de quem se aproxima de nós.

Primo Levi (1958/1988, p. 173)

Iniciamos a discussão do tema proposto mais orientado, ainda, pela perspectiva daquele que se retira da vida, como ponto de partida de compreensão para outros desdobramentos do ato de uma pessoa que se mata.

Na experiência do suicídio há uma simultaneidade entre a abdicção de si e a abdicção do outro. Esse desdobramento do suicídio será ressaltado para buscar dimensionar, uma vez mais, a intensidade de vivências de pessoas que avaliam a si mesmas, avaliam seu entorno, e finalizam suas existências.

Alisson foi o mais efusivo ao explicitar uma avaliação sobre si, sobre o “nosso mundo” e sua decisão de findar a vida. Em suas palavras há um tom marcante de reverência e

reconhecimento tanto das diversas expressões artísticas que há no mundo quanto dos seus vínculos mais significativos, para além de seus pais e de sua ex-namorada, Rosa Maria:

Também existem coisas maravilhosas como F1, ROCK, cinema E BONS LIVROS!

Na F1, grande destaque a nossos pilotos brasileiros: Emerson Fittipaldi, Nelson Piquet, Ayrton Senna → voltem!

No ROCK: as bandas nacionais e internacionais como: Legião Urbana, Paralamas, Ultraje, Capital Inicial, Sepultura, Ira, Iron Maiden, Ozzy, AC/DC, Deep Purple, Led Zeppelin, Megadeth, Ramones, Midnight Oil, Men at Work, (...) <sup>40</sup>, Angra, Pink Floyd, U2, (...), Alanis Morissette entre muitos outros...

Cinema:

Os excelentes diretores:

Brian de Palma, Francis Ford Coppola, Steve Spielberg, Michael Moore, Quentin Tarantino.

Os excelentes atores: Al Pacino, Robert de Niro, Nicolas Cage, Fernanda Montenegro, Rita Guedes (teatro), Claudia Raia, Miguel Falabella, Tarcísio Meira entre outros...

Livros: Casa grande e senzala, O mal estar na civilização → Freud

Ah... tinha me esquecido as belas MPBs... “música”.

Por favor me perdoem: Carolina, Mariana, Mariele (minhas irmãs), Raimundo (mundão) Silas (Silão) Melissa (Mel) Vinícius (touro), Guilherme, Gê (morco), Leandro → viva Gaspar

Adoro a todos (as) vocês!

Cabe ressaltar o contraste entre anunciar grandes pilotos da Fórmula 1, elaborar o pedido para que eles voltem e, em um movimento contínuo, Alisson se lançar para a morte, retirando-se do lugar para onde ele solicita o retorno de seus ídolos. Antes de o jovem de 26 anos evocar esse retorno já havia acentuado frustrações que o fizeram sucumbir, soterrando coisas que, em sua vivência, quase fazia valer à pena viver. Mas o reconhecimento das “coisas boas” que há no mundo ainda carrega uma potência suficiente para que ele solicite o retorno de Emerson Fittipaldi, Nelson Piquet, Ayrton Senna, com o entusiasmo de um ponto de exclamação. Dizendo de outro modo, para Alisson, “nosso mundo” merece a presença deles, mesmo que o jovem já não esteja vivo para apreciar a arte dos pilotos de sua predileção.

Nas palavras de Beatriz, a descrição de seu mundo circundante está ligada à sua cefaleia crônica, suas tentativas desgastantes de curas em tratamentos convencionais e alternativos e o vínculo com seu marido, Júlio. Nessas condições, a simultaneidade da abdicação de si e de seu mundo recai, mais significativamente, na abdicação do vínculo de

---

<sup>40</sup> Conforme informado no capítulo anterior, não foi possível especificar a banda mencionada por dificuldade de entender a letra.

amor com seu marido, que se configurou como o articulador do sentido de prolongar sua vida, marcada por uma dor crônica, até quanto ela pôde conseguir.

Teo reitera o vigor de seu amor pelos seus pais e familiares diversas vezes ao longo de suas mensagens, mas prescinde desses vínculos declarados e reconhecidos como significativos na simultaneidade do prescindir de si mesmo no ato do suicídio. O peculiar de sua história, nesse ponto em evidência, é o paralelismo paradoxal entre a abdicação de uma vida com Aline, sua esposa a quem também declarava amor, e o ato de impor-lhe a morte, forçando-a a uma companhia compulsória em seu movimento de retirada da vida. É um abdicar de Aline, em vida, associado a um atamento coercitivo dela para a efetuação de suas mortes.

Vicente não expressa, em seus escritos, um senso de abdicação como os outros, mas sinaliza, antes, uma confirmação radical do sentido articulador de sua existência, afirmando um amor pelo qual ele viveu e morreu. Nesse sentido, o abdicar-se aparece em um segundo plano de significação, pois mesmo na morte ele permanece tomado e aderido ao que mais o solicita em seu mundo. Um modo de expressar essa questão, a da afirmação do seu amor por Ana como estruturante de seu mundo, aparece na frase seguinte: “*De resto, ninguém chorará a minha morte*”.

O movimento de abdicação de Manuela segue em uma via ligeiramente oposta a de Vicente, pois a noção de si mesma é marcada pelo senso de nulidade, pelo sentimento de ausência de reverberação de si para si e de si para os outros. Ela não expressa uma articulação do sentido de existir nem em vida, nem em morte, sinalizando a corrosão e degradação progressiva daquilo que teve a chance de constituir significação em sua vida, mas que não se consolidou. Se não há reconhecimento de si mesma, se a nulidade é o sentimento articulador de sua existência, não haveria nada para abdicar.

Não é uma coincidência, nesse caso, que Vicente esteja na ponta da história mais antiga, 1913, e Manuela esteja na outra ponta, da história mais recente, 2009. A pergunta sobre si está ligada à oferta de respostas e à constituição de cada horizonte histórico específico. Vicente escreve afirmando a si mesmo, em seu viver e em seu morrer, enquanto Manuela, por outro lado, descreve um esfacelamento progressivo de si – sua vivência reflete os tempos atuais, que são marcados por uma fragilidade e esvaziamento de sentido em relação a si mesmo e à vida (Mahfoud, 2017; Bauman, 2009).

Kamila, em sua carta à irmã Clarice, além de reservar um espaço para listar algumas atividades e encontros que imprimem prazer à vida, indica um senso de pertencimento recíproco entre irmãs, do início ao fim da escrita. Ela descreve também uma vinculação significativa com os pais, que foram lembrados durante a primeira tentativa de suicídio e chamados para participarem e ser companhias em um momento marcado por fragilidade. Acompanhando suas palavras, o abdicar-se de si coincide com a abdicação dos prazeres desfrutados em vida e dos vínculos que ela sinalizou como significativos.

A impetuosidade categórica e radical do ato de cessar a própria vida tem a potência de abrir questões que podem cair em julgamentos alheios à complexa dinâmica do suicídio. Um desses julgamentos se estrutura sob a forma de culpabilizações, ora lançadas sobre a pessoa que se matou, ora sobre seus familiares ou meio social.

Marx (1846/2006) está na esteira de culpabilização da sociedade, afirmando que, já que nenhum vínculo com o outro foi suficiente para manter a pessoa ligada à vida, a culpa deve recair sobre os que ficam e sobre a sociedade. Tal posicionamento tende carregar a potência nociva de levar um enlutado por suicídio a ser consumido por culpa e autoacusações impertinentes.

O movimento de atribuições de culpas, sejam elas direcionadas a quem se mata ou aos familiares sobreviventes, gera um abismo ante as compreensões em torno do fenômeno do suicídio. Pois, nem a perspectiva de Marx (1846/2006) e nem perspectivas que individualizam completamente o movimento de uma pessoa infligir-se a própria morte dão conta da dinâmica do ato de se matar, que não se deixa reduzir a explicações simplistas. O que interessa aqui, nesse movimento inadequado de olhar para o suicídio sob o prisma da culpa, é ultrapassar a crosta desse julgamento para chegar ao ponto decisivo que está em questão.

Parte da existência de uma pessoa está abrigada em outra vida humana, e esse aspecto da condição humana possui uma potência latente na participação em um processo que pode levar à anulação ou preservação do outro. Primo Levi (1958/1998) testemunhou e sofreu o efeito devastador do não reconhecimento dessa relação estruturante do “eu-tu”, como condição para a própria possibilidade de existência de um “eu” e do outro. O não reconhecimento dos judeus como humanos pelos nazistas foi um movimento categórico e decisivo para a dizimação de milhares de pessoas, alguns por meio do suicídio.

Não se trata de afirmar que esse caráter da condição humana é determinante de um suicídio, mas sim de indicar essa participação na constituição mútua do “eu-tu” como um dos elementos que integra o movimento de uma pessoa matar a si mesma.

## 4.2. Os que ficaram

Atribuo aos outros, meus sobreviventes, a tarefa de assumir o meu desejo de ser, o meu esforço para existir no tempo dos vivos.

Paul Ricoeur, (2012, p. 16)

Nas declarações de familiares e testemunhas chamadas para prestar esclarecimentos sobre as ocorrências dos suicídios das histórias analisadas há uma abertura de diversas questões diante do acontecimento da morte de alguém próximo, convertendo-se no iniciar das perguntas e dos problemas para os que ficam.

No caso do suicídio, as questões existenciais inauguradas pelo acontecimento da morte são expandidas devido a uma busca de acomodar a inquietação nascida diante do movimento deliberado de alguém que extingue a própria vida física e se retira da vida de outros.

Vale (2017), em seu livro *E foram deixados para trás*, apresenta reflexões sobre o suicídio compartilhando o próprio processo como sobrevivente do suicídio de seu pai. Tal acontecimento o conduziu a um processo de busca de compreensões e reconstruções da biografia de Elias, seu genitor. Com esse movimento, o autor pôde acomodar perguntas e inquietações:

Ao me contar a história do meu pai, minha tia e minha mãe, sem saber, deram-me a chave para compreender o seu alcoolismo, a sua seriedade e o seu olhar profundamente triste, possibilitando-me, pela primeira vez, ver o lado dele e me fazendo, então, compreender que ele só podia ter nos dado o que ele teve. Fazendo-me entender, inclusive, a maneira como decidiu pôr fim a sua própria vida. No caso dele, ele só tinha uma escolha: jogar-se embaixo de outro caminhão! (Vale, 2017, p. 61)

Landsberg (1951/2009) e Primo Levi (1958/1988) apresentam pensamentos que afirmam a participação do outro para a constituição e reconhecimento de uma existência humana. As vidas humanas formam uma comunidade de existência, de modo que, quando a pessoa se retira da vida, ela sinaliza, também, uma abdicação da continuidade de participação nessa comunidade existencial. Fukumitsu (2013) segue a mesma linha de pensamento, ao dizer que “com o suicídio de um ente querido, uma parte do sobrevivente pode morrer” (p. 235).

Landsberg (1951/2009) em seu texto *Ensaio sobre a experiência da morte* descreve que a experiência imediata diante de um corpo sem vida é a de desaparecimento, como se

aquele corpo expressasse o paradoxo ambivalente de que a pessoa que morreu está ali, e não está ali, ao mesmo tempo. Ou seja, a experiência imediata que se vive é a do desaparecimento da vida que animava aquele corpo agora inerte. Nesse sentido, se a morte pode ser compreendida como a presença-ausente, dada seu caráter de imanência do que é vivo, o morto pode ser compreendido como a ausência-presente, pois essa vida que animou um corpo não é aniquilada ou extinta do mesmo modo que sua materialidade física.

Esse filósofo descreve o processo de reconfiguração de uma comunidade existencial que se rompe com o acontecimento da morte de alguém com quem foi criado um vínculo significativo, um laço de amor. A reconfiguração da existência de quem sobrevive à morte de um familiar envolve a superação da morte simbólica de um modo de existir que cessa simultaneamente à morte desse familiar. Diante de uma morte por suicídio, a reconfiguração desse vínculo, que já não possui presença física do outro, pode ser ainda mais penosa e árdua para o familiar sobrevivente à morte de seu ente.

Nas histórias de suicídio analisadas o impacto mais marcante diante da morte de um familiar foi o de Júlio, que se matou em ato contínuo à tomada de conhecimento do falecimento de Beatriz. As imagens fotográficas são fiéis em retratar o marido na cama, ao lado da esposa, ainda com suas vestes de trabalho, acompanhando-a também no caminho da morte.

As declarações da mãe de Kamila indicam o esfacelamento da vida dos pais de uma jovem que, na virada de um instante, atirou-se pela janela, devastando-os de tal modo que se mudaram para outra cidade, em uma tentativa de reconstrução de suas vidas.

Nas declarações a respeito da morte de Manuela, seu pai foi a pessoa que mais expressou surpresa e desconcerto ante o suicídio da filha. Ele aderiu à ânsia de buscar qualquer indicação que pudesse derrubar a facticidade do suicídio, solicitando quebra do sigilo telefônico e perícia do computador de Manuela e do apartamento onde ela morava. O pai iniciou uma busca por qualquer coisa que pudesse desmontar a tese de que Manuela quisesse morrer a ponto de provocar a própria morte.

Na história da morte de Alisson o tom de surpresa atravessa as declarações das pessoas que foram ouvidas e que eram mais próximas a ele, seu pai, seu cunhado e sua ex-namorada, Rosa Maria. Diante da perspectiva deles, Alisson era um jovem que nunca expressou desejo de morrer ou intenção de se matar, aparentando ter um bom relacionamento com a família. A reação perante um desfecho de vida nesses moldes, inesperado e imprevisível, tende a desencadear mais dificuldades de acomodação para os familiares.

As pessoas ouvidas na investigação da morte de Vicente demarcam a impessoalidade de testemunhas que conviviam, por acaso, na mesma hospedaria que o jovem português habitava. Suas declarações descrevem, no contexto da investigação policial, detalhes da construção e do desencadeamento do suicídio de Vicente.

Nas histórias analisadas há uma variedade de afetos e de abertura de questões e reações, por parte de quem fica, a partir do suicídio de um familiar ou de alguém próximo. De todo modo, e acompanhando o pensamento de Ricoeur (2012) exposto na abertura desse tópico de discussão, os que sobrevivem à morte de um ente querido iniciam uma jornada de acomodação do acontecimento da morte simultaneamente ao processo de preservação da memória de uma existência humana.

### **4.3. Os inquéritos de suicídio e a dinâmica da memória coletiva**

Mas no corpo do suicida encontra-se uma melodia para ser ouvida. Ele deseja ser ouvido. Para ele vale as palavras de César Vallejo: “su cadáver estava lleno de mundo”. O seu silêncio é um pedido para que ouçamos uma história cujo acorde necessário e final é aquele mesmo, um corpo sem vida.

(Rubem Alves, 1991, p.12)

Retomando um pensamento já apresentado, o inquérito de suicídio contém a história da morte e fragmentos da história da vida de uma pessoa. Essa história é contada por outros e, em parte, pela pessoa que se mata, por meio de carta ou bilhete. As pessoas que constroem versões dessa história são reunidas para narrá-la por questões técnicas, que nascem da necessidade de investigar a possibilidade da existência de um crime contra a vida.

Sem perder de vista os alcances e as limitações do inquérito policial, que tem seus vieses traçados por um objetivo muito específico, nesse documento há um conjunto de informações que viabilizam a compreensão do acontecimento do suicídio a partir também de um horizonte histórico. Os escritos de Vicente, Beatriz, Teo, Kamila, Alisson e Manuela permitiram visitar os anos de 1913, 1977, 1989, 1996, 2000 e 2009. Desse modo, tanto a escrita de si nos bilhetes e cartas quanto as diversas peças técnicas que constituem os inquéritos não anunciam simplesmente a morte por suicídio de uma singularidade. O conjunto desse documento revela também um mundo social e relacional.

Pela via dos escritos de si em cartas e bilhetes, a pessoa é um testemunho de vivências pessoais que abre um caminho de desvelamento acerca de uma relação eu-mundo, que

permite conhecer especificidades também de uma realidade social. Não é apenas de si que a pessoa que se mata está falando, ao anunciar seus afetos, mas também de seu mundo social. Essa escrita é testemunho de um campo existencial que dá expressão a relações entre vivências pessoais e o mundo histórico no qual uma vida humana está inserida.

A carta de Vicente escrita para a Ana exala o romantismo característico de uma época, com uma caligrafia impecável. As palavras escolhidas com esmero e os papéis bem dobrados e acomodados em envelopes, devidamente endereçados, dão o tom de um cuidado, de um amor devocional e do horizonte histórico das primeiras décadas de 1900.

A escrita de Beatriz testemunha a descoberta médica de efeitos colaterais nocivos de um analgésico amplamente usado nas primeiras décadas da segunda metade do século XX. Teo, Kamila e Alisson compartilham, respectivamente, nomes de bancos, de uma empresa e de artistas diversos que os circunscrevem em um marco histórico e temporal. Embora a carta de Kamila tenha sido a única digitada, a formatação, a fonte da letra e o papel usado para a impressão demarcam, com precisão, os anos finais do século XX.

Manuela, a mais próxima cronologicamente, 2009, transmite, com suas palavras, uma mudança quanto ao hábito de escrever cartas. Em sua experiência, essa mudança coincide com o caráter de indiferença relacionado a se ter uma boa caligrafia e com o declínio pelo gosto da leitura. Suas palavras e seus afetos testemunham um tempo em que ler, escrever sobre si, escrever cartas, ainda mais de próprio punho, são hábitos em pleno momento de reconfiguração.

Em seus escritos direcionados a si mesma, Manuela expressa, pela primeira vez entre as histórias analisadas de suicídio, certa naturalização entre seu estado afetivo e um processo depressivo. Mas a jovem questiona essa associação naturalizada, não se reconhecendo nela: *“Eu não vejo lógica em me matar como o Alef disse que se sente qd a depressão ganha a briga. Não estou depressiva”*.

Em outras peças técnicas que compõem os inquéritos, especialmente nos relatórios elaborados pelos delegados condutores da investigação, ouvem-se ecos dos modos como o suicídio é tomado ao longo do tempo. Acompanha-se um envolvimento afetivo e abertamente valorativo em inquéritos das primeiras décadas de 1900, em que os delegados expressam lamento pelo “ato tresloucado” da pessoa que se matou. Nos inquéritos mais recentes, os relatórios dos delegados são marcados por objetividade e tecnicismos que os conduzem a enxergar, por exemplo, o “teor suicida” na carta de Kamila à sua irmã Clarice, com fins de conferir plausibilidade ao ato da jovem de se lançar do décimo terceiro andar.

Diante do exposto, o acontecimento de uma morte por suicídio dispara, no âmbito policial, uma investigação que reúne e produz uma série de peças que são reveladoras de pontos de interseção entre memórias individuais e memória coletiva.

O pensamento do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945) acentua como uma das dimensões constitutivas da memória coletiva seu caráter de reter do passado aquilo que permanece vivo com o passar do tempo cronológico (Halbwachs, 1950/2006). O autor foi pioneiro na explicitação do aspecto dinâmico e social da memória, ultrapassando, assim, seu aspecto individual.

Schmidt e Mahfoud (1993), ao ressaltarem o processo de reconstrução e resignificação do passado, argumentam que “a memória coletiva pode ser entendida como uma forma de história vivente” (p. 292). No ato de reunir um conjunto de cenas, informações e vozes, de quem morreu e de quem ficou, são retidos não apenas fragmentos da história de uma morte. No momento imediato em que o leitor ou pesquisador toma em suas mãos esse documento é ativada a dinâmica reveladora de marcos biográficos e históricos que sobrevivem à passagem do tempo.

Na qualidade do papel, na caligrafia ornada com caneta tinteiro dos inquéritos mais antigos, no modo como o organizador do documento categoriza a pessoa que morreu como réu ou vítima, nos registros fotográficos de cenas íntimas e públicas da cidade de São Paulo, de ruas, de viadutos, de hotéis e de estações de metrô, o leitor reconstrói e resignifica histórias vividas e espaços geográficos que se redefinem a partir de um acontecimento.

Marquetti (2012), em seu trabalho que explicita uma relação entre o suicídio e a cidade, revela com propriedade assertiva esse redimensionamento significativo dos lugares de uma metrópole como São Paulo, onde um suicídio aconteceu. O Viaduto do Chá, a Avenida Rangel Pestana, a região da Consolação, a estação de metrô Arthur Alvim, alguns dos locais onde ocorreram os suicídios dos inquéritos lidos nesta pesquisa passam a evocar a complexidade das interações entre vidas íntimas, espaços geográficos e meio sociais, como o mundo-da-vida que se mantém preservado nas páginas de um inquérito de suicídio.

Tendo como epicentro o acontecimento de uma morte por suicídio, as cartas e bilhetes, as declarações de testemunhas, relatórios técnicos, registros fotográficos e as demais peças do inquérito guardam em si o registro vivo e simultâneo de histórias individuais e de grupos sociais inseridos em uma temporalidade. Desse modo, a junção dessas peças ultrapassa a objetividade de uma investigação policial, pois cria um documento que perdura no tempo e

mantém intactos os registros geográficos e de arranjos pessoais e sociais para lidar com questões que culminam em uma morte marcada por suicídio.

#### **4.4. A pesquisadora como testemunha: um caminho de construção de conhecimento**

O encontro com o suicídio nos inquéritos policiais se constituiu, na minha experiência de pesquisadora, como a entrada em um universo estrangeiro, gerando impactos, quebras de paradigmas, redimensionamentos e reconfigurações em níveis teóricos, intelectuais e pessoais.

Bosi (2013) descreve seu impacto diante do Campo de Terezin (Theresienstadt)<sup>41</sup>, construído pelos alemães para servir como uma espécie de maquiagem propagandista dos campos de concentração nazistas. A autora reúne informações e impressões obtidas por meio de um filme<sup>42</sup> e de documentos oriundos de uma exposição sobre Terezin<sup>43</sup>, asseverando a urgência de testemunhar a significação desse campo e evidenciando o alcance de um “colapso moral” engendrado pelo nazismo:

Embora Terezin merecesse longos anos de estudo, visitas repetidas aos museus e arquivos tchecos, penso que será preciso testemunhar o que ele foi, sem demora. Não só do que entrevimos ao longe, mas daquela intimidade que pode se formar e se formou entre as paredes de papel de um simples depoimento. Intimidade precária, bem sei, mas intensa como se o papel guardasse ainda o calor do sopro de tantas bocas. (Bosi, 2013, p. 85)

Bosi (2013), com suas palavras, nomeou alguns dos meus afetos de pesquisadora. Contudo, deve-se guardar as devidas diferenças entre documentos relacionados a eventos e vivências de judeus durante o nazismo e entre os inquéritos e vivências em torno de uma morte por suicídio. De todo modo, os relatórios de delegados e as declarações de pessoas ligadas a uma ocorrência de suicídio guardava esse “calor do sopro de tantas bocas”, ou a vivacidade pungente e inquietante experimentada diante de uma morte por suicídio. Obviamente, tal “calor” ou vivacidade apresentam intensidade máxima nos escritos deixados pelas pessoas que se mataram.

Colocar-me, em primeira pessoa, tem como objetivo, nesse sentido, aderir a uma fidelidade ao que foi visto, lido e sentido e à possibilidade de transmissão desse “calor”, por

---

<sup>41</sup> Ecléa Bosi (2013) menciona uma visita de inspeção a Theresienstadt de membros da Cruz Vermelha Internacional, em 23 de junho de 1944, em que viram uma cidade aparentemente bem organizada, com boas instalações, pessoas bem vestidas, biblioteca, produção cultural de alto nível, como óperas, concertos, teatro etc.

<sup>42</sup> “O Führer Oferece uma Cidade aos Judeus de 1944”, produzido pela propaganda nazista.

<sup>43</sup> Exposição organizada pelo Centro de História da Resistência e da Deportação de Lyon, em 1999 (Bosi, 2013).

vezes febril, do “sopro de bocas” que se mataram e de pessoas que foram impactadas por essa morte, incluindo a mim.

Ainda que tenha se formado não mais que uma intimidade precária entre mim e as pessoas que se mataram, o impacto vivido me colocou diante da reflexão sobre o lugar que um pesquisador pode ocupar. O encontro com cada pessoa que se matou, por meio do conhecimento de trechos de sua biografia, do resquício de suas vidas reveladas nas imagens de seus corpos recém-falecidos e na vida de suas caligrafias são exemplos de vias pelas quais foram se construindo o “rosto” para a história que estava sendo lida nos inquéritos.

A seguir, transcrevo alguns trechos do meu diário de imersão e leitura dos inquéritos, que se encontra, em anexo, conforme já informado no capítulo sobre o método.

Balanco de um mês: já é um divisor de águas entre quem eu era e quem eu sou. Conheci violências inéditas e chocantes ao meu mundo, e vivi impactos nocivos que tiveram seu auge no final da terceira semana. Tive minha primeira noite de insônia e depois de só conseguir dormir por três horas e experimentar um pico de angústia, precisei ir a uma igreja e ficar quietinha meditando (...). A violência que vi em histórias e fotos me levou a estar cara a cara com meus abismos e minha escuridão, e com a dos outros também. Às vezes questiono essa minha sensibilidade, se é exagerada, se é adequada ao drama das histórias, se outros em meu lugar também se impactariam desse modo.

Terminei hoje de ler as duas primeiras levas de inquéritos desarquivados, comecei a revisar minhas primeiras anotações, aquelas de principiante, leiga e desorientada diante do universo de informações novas. Repassei os inquéritos que mais me emocionaram, não quis rever nenhuma foto, apenas passei rapidinho para coletar informações que eu havia deixado para trás. Sinto uma leve ressaca do impacto, e na maior parte do tempo olhei para mim lá no início e estranhei tamanha comoção e violência que vivi. Senti-me uma criança purista e despreparada para a totalidade da vida de fato, e como não gostei desse julgamento, tenho buscado sentir a importância do impacto que vivi e acompanhar conscientemente cada etapa do processo de construção da minha dimensão de pesquisadora e destruição/construção da minha pessoa.

Hoje encontrei uma história muito especial, de uma jovem de 28 anos que escreveu sua vida, muito mais que seu desejo de morte, em diversas páginas. Eu quis chorar quando li a transcrição dela de uma poesia de Neruda, lembrei-me de imediato da história da outra moça cuja leitura da carta, eu chorei. As histórias são próximas entre si e de mim. Carregam lucidez, poesia, desejo de amor, de vida. Minhas lágrimas retrocederam a algum canto de mim, a pesquisadora falou mais alto naquele ato, mas posso senti-las aqui, fazendo cócegas entre meu estômago e garganta, nos meus lábios e nos meus olhos. Em um momento oportuno, ouvirei minhas lágrimas com o devido cuidado. A moça intensa e poética de hoje escolheu uma morte muito representativa de si, e se o modo de se matar faz algum sentido, seria nesse caso. Ela foi para um hotel, sozinha, transcreveu poesias temáticas da morte, escreveu algumas palavras, intoxicou-se exogenamente, e esperou sua morte na banheira luxuosa de um hotel. Mas esse estilo não ameniza a violência do ato de interrupção da vida pelo suicídio.

Marcus (2004) discute aspectos de uma pesquisa de campo tradicional em que o pesquisador atua com uma estrutura semelhante de um artista em palco. Nessa configuração, o pesquisador constrói cenas que distanciam afetiva e espacialmente o observador e o observado, além de arranjar e selecionar dados que se mostrem coerentes aos seus próprios pressupostos estabelecidos. Em uma perspectiva contrária à tradicional, o autor apresenta um debate prezando pela construção de uma espécie de cumplicidade entre as partes atuantes em uma pesquisa.

Mills (1959/2009) inicia seus escritos sobre o processo que ele nomeia como “artesanato intelectual”, afirmando que o trabalho acadêmico e a vida pessoal de pesquisadores se entrelaçam, de modo que esses dois âmbitos se enriquecem e se beneficiam mutuamente.

Os pensamentos de Bosi (2013), Marcus (2004) e Mills (1959/2009) se entrecruzam quando os autores expressam o valor de uma espécie de fidelidade que o pesquisador deve buscar manter, simultaneamente, em relação a si mesmo e ao outro, seja esse outro um tempo histórico, um grupo social ou uma experiência vivida que está sendo investigada. A fidelidade a si e ao outro, nessas condições, exige uma reflexão contínua do pesquisador: “Quem sou eu que observa, vê, lê e analisa o outro?”.

Na cumplicidade e intimidade que foi possível formar com os protagonistas das histórias de suicídios, eu me senti de diversos modos: como um portal para a expressão de experiências de pessoas que se mataram; como uma testemunha reavivadora e continuadora da memória de suas vidas; como uma pesquisadora e historiadora do suicídio; como uma escritora literária em uma tentativa precária de transformar em arte histórias tão peculiares; e como uma pessoa atravessada por abismos e conflitos existenciais.

Nas “vozes” encontradas nos documentos lidos e nos afetos nascidos em mim enfrentei vários dilemas e desafios. Precisei lidar com o ímpeto, ainda que fugaz, de reter as cartas de Vicente, um achado precioso que não merecia ficar perdido e esquecido entre toneladas de papéis. Enfrentei um sentimento de impotência diante da impossibilidade de acompanhar plenamente cada uma das pessoas cujas histórias eu acompanhei, pois se eu não consegui entender nem mesmo a transcrição de duas bandas mencionadas por Alisson, o quanto mais não foi possível entender e acompanhar em suas vivências?

O desafio posto nesse modo de conduzir a pesquisa é encontrar uma afinação de cooperação mútua entre tudo aquilo que nasce nesse processo, alinhando à construção de conhecimento e ao respeito honroso ao que está sendo pesquisado.

## 5. Síntese de estruturas fenomenológicas do suicídio

Serão apresentados, de maneira breve e sintética, alguns elementos essenciais ou típicos de vivências diante do suicídio, que foi possível acessar e que foram discutidos ao longo deste capítulo. O intuito é realçar parte do trabalho fenomenológico e, em vista disso, explicitar a formulação de estruturas do suicídio. Essa formulação corresponde a uma das diretrizes metodológicas de análise proposta por van der Leeuw (1933/1964), conforme apresentado no Capítulo 3.

A partir das vivências analisadas emergiram quatro estruturas: suicídio como uma vinculação entre viver, sofrer e morrer; suicídio como uma resposta sobre si e sobre a vida; suicídio como uma saída de emergência; e suicídio como uma abdicação simultânea de si e do outro.

O suicídio como uma resposta sobre si e sobre a vida sinaliza uma confissão e uma denúncia. No ato de infligir a própria morte há a confissão de fragmentos de uma luta existencial em pleno auge, ao lado da denúncia de uma situação ou condição de vida que se tornou insustentável.

A descontinuidade de modos de viver e situações que descerram o sofrimento como parte da condição humana desencadearam afetos ambíguos e contrastantes que moveram os seis protagonistas das histórias analisadas entre os espaços do “continuar a viver” e do “decidir morrer”. A abertura da fronteira que separa esses dois espaços de habitação existencial foi efetivada por uma “chave”, cuja característica é marcada por uma extrema capacidade de se amoldar e se metamorfosear, conforme a vinculação entre um “eu” e seu mundo circundante e o processo de elaboração de perguntas e respostas sobre si e sobre a vida.

Um das implicações da característica dessa “chave” de abertura da fronteira que separa o viver do decidir de morrer é que a busca de porquês explicativos ou o realce de gatilhos de suicídios não são capazes de acessar a dinâmica humana de movimentação e travessia da fronteira.

A ruptura de um romance com a amada, uma dor física insustentável, a vivência de abandono e de quebra do sonho de constituir família, a corrosão da paixão pelo trabalho e pela vida, nos casos de Vicente, Beatriz, Teo e Kamila, respectivamente, são variações dessa “chave” que abre a porta de emergência do suicídio. Nas histórias de Alisson e Manuela essa

“chave” é mais difícil de identificar, pois eles expressam, em suas palavras, uma vivência de deslocamento em um mundo em que se perdeu ou que não foi possível articular um sentido de existir.

De todo modo, o que se busca ressaltar é que o descerramento da fronteira entre o continuar a viver e o decidir morrer não obedece a uma lógica controlável, previsível ou passível de se prevenir. Além disso, a ativação da decisão de se matar não requer, necessariamente, uma situação específica, ou uma “chave”, pois pode corresponder a dinâmicas humanas em que existir, por si só, já se configura como um fardo insustentável.

Por fim, a tessitura do vínculo “eu-tu” e do mundo-da-vida agrega à estrutura transparente e espelhada do “hífen” que os interliga a uma potência latente que pode agir como preservação ou como corrosão de elementos constitutivos dos espaços do viver e do morrer. Nesse sentido, o outro e o mundo circundante podem se configurar, para um “eu”, em uma força gravitacional, uma força de atração ou de enraizamento, que participa do movimento de decisão de viver ou de morrer.

## **VI – *POST SCRIPTUM*: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscamos, no presente estudo, abrir espaço para a expressão da voz de pessoas que se mataram, por meio de uma imersão nas mensagens deixadas por Vicente, Beatriz, Teo, Kamila, Alisson e Manuela. Esse objetivo e o modo de condução e realização desta pesquisa anunciam e delimitam o alcance das teses, enunciados ou proposições que se pode defender. Portanto, é tomada distância da esfera de explicações causais e é feita uma aproximação da dimensão compreensiva de dinâmicas existenciais. Como mencionado no capítulo sobre o método, foram selecionadas histórias em que fosse possível explorar dinâmicas diversas que culminaram em uma morte por suicídio. Desse modo, não foi intencional a escolha de três homens e três mulheres, tampouco a escolha de uma faixa etária específica ou uma coincidência no modo de execução da morte. Essas são características que, segundo o recorte, estão alocadas em um âmbito que foge ao escopo desta pesquisa, embora indiquem significações relevantes.

Serão formuladas, a seguir, três ideias como sínteses que acreditamos abranger os pontos centrais resultantes desta pesquisa.

A primeira delas é que, em um contexto que busca entender a pessoa que se matou, é preciso olhar menos para o espetáculo da consumação de uma morte trágica e para o desfecho de uma existência física e mais para a totalidade de uma vida humana. Estatísticas quanto ao gênero, etnia, grupos e regiões que apresentam maior número de suicídios ou a listagem de fatores generalizantes de riscos servem a outro âmbito de atuação e de conhecimento. Na busca de compreensão de um ato decisivo em relação à vida, é a vida mesma que se coloca como desafio, em sua trama complexa e delicada. Trata-se, nesse sentido, de acompanhar o movimento dinâmico e imprevisível do que é possível apreender de uma existência humana. Em uma pesquisa sobre morte autoinfligida pode-se tomar como foco a vivência da pessoa que se mata ou tomar como objeto de estudo o suicídio enquanto fenômeno. O foco maior no suicídio tende a objetificações pragmáticas que servem a um propósito respeitável, o de gerar um conjunto de conhecimentos operativos para o campo da Saúde Pública. E essa sistematização de conhecimentos operacionalizantes é uma das virtudes da Epidemiologia, por exemplo. O foco deste trabalho, por outro lado, foi a vivência de pessoas que se mataram, a partir de experiências transcritas em suas mensagens.

A segunda ideia se refere ao tema da prevenção ao suicídio. Qualquer prevenção que presuma que a vida pode ser resolvida por antecipação e por cerceamento do viver está passível ao fracasso. O ser humano está, a cada momento, diante de sua liberdade, por vezes vertiginosa, sobretudo quando o que está em jogo é o arbítrio entre o continuar a viver e o decidir morrer. As tentativas de anestesiá-lo ou anular essa liberdade, como prevenção do ato de se matar, tendem a ser vulneráveis e inócuas. E, em casos de insistências de cerceamentos mecânicos e literais, parte do que caracteriza e estrutura a condição humana estaria sendo violada. Uma prevenção do suicídio, por essa via, gera abismos entre aquele que busca evitar uma morte e aquele que está tentando morrer, por estar, já no ponto de partida, subjugando a humanidade de alguém. Uma resposta sobre si e diante da vida que pode, inclusive, eleger o suicídio como resposta, precisa ser dada por um movimento próprio, pessoal e espontâneo. Desse modo, a aposta é, antes, na preservação de uma vida em sua totalidade do que em uma prevenção que tende a reduzir uma existência a um único ato, o do suicídio. É irrealizável a tentativa de controle antecipatório do viver.

A terceira ideia diz respeito à relação eu-tu, a comunidade existencial que se forma entre duas subjetividades e a relação entre um “eu” e seu mundo circundante. Um “eu”, isoladamente, ou a interação entre duas subjetividades e entre um ser e seu contexto social não abarcam, sozinhos, a determinação de um suicídio. No entanto, há um fator significativo nos vínculos entre aquele que se matou e a vida em seu entorno. A interação entre um “eu” e seu mundo circundante é base e fundamento do processo de estruturação e configuração desse “eu” e da formulação de perguntas e de respostas sobre si e sobre a vida. Essa interação reflete a vinculação de vidas humanas que se movimentam e se entrelaçam em um mesmo espaço existencial e social. Portanto, essa interação e vinculação participam dos dramas envolvidos nos dilemas entre o continuar a viver e o decidir morrer. Assim sendo, esse fundamento da existência vai de encontro a perspectivas individualizantes de prevenção do suicídio, que desconsideram a participação da dimensão social no ato da morte autoinfligida.

Ao finalizar esta pesquisa, percebe-se com maior refinamento um dos porquês de eleger mensagens escritas por pessoas que se mataram como objeto de estudo do suicídio: o verbo é mais vivo e intenso que o substantivo, em suas funções semânticas. Nomear algo por meio de um substantivo é a aproximação de uma fenomenalidade, e parte do processo de conhecimento daquilo que se nomeia. O verbo, por sua vez, coincide com a experimentação ativa do que está sendo nomeado. Desse modo, o verbo é a supressão da distância entre o que se conhece e o que se vive, é o conhecimento “por dentro”, é o saber imediato que nasce do que se sente na “pele viva”, na totalidade do ser. Por isso a voz de testemunhas carrega uma

vivacidade peculiar. Dizer que “segundo a Organização Mundial de Saúde, o **suicídio** (substantivo) é a segunda causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, no mundo<sup>44</sup>” impacta de um modo diferente do que uma frase como “apesar de toda minha fé no espiritismo, bloqueei todos os meus pensamentos racionais e **tentei me matar** (ação/verbo)<sup>45</sup>”.

Seria um desserviço tentar defender uma hierarquia de importância entre substantivo e verbo, ou entre estudos epidemiológicos e empíricos sobre suicídio. Mas cabe ressaltar o lugar, o efeito, o impacto e o alcance de cada uma dessas variações no foco de apreensão do ato humano de se matar.

É preciso estar vivo o suficiente para se matar, e estar ainda mais vivo para escrever sobre os próprios afetos diante de uma situação ou condição existencial. O presente trabalho envolveu resgatar e colocar em evidência a vida escondida nesses dois atos, nos quais é mais comum focar a morte. Desse modo, este estudo pretendeu acompanhar o verbo, o movimento humano diante do viver e do morrer, buscando seguir as trilhas dos protagonistas das histórias de suicídio nos malabarismos com seus afetos diante de si, diante de outros e da vida em sua totalidade. Vida viva, morte viva: tais expressões, diante do desafio de compreender a experiência de pessoas que morrem por suicídio, despem-se de redundâncias, pleonasmos e incoerências, pois desvelam a tessitura própria do existir humano.

O lugar que a morte revelou maior intensidade em sua manifestação substantivada, neste estudo, foi nas imagens de corpos inanimados, nos relatórios detalhados das autópsias por meio de descrições acuradas de traumatismos irreversíveis na anatomia fisiológica daqueles que se mataram. O cessar das funções vitais encerrou, em definitivo, a existência física dessas pessoas.

Contudo, o processo de imersão, leitura e análise das cartas e histórias de suicídio estudadas evidenciam que a morte física não coincide com a extinção da fenomenalidade de uma existência humana. O processo de compreensão de vivências que culminaram no suicídio é uma via de resgate da permanência impactante da história de alguém que, no intervalo entre o nascer e o morrer, tentou lidar com as questões mais decisivas de sua vida.

Escrever é um modo de sobrevivência, de subsistir ao tempo finito daquela existência humana que escreve. Manuela expressa, com suas palavras, um drama que atravessa uma relação entre seu sentimento de nulidade, o esquecimento e a memória. Mas o

---

<sup>44</sup> [https://www.who.int/mental\\_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/](https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/).

<sup>45</sup> Trecho da carta de Kamila.

desenvolvimento desta pesquisa desvelou um caminho de ressurgimento e reavivamento de sua existência, assim como das outras cinco histórias acompanhadas. Desarquivar essas histórias consistiu na abertura de um espaço para a expressão de suas vidas. Esse ato pode ser compreendido, também, como a preservação e manutenção do reverberar de suas existências, ou como uma “ressurreição horizontal”, conforme enunciado por Ricoeur (2012).

Retomando a epígrafe, Artaud (2003) afirma: “Nunca ninguém escreveu ou pintou, esculpiu ou construiu, inventou, a não ser para sair do inferno.” (p. 61). O processo de ler os inquiridos, as cartas e os bilhetes descerrou uma porta de entrada ao “inferno” que estava sendo vivido pela pessoa que se matou. As suas escritas, as hesitações que antecedem o ato suicida e que são testemunhados por terceiros, e a própria consumação do ato são também expressões de tentativas de eles saírem desse inferno. Como anunciado na introdução deste trabalho, é nesse lugar árido e seco, que é difícil entrar, permanecer e sair, tanto para quem vive a experiência do suicídio, em primeira pessoa, como para quem busca acompanhar esse processo.

No percurso de realização do objetivo de acompanhar a experiência de quem se matou, a voz da pesquisadora emergiu como expressão de uma subjetividade que se impactou com as histórias presentes nos inquiridos. Assim sendo, na experiência da pesquisadora de ler os inquiridos e adentrar em cantos escuros de uma existência, a saída do “inferno”, acima mencionado, está sendo alcançada pelo respeito a quem se matou e pelo ato de elaboração desta tese.

A escrita deste trabalho, nesse sentido, é também um exercício de sobrevivência da pesquisadora, ao lado do reavivamento da existência dos protagonistas das histórias analisadas, por meio de uma cumplicidade e de uma parceria que se formou. A tentativa é de buscar e de evidenciar a chama que anima a vida, que aparece mesmo no ato do suicídio, e transmiti-la, como uma possibilidade de se aproximar e cuidar de experiências humanas que envolvem sofrimentos ligados a uma desistência de continuar a viver.

Para Landsberg (1946/2009), “quem for escravo da morte também é escravo da vida e de seus acidentes” (p. 85). Mesmo com todos os sombreamentos inacessíveis à experiência do suicídio, nossa defesa é tomar pelas mãos e enfrentar experiências que envolvam o processo de morrer para que seja possível permanecer “vivo até a morte”, expressão que nomeia a obra póstuma de Paul de Ricoeur (2012).

Com todo o respeito à experiência da pessoa que se mata e experimenta uma redução de possibilidades existenciais, que envolvem elementos variados e complexos, o esforço aqui, é, antes, de preservação e reavivamento da experiência de estar vivo. É uma das

possibilidades latentes de quem morreu por suicídio é ensinar mais sobre a vida do que sobre a morte, por mais vertiginoso que seja testemunhar a concretude, quase sempre violenta, de suas mortes físicas.

O respeito às histórias acompanhadas, conforme anunciado na introdução da tese como condição para se adentrar no terreno íntimo das cartas, está fundamentado no reconhecimento da luta existencial de Vicente, Beatriz, Teo, Kamila, Alisson e Manuela. Ainda que, nas palavras de Bosi (2013), não foi possível formar mais do que uma “intimidade precária” (p. 85) com cada um deles, mostrou-se urgente escutar o eco dessa luta: uma luta transcrita e eternizada em palavras e que move a se intensificar o esforço de compreensão e acompanhamento a pessoas que estejam vivendo experiências em torno do suicídio.

Para Bosi (2013), “só merece de nós um esforço aquilo que amamos” (p. 125). Por meio da intimidade, mesmo frágil, formada com pessoas que se mataram, a pesquisadora foi “convertida pelo “suicídio”. O esforço em acompanhar essas histórias desencadeou uma conversão no sentido de desenvolver um amor compreensivo que buscou acompanhar, a partir de um novo modo de respeito, as dinâmicas existenciais envolvidas no ato de se matar. Ao ler as histórias, as palavras e mensagens escritas, expandiu-se, também, um respeito a todas as pessoas que estão ligadas, de alguma forma, ao movimento de se evadirem da vida.

O processo de acomodação do impacto diante do suicídio e a complexidade do trabalho de análise de vivências de pessoas que se mataram foram refletidos em duas dificuldades, por parte da pesquisadora, no desenvolvimento da escrita da tese. A primeira delas respingou no embaraço de eleger o tempo verbal mais correto para descrever as histórias de suicídio, pois a vivacidade do acontecimento de uma morte, no passado, a fez habitar, momentaneamente, no tempo presente. A segunda dificuldade envolveu discernir quanto à flexão verbal mais adequada para redigir alguns trechos da tese, se era mais devido e cabível usar terceira pessoa, primeira pessoa do singular ou primeira pessoa do plural.

Morte é estruturalmente ambígua, ambivalente. Suicídio é a intensificação dessa estrutura, de modo que as tentativas de compreensões desses fenômenos são escorregadias, incertas, pois estão se movendo junto com a dinâmica viva da existência. Em vista disso, uma virtude de acompanhar dinâmicas existenciais coexiste com uma limitação: experiências humanas são inesgotáveis, há uma inviabilidade própria em cobrir todos os lados e todas as questões que podem se abrir diante de um acontecimento como o suicídio. Por isso mesmo, o julgamos ser possível terminar em um trabalho que se dedica a esse esforço não é mais que a

oferta de uma trilha possível de compreensão de vivências de pessoas que se mataram e o estímulo à abertura de novas questões.

Por fim, prestamos tributo às 127 vidas que conhecemos por meio dos inquéritos de suicídios arquivados no Tribunal de Justiça de São Paulo, em especial às vidas de Vicente, Beatriz, Teo, Kamila, Alisson e Manuela. O encontro com essas histórias significou a expansão de compreensões acerca do suicídio, do viver e do morrer, no universo amplo e pulsante da vida.

## REFERÊNCIAS

- Ales Bello, A. (1998). *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. (A. Angonese, trad.). Bauru, SP: EDUSC.
- Ales Bello, A. (2000). *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. (A. Angonese, trad.). Bauru, SP: EDUSC. (Publicação original de 1992).
- Agostinho, S. (2009). *A cidade de Deus* (11<sup>a</sup> ed., O. P. Leme, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes (Publicação original do século IV d. C.).
- Alvarez, A. (1999). *O Deus selvagem: um estudo do suicídio* (S. Moreira, trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Publicação original de 1971).
- Alves, R. (1991). O morto que canta. In: R. M. S. Cassorla (Org.), *Do suicídio: estudos brasileiros* (pp. 11-15). São Paulo, SP: Papyrus.
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia*, 26(1), 93-100. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n1/a10v26n1.pdf>.
- Arantes, A. C. Q. (2016). *A morte é um dia que vale a pena viver*. Rio de Janeiro, RJ: Casa da Palavra.
- Ariès, P. (2014). *O homem diante da morte*. (M. L. Ribeiro, trad.). São Paulo, SP: Unesp (Publicação original de 1977).
- Artaud, A. (2003). *Van Gogh: o suicida da sociedade* (F. Gullar, trad.). Rio de Janeiro, RJ: José Olympio. (Publicação original de 1974).
- Bauman, Z. (2009). *A arte da vida* (C. Medeiros, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar (Publicação original de 2008).
- Bastos, R. (2009). Suicídios, psicologia e vínculos: uma leitura psicossocial. *Psicologia USP*, 20(1), 67-92. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/psup/v20n1/v20n1a05.pdf>.
- Bettioli, M. R. B. (2016). Mário de Andrade e a especificidade do gênero epistolar: o esboço de uma teoria. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 65, 227-236. doi: [doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i65p227-236](https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i65p227-236).
- Berger, P.; Luckmann, T. (2004). *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno* (E. Orth, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Publicação original de 1973).
- Bertolote, J.; Fleischmann, A. (2004). Suicídio e doença mental: uma perspectiva global. In B. Werlang; N. Botega (Orgs.). *Comportamento Suicida* (pp. 35-44). São Paulo, SP: Artmed.

- Bingemer, M. C. L. (2009). Prefácio. In: P. L. Landsberg. *Ensaio sobre a experiência da morte e outros ensaios* (E. S. Abreu, E. Aguiar; C. Benjamin, trans., pp. 9-12). Rio de Janeiro, RJ: Contraponto. (Publicação original de 1946).
- Buber, M. (1977). *Eu e tu* (8ª ed., N. A. Von Zuben, trad.). São Paulo, SP: Cortez & Moraes. (Publicação original de 1923).
- Bordelois, I. (2005). *A palavra ameaçada* (A. Ivanissevich, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Viera & Lent. (Publicação original de 2003).
- Bosi, E. (2013). *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social* (3ª ed.). São Paulo, SP: Ateliê Editorial.
- Botega, N. J. (2014). Comportamento suicida: epidemiologia. *Psicologia USP*, 25(3), 231-236. São Paulo, SP: USP.
- Camus, A. (2008). *O Mito de Sísifo* (6ª ed., A. Roitman; P. Watch, trans.) Rio de Janeiro, RJ: Record. (Publicação original de 1942).
- Casanova, M. A. S. (2011). Introdução à psicologia descritiva e analítica de Wilhelm Dilthey: a hermenêutica diltheyana como crítica das ciências naturais. In: W. Dilthey. *Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica* (M. Casanova, trad., pp. 7-22). Rio de Janeiro, RJ: Via Verita.
- Casanova, M. A. S. (2018, abril). *Sofrimento e Contemporaneidade* (Conferência). Núcleo Psicologia e Vulnerabilidades: a clínica das dependências, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Cassorla, R. M. S. (2017). *Suicídio: Fatores inconscientes e aspectos culturais: uma introdução*. São Paulo, SP: Blucher.
- Cavalcante, F.; Minayo, M. (2012). Autópsias psicológicas e psicossociais de idosos que morreram por suicídio no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(8), 1943-1954. Recuperado de <http://www.scielosp.org/pdf/csc/v17n8/02.pdf>.
- Chiavenato, J. J. (1998). *A morte: uma abordagem sociocultural*. São Paulo, SP: Moderna.
- Comte-Sponville, A. (1997). *Bom dia, angústia* (M. E. G. G. Pereira, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Publicação original de 1996).
- Comte-Sponville, A. (2001). *A felicidade, desesperadamente* (E. Brandão, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Publicação original de 2000).
- Couto, M. (2003). *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Dal Poz, J. (2000). Crônica de uma morte anunciada: do suicídio entre os Sorowaha. *Revista de Antropologia*, 43(1), 89-144. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ra/v43n1/v43n1a03.pdf>.

- Dias, M. L. (1991). *Suicídio: testemunhos de adeus*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Dilthey, W. (2011). *Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica* (M. Casanova, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Via Verita. (Publicação original de 1894).
- Durkheim, E. (2011). *O Suicídio: Estudo de sociologia* (M. Stahel, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Publicação original de 1897).
- Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos* (P. Dentzien, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Publicação original de 1982).
- Feijoo, A. M. L. C. (2018). Uma análise crítica dos estudos fenomenológicos sobre suicídio. In: A. M. L. C. Feijoo (Org.), *Suicídio: entre o morrer e o viver: desmoralizando o suicídio na contemporaneidade* (pp. 67-104). Rio de Janeiro, RJ: IFEN.
- Feijoo, A. M. L. C. (2019, maio). Suicídio e a clínica psicológica existencial: ato de violência contra si mesmo? Trabalho apresentado no *II Congresso Internacional de Psicologia Fenomenológica e Hermenêutica: Corpo e Violência*. São Paulo, SP.
- Fernández-Cabana, M., Jiménez-Félix, J., Alves-Pérez, M., Mateos, R., Rodríguez, I.; García-Caballero, A. (2015). Linguistic analyses of suicide notes in Spain. *Euporean Journal of Psychiatry*, 29(2), 145-155. Recuperado de [cielo.isciii.es/pdf/ejpen/v29n2/original6.pdf](http://cielo.isciii.es/pdf/ejpen/v29n2/original6.pdf).
- Frankl, V. E. (1979). *The unheard cry for meaning*. Londres, Inglaterra: Hodder and Stoughton.
- Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e Sentido da Vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial* (4ª ed., A. M. Castro, trad.). São Paulo, SP: Quadrante. (Publicação original de 1946).
- Fukumitsu, K. O. (2013). *Suicídio e luto: histórias de filhos sobreviventes*. São Paulo, SP: Digital Publish & Print.
- Fukumitsu, K. O. (2018). Suicídio, luto e posvenção. In K. Fukumitsu (Org.), *Vida, morte e luto: Atualidades brasileiras*. São Paulo, SP: Summus.
- Grubits, S., Freire, H.; Noriega, J. (2011). Suicídios de jovens Guarani/Kaiowá de Mato Grosso do Sul, Brasil. *Psicologia Ciência e Profissão*, 31(3), 504-517. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n3/v31n3a06.pdf>.
- Hacking, I. (2009). *Ontologia histórica* (L. Mendes, trad.). São Leopoldo, RS: Unisinos. (Publicação original de 2002).
- Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva* (L. T. Benoir, trad.). São Paulo, SP: Centauro Editora. (Publicação original póstuma de 1950).

- Hirano, H. (2015). O suicídio na cultura japonesa. *Revista Brasileira de Psicologia*, 2(2), 6-16. Recuperado de <http://revpsi.org/wp-content/uploads/2015/12/Hirano-2015-O-suic%C3%ADdio-na-cultura-japonesa.pdf>.
- Husserl, E. (2012a) *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à Filosofia Fenomenológica*. (D. F. Ferrer e P. M. S. Alves, trads.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. (Publicação original póstuma de 1954).
- Husserl, E. (2012b). *Investigações lógicas* (P. M. S. Alves e C. A. Morujão, trads.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. (Publicação original de 1913).
- Karbeyaz, K., Akkaya, H., Balci, Y.; Urazel, B. (2014). Analysis of suicide notes: an experience in Eskişehir City. *Archives of Neuropsychiatry*, 51, 275-279. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5353135/>.
- Keen, E. (1979). *Introdução à psicologia fenomenológica* (H. B. C. Rodrigues, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Interamericana. (Publicação original de 1975).
- Kierkegaard, S. (2013). *As obras do amor*. (4ª ed., A. L. M. Valls, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Publicação original de 1847).
- Kovács, M. J. (1992a). Atitudes diante da morte: visão histórica, social e cultural. In M. Kovács (Org.), *Morte e desenvolvimento humano* (pp. 28-47). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (1992b). Comportamentos autodestrutivos e o suicídio. In M. Kovács (Org.), *Morte e desenvolvimento humano* (pp. 171-194). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (2007). Contribuições de Elizabeth Kubler-Ross nos estudos sobre a morte e o morrer. In: D. Incontri,; F. S. Santos (Orgs.), *A Arte de Morrer: Visões Plurais* (pp. 207-216). Bragança Paulista, SP: Comenius.
- Kovács, M. J. (2008). Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia*, 18(41), 457-468. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n41/v18n41a04.pdf>.
- Kovács, M. J. (2014). A caminho da morte com dignidade no século XXI. *Revista de Bioética*, 22(1), 94-104. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/bioet/v22n1/a11v22n1.pdf>.
- Kovács, M. J. (2017). Psicologia e Bioética: cuidado a pacientes gravemente enfermos. In: M. R. G. Esperandio; M. J. Kovács (Orgs), *Bioética e Psicologia: Inter-relações* (pp. 73-84). Curitiba, PR: CRV.
- Kubler-Ross, E. (1996). *Morte: estágio final da evolução* (2ª ed., A. M. Coelho, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Record/Nova Era. (Publicação original de 1975).
- Kubler-Ross, E. (2012a). *Sobre a morte e o morrer* (9ª ed., P. Menezes, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Publicação original de 1969).

- Kubler-Ross, E. (2012b). *O túnel e a luz* (4ª ed., M. F. Lopes, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Verus. (Publicação original de 1999).
- Lafer, C. (2000). Sobre a correspondência de Hannah Arendt. In: W. Galvão; N. Gotlib (Orgs.), *Prezado senhor, Prezada senhora* (pp. 121-128). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Landsberg, P. L. (2009). *Ensaio sobre a experiência da morte e outros ensaios* (E. S. Abreu; E. Aguiar; C. Benjamin, trads.). Rio de Janeiro, RJ: Contraponto. (Publicação original de 1951).
- Lessa, M. B. M. F. (2018). Um estudo sobre a moralização do suicídio. In: A. M. L. C. Feijoo (Org.), *Suicídio: entre o morrer e o viver: desmoralizando o suicídio na contemporaneidade* (pp. 105-144). Rio de Janeiro, RJ: IFEN.
- Levi, P. (1988). *É isto um homem?* (L. Del Re, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Rocco (Publicação original de 1958).
- Lipovetsky, G. (2005). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo* (T. Deutsch, trad.). Barueri, SP: Manole. (Publicação original de 1993)
- Mahfoud, M. (2016). Quem sou eu? Acontecimento pessoal na busca de completude. In: M. Mahfoud (Org.), *“Quem sou eu?”: Um tema para a psicologia* (pp. 36-67). Belo Horizonte, MG: Artesã.
- Mahfoud, M. (2017). Vale a pena viver? A pergunta radical requer resposta pessoal. In: V. A. Angerami (Org.), *Sobre o suicídio: A psicoterapia diante da autodestruição* (pp. 423-433). Belo Horizonte, MG: Artesã.
- Marcel, G. (2016). O transcendente como metaproblemático (J. A. de Azevedo, trad.; M. L. Fernandes, rev. técnica). *Revista da Abordagem Gestáltica Phenomenological Studies*, 22(1), 99-101. Recuperado de [pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672016000100012&lng=pt&tlng=PT](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000100012&lng=pt&tlng=PT).
- Marcus, G. (2004). O intercâmbio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia (A. P. Pacheco, trad.). *Revista de Antropologia*, 47(1), 133-158. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ra/v47n1/a04v47n1.pdf>.
- Marquetti, F.; Leite, P. (2018). Intervenção na crise suicida: silenciar determinantes ou produzir sentidos e ações na ruptura? In: K. Fukumitsu (Org.), *Vida, morte e luto: atualidades brasileiras* (pp.155-165). São Paulo, SP: Summus.
- Marquetti, F. (2014). O suicídio e sua essência transgressora. *Psicologia USP*, 25(3), 237-245. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0237.pdf>.
- Marquetti, F. (2012). *O suicídio como espetáculo na metrópole*. São Paulo, SP: Fap-Unifesp.

- Martins, J. G. (2007). Experiência e subjectividade em Claude Romano. In J. M. Cantista (Org.), *Desenvolvimentos da fenomenologia na contemporaneidade* (pp. 167-213). Porto, Portugal: Campo das Letras.
- Marx, K. (2006). *Sobre o suicídio* (R. Enderle; F. Fontanella, trads.). São Paulo, SP: Boitempo. (Publicação original de 1846).
- May, T. (2004). *Pesquisa social: questões, métodos e processos* (3ª ed., C. A. S. N. Soares, trad.). Porto Alegre, RS: Artmed. (Publicação original de 1993).
- Mello, M. F. (2000). O suicídio e suas relações com a psicopatologia: análise qualitativa de seis casos de suicídio racional. *Cadernos de Saúde Pública*, 16(1), 163-170. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/csp/v16n1/1575.pdf>.
- Mezan, R. (2000). As cartas de Freud. In: W. Galvão; N. Gotlib (Orgs.), *Prezado senhor, Prezada senhora* (pp. 159-173). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Mills, C. W. (2009). Sobre o artesanato intelectual. In: C. W. Mills, *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios* (M. L. X. A. Borges, trad., pp. 21-58). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Publicação original de 1959).
- Mindlin, J. (2010). Cartas, para que vos quero? In: W. Galvão; N. Gotlib (Orgs.), *Prezado senhor, Prezada senhora* (pp. 35-50). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Misse, M. (2010). O inquérito policial no Brasil: Resultados gerais de uma pesquisa. *Estudos de Conflito e Controle Social*, 3(7), 35-50. Recuperado de <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7199/5778>.
- Morgado, A. (1991). Epidemia de suicídio entre os Guarani-Kaiowá: indagando suas causas e avançando a hipótese do recuo impossível. *Cadernos de Saúde Pública*, 7(4), 585-598. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/csp/v7n4/v7n4a09.pdf>.
- Oliva, L. (2012). *A existência e a morte*. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes.
- Peretti, C.; Azevedo, J. A.; Fernandes, M. L. (2016). Da existência ao ser: intersubjetividade em Gabriel Marcel. *Memorandum*, 31, 175-192. Recuperado de [www.fafich.ufmg.br/memorandum/a31/perettiazevedofernanDES01](http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a31/perettiazevedofernanDES01)
- Perrone-Moisés, L. (2000). Sinceridade e ficção nas cartas de amor de Fernando Pessoa. In: W. Galvão; N. Gotlib (Orgs.), *Prezado senhor, Prezada senhora* (pp. 175-183). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Platão (2008). Leis IX, 873 C2 - D8 (M. Marques, trad.). In: F. Puente (Org.), *Os filósofos e o suicídio* (pp. 61-62). Belo Horizonte, MG: UFMG. (Publicação original de 427/428 a.C. – 347 a.).
- Puente, F. R. (Org.). (2008). *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte, MG: UFMG.

- Rabelo, E. A. (2014). *Morte e Mundo-da-Vida: Análise fenomenológica de experiências de coveiros no Cemitério do Bonfim* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Rebello, L. S. (2008). Sêneca, da vida e da obra: ideias inspiradoras e atuais. In Sêneca. *Sobre a brevidade da vida* (pp. 7-21). Porto Alegre, RS: L&PM
- Ricoeur, P. (2012). *Vivo até a morte* (E. Brandão, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Publicação original póstuma de 2007).
- Rocha, M. A. S., Boris, G. D. J. B.; Moreira, V. (2012). A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(1), 69-78. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v18n1/v18n1a10.pdf>.
- Safra, G. (2019, maio). Corporeidade: horizonte do desvelar de Aletheia. Trabalho apresentado no *II Congresso Internacional de Psicologia Fenomenológica e Hermenêutica: Corpo e Violência*. São Paulo, SP.
- Sant'Anna, G. S. (2018). Dor, sofrimento e pôr fim à vida: uma análise crítica. In: A. M. L. C. Feijoo (Org.), *Suicídio: entre o morrer e o viver: desmoralizando o suicídio na contemporaneidade* (pp. 171-194). Rio de Janeiro, RJ: IFEN.
- Sá-Silva, J.; Almeida, C.; Guindani, J. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* 1(1), 1-15. Recuperado de <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf>.
- Sêneca. (2005). *Sobre a brevidade da vida* (L. S. Rebello, E. I. N. Vranas; G. N. Macedo, trads.). Porto Alegre, RS: L&PM. (Publicação original de 4 a.C. – 65 d.C.).
- Sêneca. (2008). *Aprendendo a viver* (L. S. Rebello; E. I. N. Vranas, trads.). Porto Alegre, RS: L&PM. (Publicação original de 4 a.C. – 65 d.C.).
- Schmidt, M. L. S.; Mahfoud, M. (1993). Halbwachs: Memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, 4(1/2), 285-298. Recuperado de <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/psicousp/v4n1-2/a13v4n12.pdf>.
- Shneidman, E. (1993). *Suicide as Psychache: a clinical approach to self-destructive behavior*. Nova Jersey, Estados Unidos: Jason Aronson.
- Shutz, A. (1979). *Fenomenologia e relações sociais* (A. Melin, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Publicação original de 1970).
- Silva, M. (2008). *Suicídio: trama da comunicação*. São Paulo, SP: Scortecci.
- Silva, M. S. (2019, maio). O banzo: uma leitura fenomenológica existencial do sofrimento-negro. Trabalho apresentado no *II Congresso Internacional de Psicologia Fenomenológica e Hermenêutica: Corpo e Violência*. São Paulo, SP.

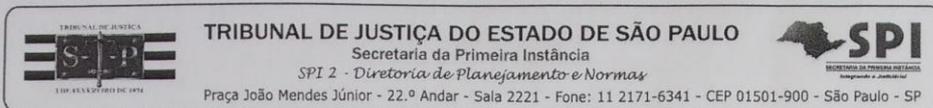
- Solomon, A. (2002). *O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão* (M. Campello, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Objetiva. (Publicação original de 2001).
- Souza, A. C. R. (2017). *Depressões – Morte e Luto: uma abordagem mítico-simbólica* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Vale, L. A. (2017). *E foram deixados para trás: uma reflexão sobre o fenômeno do suicídio*. São Paulo, SP: Loyola.
- Van Gogh, V. (1986). *Cartas a Theo* (P. Ruprecht, trad.). Porto Alegre, RS: L&PM. (Publicação Original de 1914).
- Van der Leeuw, G. (1964). *Fenomenología de la religión* (E. de la Pena, trad.). México: Fondo de Cultura Económica. (Publicação original de 1933).
- Vaz, L. (2012). O problema do suicídio em Motaigue. *Kriterion*, 53(126), 483-497. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/kr/v53n126/10.pdf>.
- Vaz, L. (2014). *Um argumento em torno do suicídio* (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Von Balthasar, H. U. (2017). Quem sou eu? (M. Mahfoud, trad.). In: M. Mahfoud (Org.), *“Quem sou eu?”: Um tema para a psicologia* (pp. 13-35). Belo Horizonte, MG: Artesã. (Publicação original de 1988).
- Werlang, B.; Asnis, N. (2004). Perspectiva histórico-religiosa. In: B. Werlang; N. Botega (Orgs.), *Comportamento Suicida* (pp. 59-73). São Paulo, SP: Artmed.
- Werlang, B; Botega, J. (2002). Avaliação retrospectiva (autópsia psicológica) de casos de suicídios: considerações metodológicas. *Psico*, 33(1), 97-112.
- Werneck, M. (2000). “Veja como ando grego, meu amigo”. Os cuidados de si na correspondência machadiana. In: W. Galvão; M. Gotlib (Orgs.), *Prezado senhor, Prezada senhora* (pp. 137-145). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Yang, B.; Lester, D. (2011). The presentation of the self: a hypothesis about suicide notes. *Suicidology Online*, 2, 75-79. Recuperado de <http://suicidology-online.com/pdf/SOL-2011-2-75-79.pdf>.
- Zilles, U. (2007). Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. *Abordagem Gestáltica*, 13(2), 216-221. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n2/v13n2a05.pdf>.
- Zilles, U. (2002). A fenomenologia husserliana como método radical. In E. Husserl. *A crise da humanidade européia e a filosofia* (2ª ed., pp. 13-63). Porto Alegre: Edipucrs.

## ANEXOS

## A . TERMO DE SIGILO E CONFIDENCIALIDADE

	<b>TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO</b> Secretaria da Primeira Instância SPI 2.1 - Coordenadoria de Gestão Documental	
Rua dos Sorocabanos, 680 - Ipiranga - CEP 042202-001 - São Paulo - SP - Fone: (11) 2272-2166 - Fone/Fax: (11) 2272-2671		
<b>TERMO DE COMPROMISSO, SIGILO E CONFIDENCIALIDADE.</b>		
<b>PESQUISADOR</b>		
<p>Pelo presente instrumento, eu, Elizabeth Avelino Rabelo, RG: 11.365.824 SSP/MG, CPF: 062.787.045-21, brasileira, psicóloga, telefone: (11) 96289-1482, residente à Rua Valson Lopes, nº 70, complemento 66-1, Vila Butantã, São Paulo-SP, endereço de e-mail <a href="mailto:elizabethrabelo@gmail.com">elizabethrabelo@gmail.com</a> regularmente credenciado sob nº 25/2016 para pesquisa em autos de processos judiciais do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, DECLARO conhecimento da legislação sobre o assunto e comprometo-me a manter sigilo das informações a que tenho acesso em razão da pesquisa, não as divulgando sem as cautelas que a lei exige, especialmente as contidas na Lei de Acesso à Informação n.º.12527/2011 e, sobretudo, guardando o mais absoluto sigilo, quando assim for exigido.</p>		
São Paulo, 07 de outubro de 2016		
Expressamente:		
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Responsabilizo-me integralmente pela adequada utilização das informações a que tiver acesso;</li> <li>2. Estou ciente que nomes de pessoas físicas (partes, vítimas, testemunhas) deverão ser resguardados. Qualquer referência será feita utilizando-se apenas as iniciais dos nomes;</li> <li>3. Informações ou reproduções só poderão ser divulgadas com autorização expressa da autoridade competente ou consentimento expreso de quem a elas se referir.</li> <li>3. Estou ciente da obrigatoriedade de, por ocasião da eventual divulgação das referidas informações, mencionar que os respectivos originais pertencem ao acervo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo;</li> <li>4. Estou ciente de que reproduções realizadas não poderão repassadas para terceiros;</li> <li>5. Estou ciente de que a informação que me for disponibilizada por este Tribunal de Justiça será utilizada apenas para finalidade acadêmica.</li> </ol>		
<u>Pesquisador/historiador</u>	Assinatura: <u>Elizabeth Avelino Rabelo</u>	

## B . CREDENCIAMENTO



COORDENADORIA DE GESTÃO DOCUMENTAL – SPI 2.1  
Rua dos Sorocabanos, 680 – Ipiranga – São Paulo  
Fones: 2271-2671 – 2271-2166

### C R E D E N C I A M E N T O – Nº 25/2016

TENDO EM VISTA O R. DESPACHO DO ILUSTRÍSSIMO SENHOR PEDRO CRISTOVÃO PINTO, SECRETÁRIO DA PRIMEIRA INSTÂNCIA, ÀS FLS. 34212, DO PROCESSO Nº 1986/116 - 19º VOLUME, CREDENCIO A SRA. ELIZABETH AVELINO RABELO, RG. 11.365.824 SSP;/MG, FICANDO A MESMA CREDENCIADA A EFETUAR PESQUISA JUNTO AOS ARQUIVOS DO IPIRANGA, CONSULTANDO PROCESSOS SOBRE SUICÍDIO, PERÍODOS VARIADOS, COM A FINALIDADE DE PESQUISA DE DOUTORADO, QUE DEVERÁ SER PREVIAMENTE AGENDADA JUNTO À COORDENADORIA DE GESTÃO DOCUMENTAL – SPI 2.1, TELEFONE 2272-2166 OU E-MAIL [angelicav@tjsp.jus.br](mailto:angelicav@tjsp.jus.br) COM ANGELICA. ESTE CREDENCIAMENTO TEM VALIDADE PELO PRAZO DE 90 (NOVENTA DIAS), A PARTIR DESTA DATA.

Pedidos	Prazo	Data deferimento e assinatura	Ciente Pesquisador/Historiador
1º pedido	90 dias	07/10/2016	ERabelo
Renovação 1	90 dias	07/10/2017	ERabelo
Renovação 2			
Renovação 3			
Renovação 4			
Renovação 5			

SÃO PAULO, 07 DE OUTUBRO DE 2016

ÂNGELA MARGARETE CANIATO  
COORDENADORA SPI-21

## APÊNDICES

### A. DIÁRIO DA BUSCA DO MATERIAL DE PESQUISA

#### **Conversa com um amigo, policial civil, da época de colégio**

- Suicídio não é crime. Quando se constata suicídio, o inquérito vai para o Fórum e fica arquivado. Procure pelo escrivão judicial, que é responsável pelos arquivos.

#### **Conversa com um amigo, policial civil, da época da faculdade**

- Não há um sistema ou arquivo central para casos de suicídio. Essas informações estão dispersas pelas delegacias regionais. Talvez encontre os bilhetes e cartas nos laudos de perícia do Instituto de Criminalística.

**11/07/2016**

#### **Delegacia Regional de Polícia Civil de Venda Nova/Belo Horizonte**

Endereço: Rua Martinica, 69, Santa Branca. Telefone: 3495-4640

- A pessoa que me recebeu foi muito solícita, informando os endereços das delegacias da regional Venda Nova, mas aconselhou procurar o Instituto de Criminologia e o setor de estatística da Acadepol.

Endereços das delegacias:

- DPC: Av. Vilarinho, 1551, Venda Nova. Telefone: 3451-0361
- Avenida Otacílio Negrão de Lima, 14955, Pampulha. Telefone: 3427-9937
- Rua Mouro Costa, 173, Planalto. Telefone: 3495-2462
- Rua Joaquim Clemente, 490, Floramar. Telefone: 3433-3085

**20/07/2016**

#### **Acadepol/Instituto de Criminologia – Belo Horizonte**

Endereço: Rua Oscar Negrão de Lima, 200, Nova Gameleira.

- Fui recebida por uma funcionária receptiva e com boa vontade em passar informações.
- A indicação recebida pelo contato anterior foi incorreta, pois a Acadepol tem foco na formação de policiais, não guardando, portanto, registros de casos de suicídio.

- Segundo a funcionária da Acadepol, na ocorrência de suicídio a Polícia Militar é acionada, chega ao local do “crime” e faz o isolamento. A Polícia Civil faz o mapeamento e a perícia, leva o corpo para a autópsia, encaminha o processo para o Ministério Público, onde é aberto um inquérito e onde se dá a palavra final, se é um caso de homicídio ou suicídio, gerando denúncia no primeiro caso e arquivamento no segundo.
- As cartas e bilhetes são provas materiais de suicídio.
- Perguntei à funcionária se o suicídio é considerado crime. Depois de hesitar por um momento respondeu que sim, e disse que o Estado tem o dever de proteger as pessoas.
- Aconselhou procurar a Divisão de Investigação de Homicídios e Proteção à Pessoa.

### **- Divisão de investigação de homicídios e proteção à pessoa – Belo Horizonte**

Endereço: Rua José Ildeu Gramiscelli, 51, Bonfim, Belo Horizonte. Telefone: 3478-7550

- Conversei com um policial civil que possui graduação e mestrado em Filosofia. Ele teve grande disponibilidade em dialogar. Abordamos temas como suicídio, aborto e pena de morte, dentre outros.
- Ele me explicou que, em caso de suicídio, quem atende a chamada para perícia é a delegacia regional. Somente quando há suspeita de homicídio, segue para o Departamento de Investigação (D.I.). Quando se conclui o suicídio, o processo é encaminhado para o Ministério Público – que não considera o suicídio como crime, pois a pessoa é dona de si. Informou, ainda, que crime de vadiagem, de prostituição e de suicídio caiu em desuso. Mas constam no código penal que, segundo ele, é de 1948. Só foram feitas emendas dessa data até hoje. Ele informa que o número de suicídio em BH/Minas é maior do que em São Paulo, por ser uma sociedade mais tradicional e fechada.
- A Polícia Militar tem o número absoluto de suicídio (sem comprovação); a Polícia Civil tem o número relativo, portanto, é mais preciso.

**21/07/2016**

### **3ª Delegacia de área de Santa Luzia**

Endereço: Avenida Brasília, São Benedito, Santa Luzia, MG

- (Por que os espaços físicos das delegacias são tão feios?)
- Dispersão no atendimento ao público; quem chega não sabe para onde se dirigir.

- Apresentei-se para a primeira pessoa que encontrei e pedi informações. A funcionária que me atendeu entrou por um corredor, me pediu para esperar e foi perguntar para outra pessoa. Ela me indicou ir para a Divisão de Homicídios.

### **Divisão de homicídios – Santa Luzia/MG**

Endereço: em frente à garagem de ônibus, bairro Cristina A, Santa Luzia/MG

- Fui bem recebida, em um ambiente com pessoas que me lembrou do espaço físico assim como o dos policiais do filme “O Profissional”. Foram solícitos em tentar me ajudar, mas o inspetor da polícia, que me recebeu, explicou que os casos de suicídio não chegam até lá. Sugeriu que eu procurasse o DHPP, então eu disse que já tinha estado lá. Ele conhecia o policial civil com quem conversei. O inspetor ligou para um colega para solicitar informações e pedir que ele me ajudasse e, no fim, sugeriu que eu procurasse a Delegacia Regional de Santa Luzia, no antigo Poliesportivo.

### **1ª Delegacia Regional de Polícia Civil de Santa Luzia**

Endereço: Rua Baldim, s/n, Morada do Rio, Ginásio Poliesportivo, Santa Luzia

- Espaço confuso, sem recepção. Entrei em uma sala e pedi informações.  
- A pessoa que me recebeu informou que eu não encontraria essas informações ali, e explicou que, em Santa Luzia, há três delegacias de área (1ª Palmital, 2ª Centro Histórico e 3ª São Benedito). Sugeriu que eu fosse à Divisão de Homicídios da 3ª delegacia de área, expliquei que já havia ido lá, e então sugeriu que eu procurasse o escrivão do cartório, no 2º andar, que provavelmente me mandaria conversar com o delegado regional. Nessa sala estava um policial militar acompanhando o diálogo, a primeira pessoa a me incitar a desistir da pesquisa, devido à dificuldade dos fatores burocráticos.  
- Fui até o segundo andar procurar o escrivão do cartório. Ele afirmou que as informações que eu busco serão encontradas nas delegacias de áreas.

## **2ª Delegacia de área de Polícia Civil de Santa Luzia**

Endereço: Rua Direita, 68, Centro, Santa Luzia

- Espaço físico mais apresentável e bonito, indicações afixadas em um quadro em relação ao que fazer para ser atendido e onde esperar, além de indicações de onde não se pode entrar. Abordei uma moça que me indicou com quem conversar.
- O delegado comunicou que não há ocorrência de suicídio nessa área. Informou que a ocorrência de suicídio se transforma em inquérito para apurar se houve instigação, indução ou auxílio ao suicídio. Ele ficou bastante surpreso e entusiasmado pela pesquisa, parabenizando pelo feito. Perguntou se a ideia foi minha mesmo e como eu tinha chegado a esse tema.

## **Fórum de Santa Luzia**

Endereço: Avenida das Indústrias, 210, Novo centro, Santa Luzia, MG

Sala 220: Secretaria 1ª Criminal

- Papéis, arquivos, inquéritos, burocracia. Lugar de esperar.
- O funcionário que me recebeu está há um ano e meio trabalhando no Fórum e não pegou nenhum caso de suicídio. Sugeriu que eu procurasse pelo escrivão da delegacia regional, onde eu tinha estado antes e que me sugeriu procurar pela delegacia de área. Sugeriu procurar o Tribunal de Justiça do Estado, na R. Goiás e a direção do Fórum, em Belo Horizonte. Foi bastante solícito em ligar para um colega e perguntar como eu poderia ter acesso aos dados. Ele informou que o inquérito chega ao Fórum e entra na base de dados como “Crime contra pessoa”. A busca por casos específicos de suicídio seria possível por nomes.

**23/08/2016**

## **Instituto de Criminalística – São Paulo**

Endereço: Rua Moncorvo Filho, 410, Butantã.

- Apresentei-me para a moça na portaria e ela indicou que eu devia seguir para o setor ao lado, na **Superintendência da Polícia Técnico Científica**.
- Chegando a esse setor, apresentei-me às recepcionistas, que não souberam informar com quem eu deveria conversar. Elas indicaram um guichê para eu me dirigir. O rapaz desse

guichê disse que eu deveria falar com a diretora do núcleo de infraestrutura (nesse caso, eu deveria voltar na manhã seguinte porque ela estava em reunião naquela tarde).

- Voltei ao guichê anterior e as recepcionistas disseram que o rapaz me passou a informação incorreta. Perguntaram novamente o que eu queria (não sabiam o que era doutorado), e entraram em contato, por telefone, com um funcionário. Perguntei qual era a função dele e elas não souberam me dizer. Ao conversarem com outra moça, disseram que ele é assessor de imprensa da Polícia Técnico Científica.

- Quando o assessor de imprensa chegou conversamos na recepção mesmo, pois ele disse que era melhor uma conversa informal, para eu não “queimar ficha”. Ele foi extremamente solícito e me deu uma aula sobre procedimentos pós-morte violenta e sobre termos técnicos.

- A princípio, ele disse que um acesso facilitado aos registros seria por meio da Comissão Científica do IML.

- Ele explicou que o laudo perinecropsóptico do local onde encontram a vítima é feito pelo perito criminal do Instituto de Criminalística (I.C.). Nesse laudo é explicada a dinâmica, motivação e possibilidade do crime (“se enforcar em um pé de couve” não explicaria um suicídio). O perito criminal submete o bilhete ao núcleo de documentoscopia.

- O Boletim de Ocorrência não vai para o IML, para não gerar nenhuma pressuposição, segue apenas o número de requisição. No IML é tirada a planilha datiloscópica (digital), que segue para o Instituto de Identificação Richard Gumbleton Daunt (IIRGD).

- A família não faz mais reconhecimento visual com o corpo. O familiar fica em uma sala de conforto e são mostradas as fotos do corpo a ser reconhecido.

- A partir de 72 horas já se pode inumar o corpo não reconhecido. É feito o uso da manta cadavérica/mortuária para envolver o corpo, como um resguardo da dignidade da pessoa humana. O material da manta é TNT, por ser biodegradável.

- O laudo necropsóptico, para encontrar a *causa mortis*, é feito pelo médico legista. No portal da transparência da Secretaria de Segurança Pública é possível acessar os registros de óbito (nome, idade e *causa mortis* da vítima). **Chequei e não consta a *causa mortis* nesses registros.**

- Para ter acesso ao laudo, o solicitante precisar ser familiar legitimado da vítima (cônjuge, ascendente, descendente, irmão), autoridade policial (delegado de polícia), promotor ou juiz de Direito.

- Ele sugeriu que eu entrasse em contato com o Serviço de Informação ao Cidadão (SIC) para obter informações sobre os registros de suicídio.
- Aconselhou que eu entrasse em contato com a OMS para levantar a informação de onde se concentram os registros de suicídio.
- No SIC eu encaminho a pergunta para a Secretaria de Segurança Pública, que é o órgão chefe das delegacias.
- Hierarquia do menor para o maior: SIC – SSP – Ouvidoria Geral do Estado.
- O assessor de imprensa da Polícia Técnico Científica é formado em Letras e História, e, atualmente, busca formação em Comunicação vinculado ao Direito. Ele fez concurso para Polícia Civil há seis anos.
- Ele ficou de entrar em contato com professores que trabalham no setor da documentoscopia.

#### **05/09/2016**

##### **- 23º DP Civil – Perdizes – SP**

- Endereço: Rua Itapicuru, 80.

- O policial civil que me recebeu reforçou o que o assessor de imprensa da Polícia Técnico Científica havia informado: as vias de acesso a informações é SSP ou Tribunal de Justiça.
- Eu comentei sobre a minha pretensão de ter acesso a cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram, e ele disse que tais registros estão sob sigilo e que nem a família tem acesso. Comentou ainda que é pouco provável que a SSP autorize e que, talvez, libere acesso a dados estatísticos.

#### **06/09/2016**

- Sugestão do assessor de imprensa da Polícia Técnico Científica, via e-mail: “Quem cuida do atendimento a pedidos de faculdades, institutos, pesquisadores etc. é a chefe do Cerimonial da SSP. É um doce de pessoa, muito competente. O telefone PABX é 11 3291 6685, e peça por Cerimonial e fale com ela, ok?”

##### **- Cerimonial da Secretaria de Segurança Pública (assessoria de imprensa).**

- Contato via telefone: PABX 11 3291 6685.

- Ao ser encaminhada, via telefone, para o setor do cerimonial, fui informada que a pessoa indicada pelo assessor de imprensa não trabalha mais lá. Mesmo assim, expliquei o que

precisava e a pessoa que me atendeu disse que era necessário enviar um e-mail para [seguranca@sp.gov.br](mailto:seguranca@sp.gov.br) contendo dados pessoais, detalhamento da pesquisa, finalidades e intenções da pesquisa e carta da Instituição. Segundo ela, é um caminho diferente de pedido de informação via SIC.

- Secretaria de Estado da Segurança Pública - Rua Libero Badaró, 39, Centro, SP - CEP: 01009-000

### **Pedido de acesso aos bilhetes**

- Via troca de e-mails com o assessor de imprensa da Polícia Técnico Científica.
- Ele fez a seguinte sugestão: “Direcione, senão corre o risco de se perder... Tanto no e-mail da SSP quanto no SIC, peça acesso ao material que esteja em posse da Polícia Civil, relatado em inquérito ou bilhetes que não foram entregues a familiares ou não foram requisitados por ninguém (acho que aqui você pode ter acesso aos bilhetes guardados e fotografá-los)... Mais uma ideia, também entre no SIC do Tribunal de Justiça de São Paulo e peça para ter acesso aos números de processos que contêm bilhetes de suicidas para você consultar...”.

### **Envio de e-mail para Secretaria de Segurança Pública/SP**

Solicitação de acesso a informações.

**20/09/2016**

- Lei que regulamenta o acesso à informação: **LEI Nº 12.527, de 18 de novembro de 2011**
- [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm)

**26/09/2016**

### **Secretaria de Segurança Pública – Sistema de Informação ao Cidadão – SIC**

Endereço: Rua Líbero Badaró, 39, Centro, São Paulo, SP.

- Protocolação do pedido, pessoalmente, de acesso aos inquéritos de suicídio sob a guarda da Polícia Civil/SP.
- O funcionário que me atendeu pediu que eu ligasse no dia seguinte para pegar o número de protocolo.
- **Protocolo SIC: 12578/16**

**26/09/2016**

**- Tribunal de Justiça de São Paulo**

Endereço: Praça da Sé, s/n, Centro, São Paulo, SP, tel.: 3117-2357/2358.

- O funcionário que me recebeu informou que a Polícia Civil abre o inquérito, sendo encaminhado, posteriormente, para o Ministério Público. No caso de o juiz aceitar a denúncia, o inquérito vira um processo; se ele não aceita, volta para o MP e o inquérito é arquivado.
- O Ministério Público é o fiscal da lei.
- O funcionário entrou em contato com a Secretaria de Primeira Instância, onde estão arquivados os inquéritos. Ele conversou com uma funcionária e com a coordenadora do setor.
- Descobrimos outra via de solicitação ao MP: no site do TJ/SP seguir → Institucional – 1ª instância – gestão documental – pesquisadores.
- Enviar o e-mail protocolando o pedido.

**27/09/2016**

**Envio de e-mail à Secretaria de 1ª Instância (setor de gestão documental TJ/SP)**

- Enviei um e-mail com a solicitação de acesso a documentos para fins de pesquisa, pela Lei de Acesso a Informação, mas específica para fins acadêmicos.
- Obtive resposta no mesmo dia da coordenadora do setor de gestão documental, que acolheu o pedido de acesso, solicitando o envio de documentos de identificação pessoal, para meu credenciamento como pesquisadora junto ao setor. Enviei no mesmo dia.

**03/10/2016**

**Troca de e-mails com a funcionária responsável pelo desarquivamento dos inquéritos**

- A funcionária de referência do setor de gestão documental do TJ/SP para o desarquivamento de inquéritos informou que os inquéritos de suicídio solicitados já estavam à minha disposição. Ela solicitou que eu agendasse o dia e o horário da minha primeira visita ao setor.

**07/10/2016**

**Tribunal de Justiça de São Paulo – Setor de Gestão Documental**

Endereço: Rua dos Sorocabanos, número 680, sala 53, bairro Ipiranga, SP.

- Início da leitura e catalogação dos inquéritos de suicídios arquivados.
- Foram desarquivados inquéritos que estavam cadastrados no sistema conjugando duas entradas: a classe/ação “suicídio” e o ano.

**14/10/2016**

**Carta-resposta do Sistema de Informação ao Cidadão – SIC**

- Recebimento da carta de resposta ao pedido de acesso a inquéritos de suicídio em aberto nas delegacias via Sistema de Informação ao Cidadão da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, apresentada a seguir:



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO  
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
GABINETE DO SECRETÁRIO  
Rua Líbero Badaró 39, 12º andar – Centro – 01009-000 – São Paulo - SP

NATUREZA : Protocolo Geral GS nº 12.578/2016  
INTERESSADO : ELIZABETH AVELINO RABELO  
ASSUNTO : SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÃO

Prezada cidadã, esclarecemos que vossa solicitação impulsiona acesso a possíveis dados pessoais e tais informações só podem ser fornecidas pessoalmente ao próprio interessado ou terceiros se estes tiverem autorização, resguardando, com isso, o direito fundamental à vida privada e intimidade da(s) pessoa(s) envolvida(s), conforme artigo 5º incisos XXXIII e LX da Constituição Federal c/c artigo 31, §1º, I da Lei 12.527/11. **Aliás, pelo teor de vosso pedido – fatos relacionados com suicídio (análise de bilhetes, cartas, laudos etc) – são questões de extrema sensibilidade e complexidade, uma vez que atingem questões de difícil recomposição emocional familiar.**

Ademais, importante deixar registrado que referidos fatos instruem inquérito policial que se vincula a uma investigação criminal sobre o ocorrido, e as eventuais informações prestadas indiscriminadamente poderão gerar prejuízos às diligências ainda em andamento e não documentadas nos autos do inquérito policial; incidindo grave risco ao comprometimento da eficiência, eficácia ou da finalidade das investigações (conforme pontuação prevista no art. 7º, §11º do Estatuto da OAB). Para amparar tal cenário, o Delegado de Polícia presidente do inquérito policial poderá decretar o sigilo de referido procedimento - conforme autorização legal prevista no artigo 20 do Código de Processo Penal; *in verbis*: “A autoridade assegurará no inquérito o sigilo necessário à elucidação do fato ou exigido pelo interesse da sociedade”. Fato este que foge da alçada de análise e contextualização deste Serviço de Acesso a Informação – SIC.

Dessa forma, diante dos entraves legais citados e considerando que não dispomos em sistema a tabulação de investigações criminais, orientamos que se proceda à especificação pormenorizada dos casos de interesse.

São Paulo, 07/10/2016.

Atenciosamente, SIC - POLÍCIA CIVIL

17/10/2016

Secretaria de Segurança Pública – Sistema de Informação ao Cidadão – SIC

Endereço: Rua Líbero Badaró, 39, Centro, São Paulo, SP.

- Estive na Secretaria de Segurança Pública com a finalidade de dialogar com a pessoa que me escreveu a carta.
- A pessoa que me escreveu a carta destacou questões relacionadas à ética, dizendo que eu deveria ter a autorização dos familiares para, então, ter a autorização do SIC, pois o que estou buscando são informações sigilosas.
- Sugeri que eu delimitasse casos específicos por nome, tipo de suicídio, quantidade de casos etc.
- Aconselhou que eu entrasse em contato com os chefes de cartório dos inquéritos, perito criminal (Polícia Científica), delegados e familiares.
- Ele explicou que o inquérito é a formalização de tudo o que foi investigado.
- Disse que as regiões mais propensas ao suicídio na cidade de São Paulo são: Itaim Bibi, Jardins e Pinheiros (regiões nobres).
- Dialogamos, ainda, sobre o processo de pesquisa. Ele apresentou como alternativa a coleta de cartas e bilhetes na internet. Nesse caso, seria uma fonte aberta de pesquisa, enquanto via Tribunal de Justiça seria uma fonte fechada.

## B. DIÁRIO DE LEITURA DOS INQUÉRITOS DE SUICÍDIO – GESTÃO DOCUMENTAL – TRIBUNAL DE JUSTIÇA/SP

### Dia 1 – 07/10/2016

Trajetos longos até ao Tribunal de Justiça, no bairro Ipiranga. Peguei um ônibus, dois metrô, um trem e mais 20 minutos de caminhada. Gastei por volta de duas horas, um tempo precioso para se preparar nos níveis físicos, mentais e espirituais. São Francisco continua sendo minha companhia.

Andar pelo bairro Ipiranga me fez sentir os contrastes da cidade de São Paulo. Pela primeira vez, desci em uma estação de trem que não tem proteção contra o sol ou chuva. As ruas são de periferia; nada parecido com a glamorosa Avenida Paulista ou a região oeste/sul que eu estou mais familiarizada.

Fui muito bem recebida pela gentil e simpática Alice<sup>46</sup>, que logo me indicou um lugar para sentar, ofereceu água e café, e disponibilizou os arquivos de suicídio que ela já havia separado, indicando aqueles que ela verificou haver bilhetes. Comecei por eles.

A sala é comprida, subdividida por um balcão, onde de um lado há uma mesa de estudos, onde me acomodei, e, do outro, a mesa da Alice e da coordenadora geral, bem como a máquina de impressão e xerox, o cantinho do café, água e biscoitos.

Hesitei uns minutos, respirei fundo, me alinhei com propósitos mais altos, olhei para os arquivos e peguei o primeiro. Levei bastante tempo para me familiarizar com a linguagem jurídica. O arquivo continha 65 folhas. Era a história de um rapaz de 21 anos que não queria morrer se matando. Na carta, ele dizia não merecer morrer assim, declarava amor à namorada e se lembrava de um amigo. Ele sobreviveu à tentativa de suicídio (um tiro no abdômen), mas não foi encontrado depois do ocorrido.

A segunda história me remexeu. Suicídio duplo, marido e mulher. Dor física insuportável e amor parecem ter motivado essas duas mortes. Mas outra coisa acontecia na sala de Gestão Documental, do outro lado do balcão: uma reunião para resolução de conflitos, entre a coordenadora e sua equipe de trabalho, dividida em dois momentos, com dois subgrupos de pessoas. A contenda era motivada pela troca de apelidos entre os funcionários (dinossauro, “bruxa do 71” etc.); jogos de privilégios, tendo como critério a simpatia pelo

---

<sup>46</sup> Foi adotado um nome fictício para a preservação da identidade da funcionária do Tribunal de Justiça, assim como elegemos nomes alternativos para as pessoas que forem nomeadas neste diário.

privilegiado; criação de perfil falso no Facebook, para fins de difamação; grupos de panelinhas de WhatsApp; pessoas atacando, defendendo-se, explicando-se, escondendo suas dores e uma chorando. A reunião e as confrontações duraram mais de uma hora. Fiquei entre o choque do suicídio duplo, com direito a imagens dos corpos falecidos (algo para o qual eu não passei nem perto de me preparar), e o choque de testemunhar contendas entre adultos que mais parecia de pré-adolescentes. Quis sair da sala, perguntei para a Alice se não era melhor eu sair, mas ela disse que não precisava. Mas também eu não teria muitas forças para me movimentar. Passou pela minha cabeça interromper a reunião e dar uma perspectiva do que é um limite angustiante da vida, e como isso é uma intimação para redimensionar o olhar sobre o mundo.

Continuei por quase duas horas entre esses dois choques. Até que a reunião terminou, e eu preferi sair para almoçar.

Senti o mesmo afeto de quando fui para o cemitério pela primeira vez, para iniciar a pesquisa de mestrado. Fiquei me perguntando: “Como eu vim parar aqui? O que eu estou fazendo aqui?”.

Foram cinco horas acompanhando a história da morte de três pessoas, talvez quatro (uma sobreviveu à tentativa de suicídio e foi levada para o hospital). Amor não realizado, dor física insuportável, intolerância à separação do ser amado e o sentimento de infelicidade perene foram os afetos que marcaram esse primeiro encontro.

Saí do Tribunal com uma vontade imensa de ser abraçada fortemente por alguém que me amasse muito. Pensei comigo que se eu estivesse vivendo um relacionamento amoroso eu ia querer fazer amor, e tenho certeza de que seria de uma ternura muito peculiar. Meu desejo de vida era grande, fiquei ponderando que relação poderia haver entre a morte violenta e o desejo de fazer amor. Mas deu para entender melhor uma cena do filme “A partida”, quando o personagem, depois de seu primeiro contato com os cadáveres, chegou em casa e tocou a esposa vigorosamente, buscando a vida dela e sua própria vida. Escreverei sobre esse tema futuramente.

Lembrei o dia todo de uma amiga da graduação, fomos muito próximas por um tempo, hoje é aniversário dela. Depois que nos formamos tentei alguns contatos, mas ela desfez alguns. Não tive coragem de insistir em uma nova tentativa.

**Dia 2 – 11/10/2016**

O impacto de hoje foi mais leve, mas experimentei uma sensação bem mais forte de estar diante de algo grandioso. Acompanhei a história de seis mortes, e a ausência de bilhetes, em três inquéritos, não diminuiu o impacto do suicídio. A história da morte de uma pessoa, a busca de porquês e as tentativas de elucidação continuam saltando das páginas arquivadas.

Continuo sem saber o que me levou a pesquisar sobre suicídio e esses bilhetes.

**Dia 3 – 14/10/2016**

Deparei-me com o inquérito de suicídio mais antigo até agora, um caso de 1939, no distrito paulista de Bananal. A linguagem usada para escrever os relatórios tem uma característica peculiar.

Li os inquéritos mais longos, até então, de 200 e 220 páginas. O que há em comum neles é se tratar de um suicídio por arma de fogo. Em um dos inquéritos achei algumas inconsistências que me fizeram questionar se realmente foi um suicídio. Pela primeira vez, surgiu essa questão ética em relação à possibilidade das investigações serem questionáveis e a justiça não ter se realizado.

Não senti impacto hoje. Isso me preocupa, porque não quero me anestesiar diante do drama das histórias das mortes que tenho acompanhado.

Estou coletando uma série de informações para além dos bilhetes. Encontro-me em avaliação quanto ao que poderei fazer com tamanha riqueza de informações.

Hoje, a Alice, a funcionária que gentilmente faz a busca dos inquéritos e solicita o desarquivamento, não estava bem. Na última vez que estive no Tribunal ela me disse que não se matava igual às pessoas que eu estava estudando porque não tinha coragem. Busquei redobrar minha amabilidade com ela, gostaria de ter sinalizado que percebi que ela não estava bem, mas não tive coragem. Espero ter esse cuidado no nosso próximo encontro. Ela já comentou que é solitária e depressiva. Quero cuidar melhor dela.

**Dia 4 – 18/10/2016**

Nas ruas em que caminho, antes de chegar ao Tribunal, passo na porta de algumas lanchonetes, restaurantes e de uma lavanderia, onde fica um senhor passando roupa, com seus aspectos de sexagenário e com traços orientais. Desde a primeira vez que passei ali, ele já me capturou. Seus movimentos, sua concentração, seu jeito impecável de passar a roupa eternizou essa imagem em minha memória. Na minha memória ele fica 24 horas por dia em pé, passando roupas, pois sempre o vejo quando passo ali, na ida e na volta. Hoje observei também o rosto de um funcionário de uma lanchonete, que estava vazia, sem clientes. Era um olhar perdido, longe. Esse olhar entra em mim e me apavora um pouco, porque me faz lembrar que eu poderia estar no lugar dele, ou que eu deveria estar ali, pois essa vida luxuosa de pesquisadora, de estudante de doutorado, de estar recebendo para fazer um trabalho apaixonante, às vezes parece, ainda, não me pertencer.

Voltando ao objeto central que me move a esses escritos: em uma conversa, agora há pouco, com a minha madrinha, reafirmei com maior clareza um propósito. Entendi melhor que gostaria de escrever a tese como se estivesse escrevendo também a essas pessoas que se mataram e a seus familiares, cuidando que, caso elas me leiam, possam se sentir profundamente cuidadas, respeitadas, acolhidas, ouvidas e amadas. Estou conhecendo histórias incríveis e trágicas. E a única beleza que consigo vislumbrar nisso tudo, nesse momento, é poder oferecer algum cuidado a elas, de algum modo.

Manuseei, hoje, um inquérito de 1913, a caligrafia do escrivão é linda! Impressionou-me a qualidade da tinta, não havia nenhuma mancha ou sinal de desbotamento. Tratava-se do suicídio de um “preto”, conforme foi adjetivado pelas autoridades. Ele é meu companheiro de raízes étnicas. Não li direito a história da sua vida e morte ainda.

Fiquei comovida com a história que acompanhei, e em parte deduzi, de uma nordestina, enterrada como indigente. Parece que ela recebeu mais atenção em sua morte do que em sua vida.

Os depoimentos de familiares e testemunhas e os bilhetes escritos pela pessoa que se matou dão sinais do tom trágico das histórias, mas nada escancara com tamanha crueza o horror, o escuro, a secura, o abismo da morte dessas pessoas como as fotos dos corpos, capturadas pela perícia. Ainda não tive coragem de fotografar nenhuma dessas imagens para constar em minha catalogação. É um limite pessoal.

**Dia 5 – 21/10/2016**

Pela primeira vez chorei ao ler uma carta. Todo o mundo se faz mais sensível depois de uma experiência dessas. Fui almoçar e fiquei por um tempo observando a vasilha de plástico engordurada, característica de restaurante, onde se acomodavam os sachês de sal. Ainda não vou conseguir descrever o que senti no encontro com essa jovem e com sua família, todos devastados pelo acontecido, porque os dizeres da carta dela mexem em alguns de meus fantasmas internos.

Saí do Tribunal bastante comovida e impressionada, pois foi o dia de maior encontro com a violência do suicídio via imagens. Chorei mais um pouquinho pelo caminho, e voltei para casa pisando leve no mundo.

Saindo do último metrô havia uma moça à minha frente com a mochila semiaberta. Toquei-a suavemente, mas ela achou que eu estava solicitando que fosse para ela deixar livre a passagem à esquerda da escada rolante. Tentei mais uma vez e, então, ela se virou. Indiquei a mochila e ela explicou que estava rasgada, mas na verdade aponteí outra parte que estava realmente aberta e disse que me preocupei com a possibilidade de alguém mexer, e ela disse: “relaxa”. Respondi para mim mesma, em pensamento: “Sim, vou precisar...”.

**Dia 6 – 26/10/2016**

As histórias de hoje me impactaram menos, mas não são menos violentas. Encontrei as primeiras histórias de tentativas de suicídio em que as pessoas pularam na frente do trem e, ainda, sobreviveram, mas em condições terríveis.

Por um momento, ao ler a história do suicídio de uma moça, policial militar, com arma de fogo, senti um pesar vertiginoso e pensei em ir embora. Mas, em seguida, recuperei minha postura de pesquisadora e de firmeza em propósitos maiores. A luz do Tribunal acabou e precisamos ir embora mais cedo.

Estou tendo a companhia de uma pesquisadora francesa, que está estudando sobre a relação maternal com crianças negras filhas de escravas no contexto da lei do ventre livre.

Antes de sair conversei um pouco sobre as primeiras impressões da minha pesquisa com a coordenadora do setor, a chefe que todos respeitam e temem. Nosso diálogo foi embalado pela curiosidade dela e pela minha necessidade de compartilhar o que estou vendo.

Ao voltar para casa, senti-me costurando e bordando uma espécie de couraça, belíssima, muito especial, para me manter protegida e firme no trabalho.

### **Dia 7 – 31/10/2015**

Cada dia de leitura tem sido um drama diferente. Hoje me deparei com as primeiras histórias de homicídio seguido de suicídio. A ambiguidade em torno da morte, nesses casos, ganha uma tonalidade muito particular. Os homens que mataram suas mulheres e depois se mataram são algozes do outro e vítimas de si, literalmente e muito mais marcadamente. Surge uma leve dificuldade de sentir compaixão por eles e, por isso mesmo, eles são os que mais devem precisar.

A violência de hoje esteve mais palatável para mim. Foi muito fácil levantar da cama e ir pegar minhas quatro conduções para chegar ao Tribunal. Ou as histórias eram mais leves, ou o passar do tempo está fazendo o seu trabalho, ou estou desenvolvendo estratégias para proteger minha sensibilidade, ou tudo ao mesmo tempo. Mas as histórias são únicas, as imagens não me deixam cair em uma força de expressão exagerada. Acredito que ainda devo me deparar com histórias que me levem a enfrentar meus abismos.

A história que mais me comoveu hoje foi a de uma mulher de 40 anos de idade, casada há 18 anos, com dois filhos, uma de 11 e um de 15. Ela foi descrita pelo marido e pelo filho mais velho como calada, reservada, trabalhadora, boa mãe, boa esposa. O marido informou haver o histórico de um suicídio na família da esposa, um irmão dela. Foi informado que ela tomava remédios para dormir. No dia em que se matou ela pediu ao filho para ir ao mercado comprar “danones”, e “ela nem gostava de danones”, dizia seu filho no depoimento. Mas essa era a desculpa que ela precisava para ficar em casa sozinha, trancar-se no banheiro e furar, incisiva e cirurgicamente, o próprio pescoço, com a mesma faca “tramontina” que, provavelmente, ela usava para cortar legumes e carnes, durante o preparo da refeição para a família. Dá para imaginar em que mundo ela vivia? Talvez seja exatamente o que era desejado, retirar-se de vez para seu mundo.

Não vi o senhor de origem oriental que passa as roupas, religiosamente, na lavanderia, nem na ida e nem na volta. Mas é a primeira vez que vou ao Tribunal em uma segunda-feira. Será que é o dia de folga dele?

**Dia 8 – 07/11/2016**

Hoje completa exatamente um mês da minha primeira ida ao Tribunal de Justiça. Não consegui, até agora, deixar passar nenhum inquérito sem abrir e ler a história.

Li os inquéritos mais antigos, até então, das décadas de 1910 a 1930, e tive muita dificuldade de entender a caligrafia, e alguns realmente não consegui ler. Mas tenho tentado capturar tanto quanto possível.

Senti-me como uma expectadora de histórias incrivelmente trágicas, contadas com as linguagens da época. Diversas pessoas cometeram o ato “tresloucado” de dar cabo da própria vida: a moça de 15 anos que deu um tiro na boca e sobreviveu; a “meretriz de esperança quebrada”; o apaixonado desiludido pela “senhora” do seu coração; o “fraco das faculdades mentais”, que se atirou do Viaduto do Chá (e sobreviveu); o alcoólico que deixou duas cartas bastante sãs aos seus pais e à sua namorada; o “desvairado por prática de espiritismo”; o disparo por engano, do jovem soldado “desgostoso” com a vida; as moças que ingeriram lysol (bactericida?) e guaiacol (suicidada?); e por aí vai...

Balanco de um mês: já é um divisor de águas entre quem eu era e quem eu sou. Conheci violências inéditas e chocantes ao meu mundo e vivi impactos nocivos que tiveram seu auge no final da terceira semana. Tive minha primeira noite de insônia e, depois de só conseguir dormir por três horas e experimentar um pico de angústia, precisei ir a uma igreja e ficar quietinha, sentada, meditando. Pedi ajuda aos meus parceiros em trabalhos assim, difíceis e complexos, Izabel e Evandro. A violência que vi em histórias e fotos me levou a estar cara a cara com meus abismos e minha escuridão, e com a de outros também. Às vezes questiono essa minha sensibilidade, se é exagerada, se é adequada ao drama das histórias, se outros em meu lugar também se impactariam desse modo...

Na virada desse primeiro mês já me sinto mais adaptada, absorvendo e assimilando melhor as histórias. Aquela couraça bonita que estive costurando tem servido como uma bela proteção.

Saldo parcial: 51 histórias lidas.

P.S. O senhor oriental que passa roupas na lavanderia não estava novamente.

**Dia 9 – 08/11/2016**

As histórias das primeiras décadas de 1900 me são mais palatáveis, talvez pela ausência de fotos, talvez pela linguagem menos dramática nos depoimentos, não sei dizer. Hoje acompanhei a história de moças que protestaram contra a decisão dos pais de irem para um colégio interno, tentando se matar. Uma ingeriu creolina, outra se atirou nos trilhos do bonde, já na porta da instituição onde deveria ser internada. Nesse segundo caso, a moça foi impedida pelo inspetor que a acompanhava que, com um ato “heroico”, nas palavras do delegado, pulou de imediato para resgatá-la, chegando a se ferir mais seriamente do que a moça. Os pais queriam protegê-las dos “perigos dos bailes”, segundo o delegado.

Li a história da tentativa de suicídio de jovens operárias, uma revestida de um acidente, enquanto a moça cortava melancia para comer e acabou se esfaqueando. Senti um frio na espinha, ao imaginar a condição operária adoecedora dessas mulheres (suicidas pela sociedade?).

Como esses inquéritos são menores estou lendo mais histórias por dia, mas sinto que minha memória não está acomodando os registros adequadamente, levando-me a refletir sobre os limites do processo de absorção mnemônica diante da leitura de muitos inquéritos em um mesmo dia.

P.S.: Hoje o senhor oriental que passa roupas estava a postos!

**Dia 10 – 21/11/2016**

Terminei hoje de ler as duas primeiras levas de inquéritos desarquivados. Comecei a revisar minhas primeiras anotações, aquelas de principiante, leiga e desorientada diante do universo de informações novas. Repassei os inquéritos que mais me emocionaram, não quis rever nenhuma foto, apenas passei rapidinho para coletar informações que eu havia deixado para trás. Sinto uma leve ressaca do impacto. Enquanto revisava, eu olhava para mim mesma, lá no início do trabalho, e estranhei tamanha comoção e violência interna que vivi. Senti-me como uma criança purista e despreparada para a totalidade da vida de fato. Como não gostei desse julgamento, tenho buscado sentir a importância do impacto que vivi e acompanhar, conscientemente, cada etapa do processo de construção da minha dimensão de pesquisadora e destruição/reconstrução da minha pessoa.

**Dia 11 – 22/11/2016**

Continuei a revisão dos inquéritos com o olhar mais atento, registrando mais imagens, repassando as histórias e revendo, rapidamente, imagens de dar frio na espinha, para contabilizar o número de fotos. Consegui fotografar os laudos do IML de alguns inquéritos, para tomar nota de diferenças da linguagem da época. Mas permanece uma leve tensão de registrar algo mais funesto, como as fotos dos corpos. Sinto-me cada vez mais familiarizada com a linguagem do inquérito. Foi um dia em que me senti mais energizada, ou pelo menos com mais ânimo, saí por volta das 18 horas do Tribunal. As histórias revisitadas, hoje, são das primeiras décadas de 1900. Visitei essa época, essas histórias e vi, mentalmente, cenas do acontecido. Tenho alimentado o desejo de escrever contos literários inspirados nessas histórias, quem sabe com um final alternativo, quando possível...

Passo por tanta gente no metrô... observo suas expressões, imagino histórias, dramas, afetos...

Nesse momento, sinto uma leve exaustão mental para descrever mais coisas, e para me conectar com o experienciado hoje.

**Dia 12 – 25/11/2016**

Terminei hoje a revisão das duas primeiras levadas de inquéritos desarquivados, que balançaram minhas raízes e minhas alturas. Consegui rever algumas fotos dos corpos com menos pudor e com mais postura de pesquisadora. Tenho pensado em registrar fotos em que aparece o local onde as pessoas morreram, mas continuo certa de que não quero registrar imagens dos corpos.

Estou com dificuldades em liberar esses inquéritos que já li para serem rearquivados, por uma sensação de não estar capturando tudo que é necessário e por uma vontade de cuidar melhor dessas histórias, de enviar mais afetos a essas pessoas. Fui informada que esses inquéritos não voltarão para o lugar de origem, pois serão encaminhados para a reserva técnica de guarda permanente. Essa mudança facilitará futuros acessos a esses inquéritos e os resguardarão de serem destruídos.

Ao terminar a revisão, ajeitei todos os inquéritos nas prateleiras, agradei, conectei-me a bons afetos e fiz um intervalo para ler o inquérito que outra pessoa havia solicitado ser

desarquivado. Era o caso de um homicídio seguido de suicídio. Soube que a história desse inquérito é bastante famosa, é a história de uma “cortesã de luxo” assassinada pelo seu amante apaixonado que, em seguida, atira em si mesmo. Fiz uma busca e descobri que essa história foi transformada em filme, “Desatino”, de 2008, dirigido por Dimas Oliveira Júnior. Havia muitos depoimentos nesse inquérito, escritos com uma caligrafia cuidadosa, bonita e difícil de ser lida.

Terminada essa leitura, voltei-me para a terceira leva de inquéritos. Fitei-os na estante e peguei dois para iniciar a leitura. Aproximei-me da violência nociva novamente. Preciso pensar o que torna os inquéritos recentes mais trágicos e violentos que os antigos. Ausência de fotos coloridas dos corpos? A linguagem mais poética? Certo ar de idealismo e romantismo nas histórias? As histórias atuais são mais secas, sem lirismos. Concluí a leitura do primeiro inquérito, cujo jovem que se matou cuidou antes de tentar aliviar a dor da mãe, dizendo que estaria com Deus. Não terminei a leitura do segundo, já era próximo das 18 horas, e a leitura vai ser trabalhosa, pois senti algo de mais funesto no pedido de um jovem, de perdão a Deus e à família pelo seu ato de tirar a própria vida. Como tenho sede de associação, tem ficado mais claro para mim por que, já há alguns meses, antes até de eu começar a ler esses inquéritos, eu tenho me sentido atraída, com mais força, pelas energias de amor e perdão.

P.S.: Hoje, pela primeira vez, vi o senhor oriental, que passa roupas impecavelmente, do lado de fora da lavanderia. Parecia estar em um breve intervalo, fumando seu cigarro.

### **Dia 13 – 30/11/2016**

Minha dimensão de pesquisadora está indo bem: sinto-me com mais prática para manusear os inquéritos, mas ainda continuo descobrindo informações novas nesse documento. Tenho conseguido entrar nas histórias mais preparada, mas não me impacto muito menos, especialmente nos casos recentes. A distância menor no tempo, a violência estampada nas fotos dos corpos, violência às vezes sangrenta, às vezes disforme, outras funestas, ou ainda obscurecida em um olhar morto, não entra em mim sem um frio na espinha. Impactam-me mais a morte de jovens, como a dos rapazes que se enforcaram e foram encontrados pelos pais. Um dos pais entra em desespero e solta um grito alto, outro tenta massagem cardíaca e respiração boca a boca, mas já é tarde demais para salvá-los. Impacta-me mais quando está

presente, nos inquiridos, a desolação dos familiares. Impacta-me mais quando o suicídio acontece sem sinais de aviso, em um dia normal, em que a pessoa segue seu cotidiano, faz um lanche para si, para sua mãe e depois se enforca na área de serviço de seu lar.

A Alice, a gentil funcionária que faz com que os inquiridos cheguem até minhas mãos, perguntou-me se encontrei algum padrão nesses mais de 70 inquiridos que já li. Pensei um pouco, pois não estou conseguindo traçar padrão, e nem sei se quero. Respondi que dá para ver uma fuga, uma condenação da vida como ela é. A Alice disse: “ah, Elizabeth, me desculpe, mas é isso é meio óbvio, né?”. Adorei a resposta dela! Mostrou-me exatamente onde estou em minhas análises: sim, é óbvio, e não consegui ir além disso, pois ainda estou no senso comum. Precisaréi me sentar, contemplar, passar e repassar inúmeras vezes pelas histórias, “ouvir” as pessoas que se mataram, “ouvir” suas famílias para captar algo novo.

Quanto mais terei que entrar nesse mundo estranho? Quanto mais de violência terei que assimilar? Pela primeira vez topei com a história de alguém que consumou o suicídio se lançando nos trilhos. Como já estava na minha hora de sair do Tribunal, apenas dei uma folheada e caí rápido na página das fotos. Não sei o quanto conseguirei ver, mas não foi dessa vez que consegui entrar nesse tipo de violência, que já me angustiava só de imaginar.

#### **Dia 14 – 02/12/2016**

O processo de escrever quase nunca é linear para mim. Não tenho o hábito, por exemplo, de escrever na agenda os planejamentos dos meus dias, mas quando me angustia ver as “páginas da minha vida” vazias, começo a escrever na minha agenda, de trás para frente, momentos marcantes que aconteceram, nos dias já passados. Isso me apazigua um pouco, pois consigo ver que há coisas acontecendo em minha vida.

Estou mencionando isso porque senti necessidade de escrever, agora, retroativamente, dizendo coisas que não sentia “liberdade interna” para dizer antes, meio preocupada com o que as pessoas iam achar se, por acaso, lessem o que estou escrevendo. Então retomei a finalidade de estar escrevendo, aqui, sobretudo, para mim mesma, para acolher e acomodar minhas angústias, medos, inquietações, sensações, observações etc.

Tive uma forte formação religiosa no catolicismo, desde minha infância até minha adolescência. Olho com bastante ternura para essa fase de minha vida, pois aprendi bastante, plantei e colhi bons frutos e afetos. Quando minhas perguntas ficaram mais complexas precisei buscar respostas em outro lugar, e me surgiu o espiritismo kardecista, com um mundo

que me assustou, de início, mas com respostas que me aquietaram um pouco. Novamente, vivi alguns anos plantando, cultivando e colhendo bons aprendizados e afetos nesse caminho.

O encontro com o Louis na faculdade balançou todo o meu sistema de crenças, e expandiu de maneira decisiva minha compreensão do Sagrado e minha experiência religiosa. Desde então, iniciei um processo de me desligar de grupos religiosos específicos e questionar concepções cristalizadas de Deus, do funcionamento do universo e do sentido de tudo, com bastante liberdade e respeito a todos os caminhos religiosos. Senti-me distante da proteção de grupos religiosos e me sinto bem assim.

Porém, o contato vertiginoso com as histórias de suicídio me empurrou com bastante força para a busca de um cuidado religioso mais literal e menos contemplativo e de longe, como eu vinha fazendo.

Precisei criar um ritual para ir ao Tribunal para cuidar da violência que eu vejo, que tem alto potencial de desestruturação. Ao acordar, certifico-me de que estou me sentindo bem, visto meu colar especial que irradia paz e, ao alcançar a Rua do Tribunal, começo a invocar São Francisco de Assis e cantar suas canções, tocando minhas irmãs árvores (assim como eu fazia quando ia ao Cemitério do Bonfim). Quando entro na sala de arquivos eu pego os inquéritos, ligo meu computador, escuto a música da Oração de São Francisco, conecto-me a intenções maiores, e só depois de me sentir autorizada internamente começo a ler as histórias, sempre com uma trilha sonora suave.

Nessa ida de ontem ao Tribunal, senti-me mais cansada, e precisei adiantar a invocação de São Francisco, começando a cantarolar suas canções antes da hora de costume. Ao chegar à sala de arquivos, ajeitei minhas coisas, peguei alguns arquivos e fui olhar meu celular, percebendo que havia algumas ligações perdidas. Constatei que estava acontecendo o velório da avó de uma professora muito querida. Não hesitei em dar meia-volta e me direcionar para o velório. É a primeira vez que isso acontece em uma ida minha ao Tribunal: chegar e ir embora, de imediato.

O velório acontecia em uma sala luxuosa e reconfortante do Funeral Home, em São Paulo. Havia poucas pessoas, quase exclusivamente parentes. De fora desse núcleo parecia estar somente uma amiga minha e eu. Não tem como deixar de me impactar com a despedida entre pessoas que se amam, ou de olhar para minha vida sem o chamado de sentido e de urgência.

Saí do velório meio sem destino, com necessidade de estar só e de cuidar desses sentimentos que emergiram. Segui, então, para o cinema, e assisti ao filme “A Chegada”, pois tinha notícias de que era um filme bastante filosófico. O filme demorou a me capturar, mas quando me capturou me pegou de jeito, e minhas lágrimas rolaram intensamente. Agradei por estar sozinha e poder dar liberdade às minhas lágrimas. Senti saudade de um passado milenar, desejei a presença de alguém que não sei nem quem é, vivi a memória de um futuro que me dá forças aqui e agora e me conectei a emoções difíceis de definir ou descrever.

O filme me pegou em sua mensagem sobre comunicação e conexão, em diversos sentidos, modos e níveis: entre os tempos, entre as pessoas, entre as nações, entre nossos fantasmas, nossos piores medos e alegrias mais arrebatadoras.

Vou eleger aqui um desses modos de conexão e comunicação que me comoveu. Usando a metáfora do filme, senti-me diante das pessoas que se mataram como a personagem do filme se sentiu diante dos alienígenas: aturdida, apavorada, mas com um desejo enorme de se conectar, de se comunicar e de entender a linguagem deles.

A linguagem e a comunicação das pessoas que se matam é extremamente complexa para mim, ainda me causa espanto e violência, mas não descansarei até entender profundamente suas mensagens.

### **Dia 15 – 05/12/2016**

Acordei em contato com minha dor íntima mais antiga e mais cortante. Mas me sentia bem para o trabalho com meus irmãos e irmãs que se mataram. Há tempos que dispensei o despertador mecânico, acordo facilmente nas primeiras horas da manhã. Durante o trajeto para o Tribunal, usei o recurso da música para trabalhar, dialogar e brincar com minha dor e meus sentimentos.

Cheguei à sala de arquivos e segui meu ritual. Hoje foi o dia de ler as histórias daqueles que escolheram uma morte “tão fatal”, como muito bem descreve o delegado em seu relatório final, em um dos inquéritos. A morte aconteceu por meio da dilaceração de seus corpos em vias férreas. Essa é, definitivamente, a violência mais chocante de se ver em imagens, nesses inquéritos. Instintivamente, fiz uma oração ao final da leitura dessas histórias. Aproximei-me da sensação de vertigem, como quando se olha para um abismo, mas me sentia incrivelmente energizada e preparada para ler aquelas histórias e olhar aqueles corpos mutilados, mas não demoradamente, claro.

Tenho registrado os laudos necroscópicos, e cheguei a fotografar um deles nesses inquéritos de hoje, mas em seguida deletei. Não quis guardar tamanha descrição de desintegração do corpo, pois a linguagem dos legistas é clara e indica perfeitamente o nível das mutilações dos corpos.

Tem sido curioso o agrupamento das histórias segundo algum tipo de padrão no modo de se matar. Perguntei à Alice sobre a intencionalidade desse agrupamento, e ela disse que é acaso. Para mim, é um acaso muito conveniente, pois penso que eu não teria conseguido ver essas imagens de corpos dilacerados logo no meu primeiro contato, sem um prejuízo mais considerável para o desenvolvimento da pesquisa.

Consegui durante o dia me desligar da minha própria dor e ficar com as histórias, sentindo-me bem energizada. Porém, ao me despedir do meu expediente no Tribunal, reconectei-me com minha dor íntima.

Caminhei pelo trajeto de volta com os olhos mais fechados e úmidos e, chegando em casa, comecei a cuidar dessa dor. Chorei, assisti a um curta (Vozes distantes das estrelas – sobre amor e conexões no espaço-tempo), encolhi-me, envolvi-me em minha coberta e chorei mais profundamente. Fui retirada desse momento catártico por uma mensagem da minha amiga de lar, pedindo biscoitinhos. Ela veio bater à porta depois e, pela primeira vez, ela viu meus olhos inchados de chorar. Achei uma excelente ocasião para mostrar minha fragilidade e dar uma trégua ao meu orgulho.

Cheguei a pensar em uma associação entre essa minha catarse e o contato com as histórias de suicídio, e sinto que talvez haja uma abertura maior à minha sensibilidade. O impacto dessas histórias e essa minha dor milenar não se misturam, visto que possuem características absolutamente diferentes. O tangenciamento que percebi foi uma sensação de desamparo, mas que na minha vivência mais íntima é dissolvida em minha rica memória e bagagem de afetos.

P.S.: Logo quando saí do Tribunal vi no asfalto manchas parecendo sangue e pedacinhos de coisas estranhas, que me remeteu às imagens dos corpos mutilados dos inquéritos. Ao olhar mais adiante, percebi que havia um pombo atropelado e com suas vísceras expostas. Definitivamente, esse era o dia em que eu estava pronta para acolher esse tipo de violência.

**Dia 16 – 06/12/2016**

Hoje encontrei uma história muito especial, de uma jovem de 28 anos que escreveu, em diversas páginas, sobre sua vida, muito mais do que sobre seu desejo de morte. Eu quis chorar, quando li a transcrição de uma poesia de Neruda. Lembrei-me da história da outra moça, cuja leitura da carta eu chorei. As histórias são próximas entre si e de mim. Carregam lucidez, poesia, desejo de amor, de vida. Minhas lágrimas retrocederam a algum canto de mim e, então, a pesquisadora falou mais alto naquele momento. Mas posso senti-las aqui, fazendo cócegas entre meu estômago e garganta, nos meus lábios e nos meus olhos. Em um momento oportuno, liberarei minhas lágrimas, com o devido cuidado.

A moça intensa e poética de hoje escolheu uma morte muito representativa de si mesma e, se o modo de se matar faz algum sentido, seria nesse caso. Ela foi para um hotel, sozinha, transcreveu poesias, escreveu algumas palavras, intoxicou-se exogenamente e esperou sua morte, em uma banheira luxuosa. Contudo, esse estilo não ameniza a violência do ato de interrupção da vida pelo suicídio.

As outras histórias de hoje envolveram jovens e homens de meia idade. Algumas histórias foram “secas”, enxutas, como se os responsáveis pela investigação considerassem as pessoas que se matam como um objeto qualquer. Tentarei evitar que isso aconteça.

Mergulhar nessas leituras de hoje, sintonizada ao trabalho de assimilação do passar do tempo, acomodou melhor minha dor milenar, que estava muito viva ontem. Mas ainda posso senti-la aqui. Olhar para o abismo do outro é olhar para meu próprio abismo. Sinto-me em pleno trabalho de amadurecimento e de familiarização com o escuro da mente humana: duas condições para o acolhimento e condução deste trabalho em desenvolvimento.

**Dia 17 – 12/12/2016**

Decidi que hoje seria a minha última ida ao Tribunal neste ano de 2016, atendendo aos pedidos de descanso da minha mente. Completaram-se dois meses e seis dias, com 17 visitas e 101 inquéritos lidos. Tem sido, sem dúvida, meu maior desafio profissional até agora olhar para tanta violência, vasculhando toda e qualquer sinalização de um bem a ser cuidado.

Experimentei algumas vertigens, dois picos de angústia, uma noite de insônia, duas ou três noites mal dormidas, duas idas meditativas a uma igreja, em caráter de urgência, e nenhum pesadelo. Penso ser um excelente saldo para uma leiga e estrangeira a tamanha

desestruturação e desconfiguração física e subjetiva dos caros protagonistas das histórias que tenho lido.

Toda a minha sensibilidade ao mundo está em expansão, tudo tem me doído mais, meus fantasmas internos estão mais ativos. Agora, só quero descansar dessa viagem redimensionadora de mim e, aos poucos, dar forma ao trabalho que desenvolverei com essas histórias.

Não quero pensar muito em longo prazo, para que o meu cansaço não contamine a potência que posso alcançar. Hoje foi um dia chuvoso, de temporais e, pela primeira vez, peguei essa condição meteorológica no deslocamento para o Tribunal. Achei a tempestade muito bem-vinda, com uma água forte, simbolizando limpeza e o anúncio de um céu mais limpo a seguir.

À noite choveu dentro de mim, e tomei um banho de mar, de dentro para fora, com a água salgada e sagrada de minhas lágrimas, como diria Mia Couto. Como tenho me tornado especialista em distinção de dores, a minha dor de hoje estava livre do impacto direto com as histórias de suicídio, e continham também o sabor doce do desejo de que o bem reine absoluto.

Ao sentir a necessidade de encerrar minhas atividades de hoje no Tribunal, ajeitei os inquéritos em seus lugares, ajoelhei-me diante deles, agradei por toda minha vida e supliquei por cuidado amoroso a todos que estiverem precisando. A história que mais me comoveu hoje foi a de um jovem de 26 anos que se lançou na frente de um trem e sobreviveu, sem ferimentos muito graves. Penso que o operador do trem foi quem evitou essa morte, pois ele, ao entrar na plataforma, viu esse jovem, verdadeiramente, pois previu seu ato e, antes que ele começasse a correr para se lançar nos trilhos, o operador já acionou o freio de emergência, suavizando o impacto. Relembrei de duas frases, uma delas li em “Ensaio sobre a Cegueira” de José Saramago: “Se podes olhar, vê; se podes ver, repara”. A outra frase é de Santo Agostinho: “O maior desejo do coração humano é ver e ser visto”. Como isso é forte para mim, como isso se escancarou na sobrevivência desse jovem, pois ele foi visto, foi cuidado, seu mal, naquele momento, foi “reparado”, talvez nos dois sentidos.

As conexões com a vida e as ligações de amor com o outro costumam estar bastante “mal vistas”, adoecidas e corrompidas nessas histórias. Sim, é óbvio, mas nesse meu primeiro impacto vertiginoso é o que me aparece em um primeiro plano de percepção. Muito trabalho de refinamento precisa ser feito ainda. Só quero alcançar uma compreensão, sempre mais

profundamente, de tudo que seja fiel à experiência dessas pessoas e tudo que possa ser colocado a serviço de resguardar a preciosidade única de uma vida humana.

### **Dia 18 – 07/02/2016**

Retorno ao encontro com as histórias de suicídio, depois de férias prolongadas que pouco me descansaram. Não planejei recomeçar na data de hoje, mas acho muito confortável a coincidência de hoje completar exatamente quatro meses da minha primeira visita ao Tribunal.

Sinto-me cansada, mas me surpreendo ainda com minha disposição, boa vontade e bom ânimo para ler e acolher essas histórias. Senti um chamado para um foco maior, e me sinto quase autorizada a deixar passar inquéritos por mim sem registrá-los. Hoje deixei passar três das décadas de 1910; não havia bilhete e dois deles estavam escritos com uma caligrafia de difícil compreensão. Incomoda-me muito dizer que, nessas histórias, não havia uma novidade que chamasse a atenção, pois é como e eu despersonalizasse essas três pessoas que deixei passar.

Não quero deixar de olhar para nenhuma pessoa, mas a proximidade da qualificação tem me intimado a buscar, prioritariamente, por bilhetes e histórias que se alinham bem aos propósitos da pesquisa.

Hoje foi o dia dos “Jorges” (acho que li três ou quatro inquéritos em que a vítima se chamava Jorge), e do dia de ponderar sobre o bem e o mal, vilões e vítimas. Um Jorge estava em sua meia idade, e pelo que captei, vivia uma vida de irrealizações. Ele pediu desculpas à família e colegas, e disse que estava cansado dessa vida. Quase poderia ser o “bom” suicídio, pois, apesar da negação da vida, há sinalizações de um descanso justo. Outro Jorge já estava na casa dos 60 anos, e poderia se aproximar do “mau” suicídio. Ele deixou escrito, antes de se matar, que era inocente da acusação de ter abusado de uma neta, uma nora e estuprado outra neta. As declarações dos familiares são contundentes em afirmar que esse Jorge se matou por não dar conta de sua consciência pesada, e afirmam certeza quanto a sua culpa.

Não tenho clareza por que se moveram, em mim, reflexões sobre o bem e mal e essa categorização de suicídio “bom” e “mau”. Mas as histórias me despertam inquietações muito diferentes, que me ligam a julgamentos morais e posicionamentos diante da vida e da morte. Para mim, é mais palatável matar-se por estar cansado de “não viver” do que por sentimento de culpa por comportamentos moralmente questionáveis, como o abuso sexual. Há muito trabalho aqui, muito refinamento de análise.

Aprecio o trajeto entre minha casa e o Tribunal. Continuo admirada pela impecabilidade do trabalho do senhor japonês que passa roupas. É bom sentir a parceria e a disponibilidade afetuosa que a Alice oferece. Tenho dificuldade de acolhimento com os outros funcionários do Tribunal. Hoje mesmo, enquanto fui ao banheiro lavar as mãos, duas funcionárias subiram na cadeira para vigiar, pelo basculante da sala, algo em relação à chefe do setor, que todos temem. Elas se assustaram quando perceberam que eu voltei rápido, e deu para ouvir uma dizendo para outra: “vou te matar”, em um tom de quem acabou de ser surpreendido, negativamente.

Apesar da intensidade de afetos, já posso sentir que estou exatamente onde deveria estar.

### **Dia 19 – 13/02/2017**

Estou vivendo dias de desafios pessoais intensos, inéditos, arrasadores, mas ainda consigo sentir forças para continuar um trabalho que para mim é sagrado. Tem sido razoavelmente mais leve ler os inquéritos, ou então as histórias caíram dentro de um “padrão” que não tem me surpreendido, ou estou anestesiada, ou estou mais forte para acompanhar histórias trágicas.

Hoje foi o dia dos “Joãos” e dos enforcamentos na área de serviço da própria residência. A história marcante foi a de um jovem, bonito, cabelos loiros, olhos azuis, que pôde usar sua imaginação para “fingir que estava bem”. Ele alugou um quarto de hotel para executar sua morte. Deixou escrito seu sentimento de grande frustração com a vida, mas também citou as “coisas maravilhosas” que tem no mundo, como a Fórmula 1, cinema, rock, livros, atores. Ele ainda expressa sua lembrança, gratidão e pedido de perdão aos amigos, aos pais, à ex-namorada e a Deus. Ouvi músicas do Legião Urbana e do Pink Floyd em homenagem a ele, bandas que foram citadas na carta.

### **Dia 20 – 14/02/2017**

Meu amanhecer não foi fácil, as questões pessoais permaneceram gritando, mas me senti bem para levantar e me dirigir ao encontro de novas histórias. O percurso longo sempre ajuda a me preparar. O trajeto dentro da USP é um lenitivo muito precioso, passei pelas ruas

captando todas as energias que eu pude de nossas irmãs árvores. Senti-me fortalecida e reavivada. Fiz-me inteira novamente e cheguei ao Tribunal conectada a sentimentos que inspiraram bom ânimo e proteção.

Uma coincidência interessante: li um inquérito de uma tentativa de suicídio, o jovem tinha 33 anos, pôde ser socorrido e sobreviveu, e hoje era seu aniversário de 41 anos, desejei internamente que ele estivesse vivo e enviei minhas felicitações.

Novamente não senti nenhuma história me deslocando, mas encontrei um caso bastante emblemático. Um jovem de 27 anos se enforcou no banheiro da própria casa, ele tinha o diagnóstico de depressão aguda. O jovem migrou para um psiquiatra que tinha PhD em Londres, critério de escolha do pai do jovem. Esse psiquiatra mudou o diagnóstico e o medicamento e, pouco tempo depois, o jovem consumou o ato do suicídio. Esse inquérito se transformou em uma tentativa aguerrida do pai em indiciar o psiquiatra por homicídio culposo. Havia declaração de seis psiquiatras, três psicólogos, laudos psicológicos, laudos técnicos de psiquiatras, de fármacos da USP, relatório escrito pelo próprio pai sobre a condição do filho, bulas de medicamentos, requerimentos de advogados para reabertura do inquérito e produção de novas provas que incriminavam o psiquiatra. A mãe do jovem declarou que todos da família começaram a fazer terapia para ajudar no tratamento do filho. Duas coisas me chamaram a atenção, uma delas é o comportamento do pai, que buscou incansavelmente ajudar o filho, mas parece ser mais um dos fatores adoecedores, assim com a própria constituição familiar. O outro ponto é o luto da família, que foi vivido paralelamente à luta de culpabilização do médico pela morte do jovem, que se estendeu por pelo menos três anos, tempo em que o inquérito se manteve em aberto. No final, o inquérito foi arquivado sem formação de culpa do psiquiatra.

### **Dia 21 – 10/03/2017**

Depois de uma pausa de quase um mês retornei à leitura dos inquéritos. No caminho até ao Tribunal eu já me visualizo na sala dos pesquisadores, em companhia de histórias únicas e surpreendentes, e me perguntando o que encontrarei no dia.

Hoje me surpreendi com a consciência clara de um homem, que dizia estar fazendo algo errado ao se matar, porém não esboçou nenhum sentimento de culpa em disparar quatro tiros na cabeça da esposa antes de atirar no próprio ouvido. Em seu bilhete expressou uma série de cuidados com os pais, com familiares e com o afilhado, assim como declarações de amor à família. Mas para a esposa assassinada não restou quase menção nenhuma. É uma

história desafiadora quanto à emissão de julgamento de valor e de compaixão. Havia muitas fotos nesse inquérito, da autópsia, do casal recém-falecido e do casal vivo. Todas são impactantes, é como acompanhar a vida que existia ir desaparecendo, junto com possibilidades e sonhos nunca mais realizáveis. O casal era jovem, ele tinha 33, e ela 26.

Outro nó no estômago foi a história da criança de 12 de anos que amarrou um tecido rosa na escada do quintal, com um nó impecável, e se enforcou. A família afirmou que não havia motivos para ele se suicidar. Mesmo o pai tendo morrido seis meses antes, disseram que o jovenzinho não expressou desarranjos emocionais pela perda do pai. Afirmaram que foi um acidente, uma brincadeira. Mas por que “brincar” de enrolar um tecido no pescoço? Onde ele viu e aprendeu algo assim? Por fim, uma coincidência: pela segunda vez, acompanho a história de um funcionário de uma mesma empresa de marketing se suicidando...

## **Dia 22 – 28/03/2017**

Provavelmente, hoje foi o penúltimo dia de leitura dos inquéritos. Já sinto uma leve saudade da rotina de ir ao Tribunal e ser chacoalhada, em muitos níveis, com as histórias reveladoras de luzes e, especialmente, de sombras da alma humana.

Acompanhei hoje a história da morte de uma mulher e de quatro homens, dois deles de 19 de anos. Os modos que colocaram um fim à própria vida foi por ferimento de arma de fogo e precipitação de alturas consideráveis. Destacou-se a associação feita pelos depoentes, delegados e promotores entre o suicídio e a instabilidade emocional/transtorno psiquiátrico. Destaque também para o problema que peões “desinteligentes” podem criar, segundo a linguagem de um policial. A mulher que se matou, precipitando-se da janela de sua residência, do décimo segundo andar, deixou uma carta endereçada ao marido e à mãe. Duas coisas são marcantes na carta: as repetidas exortações de “sejam felizes” e “sejam compreensivos do meu ato” e a declaração de rancor em relação à sogra. As histórias me impactaram menos, mas ainda sinto necessidade de enviar boas vibrações para histórias que sinto ser mais delicadas e complexas, como a dessa mulher, que também declarava que não queria nenhuma missa e nenhuma reza.

**Dia 23 – 03/07/2017**

Hoje foi o meu último dia de leituras dos inqueritos desarquivados. Senti-me como “especialista” em leitura de inqueritos de suicídio, em comparação com meus primeiros dias de leiga.

Duas histórias me capturaram hoje, de duas mulheres que se lançaram de alturas significativas. Uma delas se precipitou do parapeito do prédio onde trabalhava. Ela chegou normalmente para trabalhar, fez café e ofereceu ao colega, como de costume, queixou-se de dor de cabeça, foi para a sacada do prédio, olhou algumas vezes pra baixo, colocou o joelho no parapeito, recuou algumas vezes e depois se lançou, deixando seus sapatos de cor bege, saltos quadrados e pequenos, na sacada de onde pulou. A outra mulher, no ir e vir de transitar entre uma cidade e outra, precipitou-se de um viaduto na capital paulista. Nas imagens das duas histórias é possível ver pessoas ao redor do copo, observando o morto, a morte, o suicídio, a surpresa, o horror, ou o nada e a insignificância de todas as coisas.

Hoje foi como o fechamento de um ciclo, finalizado com a tomada de conhecimento de 127 histórias. Busquei me imaginar em uma roda com essas 127 pessoas, em uma troca de flores e afetos.

Outro detalhe me comoveu também: pude sentir o afeto e o cuidado muito expressivo da Alice, a funcionária que tão gentilmente providencia o desarquivamento dos inqueritos. Até a chefe de sessão foi generosa em afeto e cuidado.

Saí do Tribunal pisando leve no mundo, envolta em sentimentos suaves, profundos, intensos. Senti ainda mais vontade de oferecer flores perfumadas ao mundo, e me senti triste pelas vezes em que sou incapaz de fazê-lo. Mentalmente, agradei, desculpei-me e declarei meu amor a tudo e a todos.

Senti falta do senhor de origem oriental que passa as roupas impecavelmente, mas hoje é segunda, sua folga, dia dele oferecer a impecabilidade de seu ser em outro lugar.

## C - CARTA AOS QUE TENTARAM OU PENSAM EM SE MATAR

São Paulo, 05 de fevereiro de 2019

Queridos amigos que já tentaram ou pensam em se matar,

Recentemente atravessei uma noite em claro, lutando com uma dor íntima destruidora em que experienciei o desejo de morrer. Por um lado, senti-me distante do movimento de eu mesma provocar a minha morte, ainda que não haja distância completamente segura. Por outro lado, conectei-me imediatamente a vocês, e me dei conta, mais uma vez, do quanto é compreensível a busca, ainda que por meio do suicídio, pelo alívio e extinção de uma dor tão intensa que é capaz de alterar as noções de tempo e espaço e de nos lançar a uma eternidade fechada em desespero e angústia.

Meu coração se ligou aos seus, pela solidão que experimentei comigo mesma, mas ao lado da cumplicidade que senti com vocês. Senti-me plenamente autorizada a dizer a cada um de vocês: “não sei o que estão passando, mas como eu entendo a intensidade arrasadora do que estão sentindo, como eu entendo a atitude de se desfazer da própria vida para que a dor silencie”.

Tenho colegas psicólogos que defendem a ideia de que nem todo suicídio é disparado por uma dor angustiante ou desesperadora. Eu acredito nessa possibilidade, mas nunca a vi de perto. Só vi de longe, em histórias relatadas na bíblia ou na história da filosofia, cujo exemplo mais marcante é o de Sócrates, que recebeu punição de ter que se matar e, enquanto bebia sua cicuta, ainda aproveitava para transmitir suas últimas reflexões filosóficas. O que eu vi de perto em minha viagem por um século de suicídios, o que eu vejo de perto, no século XXI, aqui em 2019, é a vivência violenta de uma dor ou cansaço, que busca descanso e algum apaziguamento na morte.

Ousei me referir a vocês como amigos por sentir que o senso de fraternidade pode nascer mesmo em experiências fragmentadoras, como a experiência de uma dor que nos faz querer morrer. E no auge da dor não importa sua causa ou gatilho, importa o que está sendo sentido. Por isso, por um momento, em minha noite de travessia dolorosa e solitária, eu senti fraternidade com vocês.

Então, meus amigos, eu não estarei sendo simplesmente compassiva ao defender que vocês não sejam chamados de loucos, doentes mentais, desequilibrados, desajustados, fracos, como alguém “de fora” que luta por uma causa de outros. Estou com vocês nessa, essa luta é minha também. Eu não encorajo o suicídio, mas jamais o julgaria. É como li em um livro, quem se matou já se julgou pesadamente e, de nossa parte, agora, só resta um acolhimento amoroso. Então, também nesse movimento de acolhimento, estou com vocês.

Vou repetir alguns clichês para vocês, ou melhor, para nós: “Firmeza aí, isso que estão vivendo e sentindo vai passar”. Cada vez que sobrevivo a uma travessia de dor desesperadora, eu agradeço infinitamente ao tempo. Fico mentalmente repetindo ‘Graças a Deus que existe o tempo, graças a Deus que o tempo passa’”. Lembrar que o tempo passa, que a vida está em movimento, ajuda tremendamente no trabalho de resistência das luzes da memória e da esperança, que juntas começam a furar o bloqueio da eternidade escura da dor. Lembrar que somos amados por alguém, e que amamos, tem efeito potente o suficiente de nos resgatar de nós mesmos, de nossos próprios julgamentos pesados e fortes quanto ao que estamos vivendo.

Há mais vida depois da travessia da dor, mas vida em sua totalidade e amplitude sempre paradoxal de alegria e tristeza, dor e esperança, fracasso e conquista, destruição e reconstrução, e todo o conjunto de antônimos que puderem imaginar. E, enquanto isso, estaremos forjando, lapidando, formando nosso eu, nosso rosto, com as marcas, cicatrizes e rugas que nos lembrarão de nossas lutas para encontrar nosso lugar de paz, em nós mesmos e no mundo.

Força pra nós.

O que posso lhes oferecer, hoje, é a minha fraternidade amorosa.

Com carinho,

Elizabeth.